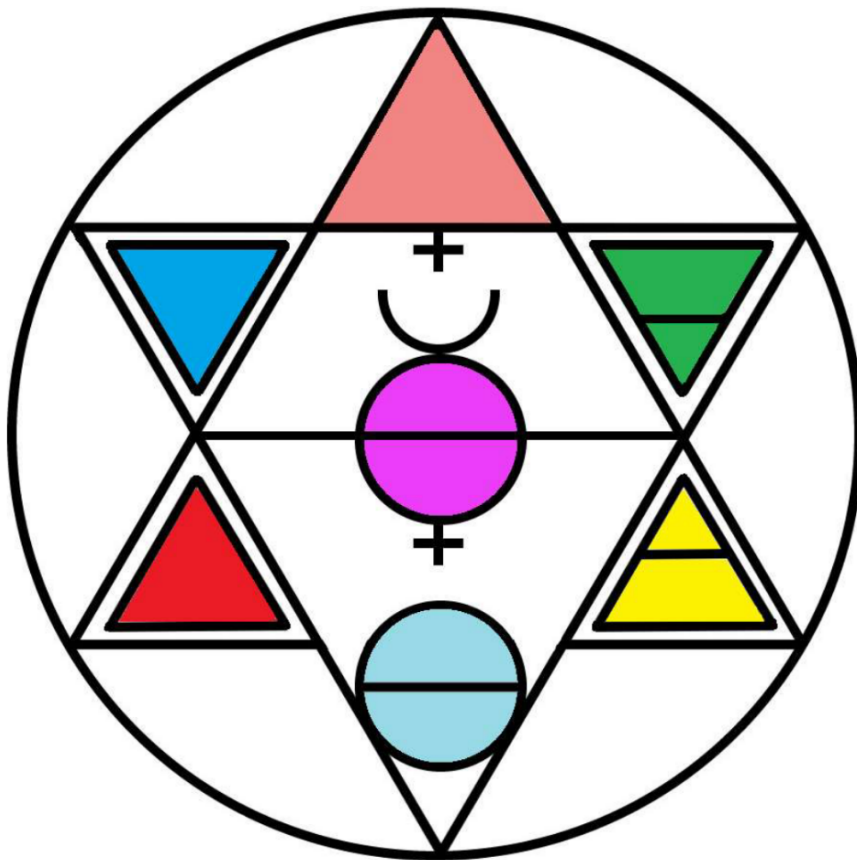


Curso Prático de Espagíria

Volume Único e completo
(inclui lições de 1 a 49)



Jean Dubuis

Tradução Thiago Tamosauskas

CRÉDITOS:

Autor: Jean Dubuis, 1996

Ilustração da capa: Jean Dubis Les philosophes de la nature, 1976

Tradução: Thiago Tamosauskas, 2022

Ao prosseguir na leitura o leitor reconhece e honra o desejo do autor Jean Dubuis de que suas obras fossem livremente reproduzidas e transmitidas a todos aqueles que pudessem se beneficiar delas sob a condição imperativa de **NÃO AS COMERCIALIZAR DE NENHUMA FORMA** (seja diretamente, pela venda do livro ou indiretamente por meio de conferências, oficinas, cursos ou treinamentos pagos, etc.)

Para isso, compromete-se expressamente a:

- Não vender as cópias que fizer.
- Solicitar um compromisso semelhante daqueles a quem enviar uma cópia mantendo essa página intacta.

Para garantir que está com a versão mais atualizada desta tradução faça download da mesma pelo link abaixo: <https://mortesubita.net/alquimia/curso-espagiria/>

O livro original em francês e a versão em inglês podem ser baixados em: portaelucis.fr

SUMARIO

Jean Dubuis	1
O livro original em francês e a versão em inglês podem ser baixados em: portaelucis.fr	2
SUMARIO	2
“Não acredite em algo simplesmente porque ouviu o testemunho de algum Sábio.	6
Prefácio	8
Lição 1: Das Condições de Aptidão, Definição de Alquimia, Progressão do Trabalho e os Três Adágios Preparação do Material	9
I. FILOSOFIA ALQUÍMICA	10
II. TEORIA ALQUÍMICA	11
III. PRÁTICA ALQUÍMICA	12
Lição 2: Do necessário estado mental. Parte espiritual da alquimia. Os Três Princípios. Primeira Experiência de Calcinação	14
I. FILOSOFIA ALQUÍMICA	15
II. TEORIA ALQUÍMICA	16
III. PRÁTICA ALQUÍMICA	17
Lição 3: Meditação e Alquimia: Os Três Princípios nos Três Reinos Continuação e Término do Experimento com Erva-Cidreira	20
II. TEORIA ALQUÍMICA	22
III. PRÁTICA ALQUÍMICA	24
Lição 4: O Templo Alquímico, Princípios Gerais de Alquimia, A Necessidade de separar para purificar, Materiais necessários.	26
I. FILOSOFIA ALQUÍMICA	26
II. TEORIA ALQUÍMICA	30
III. PRÁTICA ALQUÍMICA	31
Lição 5: A Natureza Esotérica do Trabalho, Condições para o Sucesso, Menstrum Volátil e Fixo, Destilação, Aparelho de Destilação, Vidraria	34
I. FILOSOFIA ALQUÍMICA	34
II. TEORIA ALQUÍMICA	35
PRÁTICA ALQUÍMICA	37
Lição 6: Fé, Conhecimento e Entendimento, Plantas: atribuições e órgãos, Destilação Fracionada	41
I. FILOSOFIA ALQUÍMICA	41
TEORIA ALQUÍMICA	43
PRÁTICA ALQUÍMICA	44
Lição 7: Ciência e Entendimento, Montagem do Laboratório	47
FILOSOFIA ALQUÍMICA	47
PRÁTICA ALQUÍMICA	50
Lição 8: Lista de atribuições planetárias das plantas com seu nome latino e código do	

grau de toxidade	53
SATURNO	54
JÚPITER	56
MARTE	58
VÊNUS	59
MERCÚRIO	60
SOL	62
**** Sem contato com ferro ou aço, caso contrário a planta se torna tóxica	63
LUA	64
Lição 9 : O Mundo e a Natureza do Conhecimento, Alquimia e Qabala, A Árvore da Vida O Céu ALQUÍMICO, Destilação a Vácuo Glossário	66
FILOSOFIA ALQUÍMICA	66
TEORIA ALQUÍMICA	69
PRÁTICA ALQUÍMICA	72
Lição 10: Noções do Absoluto, o Mercúrio Indeterminado, Retificação com Soxhlet	80
FILOSOFIA ALQUÍMICA	80
TEORIA ALQUÍMICA	81
PRÁTICA ALQUÍMICA	81
Lição 11: Aquecimento elétrico, Criação, Hyle, Nitro, Sal, Quatro Elementos Archaeus, Gur, Condições Eletromagnéticas da Água Esfera Kjedaahl, Esfera de Reflux, Equivalência entre densidade e porcentagem alcoólica.	86
FILOSOFIA ALQUÍMICA	86
TEORIA ALQUÍMICA	88
PRÁTICA ALQUÍMICA	90
Lição 12: Quatro Elementos, Três Princípios, Repetição de uma Operação, Fermentação, Separação, Coobação, Trem de Destilação	94
FILOSOFIA ALQUÍMICA	94
TEORIA ALQUÍMICA	95
PRÁTICA ALQUÍMICA	96
Jean Dubuis	103
Lição 13: Máximas da Corrente de Ouro de Homero, Química Orgânica e Mineral, Sal e Enxofre Extração do Enxofre Vegetal por Vapor	108
Lição 14: Fermentação, Destilação Filosófica, Solve Coagula, Calcinação	113
Lição 15: Livros sobre plantas, Maceração, Circulação Digestão, coobação, Embebição	119
PRÁTICA ALQUÍMICA	120
Lição 16: Soxhlet, Extração sem Extrator, Extrator Caseiro, Condensador, Calcinação, Circulação, Digestão	125
Lição 17: Espagiria e Alquimia, Menstrum, Extração sem Soxhlet, Extração do Sal, Elixir, Produção da Pedra	130
Lição 18: Mais livros, A Ação da Pedra e Circulatim, Produção da Pedra Vegetal, Aparelho Anti-Odor	134
Lição 19: Alquimia Planetária Vegetal, Ciclos Lunares, o Método de Paracelso, Destilação de Óleos	139
Lição 20: Os papéis do Sal, Enxofre e Mercúrio no Elixir, Uso iniciático da espagiria, Archaeus e Gur, Preparação da Água, Os 12 elementos	144

Lição 21: experimentos com Acheus e Gur	149
Lição 22: O Texto de Urbigerus sobre Circulatum Menor	155
Lição 23: Comentários sobre o Circulatum, Pedra de Trigo	160
Lição 24: Diferenças entre Espagiria e Alquimia, O Método Alemão, Dois Métodos da Pedra Vegetal, A Preparação do Sal, Alquimia Animal Óleo de Ovo.	169
Lição 25: Balanço Interior - Energia Mezla, Akasha, Os Doze sais, Destilação do Éter	175
Lição 26: Diferenças entre Alquimia e Espagiria, O Domínio Secreto, Destilação por Quatro, Sal Sufúrico dos Vegetais	1
Lição 27: Alquimia e os Quatro Mundos da Qabala, O Trabalho com a Retorta	1
Lição 28: Iniciação Alquímica, Sal Harmonico	1
Lição 29: Álcool Filosófico, Mênstruo de Kerkring	1
Lição 30: Origem dos Ensinamentos, Diferenças entre Alquimia e Homeopatia, Fixos e Voláteis, Pedra e Elixir, Exofre: a alma dos seres, essência das coisas	1
Lição 31: Mesntrua e suas qualidades, Sensibilidade e Força Espiritual, Extração Líquida	1
Lição 32: Centros Sephiroticos e Chakras, Simbolismo Alquímico	1
Lição 33: Destilação do Vinagre, Vinagre Nitroso	1
Lição 34: Efeitos Espirituais dos Elixires, Princípios dos Experimentos	1
Lição 35: Uso dos Poderes, Saúde, Descrição, Imparcialidade, A Vida Alquímica	1
Lição 36: Pedras Alquímicas, Pedras Vegetais, Pedras Minerais, Pedras Metálicas	1
Lição 37: O Catecismo de Paracelso	1
Lição 38: Catecismo de PARacelso (Continuação)	1
Lição 39: Ode do Catecismo de Paracelso	1
Lição 40: Resumo dos passos para produção da Pedra Vegetal	1
Lição 41: Mesntrum, Alkahest, Mercúrio, Dissoluções	1
MENSTRUUM - ALKAEST - MERCÚRIO	1
Menstruum - Alkaest - Mercúrio	1
Observações	1
Lição 42: Numeros de 1 a 10, Matriz Metálica, Discurso sobre Drogas	1
Lição 43: Fermentação, Síntese dos Processo Alquímico, Elixir, Pedra, Sobre as Atribuições Planetárias das Plantas	1
Lição 44: Material para o Trabalho Metálico, Processo Mental, Transmutação	1
Lição 45: Controle do Poder de Transmutação, Clareamento do Sal e Trabalho com Enxofre de Drósea, Vinagre de Drósea	1
Lição 46: Síntese dos Princípios Operativos, Astrologia e Alquimia	1
Lição 47: Preparação do Akahest da Urina, Método Simplificado do Elixir, Unicidade da Matéria, Sal de Tártaro Filosofal, Espírito da Lima, Apresentação da classe metálica	1
Lição 48: Resumo do Circulatum Menor, Mais sobre a classe metálica	1
DECLARAÇÃO FINAL	1

“Não acredite em algo simplesmente porque ouviu o testemunho de algum Sábio.

Não confie na autoridade de Mestres ou Sacerdotes.

Mas, o que estiver de acordo com a sua experiência e após cuidadoso estudo satisfazer sua razão e conduzir ao bem, aceite-o como verdade e viva-o.”

- Sidarta Gautama

Prefácio

Esta é a primeira parte do lendário curso de Alquimia criado por Jean Dubuis com parte do currículo do grupo *Les Philosophes de la Nature*, na segunda metade do século XX. Uma biografia do autor pode ser encontrada no livro “[Fundamentos do Conhecimento Esotérico](#)” que deve ser lido antes deste curso de espagiria.

Da mesma forma, o presente curso deve ser estudado e posto em prática antes da dedicação ao curso de Alquimia Mineral do mesmo autor ou de qualquer prática de alquimia mineral ou metálica. O Curso de Qabala é muito enriquecedor e pode ser feito a qualquer momento após o curso fundamental.

Os cursos de Dubuis foram criados para serem estudados de forma autodidata, ou seja sem o apoio em mestres e egrégoras mas sim apoiado na própria experiência pessoal à luz do empirismo esotérico. Existem muitas razões para isso que vão das desnecessárias intrigas pessoais, desavenças e jogos políticos que invariavelmente distraem os grupos até a garantia de uma completa liberdade de atuação e livre pensamento. O Curso de Espagiria é para todos mas não é exclusividade de ninguém.

Embora este curso seja vendido em forma de livro e oficinas ao redor do mundo, a vontade expressa pelo autor é que ele fosse disponibilizado gratuitamente a todos os interessados, assim como sempre foi com suas obras e cursos, “De graça recebestes, de graça deveis dar.”

Este primeiro volume compreende a tradução integral de todas as lições direto do francês. A única novidade nesta versão em português foi a inclusão de títulos nas aulas para facilitar a consulta do estudante.

~ Thiago Tamosauskas, 2023

Lição 1: Das Condições de Aptidão, Definição de Alquimia, Progressão do Trabalho e os Três Adágios Preparação do Material

Os lições de espagíria incluem:

- um texto filosófico focado principalmente em questões da estrutura desse conhecimento e seu simbolismo;
- um texto sobre teoria alquímica
- um texto sobre a prática alquímica
- possivelmente um texto sobre plantas, sobre certos aspectos da Qaballa, ou sobre vários assuntos relacionados à Alquimia.

É fortemente aconselhado seguir esta ordem lógica para o estudo das lições, ou seja, Filosofia, Teoria e Prática. Esta divisão ternária foi inspirada por Dom Pernety que afirma que três coisas são necessárias para ter alguma chance de sucesso no Caminho Alquímico: bom julgamento, boa teoria e uma boa mão. Na parte “Filosofia Alquímica”, esperamos dar o conhecimento necessário para a formação desse bom julgamento, cujo resultado mais óbvio é um pensamento livre; mas isso absolutamente não implica ser um livre pensador.

A parte “Teoria Alquímica” de nossos cursos tem dois objetivos principais. A primeira é dar conhecimento teórico sem o qual a experimentação alquímica não é possível. Com efeito, nunca se deve tentar uma experiência neste campo sem conhecer o objeto, o procedimento e o objetivo a ser alcançado; na Alquimia não se experimenta nem por acaso nem por curiosidade. O outro objetivo almejado é a abertura de livros herméticos: não são escritos para principiantes ou ignorantes, mas ou, gradualmente, à medida que se vai impregnando de teoria alquímica, a obscuridade de sua linguagem se transforma primeiro em transparência e depois em luz.

No capítulo “Prática Alquímica” descreveremos detalhadamente as manipulações necessárias e as precauções que devem acompanhá-las. Os primeiros experimentos serão muito simples e aos poucos chegaremos aos mais complexos para que aqueles dos alunos que não têm o conhecimento ou a prática de laboratório químico ou alquímico também possam ter a possibilidade de acessar “a mão hábil”.

É óbvio que por este método os mesmos assuntos podem ser encontrados nas três partes do curso, mas eles serão abordados de maneiras diferentes. Essas repetições podem ter a vantagem de pressentir, sob aspectos à primeira vista divergentes, da unidade do Conhecimento e da convergência que dele resulta.

Achamos que também devemos especificar agora que certos elementos do curso podem parecer contradizer este aviso de apresentação. De fato, se a parte filosófica e a parte teórica talvez lidem mais com o aspecto alquímico do que com o aspecto espagírico, a parte prática será estritamente espagírica, ou seja vegetal porque a teoria sendo a mesma nos três reinos, escolhemos o exemplo no reino onde nos parece o mais conhecido ou o mais explícito, ou às vezes nos vários reinos, insistir no caráter unitário da Natureza. Você pode se surpreender com a brevidade de nossos textos; mas nisto seguimos a Tradição

Alquímica. Diz o ditado: "leia e releia". É necessário, portanto, ler e reler os textos antes de se impregnar deles, seguindo assim o exemplo dado por certas operações químicas cuja repetição perseverante leva a um resultado alquímico.

Outro ditado diz que a matéria deve se livrar de seus princípios terrenos supérfluos; é por isso que evitaremos a diluição literária.

Mas estamos, no entanto, certos de que há em cada um de nossos textos um ou dois princípios ou regras que são novos ou pouco conhecidos e que certamente valem o trabalho de reflexão profunda ou meditação.

I. FILOSOFIA ALQUÍMICA

O que é Alquimia?

É bom neste momento refletir sobre o que é a Alquimia e como essa manipulação pode nos levar ao progresso espiritual. No futuro imediato, seria mais fácil dizer o que a Alquimia não é do que dizer o que é. Se considerarmos o aspecto material, a Alquimia não é química nem hiperquímica, mas um processo biodinâmico que é mais parecido com os processos de fermentação ou putrefação do que com as reações químicas clássicas. A Alquimia leva a um profundo conhecimento dos mecanismos fundamentais da Natureza, mas ao contrário das ciências profanas que consideram apenas o aspecto material desses mecanismos, a Alquimia também leva em conta o aspecto espiritual geralmente invisível à percepção sensorial do operador. É através deste aspecto dos estudos alquímicos que o operador é conduzido ao progresso espiritual, a uma elevação em seu nível de consciência. A dualidade deste método de avanço espiritual tem uma forte vantagem em relação a muitos outros métodos: o avanço espiritual leva a ter "a cabeça no céu" mas, para realizar seu trabalho, o Alquimista é obrigado a manter os pés no chão; ele se torna consciente das realidades superiores enquanto mantém em mente as manifestações físicas e sua importância.

Necessidade de progresso espiritual pessoal

Como veremos na parte teórica, um Alquimista não pode ser ateu; ele deve ser um espiritualista. Qualquer que seja a natureza de sua crença, sua religião, seu método esotérico ou sua doutrina pessoal, é importante que ele possa começar cada período de trabalho, seja meditação ou trabalho prático experimental, com uma invocação e que o termine com uma oração de agradecimento a Deus, ao Cósmico, à Unidade, ao Grande Arquiteto, ou à concepção divina ou espiritual que ele escolheu de acordo com seu coração.

A segunda coisa a entender e à qual voltaremos muitas vezes, é o objetivo que o Alquimista tem em mente: deve ser apenas sobre seu progresso espiritual pessoal.

Pensar em transmutações metálicas distantes pensando apenas em ajudar os outros não é desculpa nem incitação ao Infinito. A faculdade de transmutação é uma recompensa pelo progresso espiritual pessoal; mas ninguém jamais foi ajudado neste mundo com ouro se o Infinito não o permitiu. É melhor entender os propósitos da Unidade para o seu próprio caso antes de decidir o que é bom para os outros.

Também preferimos avisá-lo agora que a lei francesa proíbe qualquer pessoa de fora do Corpo Médico de prescrever a outra pessoa o uso de qualquer produto para fins de cura ou cuidado.

Portanto, não pense em elixires para a saúde dos outros. E para evitar qualquer tentação nesta área não daremos, pelo menos inicialmente, os meios para controlar os elixires alquímicos: sua fabricação é em si um elemento de conhecimento da Natureza e um meio de desenvolvimento espiritual.

É esse progresso espiritual pessoal que devemos buscar primeiro: como podemos pensar em ajudar os outros se nós mesmos não possuímos um certo grau de maestria. Existe um princípio sagrado do egoísmo que exige que primeiro progridamos antes de pensar em fazer progredir os outros. Se fizermos o contrário, e qualquer que seja nossa boa vontade, correremos o risco de empurrá-los para trás em vez de promovê-los.

II. TEORIA ALQUÍMICA

Vamos começar analisando as diferenças entre Química e Alquimia.

Em química, se os ingredientes corretos estiverem presentes e se as manipulações forem bem feitas, o resultado é alcançado, e isso independentemente do operador.

Na Alquimia, mesmo que os ingredientes certos estejam presentes e se as manipulações físicas forem bem feitas, o resultado não será necessariamente alcançado porque o sucesso dependerá do estado pessoal do operador. Em um sentido muito restrito, a Alquimia pode ser considerada como a parapsicologia da química, dependendo o sucesso da operação dos estados psíquicos e espirituais internos do operador.

Isso é ainda mais verdadeiro quando se avança na hierarquia das operações e obras alquímicas. É por isso que um começo racional consiste em começar pelas operações mais simples e acessíveis: experimentar as obras menores antes de abordar as obras maiores.

A segunda diferença entre Química e Alquimia também é muito importante. A química não considera que os corpos sobre os quais trabalha estão vivos. Na verdade, seus processos são tais que ela só trabalha em cadáveres. Eles são, portanto, incapazes de evoluir. A alquimia, por outro lado, é um sistema biodinâmico que utiliza as forças da vida em suas operações. Eles então realizam um trabalho triplo nos corpos, e seus efeitos são: purificação, regeneração e evolução. Nas forças da fecundação e nas forças da reprodução se encontram os princípios mais poderosos e é de lá que eles terão que ser extraídos para serem postos em ação. A extração da semente ou sêmen metálico conhecido por poucos seguidores é considerada uma utopia pela multidão. Através dos elementos físicos, o habilidoso Alquimista ou Artista pode e deve conseguir manipular os elementos divinos, espirituais, invisíveis, que são os verdadeiros elementos da vida nas coisas e nos seres.

Outra diferença entre o químico e o alquimista está no propósito buscado em cada operação. Para ter sucesso, ambos são obrigados a se submeter às leis da Natureza, mas o Alquimista também deve, em seu trabalho, orientar-se para os mesmos objetivos que a Natureza se esforça para alcançar.

Todos podem ver, à luz do que acaba de ser dito, que o reino vegetal é mais "transparente" que o reino metálico ou o reino mineral, e que, em seu fundamento, uma experiência de apreciação do nível de desenvolvimento psíquico e os níveis de consciência atingidos serão sem risco; e que através dela se possa obter um aumento nesta conquista.

Para concluir esta parte, daremos três adágios que dizem respeito ao trabalho alquímico e espagírico:

- Eu acelero os processos da Natureza tomando cuidado para não desrespeitar suas regras.
- Eu removo os obstáculos que impedem a Natureza de agir espontaneamente.
- Eu me esforço para ajudar a Natureza em seu trabalho de reintegração universal.

III. PRÁTICA ALQUÍMICA

A lição a seguir incluirá a descrição de um experimento simples e interessante que permitirá que você se aproxime e tente entender alguns princípios básicos. Para usufruir desta experiência seu primeiro objetivo é reunir uma série de utensílios e ingredientes que lhe damos na lista abaixo:

- 200 a 300 gramas de erva-cidreira seca. Você pode obter esta erva de um herbalista ou farmácia.
- Um almofariz e pilão, ou instrumento equivalente que permita reduzir a planta a pó. É melhor escolher uma ferramenta manual porque as pulverizadoras elétricas não são adequadas para este trabalho.
- Cerca de 300 cm³ de álcool vínico na forma de conhaque, armagnac ou qualquer tipo de álcool vínico. É absolutamente necessário excluir para este experimento qualquer álcool que não venha da videira.
- Um funil de vidro.
- Algodão absorvente de grau cirúrgico.
- Um prato cerâmico resistente ao fogo direto ("Vision" ou "Arcoflam"). Este recipiente destina-se a ser utilizado para calcinações. O vidro borossilicato estilo "Pyrex" não é forte o suficiente para suportar esse tipo de calor; por outro lado, certas porcelanas podem ser adequadas. A tampa deste prato pode ser, por sua vez, em vidro borossilicato porque, ao seu nível, a temperatura já é mais baixa.
- Algumas garrafas bem limpas. Para os modelos pequenos, preferimos aqueles com fecho lapidado e rolha de vidro também lapidada.
- Um litro de água destilada.
- Um conta-gotas com marcador indelével
- Uma fonte de calor; preferimos o aquecimento a gás à placa elétrica porque permite um ajuste mais preciso da intensidade do calor. Se você não tiver um bocal do tipo Bunzen especializado, um fogareiro estilo usado para camping será perfeitamente suficiente.

Ao montar seu laboratório, lembre-se de solicitar uma extensão do seu contrato de seguro, especificando à sua seguradora que você está estudando química.

Nota: não há contradição entre o facto de, na parte teórica, afirmarmos que os produtos utilizados na Alquimia devem estar vivos e que, na parte prática, recomendamos que obtenha a erva-cidreira seca para realizar a sua experiência. Explicaremos isso mais adiante com mais detalhes. Mas você pode notar que as sementes secas mantêm seu poder de germinação; eles, portanto, contêm a raiz da vida. Por outro lado, do ponto de vista puramente prático, você poderá notar que o uso de uma planta seca facilita as operações quando você não possui ferramentas grandes ou soluções especializadas.

Ora et Labora!!

Lição 2: Do necessário estado mental. Parte espiritual da alquimia. Os Três Princípios. Primeira Experiência de Calcinação

Esperamos que sua busca por materiais e ingredientes tenha dado frutos e que você tenha se preparado para a operação que estamos prestes a realizar hoje.

Antes de continuar, seria bom indicar brevemente o plano geral do nosso curso. De fato, como já dissemos, a teoria deve preceder os experimentos e o trabalho; mas, por outro lado, nossa própria experiência nos mostrou que a prática, "a mão hábil", não pode ser obtida da noite para o dia: pode-se aprender a técnica do desenho como amador, mas a educação da mão levará tempo e prática. Esta é a razão pela qual abordaremos a prática o mais rápido possível. A progressão de experiências e estudos deve ser equilibrada para aproveitar ao máximo o caminho que lhe oferecemos.

Na parte "Filosofia Alquímica", às Lições 2, 3 e 4 formam um tríptico que trata de:

- o estado de espírito desejável.
- a natureza da meditação na Alquimia.
- o desenho do Templo Alquímico e sua divisão em oratória e laboratório.

Destes três pontos fundamentais surge um estudo de natureza muito diferente sobre elementos considerados importantes e úteis tanto para uma boa compreensão dos métodos experimentais como da natureza do Conhecimento.

Abordaremos então uma síntese de um texto que o Alquimista Von Bernus considera ser o testamento da Rosa-Cruz antes de sua entrada nas sombras. Este texto é extremamente interessante porque complementa os escritos cabalísticos: se estes dão uma estrutura à criação, este documento expõe seu mecanismo e funcionamento segundo concepções alquímicas. Estudaremos também um texto pouco conhecido de outro Alquimista que será o complemento prático do texto anterior.

A parte "Teoria Alquímica" das primeiras quatro lições é dedicada aos três princípios alquímicos que são Enxofre, Mercúrio e Sal. Na quarta lição, daremos uma visão geral da teoria e do papel do menstruo na série de experimentos que iremos propor. Teremos então que estudar as plantas e a ligação entre o reino vegetal e o aspecto esotérico de nosso trabalho. Depois de ter adquirido uma certa habilidade operacional, retomaremos o estudo dos quatro elementos.

A parte "Prática Alquímica" se tornará, após as preliminares de nossa primeira experiência, a parte mais importante de nosso curso. Nossa própria experiência nos ensinou que muitos erros, causas de perda de tempo ou quebra de equipamentos, podem ser amplamente evitados por advertências e instruções precisas. É impossível escrever a experiência que o trabalho pessoal proporciona. Neste nível, nosso curso incluirá a explicação detalhada de todos os experimentos básicos em Espagíria e Alquimia. Procuraremos destacar as diferenças entre o aspecto químico e o aspecto alquímico dos processos utilizados nessas operações. Também forneceremos tabelas que, juntas, formarão um vade-mécum que, por experiência, consideramos muito valioso. Por fim, olharemos o importante acervo documental sobre o período em que ocorre a separação Alquimia-química e ali

encontraremos certa quantidade de informações que abrirão a compreensão dos livros antigos pelo conhecimento da Química desta época.

Na seção “Diversos”, examinaremos o aspecto alquímico da Qaballa e dos textos tradicionais, bem como as regras básicas necessárias para a leitura do simbolismo alquímico.

Na medida do possível, serão estudadas duas fórmulas de equipamentos: uma solução fácil, mas relativamente cara, e uma solução que exigirá mais trabalho, mas que, por sua vez, será mais econômica. Essa escolha decorre do fato de que a Espagíria e a Alquimia em um nível superior são caminhos de auto-iniciação e o progresso nesses caminhos depende em grande parte da aquisição esotérica de cada um. Duas fases podem ser consideradas: preparação e execução.

A realização geralmente requer um tempo bastante longo e independente da importância do material. Por outro lado, a preparação pode ser consideravelmente encurtada pelo uso de equipamentos sofisticados. Mas, em todo caso, é necessário que todos mantenham um certo equilíbrio entre o desenvolvimento interior e a realização experimental.

Cabe a cada um, em consciência e com toda a humildade, escolher a todo o momento o caminho que julga ser bom para si.

I. FILOSOFIA ALQUÍMICA

Nestas primeiras lições limitar-nos-emos a estabelecer princípios gerais e duas razões levam-nos a agir desta forma. Acreditamos que para o equilíbrio certo de uma jornada pessoal, prática e teoria devem se confirmar. As nossas notas terão, portanto, primeiro um ligeiro aspecto teórico para podermos iniciar o trabalho prático sem demora. Iremos nos aprofundar na teoria à medida que esta prática progride. Por outro lado, estamos convencidos de que um primeiro levantamento rápido, mas extenso, é a base de uma cultura alquímica e constitui uma boa base para um estudo detalhado e especializado de pontos particulares. Desta forma, uma visão coerente e unitária do processo alquímico é obtida mais rapidamente.

Como esta segunda lição marca o início do trabalho prático, é útil para cada um de nós medir a importância do estado de espírito necessário para o sucesso do nosso trabalho. No início não se pode pretender ser um alquimista ou um filósofo, mas deve-se esforçar para ter o estado de espírito correspondente. Sendo a alquimia tanto material quanto espiritual, precauções terão que ser tomadas nessas duas áreas. O aspecto material será objeto de estudo na parte prática deste edital, e abordaremos o aspecto espiritual diversas vezes nesta parte filosófica. A concepção alquímica diz que o trabalho repetitivo sobre a matéria “abre seus poros”. Isso significa, na realidade, que o material (Sal, por exemplo) torna-se facilmente receptivo ao seu Enxofre, mas pode ser irremediavelmente contaminado por uma impureza. Mas também significa que a sensibilidade psíquica da matéria pode ser aumentada: se o operador tiver uma radiação positiva, a matéria será aprimorada; inversamente, se sua radiação for negativa, a matéria será contaminada. O mesmo ocorre se um leigo puder se aproximar e tratar da matéria.

Deste resultado dois princípios:

- Antes de qualquer trabalho alquímico devemos nos energizar, "ser positivo", tanto mais que nosso trabalho nos leve a refinar, de acordo nosso material.
- Nosso laboratório deve ser proibido ao leigo e o material retirado de sua vista e de sua presença. É também por isso que o caminho alquímico é um caminho solitário, no máximo um caminho de casal ou de família.

Nosso trabalho será, portanto, ora ativo, ora passivo, e nosso laboratório será também um oratório onde se aplicará a velha máxima:

“Ora et Labora!! “Rezar e trabalhar”.

Muitas vezes voltaremos a outra grande ideia alquímica. Toda a criação é feita pela dualidade, ou seja, os elementos indiferenciados originais são divididos em dois: uma parte positiva ativa e uma parte negativa passiva. A parte positiva está sempre presente e constantemente procura por si mesma agir; a parte negativa, por seu caráter passivo, não atua, mas pode representar um obstáculo ou uma prisão para a parte ativa.

Em geral, o homem não pode ativar a parte positiva. Seu papel é apenas liberar essas forças positivas que, então, agirão por conta própria.

Esperamos que seu trabalho experimental logo lhe mostre a verdade deste importante princípio.

II. TEORIA ALQUÍMICA

Para que se compreendam, é necessário que o sentido atribuído às palavras seja constante e idêntico, seja qual for o caso. No entanto, na Alquimia não é assim. Em nossa ciência, o significado das palavras muitas vezes não tem nada a ver com o que é comumente atribuído a elas. Assim, os três princípios: Enxofre, Mercúrio e Sal não têm nada em comum com o que geralmente se entende por essas palavras.

Segundo a teoria alquímica, qualquer coisa ou ser tem um Enxofre, um Mercúrio e um Sal: são princípios que concentram as energias espirituais. O Enxofre concentra os da alma, o Mercúrio os do espírito e o Sal os do corpo.

Um dos grandes segredos espagíricos e alquímicos é o método de separação desses três princípios. Deve-se notar, no entanto, que na espagíria vegetal a separação desses três princípios nem sempre é necessária: pode-se contentar com a separação de Enxofre e Mercúrio de um lado e Sal do outro.

Examinemos agora a diferença entre um remédio alopático e um elixir espagírico. Na maioria dos casos, os remédios alopáticos são fabricados pelos processos da química clássica e, assim, o Enxofre e o Mercúrio espagíricos são eliminados. Resta apenas o que os espagíricos chamam de Sal. Esses remédios podem, portanto, atuar no aspecto material, no corpo, mas em nenhum caso no psiquismo, ou seja, no espiritual. Os elixires espagíricos ou alquímicos, por outro lado, preservam os três princípios e, por sua ação pessoal, o Alquimista se esforça para reforçá-los. Obtém-se um “Remédio da Alma” que contém tanto os elementos negativos do corpo como os elementos positivos da vida.

O método espagírico será, portanto, separação, purificação e reunião. Isso também é consistente com a etimologia da palavra spagiria que significa separar e reunir.

Em nossos primeiros experimentos simplificados, a teoria será aplicada da seguinte forma: o Enxofre e o Mercúrio serão extraídos por um álcool. Como não estudamos a arte do ACUER (como efetuar mudanças e penetrar mais fundo) , vamos escolhê-lo pronto e o mais puro possível no reino vegetal. O álcool da videira atende a esse critério. Então, nosso Sal sendo separado, nós o purificaremos ou pelo fogo, ou pela água e pelo fogo. Em seguida, usaremos este Sal purificado para purificar nossa mistura de Enxofre-Mercúrio antes de realizar a coação. Nosso elixir terá assim propriedades físicas e espirituais. As propriedades físicas serão aquelas que podem ser encontradas em um livro de botânica no capítulo dedicado à planta usada em nosso experimento. O problema da localização do efeito espiritual só pode ser resolvido após um estudo das Assinaturas da Natureza. No caso da erva-cidreira, a parte psíquica em questão é a da compreensão, da tolerância.

Estamos agora suficientemente equipados para lidar com os problemas que surgirão do nosso trabalho prático desta lição.

III. PRÁTICA ALQUÍMICA

Dissemos que na Alquimia, mais do que em outros campos, é essencial respeitar as leis da Natureza e permitir a livre expressão. Antes de realizar qualquer trabalho, teremos que pensar no problema da segurança do nosso laboratório: ele terá que ser instalado fisicamente de acordo com todas as regras de segurança decretadas por leis e regulamentos. Sua presença física também é desejável enquanto seus experimentos estão ocorrendo. Finalmente, um extintor de incêndio pode ser muito útil em alguns casos.

Sabemos que os elementos invisíveis e espirituais são importantes na Alquimia e na Espagíria, mas como ainda não temos o líquido de extração apropriado chamado Mênstruo, a fabricação dele requer o estudo da destilação clássica e da destilação filosófica, estamos, portanto, em uma situação que é vantajoso e desvantajoso.

Aproveitamos o fato de que se tivéssemos menstruo muito refinado, muito aguçado em linguagem alquímica, seríamos obrigados a respeitar, em nosso laboratório-oratório, um certo comportamento e várias precauções que serão objeto de um estudo posterior. Por outro lado, a desvantagem é que o poder de extração do nosso líquido é mais fraco. Consequentemente, as operações serão mais demoradas.

É melhor adotar bons hábitos desde o início: vamos, portanto, procurar um local de trabalho solitário e discreto; é necessário evitar com os nossos produtos as presenças e os contactos susceptíveis de os perturbar. Além disso, limitaremos o acesso a este local ao nosso cônjuge ou, se necessário, à nossa família próxima. Uma vez encontrado este retiro, respeitadas as instruções de segurança, será necessário, antes de iniciar as operações, revitalizar-se psiquicamente. Por enquanto, cada um pode adotar o método que mais lhe convier: respiração, oração, concentração, meditação, etc. Desaconselhamos o uso de métodos ocultos porque eles exigem, entre outras coisas, conhecimento de atribuições planetárias ou elementos da teoria das Assinaturas.

Estabelecido isso, podemos abordar a fase verdadeiramente prática de nosso trabalho:

1. Pulverize a erva-cidreira em pó fino, começando pelas folhas. Em seguida, corte os galhos em pequenos pedaços de 2 a 3 mm de comprimento. Ao fazer isso, tente se concentrar em suas mãos irradiando e carregando positivamente a erva-cidreira. Evite respirar a poeira liberada pela planta protegendo seu trato respiratório com uma máscara cirúrgica ou colocando uma folha de vidro de 30 a 40 cm de largura verticalmente entre o produto e você. Esta folha não interferirá no seu trabalho e fornecerá proteção suficiente. Em seguida, coloque a erva-cidreira em uma garrafa de boca larga. Um pote de vidro de café em pó é bastante satisfatório.
2. Faça 2 partes do pó da planta, por exemplo uma parte de 40 gramas no máximo e deixe a outra parte de lado, a operação seguinte diz respeito apenas aos 40 gramas da planta, o peso não é taxativo. Aguarde a primeira quinta-feira da lua crescente e fique bastante energizado antes de iniciar esta segunda fase do trabalho. Despeje o álcool lentamente sobre a planta, em pequenas frações para que a planta absorva toda a sua massa. Pare de adicionar álcool assim que o líquido exceder a massa vegetal de $\frac{1}{2}$ a 1 cm. Feche a garrafa hermeticamente. Na Spagíria, a operação que consiste em despejar álcool em uma planta pode ser considerada como operação de fertilização. Segue-se que, para a erva-cidreira, o momento favorável para esta operação é a primeira quinta-feira da lua crescente.
3. Enrole a garrafa com um pano para protegê-la da luz. Pode-se simplesmente colocá-lo em uma caixa de papelão. No inverno, coloque-o em uma sala quente, perto de um radiador. Uma temperatura de 19°C é satisfatória. Deixe a maceração continuar por duas semanas (pode ser útil para o resto das operações ter duas garrafas em maceração). Para ser mais exato, esta operação é uma maceração-circulação; então é bom que o recipiente seja mais alto do que largo (cerca de uma proporção de 3:1) e preenchido apenas até um terço de sua altura.
4. Nas últimas duas semanas, instalamos o funil de vidro em uma garrafa vazia e bloqueamos o fundo do funil com um pouco de algodão como um filtro.
5. A maceração é então despejada no funil. Assim que o líquido tiver passado, o resíduo de erva-cidreira é cuidadosamente pressionado no funil usando uma colher de madeira para recuperar o máximo de líquido possível. Este agora deve estar verde. Assim que esta manipulação é completada, a garrafa receptora é imediatamente fechada.
6. Antes de continuar, certifique-se de que nada combustível e volátil esteja próximo ao local onde você opera. O resíduo sólido é despejado no prato ("Vision" ou "Arcoflam") que é colocado na fonte de calor ainda desligada. Misture a parte da planta impregnada com álcool com a parte da planta que não foi macerada. Em seguida, colocamos fogo e o álcool residual começa a calcinar. Após o término da combustão do álcool, o gás é aceso. Não respire a fumaça que é liberada. O material começa a escurecer; é mexido com uma vareta de vidro ou ferro. Quando tudo estiver preto, desligue o fogo e deixe esfriar. O pó é triturado para eliminar todos os grãos grandes. A calcinação é então iniciada novamente até que todo o pó se torne branco acinzentado.

7. Agora temos a escolha entre o caminho do fogo e o caminho do fogo e da água. Para o caminho do fogo, o resíduo branco-acinzentado é calcinado até se tornar laranja-avermelhado quando resfriado, o que leva bastante tempo para ser obtido. Para isso uma nota importante: quando a calcinação tiver ultrapassado o momento da obtenção do branco-acinzentado, deve-se continuar colocando uma tampa ou um cadinho invertido sobre o material.

Em breve estudaremos a continuação do trabalho.

Ora et Labora!!

Lição 3: Meditação e Alquimia: Os Três Princípios nos Três Reinos Continuação e Término do Experimento com Erva-Cidreira

I. Filosofia Alquímica

MEDITAÇÃO E ALQUIMIA

Dentro do corpo humano esconde-se uma certa substância metafísica conhecida apenas por poucas pessoas. Esta essência não precisa de nenhum remédio porque é em si um remédio incomparável. É de natureza tripla: metafísica, física e moral. Assim, o leitor atento poderá concluir que se deve passar de uma metafísica para uma física por um procedimento filosófico.

Os Alquimistas se dedicaram profundamente ao seu trabalho e não sofreram com a fissura que existe na alma de nossos contemporâneos.

Estes, em sua maioria, representam o SER de um lado, a matéria do outro, jamais se encontrando. Pelo contrário, para os Alquimistas o SER está no mundo e o mundo está no SER. Não foram vítimas da cegueira atual e foi isso que garantiu o sucesso de seu trabalho. Parece importante apresentar seu método hoje.

Há uma certa verdade nas coisas naturais que não pode ser vista por olhos externos. Os filósofos sabem disso e descobriram que seu poder é tão grande que ela pode fazer milagres.

Podemos sugerir que esse milagre pode ser encontrado na observação de uma rosa no jardim, na amizade, e pode ser percebido tanto com os olhos físicos quanto com os do coração. O misterioso encontro dos Alquimistas, o misterioso casamento do Sol e da Lua é a conjunção do fato físico com a realidade metafísica.

Essa visão única não é resultado apenas de operações materiais como derramar ácido acético sobre estibina, nem resultado de uma alusão figurativa a uma dada substância que seria uma do Sol, outra da Lua. Assim como nos fatos físicos a qualidade dos ingredientes é importante por causa de sua influência nos resultados, também na mente a qualidade dos pensamentos causará o sucesso ou fracasso final.

Nesta verdade reside toda a arte de libertar a mente de suas amarras; por este mesmo caminho o espírito pode ser libertado do corpo.

Esta última frase "a mente pode ser libertada do corpo" está diretamente relacionada com a técnica de meditação dos Alquimistas. Mas talvez a palavra "técnica" não esteja correta porque parece implicar uma família de fórmulas, um jogo de idéias preconcebidas quando, na verdade, a espontaneidade é a essência da meditação na Alquimia. A meditação, afinal, é uma maneira de pescar no subconsciente para que a verdade apareça. A mente consciente seleciona o assunto, a pergunta e, como o pescador, lança-a como isca na água. Mas a isca não procura o peixe. O peixe está procurando a isca. E esta é uma das maiores

e mais comuns interpretações errôneas de toda a metafísica. Não meditamos, não podemos; somos “meditados”. Em outras palavras, temos que ser receptivos.

Por analogia, na privacidade do nosso laboratório, não devemos tentar ajustar os balões, a medição das substâncias, pensar em jargão alquímico sobre o que, através de nossas manipulações, estamos realmente tentando fazer.

Não devemos cair na armadilha de dizer: "durante anos, li textos, experimentei e acredito que estou orientando o curso deste trabalho". Somente o SER dirige o curso deste trabalho, e nenhum de nós tem acesso a uma efusão de Sabedoria a menos que estejamos receptivos.

É por isso que a Alquimia é uma arte e também uma ciência. Não é apenas a arte de dirigir o trabalho, como o entendemos depois de termos sido instruídos por um livro ou por um professor, mas é também a arte de ser receptivos em nossos corações, deixando-nos purificar pelo trabalho como é o nosso material durante as manipulações. É na confluência dos dois mundos que o verdadeiro Alquimista experimenta. Podemos e devemos através de anos de esforço intelectual, físico, emocional, atingir a meta. Mas, no final, é ele que nos alcançará. E é somente através da meditação, do desapego, que isso é possível.

Você nunca será capaz de fazer a Unidade que procura se antes de tudo você não fizer o UM em você.

Esta única coisa é o único ponto de toda concentração e meditação sincera do estudante. Ele compreende e usa todos os níveis de seu ser. Ele traz a esses níveis um impulso de alerta anteriormente desconhecido e, uma vez alcançado, ele se retira. Esta técnica é familiar aos leitores e seguidores do Zen, Yoga, Taoísmo e muitas disciplinas religiosas. Mas não foi conscientemente identificado com a Alquimia pela simples razão de que nossa Arte é muito mal compreendida. Sua terminologia é desconhecida e seus métodos são notoriamente obscuros e complexos.

A palavra meditação é usada quando um homem tem um diálogo interior com alguém invisível. Isso pode ser com o SER se for invocado, ou com um anjo, ou consigo mesmo.

O aspecto meditativo do trabalho alquímico não é simplesmente o da cogitação ou reflexão sobre este trabalho.

É essencial ter certeza de que uma organização preliminar da teoria produziu um procedimento; você tem que dominar a teoria antes da prática.

Mas a meditação será mais profunda e abrangerá um processo mais complexo. Devemos enfatizar que a meditação é um trabalho interior. Em termos escolhidos, pode-se dizer que o ocultista recebe uma revelação profunda do Eu Superior, o Mago Cerimonial, o Conhecimento e Conversação do Sagrado Anjo Guardião.

É um pouco surpreendente dizer que o Alquimista começa seu trabalho com uma massa confusa tanto em sua mente quanto em seu trabalho físico. Ele deve extrair de um caos primordial uma ordem benéfica. Se seus pensamentos não são ordenados, suas substâncias não podem ser manipuladas adequadamente. E se os dois estão em ordem, ele deve ter a coragem de mergulhar profundamente em seus recursos internos para entender a relação entre sua própria alma e a alma da matéria com a qual está trabalhando.

Ele também deve temer ser atacado, por um lado pelo ocultista cético que questionará seus métodos de laboratório, e por outro por seus amigos científicos que o descreverão como um religioso sentimental entre seus frascos e suas réplicas.

Assim, ainda hoje o Alquimista tem seu próprio terreno. Mas o desafio de seu trabalho vai além da crítica desgastada. Somente o homem e a mulher que entram com o coração orando e meditando podem se beneficiar da continuação deste trabalho. Ao longo dos séculos, nenhum escritor foi capaz de nos dizer que o caminho foi fácil.

Michel Maier escreveu:

“Para quem começa, a tristeza reina com vinagre, mas para quem termina, a alegria reina com riso. »

E também, para concluir:

“Esta coisa pela qual tanto buscamos não pode ser adquirida ou alcançada pela força ou paixão; só pode ser adquirida pela humildade e por um amor determinado e perfeito. Que Deus conceda esta ciência divina e imaculada aos seus servos fiéis, em particular àqueles a quem concederá estar na origem da natureza das coisas. Ninguém seria capaz de salvar a si mesmo sem a força concedida por Deus, e sem ela não poderia mais continuar a salvação de suas almas, a meta que lhes foi designada por Deus. Então Deus encarrega aqueles de seus servos a quem ele propôs essas coisas que busquem essa ciência divina que está oculta ao homem e que ele guardou para eles. É esta ciência que os elevará além dos sofrimentos deste mundo e que os encarregará do conhecimento do bem futuro. »

II. TEORIA ALQUÍMICA

Dissemos que o Alquimista lida apenas com corpos vivos, ou seja, aqueles em que os três princípios Enxofre, Mercúrio, Sal estão presentes e vivos. De acordo com a tradição, vamos nos referir a esses corpos como mistos.

Por exemplo, um Alquimista considera que o minério metálico que sai da mina está vivo, mas que morre assim que é transformado em metal por fusão, porque perdeu quase todo o seu Mercúrio durante esta operação.

Para os três reinos podemos, portanto, elaborar a seguinte tabela:

Reino Metálico

- Enxofre Metálico
- Mercúrio Metálico
- Sal Metálico

Reino vegetal

- Enxofre vegetal
- Mercúrio vegetal

- Sal vegetal

Reino Animal

- Enxofre Animal
- Mercúrio Animal
- Sal Animal

Nos três reinos, o Enxofre é a alma da mistura: garante sua animação. Mas isso só é possível se o Mercúrio vivo estiver presente, porque é este último que garante a conexão Enxofre-Sal, alma-corpo. Se o Mercúrio está ausente, o Enxofre é forçado à inação e fica preso lá. Por si mesmo, o Enxofre é sempre puro; ele só se incomoda com as impurezas terrenas que se apegaram a ele.

O Mercúrio é idêntico em essência em todos os três reinos, mas cada Mercúrio é específico de seu reino. Em certo sentido, pode-se dizer que os Mercúrios dos vários reinos diferem entre si em suas taxas vibratórias. É por isso que as experiências que consistem em fazer um Mercúrio agir sobre um ou sobre os princípios de outro reino não podem dar resultados satisfatórios. Além disso, dentro de cada reino, Mercúrio apresenta vários graus de maturidade, de perfeição. No reino metálico é o Mercúrio do ouro que é o mais maduro, o mais evoluído. No reino vegetal é o do trigo ou da videira. No reino animal é o do homem. O papel do Mercúrio do espírito consiste na junção do corpo e da alma. É ele quem assegura o casamento alquímico entre esses dois princípios extremos. É possível ao Alquimista aperfeiçoar e amadurecer um Mercúrio dentro de seu reino.

Os dois elementos que acabamos de ver são, em seu aspecto alquímico, desconhecidos da química clássica, mas não é o mesmo para o sal que vamos estudar agora.

O Sal do reino vegetal assim como o do reino animal são conhecidos pela química clássica atual, mas ela não conhece o Sal dos metais. O sal metálico em questão aqui não é um composto do metal com outro corpo, é um de seus elementos constituintes.

Nos três reinos o sal é a matriz do misto. É ele quem determina qual será o misto formado pela influência animadora do Enxofre através do Mercúrio. Portanto, em cada um dos reinos há um Sal por misto; um Sal por metal ou por mineral no mineral, um Sal por planta na planta e um Sal por tipo de animal no reino animal. Se o Sal constitui a matriz dos corpos, também tem um papel de purificação nos processos alquímicos ou espagíricos.

Como encontramos esses princípios no trabalho alquímico?

Na planta, o Enxofre estará contido nos óleos essenciais das plantas, o Mercúrio aparecerá e poderá ser extraído no álcool da planta e o Sal será obtido por calcinação ou por lixiviação das cinzas da planta.

No metálico, a dissociação alquímica separa os metais em seus três princípios: Enxofre em forma oleosa, Mercúrio em forma muito volátil e ácida, daí o nome de vinagre que às vezes lhe é dado, e Sal na forma de cal residual .

Excluindo a espagíria e a alquimia animal do nosso curso, não descreveremos os princípios deste reino.

Em resumo, o Enxofre é a alma que anima o corpo através do Mercúrio, que é o elo corpo-alma, sendo o Sal o corpo. Nossos fiéis cristãos poderão refletir sobre as razões alquímicas da escolha do pão, do vinho e do sal nos ritos religiosos.

Nota: Nos livros que tratam da Alquimia notará que o Mercúrio extraído dos minerais não tem o mesmo nome daquele que é extraído dos sete metais tradicionais. Nessas obras, também é preciso evitar a confusão entre "fezes e sal", sendo "fezes" as impurezas da mistura.

III.PRÁTICA ALQUÍMICA

O segundo método de purificação do Sal é feito por água e fogo, ou seja, por lixiviação e calcinação. As cinzas são colocadas em uma garrafa e derramadas sobre pelo menos vinte vezes o seu volume de água destilada (de preferência água da chuva, se não água desmineralizada). Demora cerca de uma hora agitando várias vezes para obter uma boa dissolução dos sais. A mistura é então filtrada através de um funil de vidro e as cinzas são recolhidas. Começamos novamente pelo menos três vezes para dissolver todos os sais solúveis.

Toda a água filtrada é então coletada e evaporada aquecendo-a, mas sem fervê-la: tentamos mantê-la logo abaixo da temperatura de ebulição. Quando o sal estiver seco, coloque-o em um prato à prova de fogo e calcine-o.

O Sal é então colocado novamente em um frasco e dissolvido em água destilada, e o processo é repetido; quando a água destilada não deixa nenhum depósito visível no filtro, a purificação é suficiente e passamos para a próxima fase.

Se o Sal obtido por simples calcinação atingir uma coloração amarelada, avermelhada ou levemente alaranjada, não é necessário lixiviar. O Sal é colocado em uma pequena garrafa que é mais alta do que larga (cerca de uma proporção de 3/1), e o Sal é então derramado em cerca de doze vezes o seu volume de licor de maceração. Se a garrafa for bem escolhida de acordo com as quantidades, ela será enchida até cerca de um terço. Vamos fechá-lo bem e colocá-lo em um local bastante quente, por exemplo, em um radiador no inverno ou ao sol no verão. A circulação deve então começar e isso será notado pelo fato de que as gotas de álcool primeiro se depositam no copo na parte superior da garrafa e depois caem de volta no líquido. O licor deve descolorir. Quando a descoloração cessa, filtramos, recuperamos os sais e os calcinamos sempre colocando uma tampa no prato de calcinação. Deixa-se arrefecer e recomeça-se a circulação com o licor. Este ciclo deve ser continuado enquanto o licor descolorir.

A cada ciclo o Sal é carregado de impurezas que são evacuadas pela calcinação mas também é carregado de elementos positivos que a circulação fixa e que, portanto, resistem ao fogo. A cada ciclo a força do elixir aumenta, isso até que o Sal fique saturado com elementos positivos. Neste ponto, a circulação não é mais interessante.

Como nosso líquido de extração, nosso mênstruo, não é nítido, a descoloração não será total: a coloração do conhaque devido aos elementos vegetais do carvalho resistirá ao Sal.

Também aconselhamos neste caso não continuar cada circulação além de três dias e não circular mais de sete vezes.

Nota: Tenha cuidado durante esta experiência para não usar todo o seu Sal e para manter o valor de $\frac{1}{4}$ de um dedal em uma pequena garrafa à prova d'água. Da mesma forma, mantenha 2 a 3 cm³ de licor.

Ora et Labora!!

Lição 4: O Templo Alquímico, Princípios Gerais de Alquimia, A Necessidade de separar para purificar, Materiais necessários.

Dois problemas de terminologia podem surgir nesta lição.

A primeira diz respeito à palavra “medicina”. Na Alquimia, isso não é necessariamente interpretado como medicina humana. Por exemplo, o termo “medicamento vegetal” pode significar uma preparação derivada de plantas destinada a tratar o homem como um todo, bem como uma preparação destinada a tratar a própria planta. Da mesma forma, uma “medicina do metal” pode muito bem estar preocupada apenas com a “cura dos metais” ou simplesmente ser um remédio no nível da alma, sendo o metal o símbolo de um distúrbio ou fraqueza psicológica ou mental. Na Alquimia, apenas o contexto limita o significado ou a extensão do significado da palavra “medicina”.

A segunda diz respeito à palavra “tintura”. Uma tintura em Alquimia é um extrato de um princípio alquímico de Enxofre sozinho ou de uma mistura de Enxofre e Mercúrio, entendendo-se que o “tingente” é Enxofre.

I. FILOSOFIA ALQUÍMICA

Templo Alquímico

A DUALIDADE PRIMORDIAL está presente no Templo Alquímico assim como no corpo humano.

O Templo é um lugar de invocação, de oração, de meditação, de agradecimento pela alma e pelo espírito. Assim como o corpo, é um lugar de trabalho e experiências.

No Templo, os dois lugares devem ser distintos, e deve-se poder, seja por um véu, ou de qualquer outra forma, separar ou unir o oratório e o laboratório que, juntos, formam o Templo Alquímico.

Neste lugar, a matéria pode entrar mal cheirosa e o homem pode entrar com as mãos sujas; é um lugar de purificação das impurezas do mundo físico. Aqui, a primeira prova do aluno será talvez ter as mãos cobertas de bolhas depois de ter esmagado uma planta ou um mineral com um almofariz, ou avermelhar os olhos estudando um texto hermético e recalcitrante de Basílio Valentim ou Paracelso. No laboratório, o aprendiz pode ver a si mesmo ou o universo em uma réplica fervente e sentir a linha de demarcação entre a garrafa e o eu borrar.

Durante este trabalho de laboratório, secundário no início, o aluno perceberá que ele se torna sua principal razão de viver, e o Alquimista chegará ao estágio de realização onde ele será UM com o laboratório, ele mesmo UM com o Universo.

No laboratório que é um Templo, a Lei se revela em termos de livros, ervas ou minerais, mas ainda mais em seu próprio Ser. O conhecimento da Lei dá ao Adepto o poder de escolha.

No Templo Alquímico, o aluno aprenderá a ler as Assinaturas da Natureza e as leis que as regem. É seguindo essas leis e desenvolvendo seu próprio senso de Arte que o Alquimista fará, através dos processos de separação, purificação e reunião, os elixires e pedras dos vários reinos.

No reino vegetal, pode-se praticar com as chaves e familiarizar-se com as leis porque aqui, no pequeno trabalho, os poderes utilizados são mais fáceis de manejar e, geralmente, não envolvem consequências graves. Neste domínio, que no entanto não deve ser tomado levianamente pelos principiantes, o Templo-Laboratório pode ser mais facilmente utilizado porque, neste domínio, as experiências, as transmutações, dependem menos do estado psíquico do operador. Aqui a liberdade do Espírito e da Alma é mais preservada da violência do mundo do que no reino mineral porque é menos facilmente esmagada por reações negativas. Neste reinado, porém, já se pode iniciar o processo de formação da Pedra no próprio coração.

Agora, se a aplicação for em si, torna-se a Verdade, e a Pedra Interior será a Pedra Filosofal. O Ponto Focal do Laboratório vai transmutar o intangível.

Aqui aprendemos que a Lei é o equilíbrio e o laboratório nos conduz por um caminho elevado, o do verdadeiro Amor que dá mais do que pede. A Lei restaura a medida igual não como recompensa, mas para manter seu próprio nível de equilíbrio.

A Lei é a estrutura do trabalho. Para conhecer a Lei, é preciso ter a ferramenta, vislumbrar a verdade e a meta, e assim se tornar um Filósofo.

É preciso mais, no entanto. O Templo deve ser “animado”; deve ser um Templo vivo, e quando começa a se mover e se tornar uma entidade neste mundo, torna-se um estilo de vida, um poder e uma energia.

Assim como se diz que o cristão vê o mundo através dos olhos da consciência de Cristo, também se diz que o estudante alquimista vê o mundo como Deus manifestado. É um reflexo de Mim para Mim, Lei e Conhecimento são adicionados ao Amor.

O estilo de vida do Alquimista é um caminho íngreme, se não for retido pela bagagem pesada. A Lei revela: "Você será julgado como você julgou". O amor mostra como os "julgamentos" são pesados e como no laboratório eles

obscrecem as verdadeiras cores do corpo e da alma, acrescentando a cada um um embotamento e um peso que retardam os poderes do corpo como uma doença e do espírito. Torna-se óbvio que certos desejos podem se tornar irresistíveis: um carro novo, roupas novas, uma casa, a busca por dinheiro, o apego às pessoas, podem pesar todo o seu peso.

Não é que essas coisas sejam boas ou más em si mesmas, mas o estilo de vida que elas acarretam não deve se tornar um obstáculo no caminho; usá-los é bom, procurá-los à custa do tempo e da paz de espírito é uma perda de tempo e energia.

Não é uma coisa arbitrária ou um estilo de vida engessado: é melhor para quem segue o caminho deixar o Caminho ditar quais serão as necessidades para o dia que está por vir. A vida no Caminho deve ser vista cada vez mais como uma dádiva. Cada dia é preenchido com sua própria realidade e a própria vida assume uma dimensão diferente.

Princípios Gerais da Alquimia

Alquimia é evolução; e evolução é a elevação das vibrações, o refinamento ou transmutação do grosseiro para o sutil, das baixas frequências para as mais altas, do físico para o etérico. A alquimia afirma que este é o único propósito e propósito de toda existência, e então aponta para um caminho ou técnica pela qual a natureza é auxiliada na aceleração desse processo, tanto dentro do homem quanto em seu ambiente. Esse processo também pode ser descrito como uma busca pela perfeição, por uma vida maior e melhor.

Acredita-se comumente que o sonho alquímico era longevidade, saúde perfeita e a capacidade de transmutar metais em ouro, tudo por meio da Pedra Filosofal. Na realidade, esses atributos que dão satisfação aos materialistas são os produtos incidentais da busca profunda da união com o Eu mais elevado. Esta é uma aplicação da citação bíblica: "Buscai o reino de Deus e tudo mais vos será dado".

No entanto, a Grande Arte da Alquimia ou Sabedoria Hermética, ao contrário de certos caminhos do Oriente, não tenta negar o corpo ou tentar destruir o ego ou o eu inferior. A alquimia não tenta elevar o eu a realidades superiores por meio de práticas ascéticas ou puramente meditativas que levam ao descanso do processo de pensamento. Pelo contrário, as energias espirituais são concentradas, focadas e manifestadas no plano físico e material de uma forma mais prática. O Corpo e o Espírito tornam-se o Laboratório Alquímico interior no qual ocorrem a transmutação e a aceleração da evolução. O Corpo é gradualmente transmutado sob as influências combinadas de purificação, desintoxicação e regeneração, pelos elixires preparados no laboratório externo e de acordo com os princípios alquímicos. Sob a influência do Espírito e através do Amor e da disciplina desenvolve-se a aplicação na vida diária das leis fundamentais do Universo.

Essas Leis Universais, inseparáveis dos princípios alquímicos, emergem de um estudo das pulsações astrocíclicas e da Qaballa. Tudo isso não significa que as práticas meditativas

não tenham lugar na Alquimia, pelo contrário: a primeira necessidade para avançar no caminho é a invocação a Deus seguida da contemplação da Natureza.

Citando Israel Regardie, o Alquimista não só se preocupa com a purificação dos metais e com a eliminação das doenças da raça humana, mas também afirma que a Alquimia como ciência e arte fornece um meio de sintetizar todas as ciências e é um treinamento das faculdades intelectuais e espirituais. Além disso, a Alquimia difere de outros estudos esotéricos por enfatizar fortemente a prática do trabalho de laboratório, trabalho onde as teorias esotéricas podem ser demonstradas e aplicadas. Além disso, quando este trabalho é desenvolvido, pode revolucionar tanto a medicina ortodoxa quanto a terapia natural, a agricultura e o uso da Energia e da Vida. A alquimia é transmutação, revolução, renascimento e evolução tanto física quanto espiritualmente; a única barreira é a ausência de uma certa qualidade de consciência.

Como dito anteriormente, o processo alquímico é simultaneamente interior e exterior, a purificação física do corpo pelos preparativos do laboratório alquímico que servem para refinar suas energias tornando-o mais receptivo às vibrações cósmicas mais sutis. A mente aumenta sua percepção e a consciência sua expansão. Este aumento de consciência nos permite penetrar ainda mais nos elixires do laboratório que então alcançam vibrações mais altas, elevando-nos a um nível mais alto. E assim o processo continua e se acelera em uma espiral interna e externa, em uma evolução da consciência.

No entanto, esse processo raramente é tão fácil; as causas do bloqueio são muitas até que a consciência interior ilumine o caminho exterior. Então, a espiral que avança pode se desdobrar sem obstáculos na trilha.

Essa consciência interior também pode se manifestar no serviço externo, pois o objetivo de todo verdadeiro adepto é ajudar a tirar a raça humana de seus sofrimentos e misérias físicas e espirituais. A aceitação deste propósito é necessária e indispensável para o progresso no caminho.

A Qaballa e as pulsações astrocíclicas são concomitantes ao trabalho prático da Alquimia: a Qaballa e seu glifo, a Árvore da Vida, servem como ferramentas para estabelecer relações entre todas as coisas e entre o homem como um microcosmo com o macrocosmo exterior. Este projeto cósmico serve a muitos outros propósitos, no entanto. As pulsações astrocíclicas (astrológicas), em que eles são devidamente compreendidos e usados na vida diária, nos dão o controle sobre as influências celestiais, de modo que não estamos mais sujeitos aos caprichos da fortuna, mas podemos aproveitar ao máximo as boas influências e evitar muitas influências negativas.

Aquele que busca o trabalho prático de laboratório em conjunto com os diferentes aspectos da Alquimia terá que entrar em contato com vários tipos de assuntos ou técnicas tanto esotéricas quanto exotéricas, as quais harmonizarão e facilitarão o trabalho alquímico. Assim, quem adquire conhecimento e compreensão na Alquimia também obtém conhecimento e compreensão em tudo, mas de tal forma que todo conhecimento é sistematizado e transmutado pela Alquimia em uma Unidade onde Arte é Ciência e onde Ciência é Arte.

Essa síntese completa é maior que a soma de suas partes; tal síntese de arte e ciência ressoa e louva a Lei e a Ordem Divinas; Arte e Ciência se unem para servir ao Espírito que é Vida ou força vital.

II. TEORIA ALQUÍMICA

Voltaremos em parte ao que foi dito em nossa lição anterior.

Para compreender as alegorias literárias profundamente veladas da Alquimia e separar o trigo do joio, o que facilitará o avanço no caminho, devemos conhecer, compreender e praticar as leis universais sobre as quais a Alquimia e necessariamente todas as verdadeiras ciências ocultas e espirituais se baseiam.

Para simplificar, as leis fundamentais são as seguintes:

1. A origem do Universo é divina; o Universo é uma manifestação e uma emanção do Ser cósmico absoluto e UM; portanto, tudo é UM.
2. Todas as manifestações, sejam materiais ou de concepção mental, existem em virtude de uma natureza dual ou de opostos. Esta é a lei da polaridade ou dualidade. Cada conceito pode, assim, ser precisamente definido pela relação com seus opostos. A evolução das ideias procede por síntese, tese e antítese, e o processo se repete novamente em um nível superior. Uma maior elaboração dos diferentes aspectos da polaridade pode ser vista no estudo da Árvore da Vida Cabalística. Assim, temas de polaridade como sol-lua, masculino-feminino, criação-destruição, positivo-negativo, espírito-corpo, etc., são parte integrante do simbolismo alquímico e outros simbolismos ocultos.
3. Todas as manifestações físicas, sejam animais, vegetais ou minerais (os três reinos), são compostas de espírito, alma e corpo (três princípios essenciais). Eles são conhecidos na terminologia alquímica como Mercúrio, Enxofre e Sal, respectivamente. No reino vegetal, o Espírito está contido no álcool e é comum a todas as plantas, sendo abandonado por todas as plantas durante o processo de fermentação (morte) do corpo. O Espírito (☿ Mercúrio) é a força vital do Cosmos e sua essência vital, e representa o principal ponto de interesse do Alquimista. A Alma do Mundo das Plantas é o óleo essencial que todas as plantas possuem em graus variados. A Alma (♁ Enxofre) é a consciência dos três mundos (reinos). O corpo (☿ Sal) do mundo vegetal é o que resta depois que o Espírito se vai. Também é chamado de "Caput mortem" (cabeça morta). É então queimado até o estado de cinzas e, finalmente, sal branco. No reino mineral, o Espírito é comum a todos os metais; é o precioso Mercúrio dos Filósofos, o mais volátil dos ALKAESTS. Ele permite que a semente seja isolada do metal, que é um passo vital na preparação da Pedra Filosofal. O trabalho prático do laboratório de Alquimia, seja ele interno ou externo, inclui três processos básicos que são: "Separação, Purificação, Coação". Esses três processos são a base do processo evolutivo de todo trabalho alquímico. Este trabalho é também o da Natureza, e a Alquimia ajuda principalmente a Natureza acelerando este processo. Se observarmos o pouco trabalho ou a pouca

circulação das plantas, vemos que na Natureza quando uma planta morre, seu corpo é biodegradado e seus princípios essenciais voltam à terra para serem utilizados no ciclo de vida de outras plantas. O ciclo continua a menos que um animal coma a planta, caso em que as vibrações da planta são transmutadas para um plano superior pelo poder alquímico do reino animal vivo. No laboratório alquímico ao ar livre, uma erva é separada em seus princípios essenciais: óleo, álcool e caput mortem. Cada princípio essencial é então purificado usando calor (fogo) através de destilações, extrações e calcinações. O estágio final é a coobação, que constitui o renascimento em um plano superior. Assim a planta está fora do ciclo de biodegradação, renascendo pela elevação de suas vibrações a um ponto onde pode ser usado para um propósito maior, ou seja, como remédio para o reino animal. Este mesmo processo no mundo mineral resulta na preparação da Pedra Filosofal (a Grande Circulação) e muitos outros elixires menores. Os medicamentos preparados a partir de métodos alquímicos têm uma eficiência maior do que qualquer outro medicamento vegetal, pois contêm os três princípios essenciais purificados e coobados. As essências do reino mineral são geralmente de vibração mais elevada e efeito mais profundo do que as extraídas do reino vegetal.

4. Toda a matéria é composta de Fogo (energia térmica), Água (líquido), Ar (gás) e Terra (sólido), e o uso criterioso e hábil desses quatro elementos é parte integrante das manifestações alquímicas.
5. A quintessência ou quinta essência encontra-se dentro dos quatro elementos, mas não é nenhum deles; é um dos três princípios essenciais conhecidos como o Mercúrio dos Filósofos.

III. PRÁTICA ALQUÍMICA

Material necessário

Como não podemos realizar novos experimentos até que tenhamos estudado a destilação na parte teórica de nossas instruções, primeiro vamos nos preocupar com os elementos que devemos conhecer antes de abordar a instalação prática de nosso laboratório.

Em um antigo documento Rosacruz, é dito que os Irmãos Alquimistas devem ser econômicos em seu trabalho e operar com um mínimo de despesas.

Vamos, portanto, aplicar este ditado para a instalação do nosso laboratório.

Há toda uma parte do material que pode ser obtido por recuperação, ou com muito pouco dinheiro. Aqui está uma lista não exaustiva:

- pequenas garrafas de vidro com tampas de rosca
- potes de iogurte de vidro pequenos
- Frascos herméticos de boca larga, como café em pó, suco de frutas, etc.
- recipientes de vidro de 4 a 25 litros
- potes de plástico servindo como escuradores para cream cheese

- garrafas plásticas com água mineral
- algumas latas bem limpas
- pedaços quebrados de vidro de segurança grosso (8 mm)
- areia fina
- um velho toca-discos de 33 rpm
- uma prensa, como uma prensa de papel velha
- uma geladeira velha

Segurança no laboratório

Muitas vezes insistiremos nesta parte de nossos avisos: é realmente muito importante que cada um de nós tome todas as precauções necessárias para proteger nosso ambiente pessoal e a nós mesmos.

Cada uma das recomendações a seguir destaca uma instrução importante, mas é apenas um complemento aos textos legais oficiais ou promulgados pelos fabricantes. Portanto, é essencial que você consulte previamente esses textos.

Precauções

1. Conhecer a teoria da experiência planejada. Não tente nada ao acaso.
2. Estudar previamente as propriedades físicas e químicas dos produtos utilizados ou que serão produzidos durante o experimento.
3. Proteção do operador no laboratório:
 - a. respeitar as instruções de segurança para instalações de gás e eletricidade, etc.
 - b. nunca coma, beba ou fume no laboratório.
 - c. sempre use óculos protetor.
 - d. use luvas plásticas impermeáveis ao manusear líquidos ácidos ou básicos.
 - e. usar luvas de amianto para manusear líquidos quentes.
 - f. use luvas de amianto sobre luvas de plástico ao manusear líquidos quentes, ácidos ou básicos.
 - g. usar sapatos de couro ou plástico à prova d'água; evite sapatos de lona ou chinelos

- h. tenha um extintor de incêndio funcionando e um recipiente cheio de água fria à mão. Se tiver uma instalação de aquecimento elétrico, certifique-se de que o extintor é adequado para extinguir um incêndio elétrico.
- 4. Misture apenas líquidos desconhecidos em pequenas quantidades. Sempre proceda da seguinte forma: despeje um pouco de líquido em um tubo de ensaio, e para o outro líquido pegue outro tubo de ensaio, feche e afaste os frascos. Misture lentamente o conteúdo dos dois tubos de ensaio. O uso de óculos é imprescindível para este tipo de operação.
- 5. Nunca despeje um líquido frio em um líquido quente e vice-versa.
- 6. Nunca despeje água em um ácido.
- 7. Ventilação permanente do laboratório:
 - a. ao usar um solvente
 - b. em caso de aquecimento a gás
 - c. para expulsar gases perigosos
- 8. Sem chamas ao usar líquidos voláteis.
- 9. Utilizar preferencialmente aquecimento elétrico ao manusear líquidos voláteis.
- 10. Nunca cheire um frasco diretamente, mas empurre um pouco de ar com a mão em direção ao nariz.
- 11. Não respire solventes como acetona, tricloroetileno, etc., que sejam tóxicos ou perigosos, imediatamente ou ao longo do tempo.
- 12. Não manuseie sais metálicos ou metais sem luvas, pois alguns (antimônio, chumbo, mercúrio, etc.) são tóxicos em contato com a pele.
- 13. Não respire a poeira ao triturar um produto; operar ao ar livre, com capuz ou com máscara.
- 14. Coloque uma tela metálica entre o balão e a chama do gás.
- 15. Nunca leve à secura as destilações para todas as substâncias que dão peróxidos: éter, ácidos, etc. Apenas água ou álcool pode ser empurrado para a secura.
- 16. A proteção efetiva consiste em interpor entre o objeto de manipulação e o operador, uma folha de Plexiglas espesso, um vidro de segurança ou plástico similar sobre um suporte pesado para que se mantenha perfeitamente vertical.

No restante do curso, nos esforçaremos para alertá-lo sobre os riscos apresentados por cada experiência em particular.

Ora et Labora!!

Lição 5: A Natureza Esotérica do Trabalho, Condições para o Sucesso, Menstrum Volátil e Fixo, Destilação, Aparelho de Destilação, Vidraria

Nosso trabalho começa com uma visão geral sobre a leitura de livros necessários para nossas pesquisas e alguns dados sobre o conhecimento humano.

I. FILOSOFIA ALQUÍMICA

Natureza do trabalho esotérico

A maioria dos livros esotéricos podem ser classificados em duas categorias:

- Os mais comuns na maioria das vezes apresentam apenas assuntos de curiosidade, historicidade, erudição, seu interesse prático é nulo para nós.
- A outra categoria contém um certo grau de ensino, mas não há o menor alerta sobre o risco envolvido nesses estudos, sobre a realidade de sua natureza, o que faz com que muitos estudantes do esoterismo desequilibrem em relação à vida cotidiana em vez de florescer.

Embora tudo o que será dito seja destinado a facilitar o curso do caminho alquímico, deve-se notar que essas regras gerais permanecem válidas para qualquer disciplina esotérica.

A leitura de livros alquímicos antigos ou modernos é bastante surpreendente: o hermetismo é tão grande, as aparentes contradições entre vários autores tão numerosas que parece trazer apenas um pequeno lucro.

Surge então a questão de saber se esses livros podem ser úteis, podem ser entendidos e o que pode justificar esse grau de sigilo.

Todos os autores antigos concordam que somente Deus pode confiar o segredo. Então, por que recusar a técnica ou o conhecimento do caminho que permite a todos se apresentarem sozinhos a este julgamento final.

Certos filósofos, que se tem o direito de acreditar que foram tocados pela Graça e pelo Amor Divino, devem ter tido razões muito sérias para ocultar assim o caminho da Revelação Pessoal.

A primeira razão para esse silêncio tem a ver com o estado da sociedade na época em que esses livros foram escritos. Naqueles tempos em que a todo-poderosa Igreja Católica mal tolerava livros de química e meditação, ela certamente teria destruído os livros que autorizavam a Revelação Pessoal, a iniciação pessoal.

A segunda razão tinha mais a ver com a ordem social: em uma época de obscurantismo onde poucas pessoas tinham a capacidade de avaliar a dificuldade de um problema e sua verdadeira natureza, a exposição das dificuldades alquímicas teria levado muitas pessoas a

deixar suas ocupações para se dedicar à Arte Alquímica e qual seria o uso do ouro se não um produzisse pão? Havia, portanto, nesses livros o risco de destruir as estruturas sociais.

A terceira razão é que é necessário ter um certo estado de consciência, uma maturidade interior e intelectual. Ser uma Alma Antiga, fazer a Jornada Iniciática com chance de sucesso.

Em nosso tempo, uma maior tolerância permite abrir mais amplamente a porta deste primeiro exame para que mais seres humanos possam vir sozinhos e livres pedir este Segredo Supremo e obtê-lo se tal for a Sua Vontade.

Condições de sucesso

Se o Ser se esconde atrás do Véu do Templo, se Ele se manifesta apenas em Sua Glória e Seu Poder, se Ele criou em Sua onipresença esse vazio, esse nada onde estamos, existe sem dúvida por boas razões, duas das quais podem ser resumidas aqui.

A primeira é que o homem feito à Sua Imagem e feito à Sua Essência deve ser momentaneamente despojado de seus poderes, de suas faculdades para testar seu livre arbítrio sob condições de limites tais que em nenhum caso seus erros ameacem o Cosmos.

A segunda é que o homem, por meio dessa ruptura do contato consciente com o Divino, encontra assim seu verdadeiro livre arbítrio, porque é somente na total solidão que o homem é verdadeiramente livre. Esta é uma das grandes razões desse sigilo que deve ser respeitado: quem não deu prova de certo grau de maturidade no uso de seu livre arbítrio não pode obter a certeza tangível da existência do Ser ou dos mundos supra-sensíveis. Para ele, a natureza das leis físicas permanece inflexível e a transmutação não é acessível a ele. Quando sua evolução interior for suficiente, será possível o acesso às leis dos mundos superiores e essas leis que transcendem as do mundo físico lhe darão a possibilidade de transmutação.

Não se deve esquecer que essas leis são hierárquicas e que o acesso ao absoluto só se faz por etapas sucessivas.

Disto se segue que as pretensões dos parapsicólogos de demonstrar de maneira tangível os poderes superiores do espírito são errôneas, porque a tentativa de mostrar seus poderes em público os anula porque está em contradição com a intenção cósmica; ela desarmoniza o operador que falha, enquanto seu sucesso em particular é certo. Esses experimentos são tentativas de submeter Deus ao escrutínio da ciência materialista e isso é impensável. Se ela quer saber, cabe a ela mudar seus métodos

II. TEORIA ALQUÍMICA

O primeiro experimento que oferecemos é elementar, mas interessante, mesmo porque mostra a baixa quantidade de sal colhida. Para alcançar outro nível de experimentação, precisamos examinar detalhadamente três importantes processos alquímicos: destilação, extração e fermentação (ou putrefação).

Só o conhecimento destes três processos permite produzir e utilizar as chaves alquímicas que são os Menstruos.

Daremos a você o mais rápido possível todos os elementos relativos à destilação, porque é necessário praticá-la para obter o domínio intelectual e manual dela e, assim, poder passar da destilação clássica à destilação filosófica. A extração, em si, muito menos delicada que a destilação, virá em segundo lugar.

O terceiro estudo será referente à fermentação. Isso pode parecer surpreendente, mas a fermentação é a chave que abre todas as fechaduras da Natureza. Dizemos que a fermentação metálica é o segredo do Fogo Secreto dos Alquimistas.

Menstruos

Na Alquimia, chamamos Menstra ou Menstruo os líquidos que têm um poder de dissolução ou extração dos princípios das misturas. Em geral, o Mercúrio próprio de um reino é um excelente mênstruo para esse reino. Muitas vezes, a palavra Alkahest designa um mênstruo que tem um poder limitado: às vezes atua apenas sobre um dos princípios, Enxofre ou Mercúrio; ou em outros casos, ele só tem efeito em parte de seu reinado. Por exemplo, existe um Alkahest semi-metálico que é satisfatório no reino mineral, mas não no dos metais.

O mênstruo é geralmente obtido ou liberado por fermentação ou putrefação e é separado por destilação. No reino vegetal, o Mercúrio é o álcool vegetal. Como indicação, temos as seguintes sequências:

Uvas + fermentação → suco fermentado + destilação → Álcool ou Mercúrio

Isso é válido para todos os voláteis do reino vegetal.

Se realizarmos uma segunda fermentação temos:

Suco fermentado ou Álcool + fermentação = vinagre ou ácido acético.

O ácido acético é um mênstruo fixador de acordo com a concepção alquímica.

É quase o mesmo no reino mineral, quando sabemos como iniciar a fermentação metálica.

A fermentação, destilação, purificação e acuação do mênstruo são operações necessárias que serão objeto de estudo posterior. No entanto, ainda é útil saber que:

- Um mênstruo é um ser vivo, ou seja, quanto mais puro, mais sensível se torna às influências psíquicas.
- Um mênstruo é contaminado por ruídos desarmônicos, por palavras negativas, por pensamentos egoístas ou prejudiciais. Quanto mais o mênstruo se aproxima da perfeição, mais o operador deve estar vigilante em ações, palavras, pensamentos.

Em linguagem simbólica, podemos dizer que o mênstruo começa no laboratório e termina no Templo.

Labore Orare - Trabalhar e Rezar

Nota: Muitas vezes falamos na Alquimia de um solvente universal, isto é, de um mênstruo capaz de atuar em todos os reinos e em todas as coisas. O que levou as mentes negativas a dizerem que não era possível, pois esse removedor dissolveria seu recipiente. Na realidade, esse mênstruo decompõe as misturas, mas o vidro que é um corpo morto não é uma mistura e, portanto, resiste ao mênstruo.

PRÁTICA ALQUÍMICA

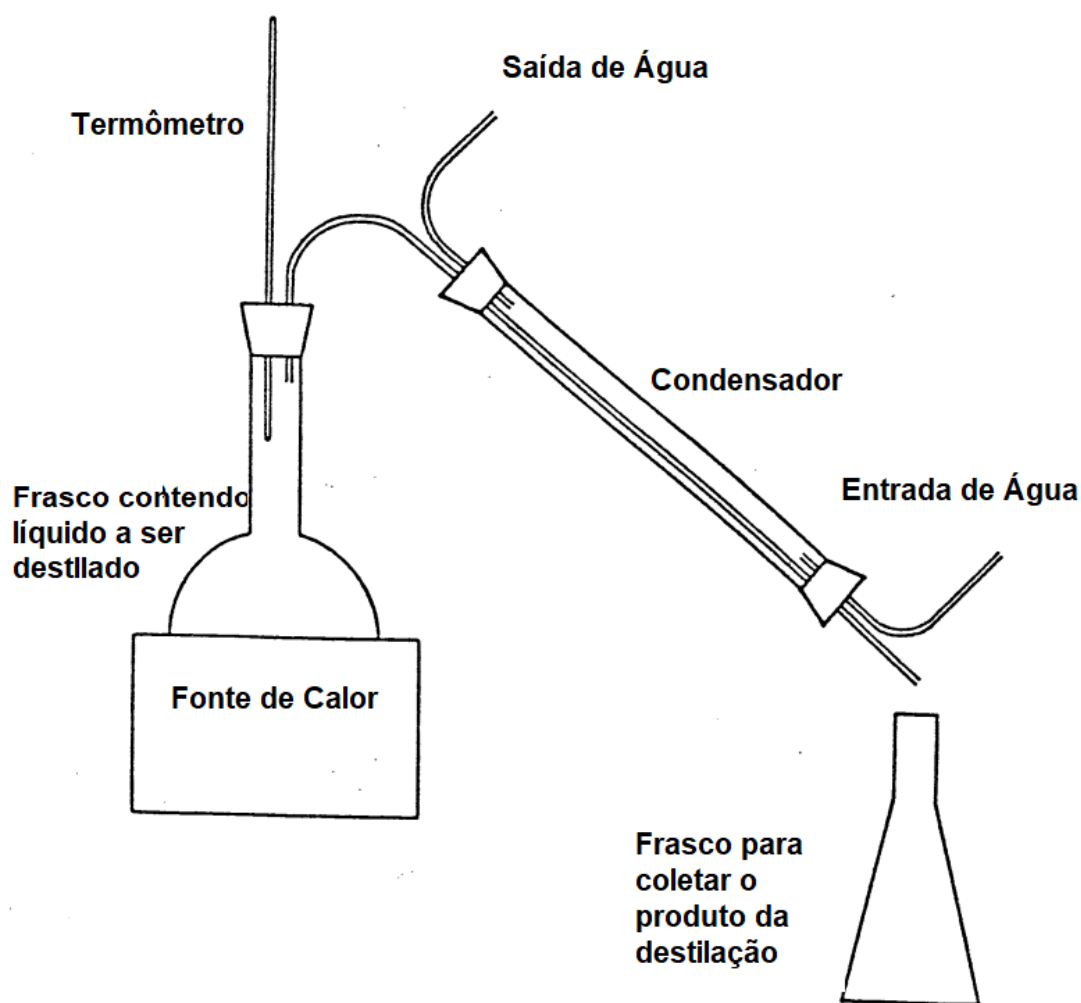
Começaremos o estudo da destilação procurando mostrar em etapas o que separa a destilação clássica da destilação filosófica.

Na nossa primeira parte, tomaremos como exemplo a destilação do vinho, pois este líquido é bastante conhecido e facilmente se encontra informação adicional sobre este assunto em livros comerciais.

Existem seis tipos de destilações na Alquimia:

1. destilação ordinária
2. retificação
3. destilação fracionada
4. destilação a vácuo
5. destilação a vapor
6. destilação filosófica.

O objetivo da destilação é separar dois ou mais líquidos misturados, sendo essa separação baseada na diferença de temperatura de ebulição dos líquidos. Quem ferver primeiro vaporiza primeiro. O trem de destilação inclui um frasco e seu sistema de aquecimento, um resfriador do condensador e um frasco receptor para os líquidos destilados. Isso é descrito no quadro e pode ser facilmente alcançado.



Seu funcionamento é o seguinte: a manta de aquecimento aumenta gradativamente a temperatura do líquido e assim que a temperatura do líquido mais volátil é atingida, formam-se vapores. O termômetro mostra um rápido aumento de temperatura, os vapores entram no tubo do condensador onde se condensam, o líquido flui gota a gota para o frasco receptor.

O termômetro é um guia muito bom nas operações de destilação. Não deve estar em contacto com líquidos porque é a temperatura do vapor que é importante.

Então, vamos supor que nosso dispositivo esteja carregado com vinho. Assim que começa a ferver, o termômetro sobe e para em torno de 70 a 72 °C. A água de resfriamento do condensador deve então circular e gotas de líquido caem no frasco receptor. Devem ser descartados até que a temperatura se estabilize em torno de 78 °C. Neste momento, o líquido deve ser armazenado (entre 70 e 78 °C, os líquidos coletados são muito voláteis e não são o álcool que queremos). A temperatura então sobe muito lentamente. Assim que atingir 82 a 83 °C, deve-se retirar o frasco de recepção por onde passou o álcool do vinho. Se continuássemos a aquecer rapidamente, a temperatura chegaria a 100 °C, que é o ponto de ebulição da água.

Com o tipo de dispositivo representado no quadro, a qualidade da destilação depende apenas da lentidão com que ela será praticada. Se retirarmos o vinho residual do frasco de aquecimento e o substituirmos pelo álcool destilado, procedemos a uma segunda destilação geralmente chamada de retificação. Dois fatos devem ser observados: o platô de temperatura em 78 °C é mais longo que o anterior. Quando há pouco líquido para destilar, de repente fica turvo com o aparecimento de nuvens esbranquiçadas, a temperatura aumenta rapidamente. A destilação deve ser interrompida e o resíduo esbranquiçado descartado.

O álcool pode ser retificado 5 ou 6 vezes seguidas, até que a temperatura permaneça em 78 °C durante toda a operação e não apareçam mais nuvens esbranquiçadas. Nosso álcool é retificado, mas não é álcool absoluto, pois esse processo não permite a purificação total. No entanto, já é um bom mênstruo para extrações de plantas feitas com o aparelho Soxhlet.

Nota: Em todos os condensadores, a entrada de água fria deve ser sempre por baixo. A manta de aquecimento elétrica deve ter um regulador de aquecimento. O aquecimento a gás é possível, mas altamente desaconselhável, pois o álcool se torna muito inflamável após as retificações.

Não se esqueça de destilar junto algumas pedras de ebulição no álcool (pequenos pedaços de lava, pedra-pomes). As destilações finais são vantajosamente realizadas em banho-maria. Em uma placa elétrica controlada por termostato, uma pequena camada de óleo na água do banho evita que ela evapore.

Aparelho de destilação

As peças que compõem este conjunto podem ser adquiridas prontas em revendedores especializados. Aqui estão algumas dicas sobre os componentes de “vidro” do quadro.

O vidro é um material muito importante na Alquimia, mas seu uso não é tão simples quanto geralmente se pensa. Atualmente, existem três tipos de vidro disponíveis:

- Vidro químico: utilizável até 350°, é frágil, sensível a choques térmicos, deve ser resfriado lentamente. Seu uso não é recomendado para qualquer coisa que precise ser aquecida.
- Vidros de borossilicato: muitas vezes conhecidos como "Pyrex", sua temperatura máxima de uso é de 400°, porém uma garrafa de vidro de borossilicato aquecida a 100° pode ser imersa em água fria. Este vidro não pode ser trabalhado direto na chama sem oxigênio, exceto em pequenas seções.
- Vidraria de quartzo ou sílica fundida: atinge 1300 ° e pode ser imersa em água fria quando aquecida a 1000 °. Seu preço é alto e resiste mal a certos sais vegetais fundidos

Dois projetos são possíveis: montagem por conjunto de peças que são montadas por lapidação (29/32 exceto termômetros que têm lapidação de 14/23). Estas peças são feitas de vidro borossilicato. Recomendamos o uso de um balão de 2 litros. Você mesmo pode fazer a montagem. No entanto, você pode comprar o balão de 2 litros com uma junta de terra 29/32 que será útil para trabalhos posteriores.

Todos os tubos são de vidro borossilicato, o corpo do condensador é um tubo de 28 mm, outros tubos são de 8 mm de diâmetro externo. Um cortador de tubos é necessário para o de 28 mm. Todas as extremidades dos tubos cortados devem ser aquecidas à chama para que ocorra um leve derretimento ao redor delas.

Mais detalhes serão fornecidos em lições futuras.

Nota: Acuação, do verbo acuer, é um termo antigo que pode significar tanto refinar como também tornar mais penetrante, mais forte.

Ora et Labora!!

Lição 6: Fé, Conhecimento e Entendimento, Plantas: atribuições e órgãos, Destilação Fracionada

O sucesso do nosso trabalho depende da nossa capacidade de identificar corretamente os componentes. Além disso, hoje vamos nos concentrar na definição de fé, conhecimento e entendimento.

I. FILOSOFIA ALQUÍMICA

O funcionamento da mente humana resulta na produção de ideias que podem estar no domínio de opiniões, noções, crenças ou erudição. É esta massa intelectual e espiritual que constitui para cada um de nós a manifestação de sua personalidade.

As ideias são hierárquicas no sentido de que nem todas têm o mesmo valor ou o mesmo grau de certeza, e devemos nos esforçar para adotar o mais alto e mais seguro, sem preferências injustificadas. Você não precisa se apaixonar por suas idéias ou seus conceitos.

A origem e o comportamento das ideias permitem classificá-las em três categorias principais: as da fé, do conhecimento e do entendimento:

- A fé não é exclusivamente do domínio religioso, mas também do domínio da ciência e infelizmente está na base da maioria das ideias do nosso tempo. É uma ideia gratuita, muitas vezes plausível, mas impossível de demonstrar, e que se baseia apenas em simples afirmações. A fé pode ser científica; o postulado da geometria de Euclides em que se baseia toda essa ciência está em seu domínio. Toda leitura está no domínio da fé, porque as ideias só podem se tornar conhecimento através da experiência pessoal.
- O conhecimento está em um nível superior: há uma correspondência lógica ou convergência entre a ideia e as percepções sensoriais; as últimas podem ser realidades ou ilusões: enquanto estivermos em seu domínio, o conhecimento dá explicações satisfatórias e nos permite prever os fatos.
- O entendimento corresponde a um nível ainda mais elevado, a uma certeza interior independente da experiência sensorial. É obtido pela meditação, é realizado pela intuição. É a consciência da unidade em todas as coisas.

No conhecimento, as ideias podem ser divididas em duas categorias. Aqueles que correspondem a percepções da natureza e que possuem certo grau de harmonia com ela; reflexos das leis da natureza, o homem não pode alterá-las. Ele só pode usá-los ou dominá-los submetendo-se a eles. A outra categoria corresponde às convenções humanas; seu valor é prático, mas não real. A justiça é uma lei da natureza em todos os assuntos; a lei é uma convenção artificial dos homens.

A ciência pode ir além do conhecimento e alcançar o entendimento, ou permanecerá na ilusão externa das coisas e dos fatos? Vamos tentar responder a esta importante pergunta.

A palavra ciência é prestigiosa para as multidões do nosso tempo. É quase mágico para quem não o entende, e todos o interpretam de acordo com seu reflexo favorito das coisas.

A ciência não produz nada prático. As conquistas da eletrônica, mecânica, química, medicina estão no campo da técnica. A técnica é o uso do conhecimento para dominar a matéria. A ciência só faz teorias. É um trabalho de pura curiosidade.

Na verdade, isso deveria ser mais matizado. As teorias da ciência ajudam a tecnologia, e as conquistas da tecnologia ajudam a ciência. Os métodos intelectuais são os mesmos para o técnico e o cientista. É o estado de espírito que faz de você um ou outro. O método científico consiste em duas partes: experimentação acompanhada de raciocínio indutivo e dedução matemática.

Experimentação é o estudo e observação de fenômenos naturais, induzidos ou espontâneos. A indução permite a generalização, a passagem do um ao múltiplo. A matemática também inclui duas partes: uma é puramente dedutiva na análise dos fenômenos e a outra é a parte de cálculo que estima sua força. Hoje em dia, eles são considerados uma coisa complicada e misteriosa principalmente quando são mal explicados. Eles são simplesmente uma aplicação sistemática do raciocínio dedutivo.

Uma fórmula, uma equação, dá o mesmo resultado obtido por uma longa série de raciocínios. A sua utilização é um expediente que evita refazer toda a demonstração realizada no momento do primeiro estudo do problema.

O técnico experimenta em tamanho pequeno ou natural e, para ele, o cálculo é apenas uma ferramenta para determinar a solidez das peças ou os valores das correntes necessárias de elementos conhecidos durante os experimentos anteriores.

O cientista usa a experiência como ponto de partida e através da lógica ou matemática tenta construir uma teoria através da qual imagina novas experiências que irá consolidá-las ou destruí-las.

O objetivo dessas teorias é explicar todo ou parte do mecanismo da natureza, o como das coisas, tendo a própria ciência excluído de seu domínio a busca dos porquês originais. Ela estuda o funcionamento da ferramenta-natureza sem se preocupar com seu uso.

A experiência mostra que essas teorias nunca explicam a coisa toda. A verdade parece fugir diante delas. À medida que as teorias avançam, cresce a imensidão do abismo da ignorância que as precede. Um problema resolvido leva a dez novos. A história da ciência mostra que essas teorias têm uma vida relativamente curta. Às vezes, teorias irreconciliáveis permanecem sem que os cientistas possam decidir entre elas.

O cientista e o técnico seguem o mesmo processo: experiência inicial, raciocínio dedutivo, experiência de controle. Um é especulativo, o outro prático. O raciocínio dedutivo em harmonia com as leis da natureza, ele próprio dedutivo, é seguro. Mas a partida e a chegada com base em nossos sentidos não são mais confiáveis do que eles. O uso do microscópio, telescópio, raios X melhora as possibilidades sensoriais, mas não ultrapassa os limites do físico. A ciência, portanto, conhece das coisas apenas as consequências externas da expressão sensorial e ignora as causas internas não físicas.

Fé e conhecimento, são transmitidos por palavras e em particular por nomes e entende-se que os nomes são nomes reais, arbitrários, porque aqueles aludidos no primeiro capítulo do Gênesis são os nomes verdadeiros e trazem consigo o entendimento. De acordo com alguns ocultistas, sua pronúncia cria a coisa. Neste caso, é o nome espiritual dos seres e das coisas. A classificação por gênero, grupo, família evidencia a unidade e o vínculo comum das coisas na aparente diversidade da natureza. Discutiremos em nossa próxima lição três pontos que de fato têm uma causa comum; primeiro, por que a ciência não pode alcançar o entendimento; em seguida, como se pode perceber objetivamente a diferença entre conhecimento e entendimento; finalmente, como o misticismo leva ao entendimento.

TEORIA ALQUÍMICA

Vegetais

Como iniciamos nosso trabalho com plantas, é necessário um estudo preliminar das plantas.

Dependendo do que está sendo feito, plantas frescas ou secas podem ser usadas para a extração de óleos etéricos. Para outras preparações (pedra vegetal ou purificador de mênstruo), é preferível o uso de plantas frescas.

Note, no entanto, que do ponto de vista alquímico, a dessecação não faz perder as propriedades da planta. Pode-se usar a planta inteira ou apenas uma parte, raízes, cascas, folhas, flores, frutos, isso de acordo com as propriedades medicinais de cada uma..

Preparação da planta

- Casca: deve ser retirada dos troncos ou galhos de árvores jovens no outono ou início da primavera. Limpe e corte em fatias finas que serão secas no escuro.
- Raízes: devem ser colhidas logo após a queda das folhas ou logo antes da primavera, quando a seiva ainda está nelas.
- Sementes e flores: são colhidas apenas quando estão perfeitamente maduras; eles devem ser rapidamente secos à sombra.
- Folhas: devem ser colhidas quando a planta está em flor e secas rapidamente à sombra.
- Frutos e Bagas: devem ser colhidos completamente maduros e secos rapidamente à sombra.

Uma das melhores maneiras de secar as plantas é espalhá-las em uma folha de papel limpa em uma sala escura, mas bem ventilada. Em seguida, eles serão mantidos no escuro em caixas herméticas após serem reduzidas a pó. Os alquimistas atribuem a cada um dos sete planetas um certo número de plantas, esta explicação vos será feita na nossa Lição nº 8.

- As plantas do Sol curam o coração e o sangue.
- As plantas da Lua curam o cérebro.

- As plantas de Vênus tratam as verrugas.
- As plantas de Saturno curam o baço.
- As plantas de Júpiter curam os pulmões.
- As plantas de Marte curam a vesícula biliar, o pâncreas.
- As plantas de mercúrio curam o fígado.

Existem diferentes atribuições planetárias dependendo se consideramos o órgão ou a função. O sol cura o coração, mas o sangue pode ser atribuído a Marte.

As plantas de Vênus curam os órgãos genitais e os órgãos de excreção. Saturno cura o baço, bem como o esqueleto e os ossos.

Alguns autores atribuem os pulmões a Mercúrio, o signo de ar, e a Júpiter as funções hepáticas e renais.

PRÁTICA ALQUÍMICA

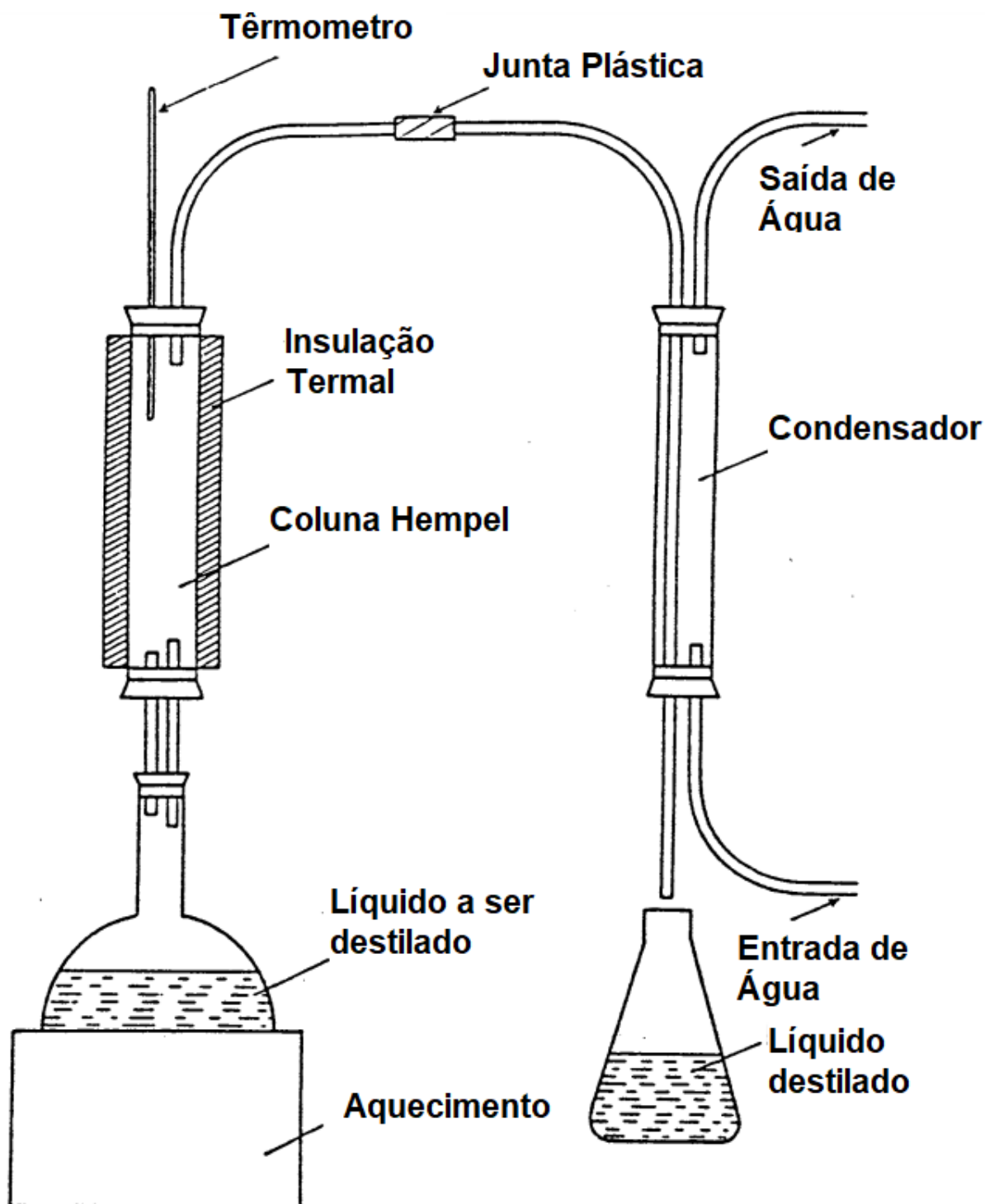
Destilação fraccionada

Ao contrário da destilação simples estudada anteriormente, esta permite purificar um produto em poucas operações (3 ou 4).

Existem vários tipos de colunas de destilação fracionada:

- com placa
- com os chamados pontos Vigreux
- com anéis

É este último tipo que vamos estudar tomando como exemplo a mistura água/álcool. A montagem desta operação é mostrada na figura a seguir.



Os vapores que chegam à coluna aquecem os anéis e condensam; eles são cobertos com uma mistura de água/álcool mais rica que a contida no balão. A água menos volátil que o álcool condensa primeiro. Como resultado, os vapores ascendentes ficam esgotados em água e enriquecidos em álcool. Eles lavam uma mistura cada vez mais rica em álcool à medida que sobem na coluna. O líquido depositado nos anéis, mais baixo em álcool, desce e volta a cair no frasco de aquecimento. Portanto, é necessário dotar o fundo da coluna com dois tubos: um para os vapores, outro para o retorno do líquido. O vapor que atinge o topo da coluna é enviado ao condensador e o álcool destilado é coletado em um frasco.

A qualidade do álcool aumenta se a coluna for isolada termicamente. Duas ou três destilações com este sistema dão o mesmo resultado que seis ou sete destilações simples.

Ressalta-se que o volume dos anéis varia de acordo com o produto a ser tratado.

Como no sistema anterior, você pode fazer esse conjunto de destilações, seja com peças prontas, ou com equipamentos que você mesmo pode fazer.

A coluna de destilação contendo os anéis é vendida sob o nome “Coluna Hempel”, os anéis sob o nome “Anéis Raschig”. Existem também pequenos anéis chamados “anéis serpentinados”. Os caríssimos anéis Raschig podem ser substituídos por tubos de vidro cortados ou mesmo por pedaços de vidro de segurança.

Nota adicional

Durante esta lição e nas seguintes, continuaremos a descrever um certo número de materiais necessários para a realização de vários trabalhos alquímicos. Faremos o possível para dissecar os processos operacionais de forma que fiquem muito claros, mesmo para um operador inexperiente.

No entanto, queremos insistir no facto de a aquisição de todos estes equipamentos não ser obrigatória ou mesmo desejável à primeira vista, o valor destes equipamentos é muito importante, e a despesa só se justifica se tivermos a certeza do caminho que escolhemos.

Ora et labora!

Ponto de Ebulição

Ácido Acético	118 °C
Água	100 °C
Éter	89 °C
Etanol	78.5 °C
Acetato de etila	77.1°C
Metanol	64.7 °C
Acetona	56.2 °C

Lição 7: Ciência e Entendimento, Montagem do Laboratório

Voltemos ao tema desenvolvido no aviso anterior e procuremos responder às três questões seguintes:

- Por que a ciência não alcança o entendimento?
- Como podemos perceber objetivamente a diferença entre conhecimento e entendimento?
- Como o misticismo leva ao entendimento?

Esta aula não incluirá uma parte teórica porque a atribuição planetária de plantas constituirá a totalidade de nossa próxima lição.

FILOSOFIA ALQUÍMICA

A ciência não pode chegar ao entendimento porque seus experimentos são conduzidos em laboratórios onde prevalecem condições artificiais que falsificam os mecanismos. Somente a Natureza em suas condições originais pode levar ao entendimento. Além disso, a ciência não pode saber o que ignora e não procura. Não conhecendo a diferença entre conhecimento intelectual e entendimento espiritual, retirou este último de seu campo de investigação e considera que ele não existe.

A religião, se não nega sua existência, a considera já revelada e indigna de pesquisa. Somente o misticismo busca restabelecer o vínculo sutil que une conhecimento e entendimento. Um exemplo simples, retirado da Natureza, mostra-nos a diferença entre conhecimento e entendimento, bem como a natureza do vínculo que os une.

Ninguém jamais viu um coelho envenenado nos campos. Sozinho, ele escolhe a erva que o nutre, ou até mesmo o cura. O mesmo coelho trancado em uma gaiola se envenenará assim que for servido uma escolha infeliz de grama cortada. O naturalista examina se as folhas são opostas ou alternadas, ou conta o número de pétalas de flores, ou outros detalhes semelhantes; ele será capaz de dizer se é *agropyrum repens*, ou seja, quackgrass ou *euphorbia*, mas ele não será capaz de dizer se é uma planta venenosa antes de tê-la experimentado à custa da vida. Ele está no domínio do conhecimento. Na Natureza, o coelho reconhece a assinatura da erva que o avisa se é boa ou não é ou mais exatamente, lhe indica o grau de harmonia recíproca. Se ele está doente, seu complemento harmônico não é mais o mesmo e ele escolhe a erva que não interfere em sua condição e que o cura.

Seu guia fundamental é escolher o que lhe agrada, o que está em harmonia com ele. Para que isso seja válido, a harmonia fundamental deve estar de acordo com o Cosmos, ou porque a queda não foi feita, ou porque houve uma re-harmonização.

O entendimento é o mesmo que um sentimento de amor interior. Como o coelho não está mais ciente do grau harmônico da grama quando é cortada, concluímos que a ferida fatal na grama causou a partida de seu corpo psíquico e com ele das Assinaturas da Natureza que residem na alma de Natureza, o princípio da vida. O coelho, não tendo caído, lê as Assinaturas da Natureza através de sua percepção espiritual e, portanto, possui conhecimento inato. A ciência que estuda os seres mortos, portanto, ignora suas

assinaturas perdidas, que são as verdadeiras causas das coisas. Busca, portanto, causas em fatos que já são consequências.

Para ser mais preciso, vamos tentar mostrar os mistérios da Natureza. Assim como o físico se divide em três reinos, mineral, vegetal e animal, da mesma forma, o princípio da vida, a psique, a quarta dimensão, todas as coisas idênticas, sob nomes diferentes, são hierarquizadas em três níveis correspondentes aos três reinos. Quando a planta é cortada, seu princípio de vida desaparece, permanecendo apenas o correspondente ao mineral. A constituição física do vegetal permanece, pois o retorno ao pó da terra (reino mineral) dos elementos físicos é lento se não for acelerado pelo fogo. O animal tem então apenas a assinatura mineral, a dos elementos simples, enquanto a estrutura física ainda inclui as moléculas complexas do reino vegetal. A intoxicação é causada pela imposição de um modo artificial de alimentação. A queda que priva o homem da percepção espiritual do Amor Interior da harmonia o coloca nas mesmas condições que o coelho diante de sua comida morta.

É através da percepção espiritual e psíquica que o conhecimento das coisas é alcançado, a percepção espiritual interior dá a leitura das Assinaturas da Natureza que constituem um conhecimento absoluto livre de todo erro.

O conhecimento intelectual é muitas vezes confundido com o conhecimento espiritual; um vem do cérebro, mas o outro é transmitido pelo coração. É verdade que, para transmiti-lo, somos obrigados a intelectualizá-lo, ou seja, fazê-lo passar pelo estreito simbolismo das palavras, que o limita e apenas lhe dá um aspecto distorcido. O verdadeiro entendimento é intransmissível, cada um só pode adquiri-lo por si mesmo, por seu próprio desenvolvimento interior. Não se trata, portanto, de adquiri-lo por meio de sistemas, de símbolos mais ou menos complexos, mas de buscar perceber diretamente esse saber; uma das chaves para essa percepção é a re-harmonização, a reintegração.

Vamos reexaminar a diferença entre fé, conhecimento e entendimento. A fé é uma coisa insatisfatória, na melhor das hipóteses é uma suposição inquieta em oposição ao entendimento que é uma certeza serena. É este aspecto que explica por que a fé é intolerável e porque temerosa, enquanto o entendimento é benevolente porque forte e inabalável em sua certeza.

A fé não é um pensamento exclusivamente religioso. A ciência também tem suas “fés”. O postulado de Euclides referido em nosso último aviso é uma fé, atualmente contestada no mundo atômico e astronômico.

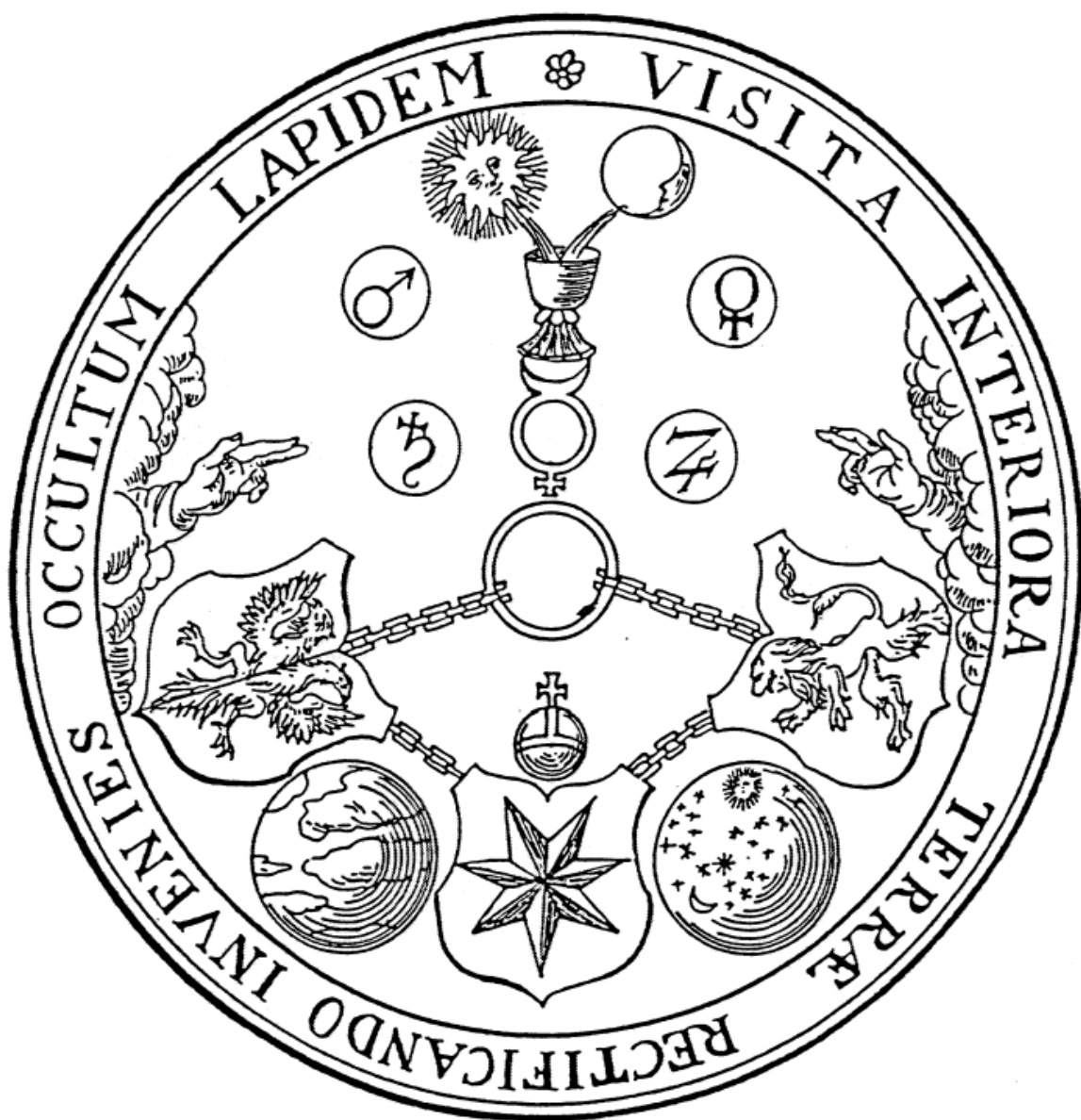
A fé é esse passo necessário do conhecimento, dá coragem para começar. O entusiasmo deve acompanhá-lo se o caminho escolhido despertar luzes interiores superiores. Mas deve ser considerado como um primeiro passo que deve ser superado.

O próximo passo é o conhecimento, já não dizemos “eu acredito”, mas sim “eu sei”. Assim, no campo científico, a experiência transforma a fé em conhecimento, pois há uma identidade entre a hipótese incerta e o mecanismo da natureza. O conhecimento é apenas uma certeza física e sensorial, mas demonstra uma identidade entre pensamento e mecanismo sensorial.

A pesquisa científica materialista tem um lado positivo, porque mostra uma convergência para a unidade, pelo menos em alguns ramos. Embora a unidade permaneça inacessível para eles, eles mostram seus próprios limites e os encorajam a olhar em outras direções.

As primeiras etapas do desenvolvimento psíquico mostram ao adepto no caminho a realidade e a dualidade do Ser, ele atinge um nível maior de conhecimento. No domínio da ontologia, ele substitui “eu acredito” por “eu sei”.

Isso resulta em uma melhor relatividade das coisas do que pode ser dada pela ciência. Daí a tolerância do místico que é a aceitação do exame sem prejuízo das convicções alheias. Ele entende que a cada estágio evolutivo corresponde um nível de fé, conhecimento ou conhecimento, e que o erro é apenas um conhecimento inferior que desaparecerá com o progresso de cada um.



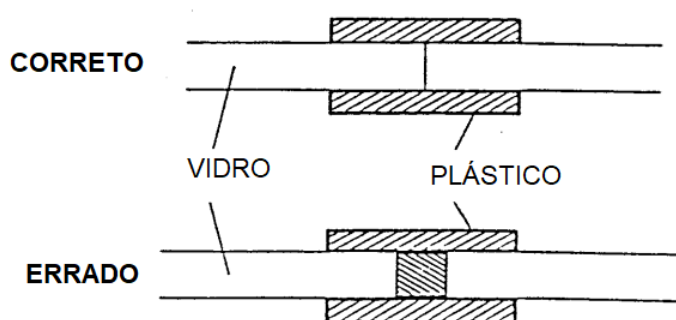
Símbolo de Basil Valentim

PRÁTICA ALQUÍMICA

Destilação fracionada (continuação)

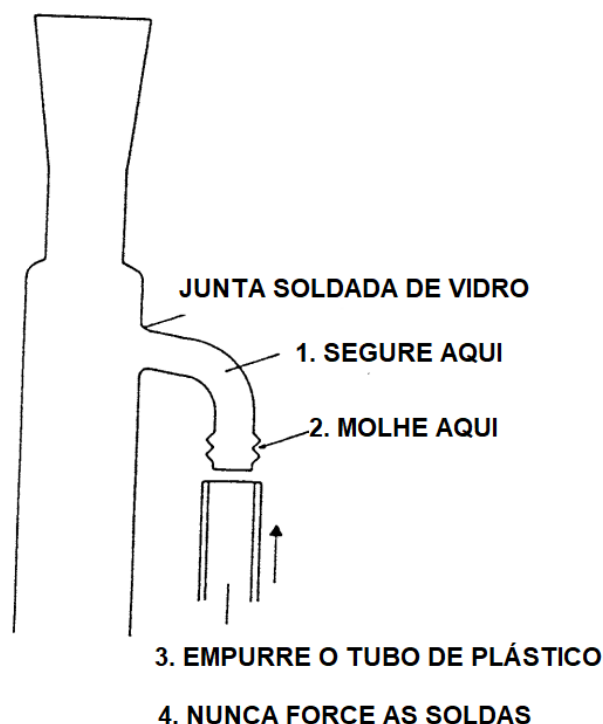
Uso de plásticos

Os tubos que garantem a circulação da água dos refrigeradores podem ser feitos de cloreto de polivinila. As que servirão de ligação entre os tubos de vidro serão feitas de politetrafluoretileno (conhecido geralmente como Teflon), ou elastômero de silicone (conhecido geralmente como Rhodorsil).



Alguns cuidados a ter no laboratório

- Evitar ao máximo o contacto entre as rolhas de borracha ou de cortiça e os líquidos de extracção.
- Nunca force ao montar os tubos lapidados.
- Não exerça nenhum esforço mecânico nas soldas do vidro.
- Molhe os tubos flexíveis (plástico ou borracha) para montá-los no vidro.
- As rolhas serão de cortiça, cortiça encerada para água destilada ou borracha sem enxofre.



- Lubrifique as juntas de aterramento antes da montagem com graxa de silicone. Se uma lapidação grudar, você pode tentar puxar as duas partes batendo na lapidação com uma ferramenta de plástico; se isso não for bem-sucedido, a lapidação pode ser ligeiramente aquecida com cuidado ou pode ser usada água quente.
- Limpeza da vidraria: enxaguar os balões com álcool metilado (ou álcool etílico), depois com detergente moderno e depois com água limpa. Finalize enxaguando levemente com água destilada ou água desmineralizada, ou até mesmo esfregando suavemente por dentro.
- O alvejante é excelente em todos os casos, principalmente para a limpeza de resíduos de calcinação. Deve ter menos de três meses. Nunca coloque a água sanitária em contacto com um ácido: liberta-se cloro, um gás muito nocivo.

Comentários

Dizemos antes que “quando a planta é cortada, seu princípio de vida desaparece”. Essa afirmação não corresponde exatamente à realidade das coisas, pois a vida não se define da mesma forma nos domínios vegetal e animal. Na planta, não há centro de vida. Cada célula, cada tecido, tem uma autonomia relativa que permite destacar um pedacinho dele e transplantá-lo para outro lugar para que se enraíze.

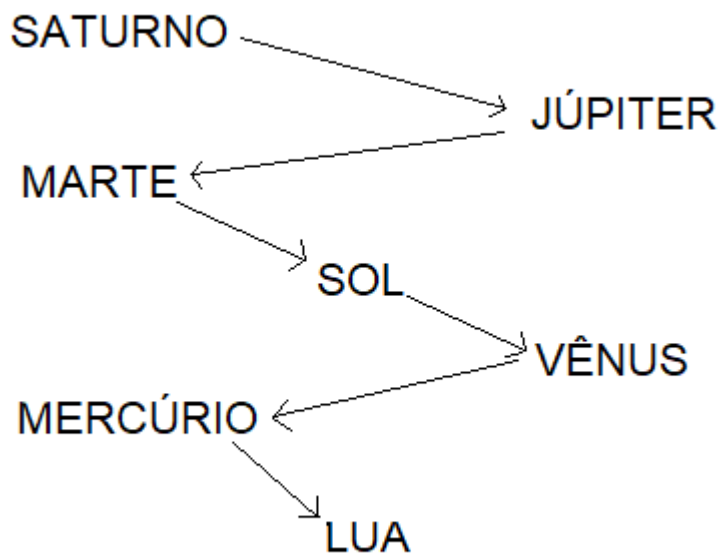
Quando uma planta é desenraizada, ela parece perder o influxo terrestre de que é ao mesmo tempo veículo e distribuidor, mas cada célula não perde sua vitalidade até que esteja completamente desidratada. É possível que parte das propriedades medicinais das plantas provenha do influxo terrestre do qual elas são as distribuidoras, de uma certa forma etérica mais do que de seus componentes específicos.

Isso poderia explicar por que os animais não se enganam quando, na natureza, se encontram na presença de uma planta venenosa. A vibração da terra irradiada por esta planta avisa-os de que ela é ruim, enquanto eles podem muito bem consumir a planta arrancada, mesmo que ainda não esteja seca, ainda fresca, ainda viva, porque a vibração da terra não está mais lá e assim o sinal de "perigo" não existe mais.

Ora et Labora!!

Lição 8: Lista de atribuições planetárias das plantas com seu nome latino e código do grau de toxicidade

Esta lição é dedicada exclusivamente à Teoria Alquímica e trata da atribuição planetária das plantas. Aqui estão sete listas de plantas, uma para cada planeta, a ordem escolhida é a seguinte:



Esta ordem, como veremos, tem uma certa importância.

Damos a seguir tabelas com plantas conforme seus nomes populares e binômio científico.

Os números 1, 2, 3, que precedem cada nome, têm o seguinte significado:

1. Plantas que podem ser estudadas sem precauções especiais.
2. Plantas que não devem ser estudadas sem documentação completa.
3. Plantas perigosas ou tóxicas, que só podem ser estudadas com as maiores precauções.

SATURNO

1	androsemo, erva-da-pedra, erva-mijadeira, mijadeira, hipericão-do-Gerês	HYPERICUM ANDROSOEMUM
1	escovinha, marianinha, botão de solteiro, fidalguinhos, centáurea	CENTAUREA CYANUS
1	bolsa-de-pastor	CAPSELLA BURSA PASTORIS
1	orelha de mula	BUPLEURUM ROTUNDIFOLIUS
1	polítrico, tricomanes	ASPLENIUM TRICHOMANES
1	cabelos, cabelos-de-nossa-senhora, cuscuta, enleios, linheiro, linho-de-cuco.	CUSCUTA
1	pequena-angélica, angélica menor, egopodio	AEGOPODIUM PODOGARIA
1	epilóbio	EPILOBIUM
1	vonfrei, consólida	SYMPHYTUM OFFICINALIS
1	psílio	PLANTAGO PSYLLIUM
1	centáurea	CENTAUREA JACEA
1	nespereira	MESPILUS GERMANICA
1	cevada	HORDEUM SATIVUM
1	ulmeiro, ulmo, olmo, negrilho.	ULMUS
1	amor-perfeito e erva-trindade	VIOLA TRICOLOR
1	choupo; choupo-negro; choupo-de-itália; álamo; álamo-negro.	POPULUS
1	calaguala	POLYPODIUM VULGARE
1	cavalinha, Cauda-de-Raposa, Rabo de Cavalo.	EQUISETUM ARVENSE
1	sempre-noiva, centinódia, corríola-bastarda, erva-da-muda, erca-da-saúde, erca-das-galinhas, sanguinária, sanguinha, persicária-sempre-noiva.	POLYGONUM AVICULAIRE
1	tamargueira	TAMARIX

2	erva-moleirinha, erva-pombinha e fumo-da-terra	FUMARIA OFFICINALIS
2	faia; faia europeia	FAGUS SILVATICA
2	cornichão, loto	LOTUS CORNICULATUS
2	fento real, afetos	OSMONDA REGALIS
2	verbasco, barbasco, tipo, pavio, vela-de-bruxa	VERBASCUM THAPSES
2	gualtéria redonda	PIRULA ROTUNDIFOLIA
3	teixo	TAXUS BACCATA
3	selo-de-salomão	POLYGONATUM

JÚPITER

1	amóricos, agrimónia, erva-eupatória, erva-hepática, eupatória, eupatória-dos-gregos.	AGRIMONIA
1	mirtilo, blueberry	VACCINIUM MYRTILLUS
1	aspargo ou espargo	ASPARAGUS
1	hortelã-pimenta ou balsamita	CHRYSANthemum BALSAMITA
1	borrage, borraxa, borracha, borracha-chimarrona ou foligem,	BORAGO OFFICINALIS
1	dunas anthrisque, salsa selvagem, chervil eriça, chervil vulgar	ANTHRISCUS
1	Cardo, cardo-mariano, cardo-de-santa-maria, cardo-leiteiro	SIBYLUM MARIANUM
1	castanheiro, castanheira, castanheiro-bravo, castanheira-portuguesa	CASTANEA SATIVA
1	grama-bermudas	CYNODON DACTYLON
1	scurvy grass, scorbut grass, cochléaire, herbe à la cuillère ou herbe au scorbu (francês).	COCHLEARIA
1	chicória	CICHORIUM ENDIVA
1	figo, figueira-comum, figueira, figueira-da-europa, figueira-de-baco, figueira-de-portugal, figueira-do-reino.	FIGUS CARICA
1	sempre viva dos telhados	SEMPERVIVUM
1	salsa-de-cavalo ou aipo-dos-cavalos	SMYRNIUM OLUSATRUM
1	erva-cidreira, melissa, citronela-pequena, anafa, anafe, chá-de-frança, citronela-menor, capim-cheiroso, capim cidreira.	MILISSA OFFICINALIS
1	dente-de-leão	TARAXACUM OFFICINALIS
1	erva-do-pulmão, salsa-de-jerusalém ervas-dos-bofes	PULMONARIA
1	potentilha, cinco-em-rama, tormentila, e morango estéril.	POTENTILLA REPTANS
1	rosa; roseira	ROSA

1	língua-cervina	SCOLOPENDRIUM
2	carvalho-português, carvalho-cerquinho ou cerquinho	QUERCUS
2	alfazema-de-caboclo	HYSOPUS OFFICINALIS
2	labaça, labaca-crespa, cata-cruz, regalo-da-horta.	RUMEX
2	sálvia, salva, erva-santa, sálvia-comum, sálvia-das-boticas, sálvia-rubra	SALVIA
3	anêmona	ANEMONE HEPATICA
3	trevo de mel, trevo doce ou trevo branco, meliloto.	MELILOTUS OFFICINALIS

MARTE

1	pilriteiro, espinheiro-alvar.	CRATAEGUS
1	alfavaca, alfavaca-cheirosa, alfavaca-de-jardim, alfavaca-doce, alfavaca-d'américa, basilicão, basílico, erva-real, manjerição-branco, manjerição-de-folha-larga, manjerição-de-molho, manjerição-doce, manjerição-grande	OCYUM BASILICUM
1	cardo-estrelado, calcitrapa	CENTAUREA CALCITRAPA
1	ruiva-dos-tintureiro	RUBIA TINCTORUM
1	maria-sem-vergonha, beijo-turco, não-me-toques	ARMORACIA IMPATHIFOLIA
1	imperatória	PEUCEDANUM OSTRUTHIUM
1	abiga, iva-bastarda.	AJUGA CHAMEAOPITYS
1	linho, linho-galego, linho-de-inverno, linho-mourisco, linhaça	LINUM USITATISSIMUM
1	cebola	ALLIUM CEPA
2	alho, alho-comum, alho-hortense, alho-ordinário, alho-vulgar, alho-manso	ALLIUM SATIVUM
2	espinheiro-vinheto, uva-espim, espinho-vinhoso	BERBERIS VULGARIS
2	genciana	GENTIANA
2	urtiga-comum, urtica dioica	URTICA DIOICA
2	cinifólio, erva-do-pobre, graciola-das-boticas.	GRATOLIA OFFICINALIS
2	lúpulo, pé-de-galo	HUMULUS LUPULUS
2	mastruço	LEPIDIUM
2	ruibarbo	RHEUM
3	losna, losna-maior, losma, absinto, acinto, acintro, ajenjo, alenjo, Artemisia, grande-absinto, erva-santa, alvina, aluina, flor-de-diana, gotas-amargas, erva-dos-vermes, erva-dos-velhos, sintro, alvina, erva-de-santa-margarida, erva-do-fel	ARTEMISIA ABSINTHIUM
3	ranúnculo, botão-de-ouro, pé-de-galo	RANONCULUS

		BULBOSUS
3	bríônia-branca, erva-cobra, nabo-do-diabo, vide-branca, salsebes	BRYONIA DIOICA
3	lobélia-acre, lobélia-brava, lobélia-queima-língua, lobélia-urente, queima-língua	LOBELIA URENS
3	zimbreiro, zimbro, sabina-da-praia.	JUNIPERUS SABINA
3	tabaco, fumo	NICOTIANA

VÊNUS

1	alquemila, pé-de-leão	ALCHIMILLA VULGARIS
1	cachofra, alcachofra, alcachofra-hortense	CYRANA SCOLYMUS
1	baldrana, carrapicho, pega-massos, erva-dos-tinhosos, gobô, labaca, lapa, orelha-de-gigante, pega-nossa, pegamassa, pegamasso, pegamoço,	ARCTIUM
1	cerefólio alpino , erva-doce da montanha , erva-doce alpina	MEUM ATHAMANTICUM
1	brunéla, consolda-menor, erva-férrea, prunela.	BRUNELLA VULGARIS
1	cruciata	GALIUM CRUCIATA
1	ulmeira, erva-ulmeira, ulmária, olmeira, rainha-dos-prados-erva-das-abelhas, grinalda-de-noiva, aspirina vegetal	FILIPENDULA HEXAPETALA
1	morango, grutilha, morango-silvestre, morangueiro, morangueiro-bravo	FRAGARIA VESCA
1	groselheira	RIBES UVA CRISPA
1	malva-branca, alteia, malvaisco, malvarisco, malvavisco.	ALTHAEA OFFICINALIS
1	novalgina, aquiléa, atroveran, erva-de-carpinteiro, milefólio, aquiléia-mil-flores e mil-folhas	ACHILLEA MELLEFOLIUM
1	congonha, congossa, congossa-menor, pervinca-menor e sempre-noiva.	VINCA MINOR
1	pereira, pera	PYRUS COMMUNIS
1	gravanço, ervanço, ervilha-de-galinha, ervilha-de-bengala, grão-de-pato	CICER ARIETINUM

1	primula, primavera.	PRIMULA OFFICINALIS
1	ulmeira, erva-ulmeira, ulmária, olmeira, rainha-dos-prados- erva-das-abelhas, grinalda-de-noiva, aspirina vegetal, barba de bode	FILIPENDULA ULMARIA
1	amora, amoreira	RUBUS FRUTICOSUS
1	sanículo	SANICULA
1	Escabiosa	SUCCISA PRAEMORSA
1	costa-branca, língua-de-vaca, tossilagem, tussilago, unha-de-cavalo, unha-de-asno	TUSSILAGO FARFARA
1	algebrado, erca-dos-leprosos, erca-sagrada, gerbão, ulgebrão, jarvão.	VERBENA OFFICINALIS
2	buglossa, língua-de-vaca, erva-do-fígado, ancusa, borragem-bastarda	ANCHUSA OFFICINALIS
2	erva-gateira, erva-dos-gatos, gatária,nêveda-dos-gatos	NEPETA CATARIA
2	espinafre	SPINACIA OLERACEA
2	bem-me-quer, bonina, margarida	CHRYSANTHEMUM LEUCANTHEMUM
2	menta, hortelã Hortelã-de-cheiro, hortelã-pimenta, hortelã-rasteira	MENTHA
2	ligustro, alfeneiro, alfeneiro-do-japão	LIGUSTRUM
3	azedas, azeda-brava, erva-vinagreira, vinagreira	RUMEX ACETOSA
3	urtiga morta, barradoiro, erva-mercúrio, mercurial, mercurial-anual, urtiga-bastarda	MERCURIALIS ANNUA

MERCÚRIO

1	salsão, aipo ou salsa em ponto grande	APIUM GRAVEOLENS
1	erva-alheira	ALLIARA OFFICINALIS
1	endro, aneto	ANETHUM GRAVEOLENS
1	aveia, aveia-doida, aveia-nua, balanco, balanquinho, rabo-de-galo	AVENA SATIVA

1	arruda-dos-muros	ASPENIUM RUTA MURARIA
1	cenoura-brava, cenora-selvagem	DAUCUS CAROTA
1	cariz, cominho, cominho-armênio, cominho-dos-prados, cominho-romano, cúmel	CARUM CARVI
1	helénio, erva-campeira	INULA HELENIUM
1	lavanda, lavândula, alfazema, nardo, espicanardo	LAVANDULA OFFICINALIS
1	erva-virgem, incenso, marroio, marroio-branco, marroio-de-frança, marroio-vulgar, marrolho	MARRUBIUM VULGARE
1	morus alba, amora-branca, morus nigra, amora-preta	MORUS
1	avelã, avela, avelaneira, avelãzeira	CORYLUS AVELLANA
1	parietária, erva-das-muralhas, erva-fura-paredes, cobrinha, bafo-de-cobra, sambreidosa	PARIETARIA OFFICINALIS
1	alcaçuz	GLYCYRRHIZA GLABRA
1	segurelha-anual, segurelha-das-hortas ou segurelha-dos-jardins	SATUREIA HORTENSIS
1	três-dedos, saxifrágio-três-dedos	SAXIFRAGA TRIDACTYLES
2	nêveda, erva-das-azeitonas	CALAMINTHA OFFICINALIS
2	madressilva-das-boticas, madressilva-dos-jardins, madressilva-esverdeada, madressilva-sem-pêlos	LONICERA PERICLYMENUM
2	erva-doce, funcho, funcho-doce, funcho de Florença, fiolho, erva-doce de cabeça	FOENICULUM VULGARE
2	manjerona-inglesa, manjorana,	MAJORANA HORTENSIS
3	aurónia, losna, abrótega, abrótica, abrótono, alfacinha-do-rio, artemisia, erva-lombrigueira	ARTEMISIA ABROMATUM
3	dulcamara, erva-moura-de-trepa, uva-de-cão, vide-da-judeia, vinha-da-india, vinha-da-judeia	SOLANUM DULCAMARA
3	convalária, lírio-convale, lírio-de-maio, lírio-do-vale	CONVALLARIA MAIALIS

SOL

1	camomila, camomila-romana, camomila-de-paris, macela, mançanila, camomilha	ANTHEMIS NOBILIS
1	perrexil, perrixil, funcho-marítimo, perrexil-do-mar	CRITHMUM MARITIMUM
1	eufrásia, consolo-da-vista, erva-da-visão	EUPHRASIA
1	freixo, ferixo-comum, freixo-de-folha-estreita	FRAXINUS EXCELSIOR
1	erva-cidreira, melissa, citronela-pequena, Anafa, Anafe, chá-de-frança, citronela-menor, capim-cheiroso, capim cidreira.	LEVISTICUM OFFICINALIS
1	nogueira-comum, noz-inglesa, nóz-persa	JUGLANS
1	pimpinela, pinpinela-hortense, pimpinela-menor	SANGUISORBA
1	bem-me-quer, margarida-dourada, maravilhas, maravilhas-dos-jardins, calêndula-hortense	CALENDULA OFFICINALIS
1****	potentilha, cinco-em-rama, tormentila, e morango estéril	POTENTILLA
1	trevo do prado, tevo de três folhas	TRIFOLIA
1	soagem-viperina, língua-de-vaca, chupa-mel	ECHIU
2	angélica	ANGELICA ARCHANGELICA
2	cidronha, cedronha, quelidónia, celidónia, ceredonha, erva-andorinha, erva-das-verrugas, quelidónia-maior.	CHELIDONIUM MAJUS
2	cedro, junípero, genebreiro, junípero comum, zimbrão	JUNIPERUS COMMUNIS
2	tornassol, tornassol-com-pêlos, verrucária ou verrucária-peluda.	HELIOTROPIUM EUROPAENUM
2	erva-de-são-joão, hipérico, hipericão	HYPERICUM PERFORATUM
2	centáurea	CENTAURIUM VULGARE
2	alecrim, alecrim-da-terra, alecrinzeiro, alicrizeiro.	ROSMARINUS OFFICINALIS
2	arruda doméstica, arruda dos jardins, ruta, arruda-e-cheiro-forte, arruda-fedorenta	RUTA GRAVEOLENS

2	açafrão, açafreiro; açafroeiro; flor de héracles	CROCUS SATIVUS
3	loureiro, louro.	LAURUS NOBILIS

**** Sem contato com ferro ou aço, caso contrário a planta se torna tóxica

LUA

1	erva-gigante, Giganta, Acanto	ACANTHUS MOLLIS
1	cardamina, cardamina-dos-prados, enxadreia	CARDAMINA
1	planta Mandala ou castanha de água	TRAPA NATANS
1	couve	BRASSICA
1	pepino	CUCUMIS SATIVUS
1	agriçao, dentística	DENTARIA
1	abre-o-sol, erva-carapau, erva-da-vida, quebra-arado, salgueirinha, salicária, vassourinha, salgueirinha-roxa	LUTHRUM SALICARIA
1	raspa-língua	GALIUM APARINE
1	flor-de-lis, íris-barbado	IRIS VERSICOLOR
1	erva-estrela, morugem-branca, morugem-verdadeira, esparguta, erva-pontiaguda, morugem	STELLARIA MEDIA
1	pilosela-das-boticas, pilosela	HIERACIUM PILOSELLA
1	salgueiro, chorão, sinceiro, vime, vimeiro, salso	SALIX
1	pimpinela branca, quebra-pedra, saxífraga-branca	SAXIFRAGA
1	alegria-dos-jardins, sálvia-dos-jardins, sangue-de-adão	SALVIA SCLAREA
1	verônica	VERONICA
2	agrião	NASTURTIUM OFFICINALIS
2	alface comum	LACTUCA SATIVA
2	açucena	LILIUM CANDICUM
3	pão-bem-posto, pimposto, pimposto-branco	ANACYCLUS

Você descobrirá que certas atribuições planetárias dadas neste aviso podem evoluir com as próprias plantas. Este aspecto será desenvolvido no restante do nosso curso.

Recomendamos manter este manual em local de fácil acesso, pois rapidamente se tornará uma ferramenta de trabalho essencial.¹

Ora et Labora!!

¹ Conheça a planta que selecionar para seus trabalhos antes de começar a trabalhar. Pesquise seus nomes científicos em sites como pfaf.org e species.wikimedia.org. Além da relação planetária e dos efeitos químicos busque conhecer o uso fitoterápico, aromaterápico e fitoenergético de cada planta que for usar. ~Tamosauskas

Lição 9 : O Mundo e a Natureza do Conhecimento, Alquimia e Qabala, A Árvore da Vida O Céu ALquímico, Destilação a Vácuo Glossário

Nosso trabalho começa com um texto sobre a Palavra Perdida.

FILOSOFIA ALQUÍMICA

Um dia o Buda encontrou os Deuses que lhe disseram:

“Diga-nos qual é o seu desejo e nós o tornaremos realidade. »

Buda disse: “Ó Deuses, dai-me o significado das palavras e não terei mais nada a aprender”.

Tentaremos definir a Palavra, a linguagem e o conhecimento. Mas nosso estudo só pode ser parcial porque se conhecêssemos a Palavra completamente, estaríamos de volta ao império eterno.

De acordo com os místicos, havia uma vez na terra uma língua única chamada língua original e que agora é procurada sob o nome de "A Palavra Perdida". »

A verdadeira Palavra, a do Fiat Lux da Bíblia, é essa energia incessantemente irradiada pelo Ser Sem Forma. O Fiat Lux é apenas a submissão das vibrações dessa energia à lei ditada pelo Ser, a Harmonia, da qual fluíram os Seres, os Elohim, aqueles que usarão essa energia para criar os mundos, os corpos dos homens e a luz do sol, que é apenas seu pálido reflexo. O tempo, a forma, o espaço resultam da ordenação desta energia que, sem esta operação, só pode ser o Nada, o Imanifesto.

Esta energia é apenas vibração e tudo o que existe é, portanto, apenas um conglomerado de vibrações. Nosso corpo, nossa carne, nosso sangue são apenas vibrações e estão sujeitos à lei suprema das vibrações: a harmonia. É assim em todos os campos, mas podemos ter uma ideia clara disso no campo da música. Se tocarmos uma série de notas em um piano, notamos que algumas, embora diferentes, parecem ter analogias entre elas.

Se começarmos com um sol, cada vez que atingimos a nota sol mais alta, notamos que cada uma se reconhece como tal, mas há uma evolução do sol. O número de vibrações por segundo (384 para o sol) caracteriza qualquer nota. Se dobrarmos o número de vibrações, obtemos uma nova oitava.

Imagine que o teclado do piano é comprido, muito comprido, que se estende até o infinito. A cada nova oitava, o número de vibrações dobra; depois de cinco notas sol sucessivas não ouvimos mais nada. Essa percepção pode ir até o 6º ou 7º sol, dependendo do indivíduo. Se pudéssemos criar um piano conforme essa imagem, as vibrações acabariam por perturbar o rádio, depois a televisão, depois os radares. Um toque mais distante liberaria o calor e após o quadragésimo sol haveria uma luz vermelha. Então não haveria mais som ou

luz, mas um dó criaria hidrogênio e um lá, oxigênio. Se fizéssemos um acorde dessas duas notas, teríamos água.

Tudo o que é criado é apenas um acorde de notas no teclado cósmico. Se fizermos o mesmo acorde no audível, teremos uma ideia das vibrações e esse será o verdadeiro nome da realização na linguagem da Palavra Perdida. G é a nota que corresponde à luz vermelha. Um som contendo os mesmos números que do e la será o nome real da água.

O homem profano sacode o ar do mundo físico e sua fala tem pouca ressonância nas frequências mais altas. O homem iniciado é um transformador de energia: restabeleceu dentro de si as ligações entre os vários planos de consciência, os diferentes níveis vibratórios do Universo. Quanto mais avança no caminho, mais atinge altas frequências, e melhores são as conexões entre seus vários planos interiores. Assim, na Bíblia, entendemos Gênesis onde é dito que o homem criou os animais nomeando-os por seus nomes verdadeiros. Moisés pronunciou o nome autêntico da água que brota das areias do deserto.

A língua original só é útil ao homem se ele restabeleceu sua harmonia dentro dele. Neste caso, a Palavra Perdida é ao mesmo tempo Harmonia, Poder e Conhecimento, e como Harmonia inclui o Amor.

Atualmente, a língua mais próxima da língua original é a língua hebraica, desde que suas letras sejam utilizadas em seu significado hieroglífico, ligação e pronúncia.

A história da Torre de Babel e a confusão de línguas na Bíblia é uma alegoria da qual daremos aqui o significado esotérico.

Adão é o homem-Deus andrógino, então ele se diferencia em masculino e feminino, ou seja, as energias passivas se opõem nele às energias ativas. Ele se desarmonia voluntariamente da Unidade para poder evoluir no mundo da matéria. A Torre de Babel é seu desejo de recuperar a Unidade muito rapidamente. O céu é o símbolo da Unidade e a torre o meio para alcançá-la. A confusão das línguas é a perda da língua original que priva o homem dos meios de uma ascensão prematura. Isso o força a experimentar plenamente o plano da matéria, pois a perda da Palavra isolou momentaneamente sua consciência dos planos superiores.

A Língua Original é uma imagem vibracional da realidade e, com a reintegração, torna-se realidade para o homem. É por isso que se diz nesta língua: "Toda palavra é verdade, pois a Palavra é".

Deve-se notar que a linguagem cotidiana é apenas um conjunto de convenções. Se queremos saber o que uma palavra representa, o que ela simboliza, abrimos um dicionário onde outros termos tentam explicar o primeiro. Assim, cada um tem valor apenas por meio de seus vínculos com os outros. O conjunto de palavras conhecido por uma pessoa é como uma gigantesca teia de aranha onde cada uma é um nó que os fios unem aos outros. É da superfície dessa teia que depende o grau de compreensão que temos das línguas da terra. Todos esses termos são apenas convenções sem valor absoluto.

Portanto, não é através da linguagem ou da leitura que podemos adquirir o conhecimento real, é através da nossa experiência pessoal que gradualmente transformamos a linguagem

convencional em conhecimento das leis da Natureza. Mas poucas pessoas se dão conta desse fenômeno, e muitas são aquelas que, por não entenderem esse mecanismo, são prejudicadas em seu desenvolvimento mental.

Assim, o que todos sabem ou pensam que sabem é dividido em duas partes:

- conhecimento convencional que para muitos representa 98% do conhecimento.
- conhecimento das leis da Natureza, ou seja, da realidade ao nosso nível de consciência.

É a única noção eterna tangível em nós, mas infelizmente é muito fraca para a maioria da humanidade.

Tomemos dois exemplos para entender a diferença entre esses dois conhecimentos.

Suponhamos um eletricitista que, em princípio, conheça as leis da Natureza no campo da eletricidade. Ele faz um plano de acordo com suas leis, porque só podemos dominar a Natureza respeitando suas leis. Se seu plano e sua realização estão em conformidade, ele obtém o resultado esperado e seu dispositivo funciona.

Imagine que os advogados estabeleçam um novo código civil. O conhecimento dos advogados, se tornará obsoleto e inútil assim que um governo ratificar esse novo código.

No entanto, essas leis não terão efeito sobre o funcionamento do dispositivo do eletricitista, porque as convenções dos homens não têm efeito sobre as leis da Natureza.

Atualmente, por uma confusão deliberada, poucas pessoas separam o real do convencional, mas se meditarmos para saber o que é real, descobriremos que muitos fracassos vêm de priorizar o convencional no real, enquanto o contrário é uma obrigação e condição de sucesso.

A Natureza do conhecimento

Como podemos redescobrir o conhecimento através da nossa linguagem?

Nossa linguagem é convencional em sua interpretação intelectual, mas os sons têm um certo valor. A música tem um efeito interior porque é o reflexo da Palavra Perdida. O mesmo vale para os sons AUM, RA, MA. Mesmo em nossas conversas atuais, os sons mantêm suas qualidades, o A faz vibrar nossa essência primária, o R é ativo, o M passivo.

Se usarmos as vibrações apropriadas, mesmo que não tenham equivalente em nossa linguagem intelectual, provocamos ressonâncias em nossos centros psíquicos e seu despertar progressivo corresponde a uma elevação de nosso nível de consciência.

Examinemos por meio de um símbolo o caminho da ascensão do homem através de seus diferentes níveis de consciência e conhecimento.

Imagine uma pirâmide com uma ponta truncada, semelhante a Quéops, por exemplo, e visualize-a vendo a sucessão de camadas regulares de pedras que a constituem.

A camada inferior é a das convenções que fixam o significado das palavras: uma pedra representará a história, outra a música, outra a química, outra a física. Nesse nível, o

Conhecimento é múltiplo e não parece haver uma ligação entre essas várias disciplinas da mente. Então eles parecem estranhos um para o outro.

Se passarmos para uma camada superior, estaremos no domínio das leis físicas da Natureza, e haverá uma relação entre física e química, por exemplo, mas não entre ciência e música. Os vários ramos do conhecimento estão se unindo, mas a unidade ainda não aparece.

Vamos subir mais alguns andares; música, química e física têm muitos pontos em comum aí, porque estamos no início da harmonia e essas ciências são o reflexo da harmonia universal.

A subida em pisos de pedras é o símbolo da elevação de nossa consciência. Atualmente, a média da humanidade está entre o reino das leis físicas e o da harmonia.

Se chegarmos à plataforma do cume, aparece a harmonia em seu nível mais alto e a unidade do conhecimento é perceptível. O que chamamos de sentimentos estão integrados nele; conhecimento, compreensão, amor são uma só coisa.

Na base da pirâmide, representamos diferentes disciplinas:

- amor, benevolência, caridade intelectual de um lado
- literatura e história em um segundo lado
- as artes e a música em um terceiro lado
- as ciências naturais na quarta

Assim, eles aparecem diferentes e opostas ao homem.

Imaginemos que de cada parte uma linha que converge para o topo da pirâmide, todos os raios se unem e se fundem em sua ascensão, na elevação da consciência do homem.

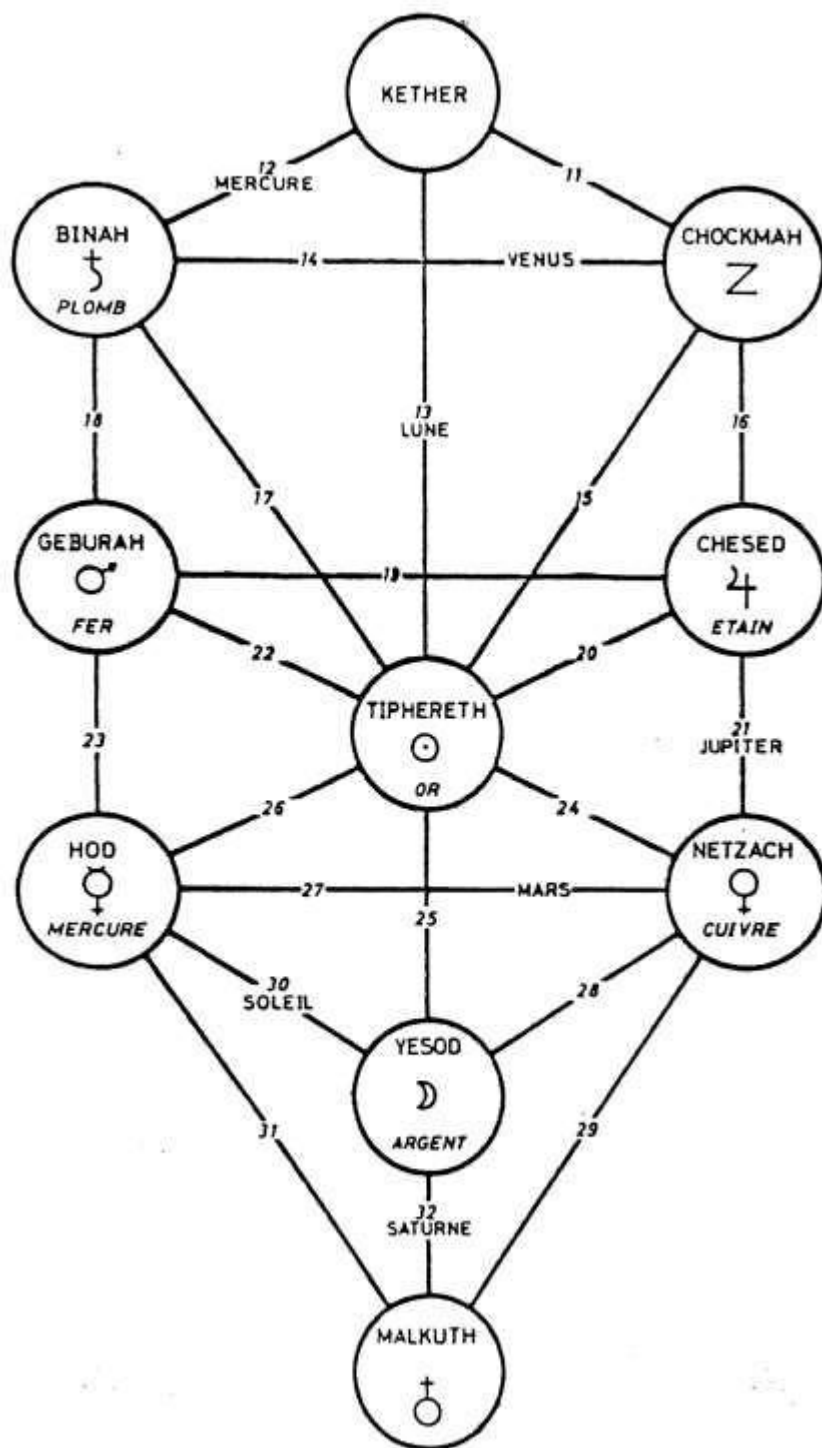
No entanto, a unidade não é total. É isso que significa o símbolo da pirâmide truncada, porque a unidade total, o vértice da pirâmide, não se materializa porque é inacessível ao homem antes do retorno deste ao império invisível.

TEORIA ALQUÍMICA

Conexão entre Qabala e Alquimia

Uma visão geral da Qaballa é necessária para a compreensão e uso das atribuições planetárias das plantas na Alquimia.

A Qaballa é uma tentativa de explicar o macrocosmo do qual o homem, o microcosmo, é a imagem.

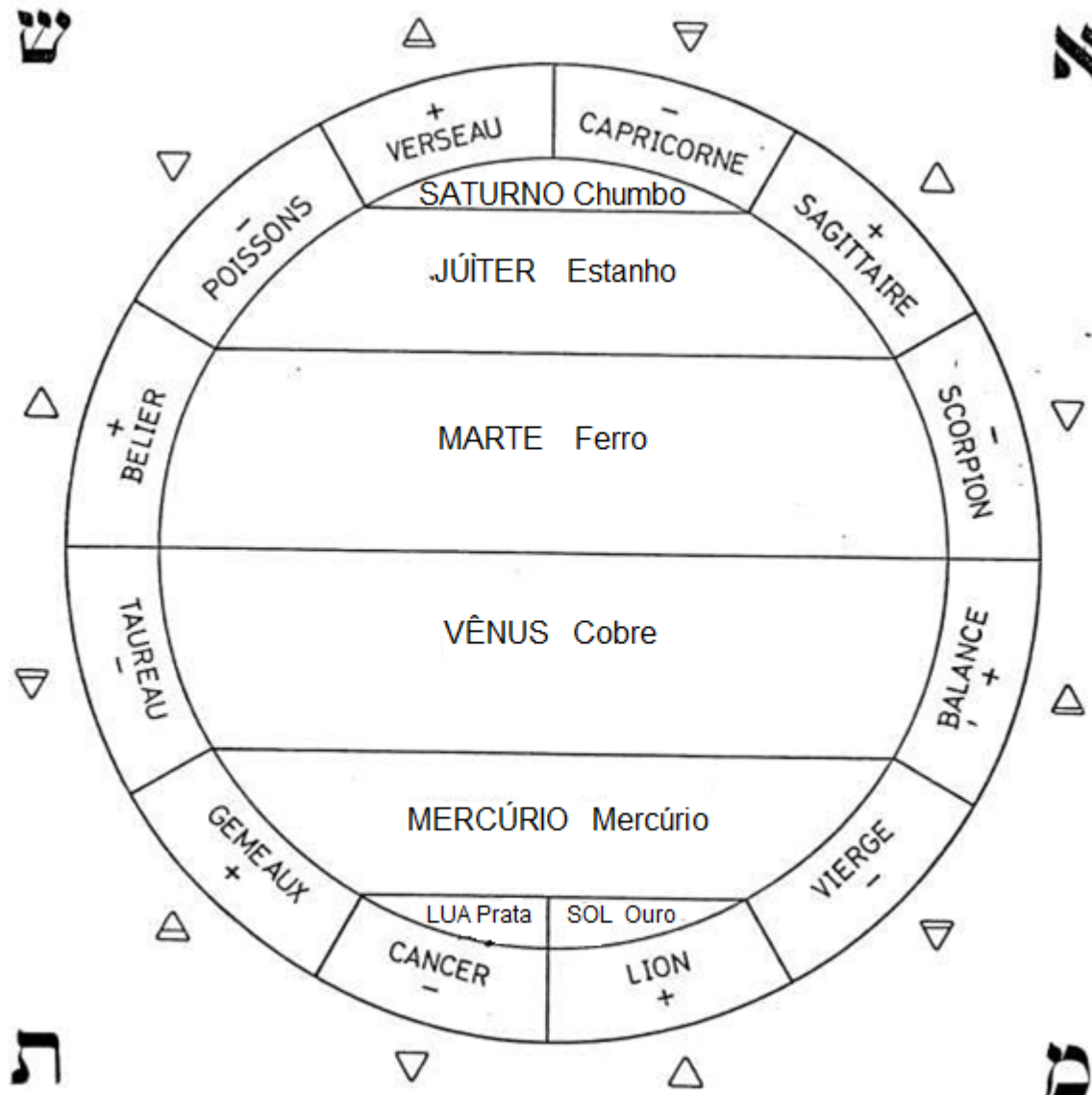


Na figura acima, os círculos representam as sucessivas emanções da criação que correspondem aos diferentes níveis da consciência humana. Essas emanções são chamadas de Sephiroth e são numeradas de 1 a 10. Essa numeração representa as etapas do caminho percorrido pelas energias superiores em sua descida.

Sephiroth 1 e 2, Kether e Chockmah, estão fora do mundo da forma e não são afetados pela espagíria alquímica.

A terceira, Binah, cujo Chakra Planetário é o planeta Saturno, é o primeiro obstáculo à descida das energias; é, portanto, ela quem deve ser purificada primeiro, por um elixir feito de uma planta de Saturno; seguir-se-á em direção a Chesed por uma planta de Júpiter, depois Geburah por uma planta de Marte, então Tiphereth por uma planta do sol, e assim por diante até Yesod onde o caminho de Malkuth está aberto.

Este trabalho permite ao operador realizar uma desintoxicação psíquica.



Se examinarmos a outra figura acima, do céu químico onde se repetem as atribuições dos metais e das plantas, percebemos que a ordem do curso é a mesma da Árvore da Qabalah, exceto pela Lua e pelo Sol. Esta diferença advém do facto de estar mais orientado para a subida do que para a descida.

Esta placa não mostra as atribuições planetárias de Malkuth porque o metal atribuído a ela é o antimônio e possui propriedades diferentes de todos os outros metais.

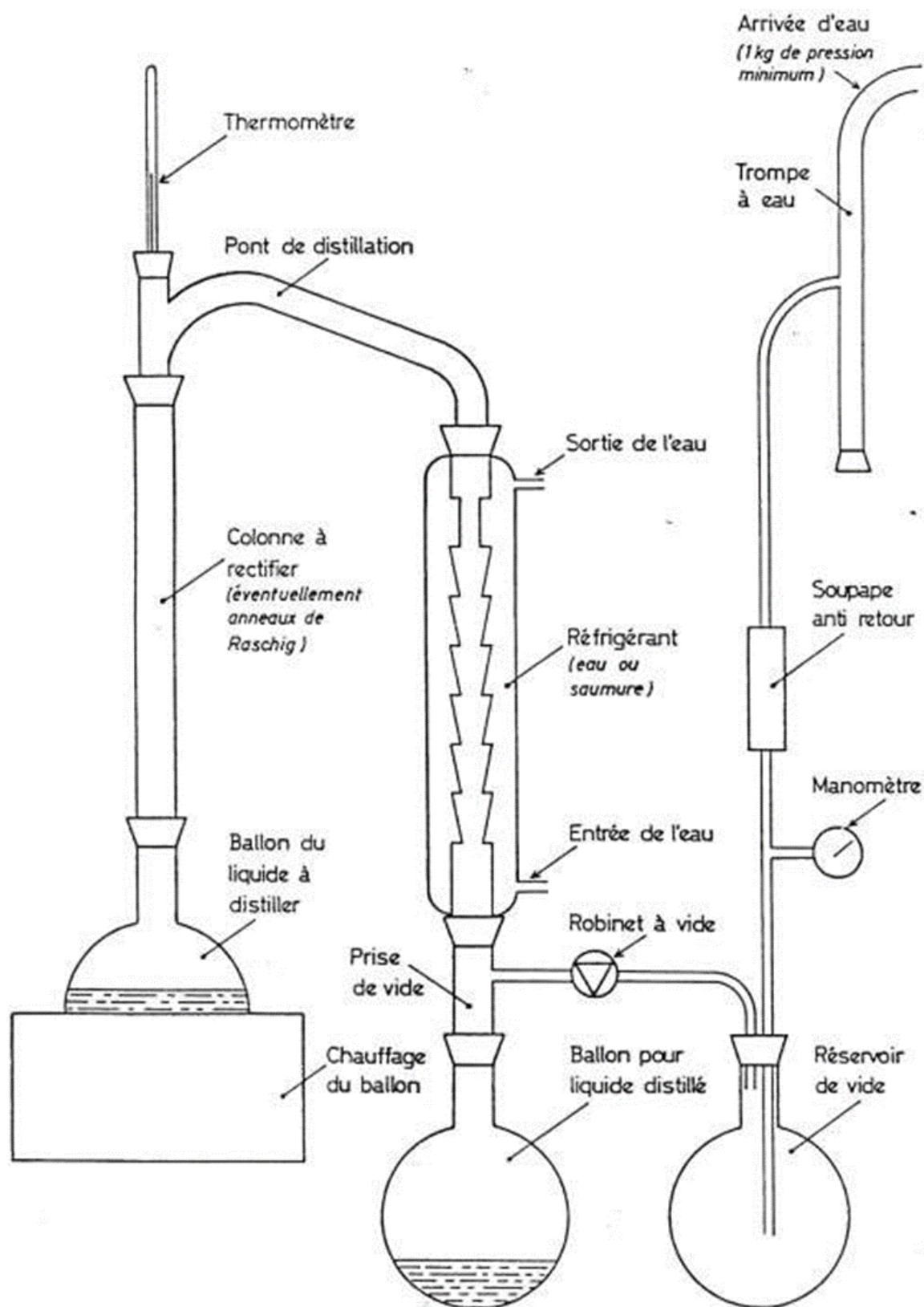
No reino vegetal, há apenas uma planta cujo comportamento alquímico é análogo ao do antimônio, e logo passaremos a estudá-la.

PRÁTICA ALQUÍMICA

Destilação

Azeotropia: Este nome refere-se à impossibilidade de separar completamente dois líquidos por destilação. No caso água-álcool, a azeotropia se mantém quando não há mais do que cerca de 3 a 4% de água em álcool.

Destilação a vácuo: A destilação a vácuo pode, como antes, ser simples ou fracionada. No entanto, requer o uso de um conjunto à prova d'água e um tubo de vácuo (imagem abaixo).



A destilação a vácuo pode ter duas vantagens:

- A ebulição ocorre a uma temperatura mais baixa. Um vácuo de 9/10 de uma atmosfera, ou seja, 95 mm de mercúrio de pressão residual, dá uma temperatura de 51° para a ebulição

da água e 33,5° para o álcool, o que permite evitar a destruição pelo calor do essência frágil de certas plantas.

- Outra vantagem é exposta pela tabela a seguir:

	Point d'ébullition du liquide	Point d'ébullition du mélange	Pourcentage Azéotropique	Pression dans l'enceinte de distillation
Alcool Ethylique	109	109	95,2	3 kg
Eau	134		4,8	
Alcool Ethylique	78,5	78,2	95,6	1 kg normale
Eau	100		-	
Alcool Ethylique	33,5	33,4	99,5	1/8 d'atmos- phère
Eau	51		0,5	

A pressão de 3 kg não é utilizada em nossas destilações, mas é dada como exemplo da lei que rege esses fenômenos.

A 3 kg de pressão, a água ferve a 134° e o álcool a 109, ao invés de 100° e 78,5° respectivamente na pressão normal. No vácuo, ou seja, 95 mm de mercúrio, o ponto de ebulição é 51° para a água e 33,5° para o álcool.

A mistura dos dois líquidos tem uma temperatura de ebulição mais baixa do que a de cada um dos líquidos.

A azeotropia é modificada. Em pressão normal, pode-se atingir um teor alcoólico de 95,6° e em vácuo de 95 mm, 99,5°, que é muito próximo do álcool absoluto.

A bomba de água deve estar equipada com uma válvula de vácuo para evitar o consumo excessivo de água. Estabelece-se um vácuo e fecha-se a torneira para poder parar a circulação da água no tubo.

Se a instalação for estanque, o vácuo é mantido, pode ser verificado com um termômetro que indica a temperatura dos vapores, ou com um manômetro, sendo preferível a combinação dos dois instrumentos.

Na destilação a vácuo, é importante colocar pedras de destilação no líquido. Estes são pequenos pedaços de pedra-pomes cuidadosamente limpos; são quimicamente neutros. Coloque 3 ou 4 dessas pedras na bola. Eles são limpos após cada uso e podem ser usados indefinidamente. Seu uso é recomendado em qualquer destilação porque regulam a fervura.

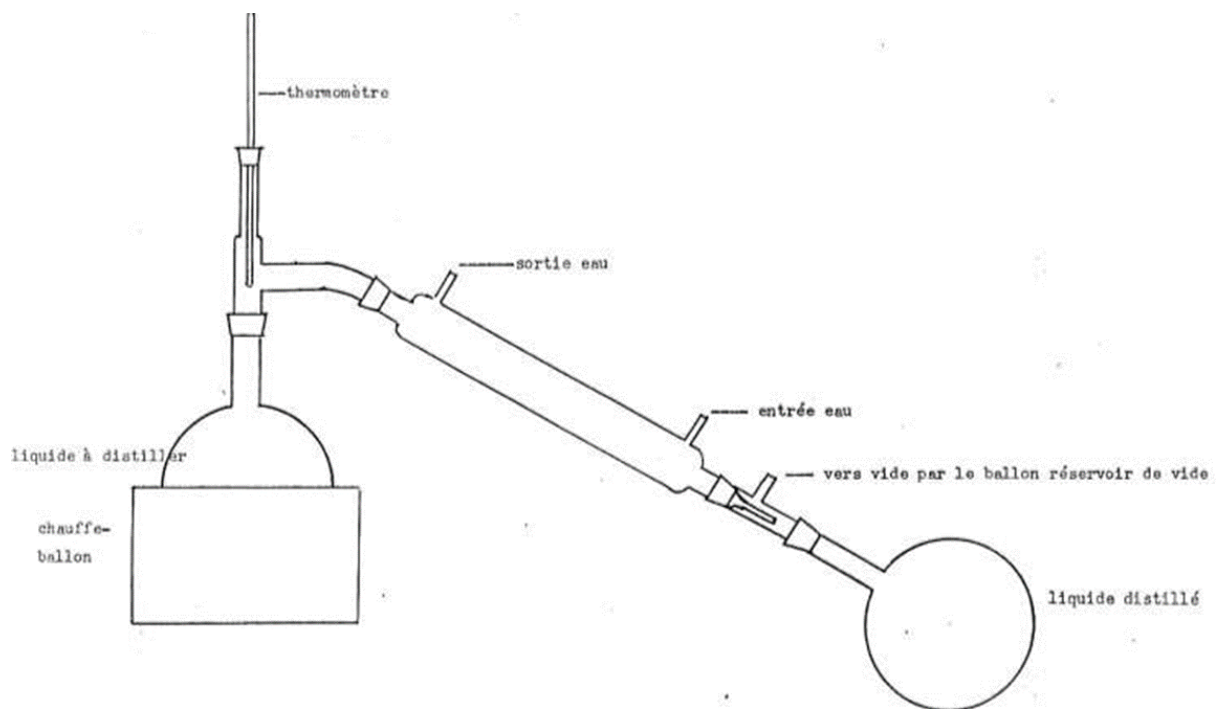
Nunca coloque as pedras em um líquido quente.

Não adianta ter um vácuo muito alto, é em torno de 95 a 75 mm de mercúrio de vácuo residual que o título alcoométrico é o melhor. Se o vácuo for muito alto, os líquidos evaporam à temperatura ambiente e, assim, a água pode passar

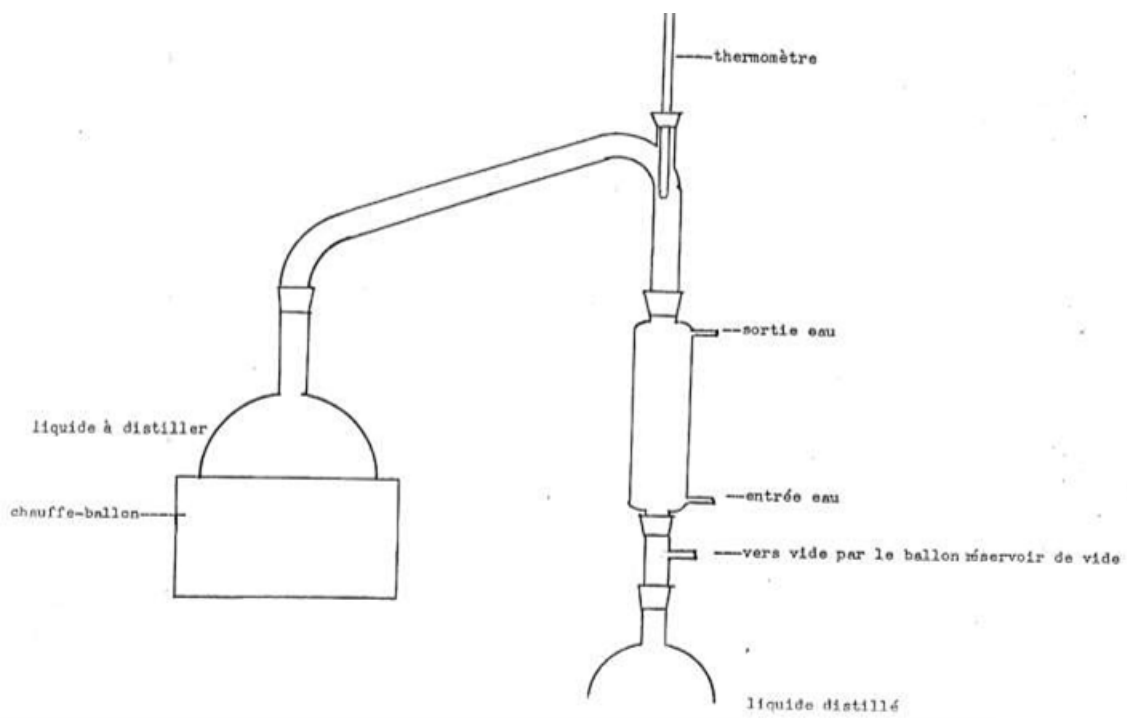
Como na figura acima, um balão de lastro que serve como reservatório de vácuo é útil para evitar o refluxo de água para os produtos de destilação. O tubo que une a bomba d'água ao bужão de vácuo deve ser feito de borracha especial para vácuo, pois tubos muito finos são esmagados e o vácuo não pode ser criado.

Voltaremos com mais detalhes, ao longo dos vários experimentos, aos princípios da destilação a vácuo.

Ora et Labora!!



Sistema completo de destilação a vácuo



Destilação a vácuo (sistema simplificado)

Léxico Antigo e Atual

Nome Antigo	Nome atual
vitríolo	sal (sulfeto)
vitríolo azul vitríolo romano	sulfato de cobre
vitríolo verde	sulfato de ferro
vitríolo branco	sulfato de zinco
vitríolo vermelho	sulfato de cobalto
óleo de vitríolo	ácido sulfúrico
tártaro de vitríolo	sulfato de potássio
pedra de vitríolo	composto de sulfato férrico e sulfato de alumínio
creme de tártaro	ácido tartárico de potássio purificado proveniente da borra de vinho
sel amoníaco	cloreto de amônio
sal da Inglaterra sal de Sedlitz sal d'Epson sal de magnésia	sulfato de magnésio
sal de fogo	sal-gema derretido

sal gema	cloreto de Sódio
sal de Glauber	sulfato de sódio
sal cinza	sal marinho não-refinado
sal libertador sal de nitro sal petre sal chileno	Salitre nitrato de potássio
sal de saturno	acetato de chumbo
sal de tártaro sal de artemísia	carbonato de potássio
sal de chifre de veado	cloreto de amônia
sal de cidra sal azedo	oxalato de potássio
sal de vitríolo	sulfato de zinco
sal da sabedoria	Alembroth cloreto duplo de amônio e mercúrio
sal de Veneza	Boráx borato de sódio

Comentários de um aluno sobre este léxico

Muito haveria a dizer sobre as equivalências dadas neste léxico, porque eram válidas no final do século XVIII, na época dos últimos espagiristas e enciclopedistas. Se lermos autores mais antigos, notadamente dos séculos XV e XVI, e mesmo do século XVII, com equivalentes dessa natureza, correremos o risco de estar completamente equivocados. Não houve equivalência pontual de termos, as designações eram termos bastante genéricos.

O nome de sais foi dado a derivados de bases alcalinas, potassa, soda, armonia, etc. Geralmente apresentam-se na forma de pó ou cristais finos e incolores, tendo como característica comum a ausência de amargor no paladar. O termo vitríolo designa sais metálicos de qualquer tipo com consistência vítrea, translúcida e colorida e geralmente com um amargor ou adstringência bastante forte ao sabor. Os sais metálicos e alcalinos também são chamados de vitríolos.

De acordo com um autor antigo como Christophe Glaser, os vitríolos podem ser todos os tipos de compostos químicos, por exemplo, o vitríolo lunar é nitrato de prata, o vitríolo de cobre pode ser acetato, cloreto ou sulfato, o óleo de vitríolo é o produto da destilação de um do acima. Em Basile Valentin encontramos: “Na destilação de um vitríolo, extraímos um espírito e um óleo que não parecem ser de natureza idêntica”. Pode-se concluir que são sais complexos.

Sal amoníaco é o nome dado a todos os sais voláteis, todos aqueles que podem ser recolhidos num alambique ou num vaso de sublimação. Esse nome foi dado até a época de Glauber, ou seja, no fim dos espagiristas. Glauber já contava 6 ou 7 em seu tempo. Todos os cloretos voláteis podem ser considerados sais harmônicos e a maioria dos sais de amônio também.

Ora et Labora !

Lição 10: Noções do Absoluto, o Mercúrio Indeterminado, Retificação com Soxhlet

Como fazer uma extração? Nossa parte prática tentará responder a essa pergunta.

FILOSOFIA ALQUÍMICA

A noção de Absoluto

O aluno alquimista deve ser tolerante. Por isso examinamos as noções do Absoluto e não do Absoluto em si, pois para os místicos o Todo, a Unidade e só é acessível na Reintegração do Ser.

O único Absoluto que existe neste mundo é precisamente o fato de ser inacessível aqui embaixo, fisicamente falando.

Nas experiências cotidianas, nas discussões atuais e filosóficas, é sempre útil ter em mente que o Absoluto não é deste mundo. Quando um argumento é afiado e categórico, é provável que uma parte da realidade, a da dúvida, esteja oculta, o que retira seu caráter absoluto e ao descobrir esse aspecto velado que vemos a falha do argumento ou o erro de a situação apresentada. Por outro lado, se uma ideia parece total, é porque o problema não foi suficientemente estudado; é então necessário buscar o que suaviza seus contornos.

O fato de perceber que o Absoluto não é acessível neste mundo leva à tolerância, à compreensão. No entanto, a dúvida não deve levar-nos à hesitação seguida de indecisão.

Chegamos a comparar cada situação a dois lados de uma moeda, cada um com seus prós e contras. Após exame ou meditação, escolhemos um ou outro conscientemente.

Essa noção de relatividade do absoluto físico deve ser comparada ao que ouvimos com frequência entre os cientistas: “isso está cientificamente demonstrado, isso é uma certeza”. No entanto, não mais na matemática do que nas ciências, não há demonstração absoluta.

Quando os estudiosos, confiando em seus conhecimentos, contestam concepções metafísicas, podemos responder-lhes que nada é demonstrado de forma absoluta, que a matemática se baseia em postulados indemonstráveis e que as demais ciências se baseiam em experiências sensoriais e, portanto, seu conhecimento não é mais certo do que seus sentidos.

Ao discutir questões metafísicas ou místicas, deve-se esforçar para manter-se lógico e coerente e aproveitar o fato de que a mente não está confinada aos limites da de um cientista, e que pode assim mostrar e levar a uma compreensão mais ampla das coisas, à tolerância.

A tolerância não é a aceitação de todas as crenças ou concepções, caso contrário nos tornaríamos instáveis e mutáveis. A verdadeira tolerância consiste em aceitar o exame dos fatos, compará-los com as próprias concepções e concordar em modificar ou mudar o que era aceito até então. É essencial para a evolução, pois esta é em si uma constante modificação. Aquele que se encaixa em um ponto de vista fixo e determinado não pode

progredir, pois sua intolerância o leva a recusar qualquer mudança necessária para qualquer progresso.

Outro aspecto da tolerância é a compreensão; compreensão é, na verdade, a aplicação da tolerância no domínio do comportamento dos outros na vida.

A verdadeira compreensão dos outros só desperta em nós com a elevação de nosso senso de fraternidade universal e caridade interior. Compreender não é julgar, nem desculpar, mas apenas tentar esclarecer o próximo no caminho.

No conhecimento não há bem nem mal, mas apenas um grau de compreensão, de entendimento.

TEORIA ALQUÍMICA

Daremos aqui alguns elementos necessários para a compreensão do nosso trabalho prático.

Algumas escolas filosóficas classificam seus membros em três categorias:

- aprendizes
- companheiros
- mestres

O aprendiz faz a separação, o companheiro a purificação, o mestre a coação.

Se, pelas indicações dadas nas instruções anteriores, destilamos um álcool a 96°, proveniente apenas de vinho tinto, temos o nosso primeiro mênstruo que deverá permitir-nos proceder à nossa separação inicial.

Nosso mênstruo deve ser puro. Se houver um resíduo de água nesse álcool, ele dissolverá os sais da planta e a separação não será perfeita.

Além disso, se nosso álcool não for absoluto, não será indeterminado. Um mênstruo universal para um reino deve ser indeterminado, não deve ter traços particulares de sua origem. Ele deve estar no auge da maturidade para seu reino. Este é o caso do álcool absoluto da videira para o reino vegetal.

Deve ser lembrado que a Pedra ou o Elixir é feito de apenas uma coisa. Por exemplo, para a erva-cidreira, temos a escolha entre álcool absoluto indeterminado e álcool de extrato de erva-cidreira que será acuado por coação no sal de erva-cidreira. Este princípio é geral, veremos à medida que o nosso trabalho avança que isso é imperativo e procuraremos dar os processos operacionais correspondentes uma ou outra solução.

Se formos capazes de produzir um mercúrio vegetal perfeito, ou seja, o álcool de videira absoluto indeterminado, a separação dos sete elixires será muito facilitada.

PRÁTICA ALQUÍMICA

Retificação

Vamos agora examinar a preparação final do nosso mênstruo e a operação de extração.

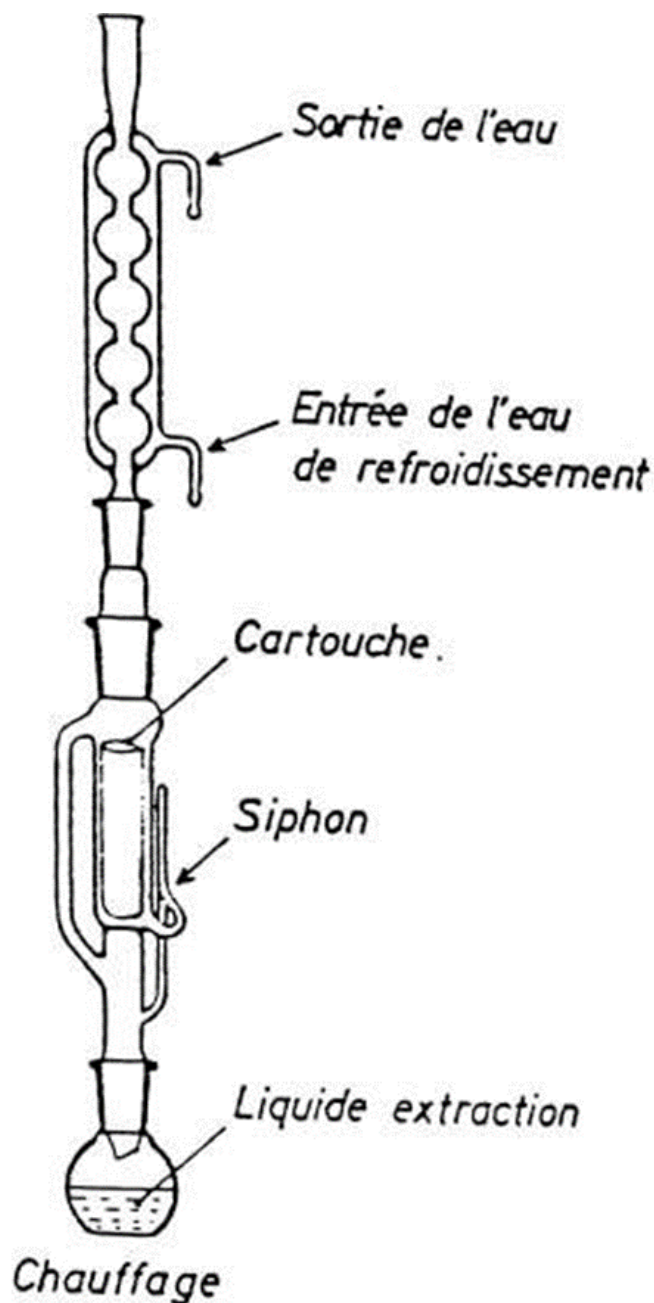
Se o nosso álcool de videira foi destilado 6 ou 7 vezes, ou se foi destilado a vácuo, resta muito pouca água, mas deve ser completamente eliminada.

Existem vários métodos. Vamos mostrar o mais simples. Devemos primeiro comprar aquela vendida comercialmente sob o nome de carbonato de potássio; depois, vamos tratá-la nós mesmos. Espalhe em uma assadeira e leve ao forno a 150-200° por uma hora. Colete ainda quente em um frasco hermético. Após o resfriamento, 125-300 gramas desta substância são derramados por litro de álcool.

A mistura é agitada de vez em quando, depois de colocada em uma garrafa hermética.

Após 24 horas de “maceração”, procede-se à destilação, evitando a entrada de ar no aparelho. A destilação não deve ser empurrada além de 2/3 e o álcool mantido em uma garrafa selada. Você pode completar o volume do frasco com contas de vidro limpas. Quanto menos o álcool tiver contato com o ar, melhor ele se conserva, pois absorve a umidade do ambiente até que seu grau caia para 96,5°.

Extração



O dispositivo mais utilizado hoje é o extrator Soxhlet. Inclui algumas partes:

- Em sua base, um balão que contém o líquido de extração. Este frasco pode ser aquecido até que seu conteúdo ferva.
- Acima está o corpo do próprio extrator.
- Na lateral, um tubo permite que os vapores subam em direção ao refrigerador, um sifão conecta a parte superior à parte inferior em comunicação com o balão.

Na parte superior do corpo é colocado um cartucho que pode ser em papel especial, ou em cerâmica porosa, ou em pirex com o fundo em vidro sinterizado. Ele contém a planta reduzida a um pó tão fino quanto possível.

Funcionamento

O líquido (água, álcool ou ácido acético) ferve, seus vapores se condensam no refrigerador superior; a partir daí, o líquido destilado cai gota a gota no cartucho, impregna a planta, dissolve seus princípios, atravessa o cartucho e aos poucos vai preenchendo o corpo do extrator. Quando o líquido atinge o nível superior do sifão, ele despeja o líquido na esfera inferior, onde ferve novamente, e o ciclo recomeça.

A planta sendo regada corretamente por um líquido destilado, a extração é mais enérgica.

O líquido no sifão fica muito escuro no início, depois cada vez mais pálido. Quando fica muito claro, geralmente após 7 a 12 primes do sifão, a extração está completa.

O bom andamento desta operação requer alguns cuidados:

- O aquecimento deve ser reduzido à medida que o líquido no tanque inferior fica mais rico, pois esses produtos são muitas vezes sensíveis ao calor. É necessário que um certo volume de líquido permaneça no balão ao escorvar o sifão.
- É útil colocar uma chaminé de filtro de papel no centro do cartucho e descer até 2/3 da sua altura. Facilitando assim a impregnação da planta.
- No Soxhlet, pode ser fornecida uma válvula na base da parte superior, que permite que o líquido seja evacuado sem remover o cartucho, o que, em certos casos, é interessante.
- Um cartucho de papel só pode ser reutilizado para um produto idêntico ao de sua última utilização.

Existem também cartuchos Pyrex com fundo de vidro sinterizado. Eles têm a vantagem:

1. para evitar a retenção de álcool no papel do cartucho,
2. evitando assim a destilação para recuperar o álcool,
3. permitindo após a limpeza, a sua utilização para qualquer tipo de plantas.

Existem duas categorias de resfriadores, aqueles em que o vapor circula na mesma direção do líquido e os outros chamados de “refluxo”. Estes são condensadores com tubos grandes ou as chamadas bolas Allihn, são necessários sem a extração Soxhlet.

Aconselhamos para a primeira operação usar uma planta Saturnina. O líquido resultante é chamado de tintura da planta. Ele contém tanto seu Enxofre quanto seu Mercúrio. Os sais serão extraídos dos resíduos vegetais contidos no cartucho Soxhlet.

Recomendamos o Soxhlet de 200 cm³, o balão inferior será carregado com 300 a 350 cm³ de menstruo. Feche a parte superior do refrigerador para evitar a entrada de umidade, uma tampa plana, levemente carregada, evita o risco de explosão em caso de sobrepressão. Terminada a extração, calcinamos as fezes contidas no cartucho e procedemos como na nossa primeira experiência.

Este aparelho é muito útil para um certo número de outras operações tanto no vegetal como nos outros reinos. No entanto, para aqueles que esta aquisição prejudicaria financeiramente, descrevemos outro método possível de extração. No entanto, levará mais tempo do que com um extrator Soxhlet.

Ora et Labora !

Lição 11: Aquecimento elétrico, Criação, Hyle, Nitro, Sal, Quatro Elementos Archaeus, Gur, Condições Eletromagnéticas da Água Esfera Kjedahl, Esfera de Reflux, Equivalência entre densidade e porcentagem alcoólica.

Nossa lição é sobre os quatro elementos e alguns princípios alquímicos. Continuamos também nosso comentário sobre a destilação.

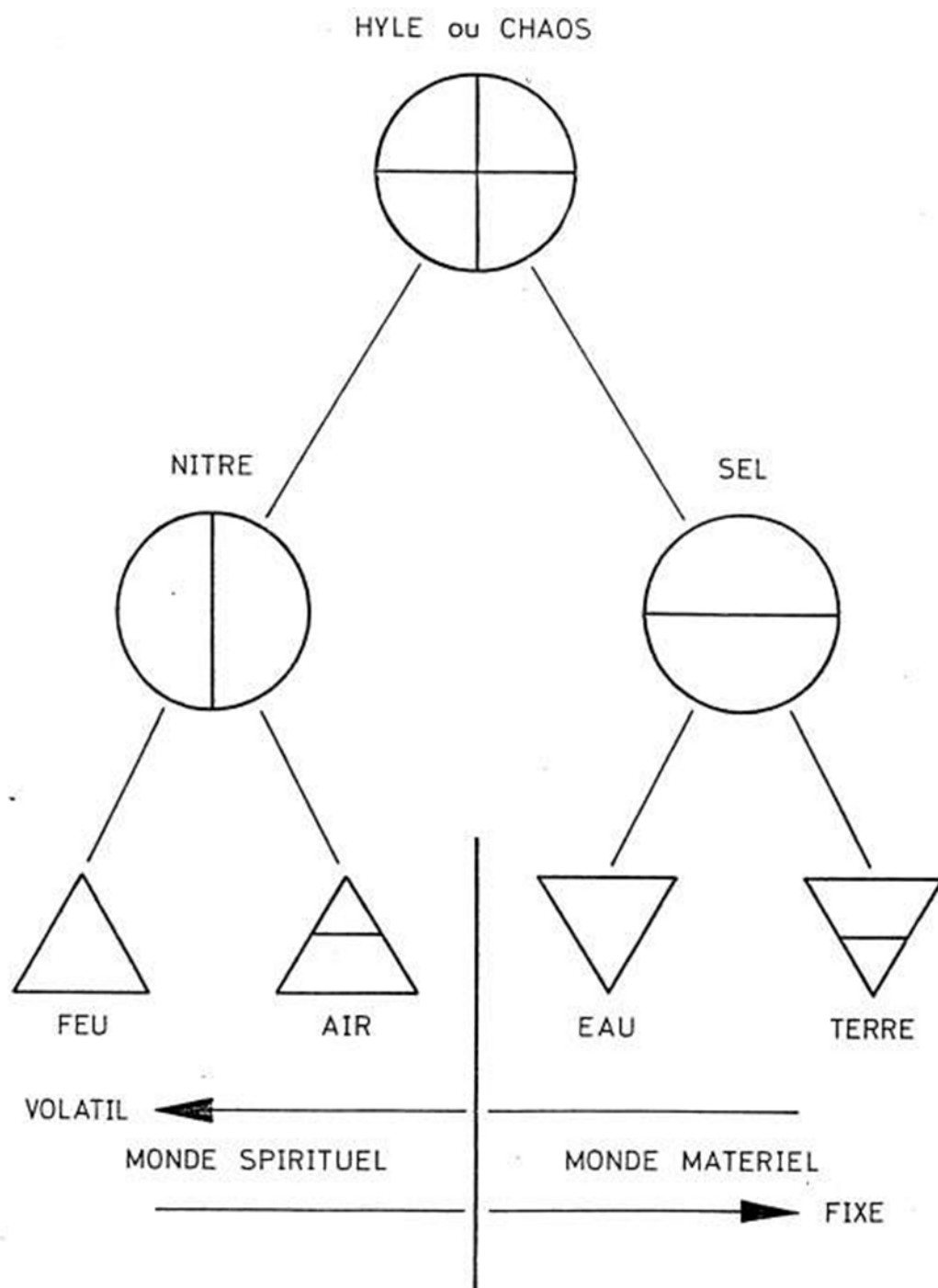
Alguns acreditam que o aquecimento elétrico é uma heresia na alquimia ou espagíria. Mas, depois da experiência, nosso ponto de vista é diferente; acreditamos que esta é uma superstição devido a um mal-entendido do problema alquímico. É um processo idêntico ao da geração chocada no ovo pela galinha, daí o nome Ovo Filosófico. Sêmen animal misturado com Enxofre e Sal animal despertará a vida neste reino. Da mesma forma em nosso Ovo Filosófico, o esperma metálico animará a vida mineral, unindo o Enxofre e o Sal; e também é assim no reino vegetal. Uma incubadora elétrica permite a eclosão dos filhotes, e se não bloqueia a evolução dos espermatozoides dos animais; por que não deveria ser o mesmo para o esperma metálico ou vegetal?

Na parte filosófica de nossas lições anteriores, tentamos expor três pontos que consideramos importantes para o restante de nossos estudos:

1. Uma visão geral da concepção espiritual do mundo pelos alquimistas.
2. A natureza do conhecimento e o desenvolvimento do mesmo através da elevação dos níveis de consciência.
3. Deixe claro que a experiência pessoal tem precedência sobre o dogma. Estamos agora entrando na verdadeira filosofia alquímica.

FILOSOFIA ALQUÍMICA

O mundo é criado pela repetição de um fenômeno de dualização de um elemento primário. Isso nos leva a uma lei ternária expressa pelo símbolo do triângulo. Do ápice saem duas linhas que representam os dois elementos criados pela dualização do 1.



Na imagem 1 acima, partimos da matéria mais sutil do universo, Caos ou Hyle, chamada na Bíblia de Águas do caos, separadas aquelas acima daquelas abaixo. Este Hyle, um elemento inteiramente espiritual, é dualizado em dois outros imperfeitamente espirituais: Nitro e Sal; Nitro, um elemento positivo-ativo, Sal, um elemento negativo-passivo.

Do Nitro temos o Fogo ativo e Ar passivo, daí para este último o símbolo da linha no triângulo, a de uma energia fechada, um obstáculo. Do Sal temos Água, elemento ativo e elemento passivo Terra. Note que não se trata aqui do Sal que encontramos nos três princípios: Enxofre, Mercúrio, Sal.

Agora temos os quatro elementos: Fogo, Ar, Água, Terra.

Como elementos primários, o Fogo e o Ar são elementos dos mundos invisíveis; Água e Terra pertencem ao mundo material.

Seguindo Fogo, Ar, Água, Terra, vamos do mais volátil ao mais fixo. Por outro lado, no caso da Terra, Água, Ar, Fogo, passamos do mais fixo ao mais volátil. O ar é fixo em relação ao fogo, mas volátil em relação à água.

Os alquimistas atribuem cores a esses elementos. Sua aparência os informa da natureza do elemento preponderante e, portanto, da fase alcançada pelo processo em andamento.

As cores são as seguintes;

- Fogo: vermelho
- Ar: amarelo
- Água: azul (aparece como branco em corpos sólidos)
- Terra: verde (aparece como preto em corpos sólidos)

Nas operações alquímicas, a sequência das cores será: preto, branco, amarelo, vermelho, seja na pedra vegetal ou na pedra mineral.

Quando calcinamos um sal, temos a sequência: preto, branco, amarelo, vermelho.

- Preto é morte ou putrefação ou separação.
- Branco é purificação.
- Amarelo é fertilização bem sucedida.
- Vermelho é fruta madura e perfeita.

Na alquimia, os símbolos têm um significado específico, seu design responde a leis específicas. Estudaremos isso em outra parte do nosso curso, mas observe alguns pontos aqui. As primeiras dualizações que escapam à forma, o que os antigos chamavam de mundo sublunar, são representadas por círculos. A linha horizontal simboliza o passivo, o vertical, o ativo. Ao chegar ao mundo da forma, a dualização é representada por um triângulo apontando para cima para o sutil, e um apontando abaixo para o grosseiro.

Devido à presença desses quatro elementos em todas as misturas, muitas operações apresentarão quatro fases sucessivas. Cada um dos elementos possui um grau diferente de volatilidade ou fixidez, portanto, tem uma reação diferente durante a operação. Este é um ponto muito importante na transformação da água em mênstuo universal.

Para os interessados em numerologia, existem Sete Segundas Causas que governam o mundo material; eles darão à luz os três princípios e estes a 10. Veremos então como as Sete Segundas Causas levam a esses ciclos evolutivos e devolutivos de 12 fases

TEORIA ALQUÍMICA

Água – Archeus – Gur

Para o resto de nossos experimentos, alguns produtos requerem uma longa maturação antes de poderem ser usados. Além disso, se surgir a oportunidade de obtê-los, é melhor ser informado de seu interesse para o futuro. É o caso da água da chuva e é isso que nos propomos a explicar.

Espalhar lençóis na relva para recolher o orvalho é pitoresco, mas é totalmente inútil: na verdade, a água do orvalho das plantas não é a melhor; grande parte de sua força alquímica já está perdida.

A água da chuva é interessante na Alquimia se estiver carregada com o "nitro" do Caos, o que os orientais chamam de prana, na verdade o princípio espiritual da vida.

Assim que a água toca o solo ou as plantas, ela perde seu "nitro elétrico" e torna-se "magnético". A carga de "nitro" é maior no verão, especialmente durante as chuvas torrenciais.

Quando a chuva atinge o solo, ela cede seu "nitro" a tudo o que lhe falta. Em um telhado, a chuva carrega gradativamente as telhas de "nitro"; quando estas estão saturados, a água deixa de perder o seu "nitro". Notemos de passagem que isso explica a recomendação em certas receitas alquímicas de usar telhas velhas trituradas.

Então, quando a chuva está caindo por uma ou duas horas, o telhado é lavado e a água mantém seu "nitro". É quando deve ser coletado antes mesmo de escorrer no chão. É derramado diretamente em uma garrafa de vidro ou plástico, mas nunca em um recipiente de metal. Para o resto do trabalho, você deve tentar coletar algumas dezenas de litros de água dessa maneira. No entanto, o primeiro experimento proposto pode ser feito com quatro litros.

A água é imediatamente filtrada através de algodão em um funil de vidro ou plástico. Será mantido em garrafas destampadas, mas cujo gargalo será fechado por um tecido cuja trama será a mais fina possível. Este tecido permitirá que o ar flua para dentro e para fora e evite a contaminação da água por poeira.

Agora precisamos garantir a qualidade da nossa água. O primeiro teste consiste em despejar uma altura de 1/2 cm em um pirex bem limpo e evaporar por aquecimento, sem ferver. Você tem que ficar o mais próximo possível da fervura, mas não alcançá-la. Quando o prato estiver seco, não deve haver nenhum depósito. Se há depósito, é porque nossa filtragem de algodão está mal feita ou porque a chuva ainda não lavou suficientemente o telhado.

O segundo teste consiste em retirar 1 litro ou 1/2 litro desta água e destilá-la; podemos então ver que tudo passa. A água destilada pode ser armazenada para maceração ou qualquer outro uso.

A água deve agora ser guardada num local quente: no inverno perto de um radiador, no verão numa sala temperada ou mesmo num sótão mas não na adega. Os antigos Filósofos dizem que durante este tempo é desejável que a água não seja vista nem pelo sol nem pela lua. Um período de conservação de uma lunação é um mínimo, mas seis ou sete lunações são desejáveis.

A água estará então pronta para a preparação do mênstuo universal da água: o Archeus, e para a extração da semente universal: o Gur, elementos primordiais trazidos à terra pelo ar e depois pela água da chuva.

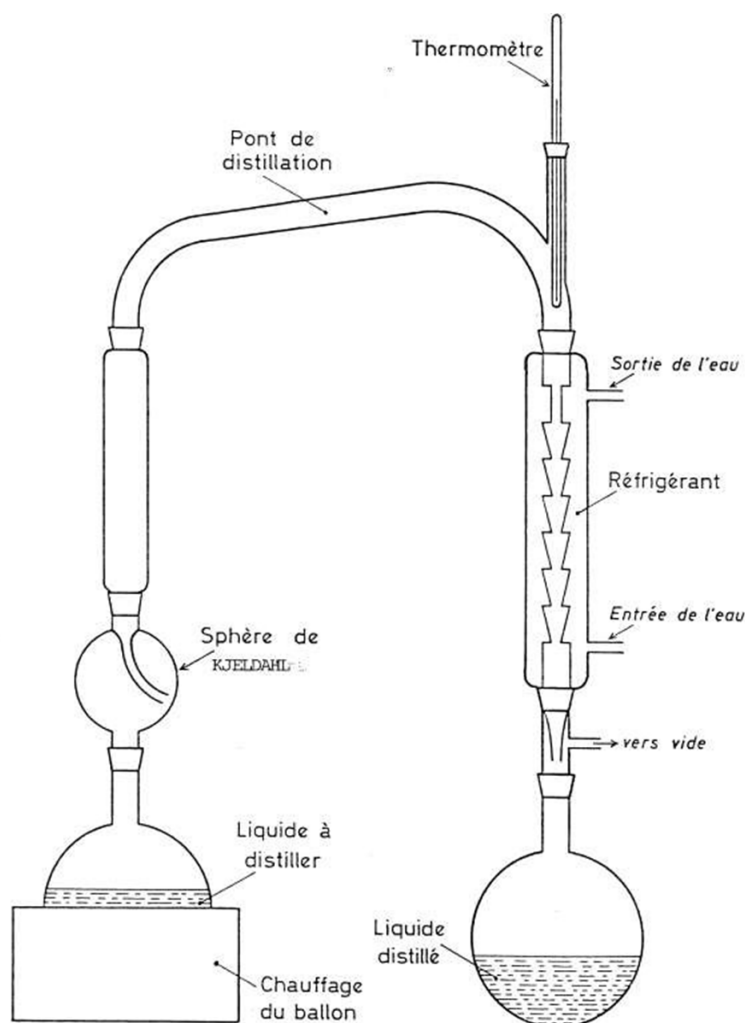
Convidamo-lo, assim a preparar esta água para depois seguirmos com a experiência que daremos pormenorizadamente noutra lição, precisamente porque este período de maturação é necessário e também porque este trabalho exige um certo domínio da destilação. O sucesso desta experiência demonstrará que todos os mistos vêm da semente universal fecundada pelo Archeus e que a predominância de um ou dois elementos direciona a criação para um reino:

- O Fogo predomina no animal
- Ar e Água predominam nas plantas
- A Terra predomina no mineral

Insistimos na preparação desta experiência que dará importantes resultados experimentais. Bem conduzido, demonstraremos que a criação está no domínio da Alquimia: revelaremos em miniatura o que é possível no Macrocosmo.

PRÁTICA ALQUÍMICA

Esperamos que você já tenha realizado alguns testes de destilação. Sua eficácia pode ser consideravelmente aumentada pelo uso de uma esfera de Kjeldahl chamada esfera de refluxo, que é colocada imediatamente acima do frasco de evaporação (imagem abaixo).



Estando o líquido a ser destilado fervendo, pequenas bolhas estouram na superfície e uma grande parte do líquido cai de volta, mas micro gotículas de líquido são levadas pelo vapor e correm o risco de chegar não destiladas na garrafa receptora. A esfera Kjeldahl é uma armadilha para essas micro gotas.

O controle da destilação é feito medindo a temperatura dos vapores. Achemos que é bom ter o seguinte conjunto de termômetros:

- Termômetro de álcool de -50° a $+50^{\circ}$ (álcool absoluto congela em -117° , mercúrio em -39°)
- Vários termômetros de mercúrio de -10 a $+160^{\circ}$
- Termômetro de -10 a $+150^{\circ}$ com aterramento 14/23 se equipado com vidro fosco
- Termômetro de -10 a $+250^{\circ}$ para a destilação de óleos essenciais.

Desaconselhamos vivamente a compra de termômetros de mercúrio cuja graduação exceda 350° , porque o mercúrio ferve a 356° mas é um gás sob pressão que impede esta ebulição e em caso de quebra accidental o vapor de mercúrio espalha-se e a inalação deste vapor é mortal.

Controle do produto destilado

A maneira mais simples de fazer isso é medindo a densidade: o peso em gramas de um litro de líquido; o da água é 1000.

A medição de densidade faz duas coisas:

- Revela a natureza do líquido
- Avalia a qualidade do líquido quando se conhece a sua natureza.

A tabela abaixo fornece a porcentagem de álcool em volume de acordo com a densidade na temperatura de 20°C.

Porcentagem de álcool	Densidade a 20 °C
0	1000
10	981
20	969
30	953
40	935
50	913
60	891
70	862
80	843
90	818
96	801
100	789

Dicas para destilação a vácuo

Um manômetro é essencial. Deve ser graduado em milibares de vácuo de 0 a 100, ou em mm de mercúrio de 0 a 760. Indicaremos o vácuo desejável de acordo com cada operação.

Antes de qualquer destilação, deve ser realizado um teste de vácuo de aproximadamente uma hora sem aquecimento. Se o vácuo não aguentar, as juntas de aterramento devem ser

desmontadas, limpas com tricloroetileno e lubrificadas novamente, garantindo que não haja poeira. Se o vácuo ainda não aguentar, você deve desmontar e limpar as torneiras e possivelmente a válvula de retenção.

Durante o aquecimento, é possível que o vácuo diminua, isso significa que o circuito refrigerante é insuficiente, envolva o frasco receptor com uma mistura de água/gelo.

Ora et Labora!!

Lição 12: Quatro Elementos, Três Princípios, Repetição de uma Operação, Fermentação, Separação, Coobação, Trem de Destilação

A parte prática deste manual inclui algumas dicas para fazer as montagens necessárias ao nosso trabalho a um custo menor. Este assunto também será desenvolvido na Lição 16. Se você mesmo conseguiu fazer arranjos rápidos e baratos, você pode nos contar sobre seus truques e nós os repassaremos a todos os membros da nossa Associação.

FILOSOFIA ALQUÍMICA

Os elementos Fogo, Ar, Água e Terra podem agir entre si ou se recombinar. No quadro abaixo, podemos ver a ação recíproca entre eles:

1. Fogo e Ar aplicando calor
2. Ar e Água aplicando umidade
3. Água e Terra aplicando frio
4. Terra e Fogo aplicando secura.

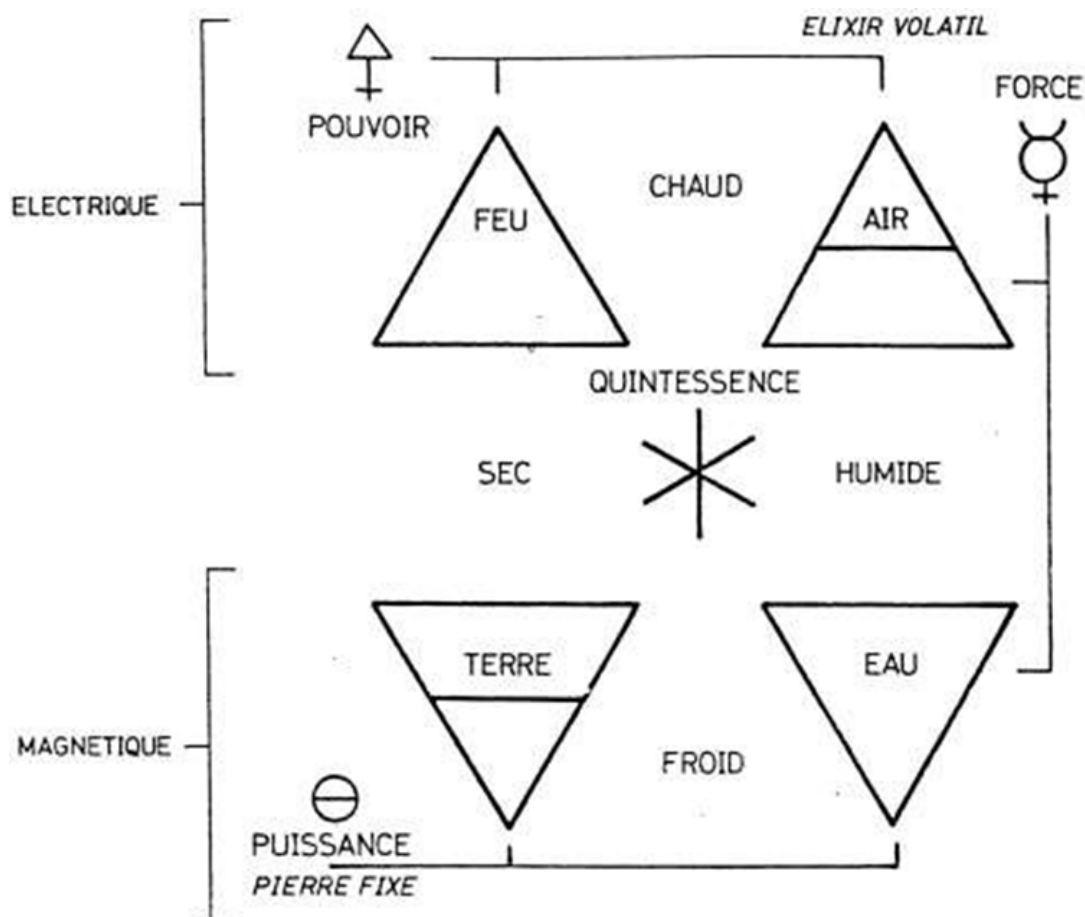
As combinações dos elementos dois a dois têm uma importância ainda maior.

Fogo e Ar, elementos sutis, possuem Enxofre e dizem ser do domínio "elétrico", Enxofre é poder.

Ar e Água, sendo um sutil e o outro grosseiro, tem a força do Mercúrio. Mercúrio é essencialmente o elo que une os dois mundos. Água e Terra dão Sal, o elemento mais grosseiro. É o elemento do corpo que tem o poder de realizar o que o poder do Enxofre lhe impõe através do canal de Mercúrio. Se o Mercúrio é o Elixir volátil, o Sal é a Fundação da Pedra Fixa. Assim, os dois elementos Terra e Água são ditos "magnético".

A combinação equilibrada dos quatro elementos dá a quintessência que, como Mercúrio, é um elemento de ligação. Discutiremos o assunto da quintessência com mais detalhes durante nosso estudo da Semente Universal. Podemos, no entanto, dizer que existem vários tipos de Quintessências, e que o equilíbrio dos elementos que dá a quintessência vegetal não é o mesmo da quintessência mineral ou animal.

Esta ordenança é a da Natureza, mas a Arte que completa a obra da Natureza procede de forma diferente. Podemos purificar os três princípios graças ao Alkahest. Sua combinação dará Prata Filosófica Passiva e Ouro Filosófico Ativo, que nada têm em comum com os metais de mesmo nome. É o Azoth que permite sua união, cujo resultado é a Pedra Vermelha Fixa.



Ao concluir nossa reflexão de hoje, queremos fazer dois esclarecimentos:

1) Alkahest, Mercúrio, Azoth são da mesma natureza, mas diferem entre si em seu grau de vida e maturidade.

2) Os elementos não estão distribuídos de forma idêntica nas várias partes de um mesmo ser. Nas plantas, as raízes são o elemento Terra, o tronco e os ramos o elemento Água, as folhas o elemento Ar e as flores e frutos o elemento Fogo.

Assim, se fizermos uma conexão com a teoria dos quatro temperamentos, podemos encontrar em toda planta o que convém a cada um para compensar o desequilíbrio dos elementos em si mesmo.

TEORIA ALQUÍMICA

Achamos que é possível e útil agora examinar a hierarquia dos processos que se seguirão e os produtos que resultarão.

Vimos em nossas notas anteriores que existem vários processos na alquimia que pode ser resumido da seguinte forma:

1. Repetição da mesma operação no mesmo produto para obter sua evolução.

2. Fermentação ou putrefação para liberar certos elementos mortos para experimentar o renascimento,
3. Separação e coação dos princípios para obter por sua união um produto exaltado a um nível superior.

Se considerarmos que o homem psíquico deve estar preparado, planeta por planeta, sefira por sefira ou chakra por chakra, podemos olhar nosso trabalho da seguinte maneira.

Poderíamos começar fazendo sete infusões, uma por planeta, sempre começando com Saturno. Mas os princípios das plantas e, em particular, seus óleos essenciais (Enxofre) são parcialmente perdidos e não há repetição nem purificação.

Podemos então realizar uma série de sete elixires. O processo de nosso primeiro experimento não é adequado porque usa coação repetida nos sais, o que aumenta a potência do elixir, e ele permanece determinado, além disso, em dois planetas, Júpiter e o Sol. Com o mênstruo indeterminado de que falamos nas páginas iniciais da lição 10, podemos empreender a fabricação dos sete elixires, um por planeta. Estes já são muito mais poderosos, pois o mênstruo é mais completo.

É necessário fazer a separação dos três princípios para chegar ao estágio seguinte.

Uma vez conhecido este método, várias soluções são possíveis para o mesmo resultado. Estudaremos prioritariamente as diferentes operações alquímicas e depois daremos alguns exemplos práticos dos vários métodos que podem nos levar às quintessências, ao primeiro ser e à pedra vegetal chamada Circulatus Minus se for preparada no estado líquido .

No avanço alquímico temos que pensar que a natureza e seus mecanismos internos despertam apenas lentamente.

Ninguém rasga o Véu de Ísis: ele só pode ser levantado pela paciência e pelo amor da Natureza e dos Homens.

PRÁTICA ALQUÍMICA

Construção barata de um trem de destilação

Você deve ter os seguintes itens:

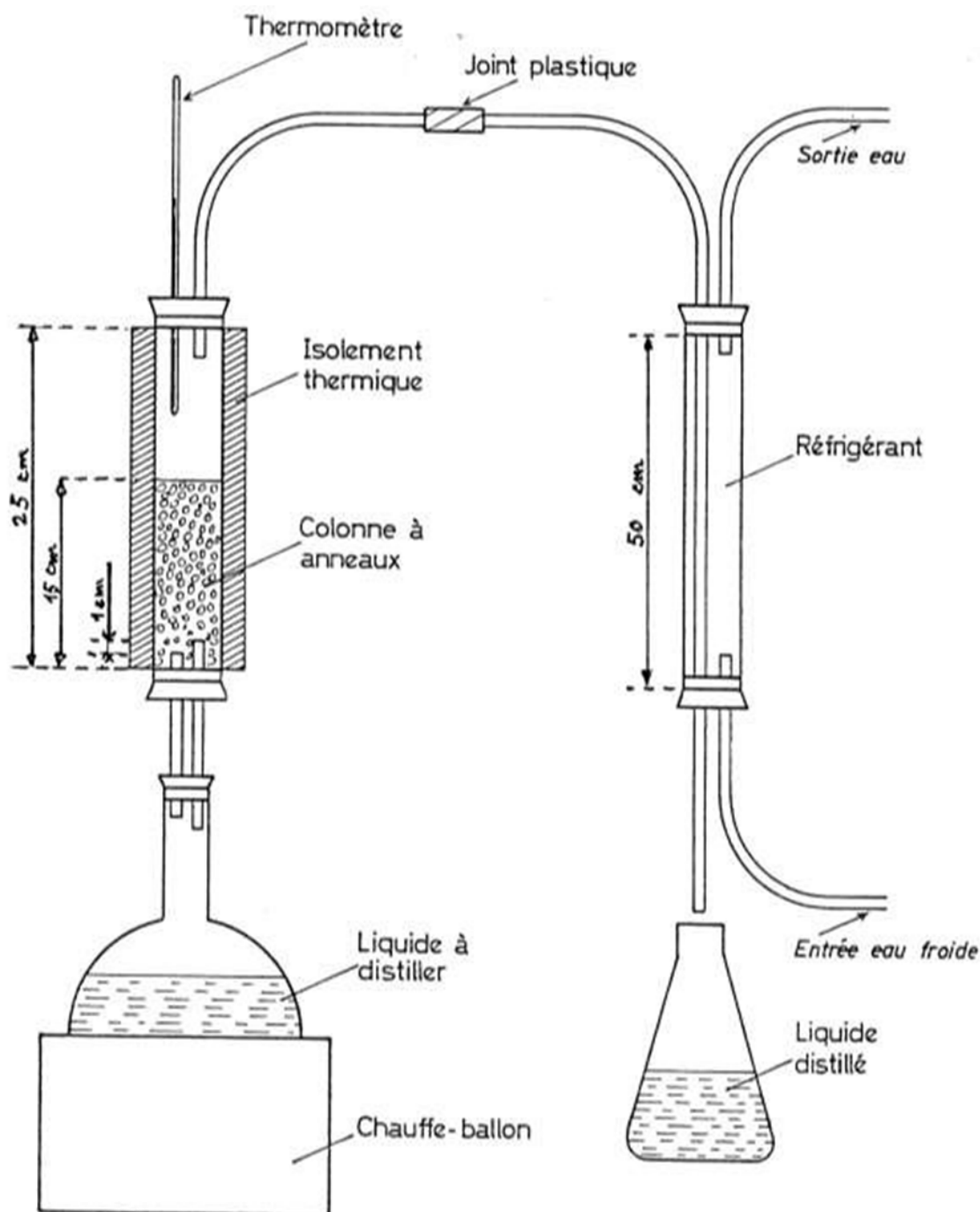
- Um maçarico a gás (tipo Turbogaz),
- Um quilo de tubo Pyrex de 8 mm de diâmetro, ou seja, 12 comprimentos de 1,50 m,
- Um quilo de tubo Pyrex de 28 mm, ou seja, três hastes de 1,50 m,
- Um cortador de tubos para vidro (você pode evitar esta compra se tiver um rebole para afiar brocas de metal duro).

Primeiro, corte um tubo de 28mm em 4 pedaços: dois de 50cm e dois de 25cm.

Obtêm-se tampões de borracha sem enxofre, calibre 22 mm (diâmetro pequeno) e perfurados com dois orifícios. Você também pode recuperar rolhas de champanhe que você ferve previamente para trazer de volta às suas dimensões originais. São perfurados com dois furos de 6 mm e finalizados com uma lima de rabo de rato macia, para que os tubos de 8 mm passem apertados. Para maior segurança, esta última manipulação deve ser realizada com luvas grossas.

Todas as extremidades dos tubos de vidro são então flambadas. Os tubos de 8 mm não devem ser dobrados dentro de um raio de curvatura menor que 3 ou melhor 5 cm, caso contrário o tubo achatará e a seção encolherá.

O resultado a ser obtido é muito semelhante ao trem de destilação fracionada representado pela imagem 1 da lição 6 que também o reproduzimos abaixo:



No entanto, recomendamos o uso do frasco Erlen Meyer de um ou dois litros, pois cabe facilmente em uma chapa elétrica, enquanto o frasco redondo requer uma manta de aquecimento mais cara.

Para melhorar a eficiência térmica, este Erlen Meyer também pode ser isolado com lã de vidro ou tecido.

Uma bengala de 28 mm de diâmetro e 25 cm de comprimento é enchida até uma altura de 15 cm com cacos de vidro obtidos da seguinte forma: misture em uma caixa de metal fixada na placa de um toca-discos antigo (ver figuras abaixo). Após várias horas de rotação, o vidro é amolecido. É separado da areia com um coador e lavado com água da chuva.

Este vidro tem uma desvantagem: retém muito líquido. Portanto, é necessário ter várias colunas numeradas, cada uma sempre sendo utilizada para o mesmo tipo de produto. Neste processo, é possível não se envolver na moagem do vidro. O isolamento térmico feito com mangas isolantes melhora o funcionamento da coluna.

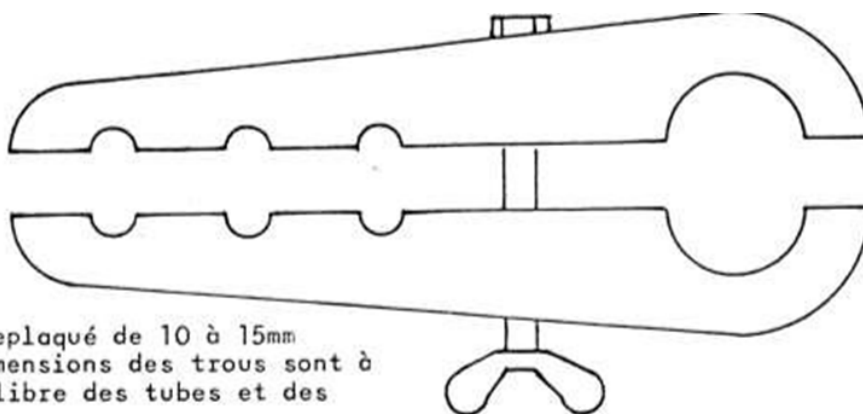
Montagem do dispositivo

Um disco de chumbo de 15 a 20 cm de diâmetro e 1 cm de espessura é fundido em uma frigideira velha, por exemplo, e um tubo de metal de 10 mm de diâmetro e 1 m de comprimento é preso a ele por meio de uma base.

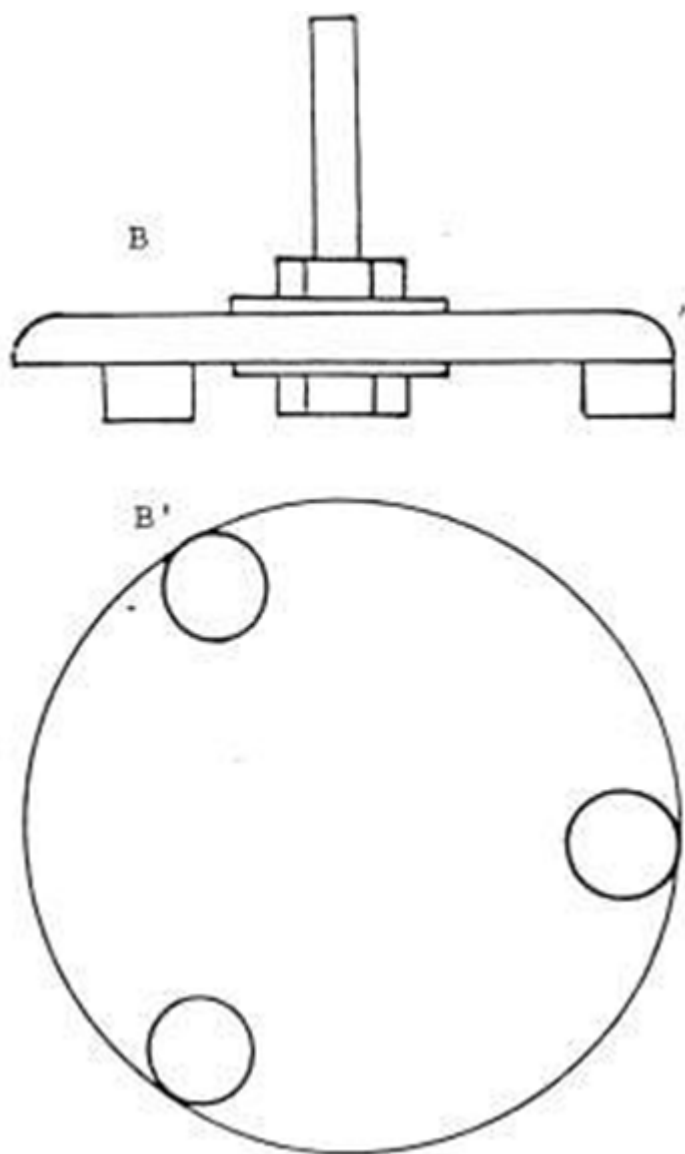
Os grampos são então feitos de madeira de 15 mm de espessura. Estes grampos serão apertados com porcas borboleta (ver A e B).

Na nossa lição 16, daremos uma montagem de um aparelho Soxhlet a ser realizado e descreveremos alguns "truques" para reduzir o custo inerente às operações de calcinação, circulação, maceração, etc.

A:

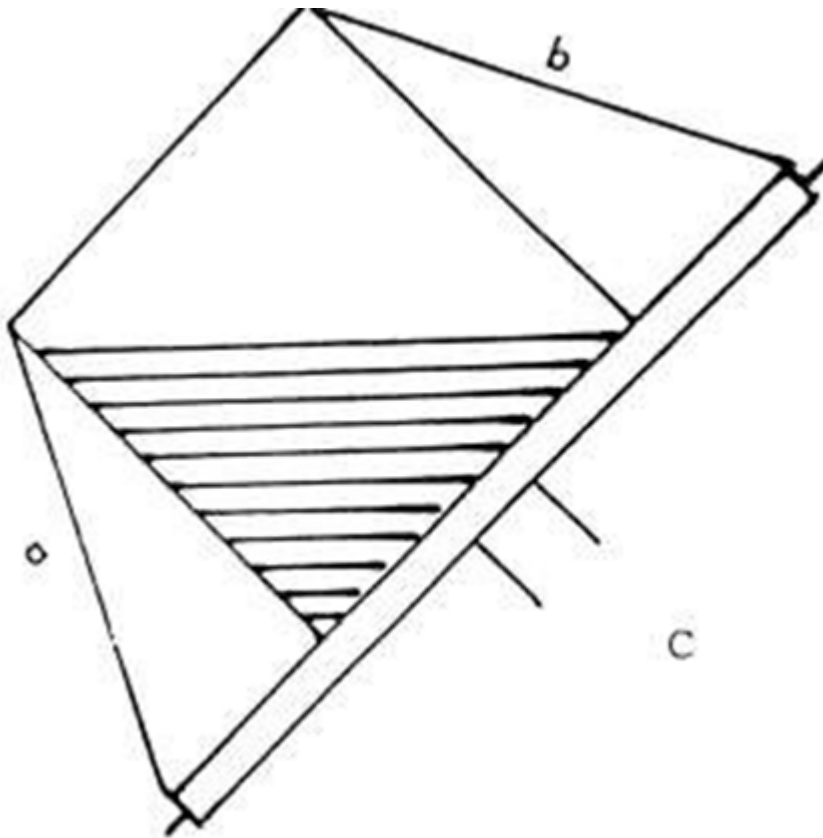


A réaliser en contreplaqué de 10 à 15mm d'épaisseur. Les dimensions des trous sont à fixer suivant le calibre des tubes et des tiges de montage



Suporte de chumbo, fundido em uma panela. Espessura 8 a 10 mm. Diâmetro cerca de 20 cm. A haste rosqueada vertical de 10 mm é fixada por duas porcas de 10 mm que se apoiam em duas arruelas grossas e tão largas quanto possível. Três pernas dispostas em triângulo proporcionam estabilidade.

C



Caixa fixada em um toca-discos inclinado a 45° . Permite que os materiais sejam amolecidos ou que os líquidos sejam agitados. Não exceda o nível de material mostrado neste desenho. A caixa ou a garrafa de líquido pode ser fixada por meio de elásticos (a,b) nas bordas da bandeja.

Ora et Labora!!

Curso Prático de Espagíria

Volume II (Lições de 13 a 24)



Jean Dubuis

Tradução Thiago Tamosauskas

CRÉDITOS:

Autor: Jean Dubuis, 1996

Ilustração da capa: Erzebet, 2017

Tradução: Thiago Tamosauskas, 2022

Ao prosseguir na leitura o leitor reconhece e honra o desejo do autor Jean Dubuis de que suas obras fossem livremente reproduzidas e transmitidas a todos aqueles que pudessem se beneficiar delas sob a condição imperativa de **NÃO AS COMERCIALIZAR DE NENHUMA FORMA** (seja diretamente, pela venda do livro ou indiretamente por meio de conferências, oficinas, cursos ou treinamentos pagos, etc.)

Para isso, compromete-se expressamente a:

- Não vender as cópias que fizer.
- Solicitar um compromisso semelhante daqueles a quem enviar uma cópia mantendo essa página intacta.

Para garantir que está com a versão mais atualizada desta tradução faça download da mesma pelo link abaixo: <https://mortesubita.net/alquimia/curso-espagiria/>

O livro original em francês e a versão em inglês podem ser baixados em: portaelucis.fr

CRÉDITOS:

Autor: Jean Dubuis, 1996

Ilustração da capa: Erzebet, 2017

Tradução: Thiago Tamosauskas, 2023

Ao prosseguir na leitura o leitor reconhece e honra o desejo do autor Jean Dubuis de que suas obras fossem livremente reproduzidas e transmitidas a todos aqueles que pudessem se beneficiar delas sob a condição imperativa de NÃO AS COMERCIALIZAR DE NENHUMA FORMA (seja diretamente, pela venda do livro ou indiretamente por meio de conferências, oficinas, cursos ou treinamentos pagos, etc.)

Para isso, compromete-se expressamente a:

- Não vender as cópias que fizer.
- Solicitar um compromisso semelhante daqueles a quem enviarei uma cópia mantendo essa página intacta.

O livro original em francês e a versão em inglês podem ser baixados em: portaelucis.fr

Lição 13: Máximas da Corrente de Ouro de Homero, Química Orgânica e Mineral, Sal e Enxofre Extração do Enxofre Vegetal por Vapor

Na maioria dos textos herméticos, as frases importantes são muitas vezes afogadas em longas dissertações ou em alegorias simbólicas. O texto a seguir foi retirado de um antigo livro hermético do qual removemos todos os termos obscuros desnecessários.

FILOSOFIA ALQUÍMICA

Como já vimos, cadáveres não podem ser usados na Alquimia. É por isso que os metais comuns são inutilizáveis; apenas sais metálicos vivos podem ser usados para trabalhar no reino mineral.

Como na Alquimia imitamos a Natureza², vamos examinar o processo criativo. Na Natureza, tudo vem de um único princípio que opera todas as gerações e todas as dissoluções.

A natureza é a mãe de todos os seres que compõem este mundo visível e do princípio invisível que os anima e que, embora distinto de Deus, dele emana.

Deus trouxe a Natureza do nada em virtude de sua Palavra, que gerou um vapor sem forma e sutil no qual Ele imprimiu um Espírito de força e poder.

O Vapor se transformou em uma Água que os filósofos chamaram de Caótica Universal: o CAOS. É desta água que se forma o Universo.

A água cósmica é dupla, a água universal visível, o espírito invisível inerente a ela. Duas coisas em uma.

A água sem o Espírito não teria forma. O Espírito sem água não teria como agir.

Todas as coisas derivam sua existência dessa mesma raiz e, portanto, tudo pode ser reduzido a ela.

É por isso que os filósofos dizem:

"Nossa matéria está em todas as coisas, mas não é a mesma em quantidade nem em qualidade em todas as coisas".

A água cristalina e pura da origem é passiva, mas, sob a ação do Espírito ativo, apodrece. Assim as partes sutis e as partes grosseiras são formadas.

O mais sutil forma o Céu ou Fogo, o menos sutil o Ar, mais grosseiro, a Água e finalmente a Terra.

² A definição de Natureza é um pouco curta para uso filosófico. Um dos nossos membros que teve que dar uma definição em uma palestra sobre agricultura orgânica definiu-a como sendo o conjunto de disposições que a vida dá aos seres. Não podemos falar de natureza sem mencionar a palavra Vida. Em latim, *natura* é o feminino de *naturus*, que está destinado a nascer, é o particípio futuro do verbo nascer. A natureza é o conjunto de relações internas inerentes aos fenômenos vitais.

Esses quatro elementos diferem uns dos outros apenas em seu grau de fixidez e sutileza. Mas a dupla água caótica torna-se quádrupla pela separação dos elementos.

Cada elemento produz continuamente em seu centro uma semente semelhante a si mesma.

Da união dessas sementes nasce uma água caótica com a mesma natureza da água caótica primordial.

Essa água caótica garante a geração, a conservação e a destruição de todas as coisas criadas. Essa água gerada pelos elementos é chamada: Semente Universal, Alma e Espírito do Mundo. Ela é o espírito universal não especificado tornado visível como água: é o ARQUEUS da Natureza.

O Espírito Animador causa emanções:

- vindo de cima, essas são as influências,
- vindo de baixo, são as exalações.

As emanções do Espírito causadas por uma semente particular engendrada em reunião com a Semente Universal. Fogo com Ar, Água com Terra e esses dois compostos se unem como masculino e feminino.

Você não pode ir de um extremo ao outro sem passar pelo meio. A união dos elementos fixa o volátil se temos Fogo com Ar, depois com Água, depois com Terra.

A união dos elementos volatiliza a Terra fixa se temos a Terra com Água, depois com Ar, depois com Fogo.

Cada elemento tem três graus intermediários, muito sutil, sutil, não muito sutil, ou Enxofre, Mercúrio e Sal .

A Semente do Universo é formada a partir das emanções do Céu, do Ar, da Água, da Terra, pela degradação desses elementos em sua matéria-prima.

Seus elementos são homogêneos sendo constituídos apenas de Água Caótica e Espírito.

A Terra é um Céu fixo, o Céu é uma Terra volátil, o Ar é uma Água rarefeita, a Água é um Ar condensado. O elemento mais sutil é também o mais móvel, é ele quem transmite movimento aos outros.

Aconselhamos a reler e meditar sobre esta parte filosófica antes de empreender a destilação dos elementos ou experiências com o GUR.

TEORIA ALQUÍMICA

Química e Alquimia

O estudo, mesmo sumário, da química moderna não deixa de interessar ao alquimista. Os alquimistas modernos estabeleceram uma conexão entre certos corpos simples da química atual e esses elementos alquímicos:

- Fogo: Hidrogênio³
- Nitrogênio: Ar
- Água: Oxigênio
- Carbono: Terra.

Percebemos que o carbono é um elemento chave da natureza e fornece a ligação entre o mundo mineral e o mundo orgânico vegetal e animal.

Em nossas manipulações, o sal vegetal residual é um corpo sem carbono que foi queimado, o sal retornou assim ao seu mundo mineral; é o mundo mineral que fornece as matrizes do mundo vegetal. Assim que o carbono está presente, a vida orgânica aparece. A força animadora, óleos vegetais e espíritos são compostos de carbono, hidrogênio e oxigênio. Em óleos essenciais e essências, às vezes temos nitrogênio.

Se considerarmos a divisão da química moderna, a química orgânica é o domínio do enxofre e do mercúrio vegetais e a química inorgânica é o do sal vegetal. Devemos notar que nos processos de separação da planta aparecem sais voláteis que são do domínio orgânico. Estes devem ser incorporados ao enxofre vegetal.

Mais adiante consideraremos alguns métodos para a separação desses sais voláteis.

O reino vegetal da terra tem o potássio como seu principal componente em seus sais⁴. Este sal de tártaro é o carbonato de potássio. As plantas marinhas têm como principal componente de seus sais o sódio, um metal muito próximo do potássio.

O sangue do homem pertence ao reino do sódio.

Acreditamos que estas poucas observações serão úteis para você no desenvolvimento de suas operações espagíricas.

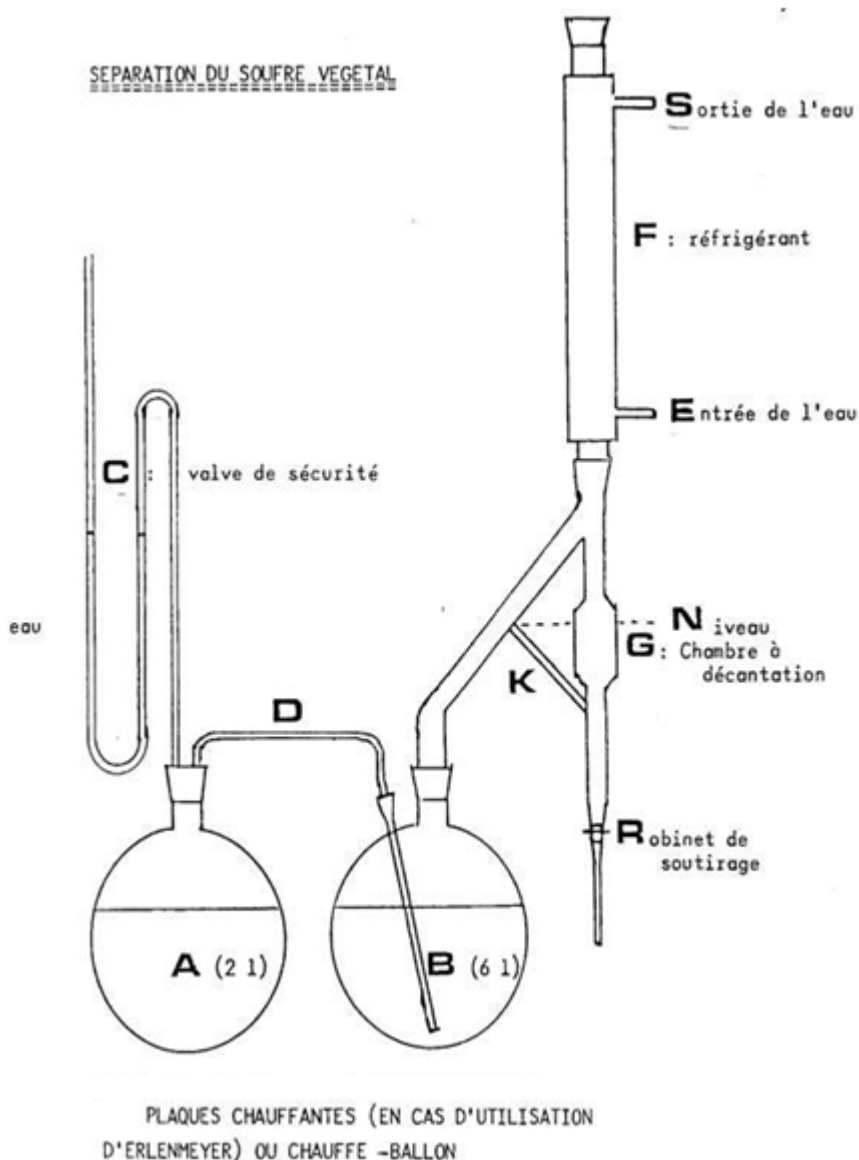
PRÁTICA ALQUÍMICA

Estamos estudando a separação do Enxofre vegetal que está contido em sua maior parte nos óleos essenciais dos vegetais. Estes só podem ser separados por destilação a vapor.

A planta inicial para este trabalho pode ser alcaravia (sementes) ou lavanda (flores) ou camomila. As proporções são 50 g para um litro de capacidade, ou 300 g para um balão de seis litros. O balão deve ter dois terços cheio de água da chuva e deixado para macerar de 24 a 48 horas.

³ Notadamente, os números atômicos de H, N, O e C são 1, 7, 8 e 6

⁴ Isso é algo que visto na lixiviação de sais dos quais saem apenas sais de potássio, principalmente carbonato, mas não podemos esquecer que o elemento mais difundido no reino vegetal é o cálcio. A maioria das cinzas de plantas e madeiras é composta de carbonato de cálcio. Cálcio de acordo com a terminologia de Kervran, é apenas K + H, ou seja, 39 + 1.



Na imagem acima, se o balão B for de 6 litros, o balão A será de 2 litros e preenchido com 1 litro a 1 litro e meio de água da chuva. O tubo C está cheio de água; pode ser substituído por uma válvula de panela de pressão, pois sua função é apenas evitar a explosão do balão A se o circuito de vapor estiver bloqueado. Os balões A e B são aquecidos; ao ferver, o aquecimento de B é interrompido, apenas A, o gerador de vapor, continua a ser aquecido. Uma resistência elétrica pode ser fornecida na parte D do tubo para superaquecer o vapor para certas categorias de plantas (raras).

O injetor de vapor em B deve ter uma saída cônica e curva para que o jato de vapor agite a mistura água/planta.

Duas soluções são possíveis:

- A primeira consiste em montar uma panela de destilação e um refrigerador atrás dela no frasco B; vapor e óleo irão condensar em um recipiente. O óleo só pode ser separado da água por decantação o vazamento será lento e o desempenho será ruim.

- A segunda: em nossa diretoria representamos um extrator de óleos essenciais. O vapor condensa-se no refrigerador e o óleo deposita-se nas suas paredes. Tudo desce para a câmara de decantação G. O óleo flutua e a água retorna ao tanque B através do tubo K, a válvula R permite que a água seja eliminada e o óleo seja retirado no final da operação.

A experiência mostra que se após a extração a planta for deixada em repouso, obtemos operando novamente 24 horas depois a mesma quantidade de óleo e isso às vezes 3 ou 4 vezes seguidas.

A extração do princípio da alma da planta a mata e portanto, ela deve passar pela decomposição que acompanha a morte. Esta será a fermentação, que permitirá a separação dos espíritos dos elementos do corpo (Mercúrio e Sal). Esses espíritos serão objeto de um estudo mais avançado em uma de nossas próximas lições.

Ora et Labora!!

Lição 14: Fermentação, Destilação Filosófica, Solve Coagula, Calcinação

Por algum tempo, vamos nos dedicar quase exclusivamente às operações práticas.

Não devemos esquecer que, no domínio mental, anotar um assunto, estudá-lo, equivale a fazer dele uma “extração alquímica”. Meditar sobre um problema equivale a uma “circulação alquímica”. Num caso, a matéria torna-se fixa, estável e durável; no outro, a matéria cresce e se aperfeiçoa.

FERMENTAÇÃO

Depois de ter removido o enxofre vegetal por destilação a vapor, temos uma planta morta da qual devemos separar os vários elementos por fermentação.

A fermentação é a chave que desvenda os segredos da natureza, razão pela qual deve ser seriamente estudada e experimentada.

Todas as fermentações ou putrefações requerem o cumprimento de três condições para serem realizadas:

- a presença de um elemento vivo
- uma composição ou estado adequado do corpo a ser fermentado
- condições de temperatura e, dependendo da natureza da fermentação, a presença ou ausência de ar.

Considerando a evolução do vocabulário e o significado que a palavra “putrefação” tomou desde a concepção pasteuriana e microbiana, deve-se ressaltar que antigamente a putrefação não tinha o caráter pútrido que hoje lhe atribuímos.

O elemento vivo geralmente é morto pelo calor. A extração a vapor mata o fermento. Da mesma forma, no metal, ele é morto pela fusão do metal e a fermentação não pode começar. Então sempre temos que adicionar um fermento. No caso das plantas, alguns autores recomendam o uso de levedura de cerveja, mas isso é um equívoco. Sendo a natureza única, é necessário usar o fermento específico da planta ou do metal, caso contrário seria necessário ter um fermento indeterminado, mas infelizmente ele não existe na planta. Portanto, é preferível misturar com a planta morta um pouco de uma planta que não tenha sofrido nenhum tratamento para fornecer os elementos necessários para a fermentação.

No reino metálico, o metal a ser fermentado está morto; deve ser misturado com uma parte de seu minério não fermentável, mas que dê vida ao metal preparado.

Se, como resultado de tratamentos agrícolas, a planta já não tiver fermentos próprios, pode-se inocular uma levedura estranha que será obtida preferencialmente do fundo da cuba, mas este é apenas um úbere.

À nossa planta macerada em água da chuva e sem o seu enxofre previamente extraído, adicionamos um pouco de planta fresca para iniciar a fermentação, respeitando as seguintes condições:

- Se houver ar em contato com o líquido, a levedura se desenvolve muito, há pouca produção de álcool (fermentação aeróbica).
- Se houver pouco ar em contato com o líquido, as bactérias se desenvolvem pouco e produzem muito álcool (fermentação anaeróbica).
- As leveduras alcoólicas tornam-se pesadas e perdem a vivacidade acima de 30° e abaixo de 15°.
- As leveduras não vivem em meio básico, apenas se desenvolvem em meio neutro ou ácido; isso muitas vezes bloqueia a proliferação de fermentos parasitas. Na maioria das vezes são os caules cortados e as sementes da fruta que garantem a acidez do licor (pH inferior a 7).
- A fermentação vegetal ou metálica libera calor, a garrafa deve ser ventilada.
- Durante os primeiros dois ou três dias, é necessário renovar o ar estagnado acima do líquido para evacuar o dióxido de carbono que interfere no desenvolvimento das leveduras.
- A massa de água/planta deve ser agitada com uma vareta de madeira ou vidro.
- Após dois ou três dias, o dióxido de carbono deve estagnar para aumentar a produção de álcool.
- Nas fermentações alcoólicas, as leveduras param de trabalhar quando o teor alcoólico é de 15 a 17°, haja ou não matéria transformável.
- Na fermentação acética, que veremos mais adiante, as leveduras param de trabalhar quando o nível de acidez é de 8%.
- Quando a fermentação está completa, a massa sólida é separada do líquido por filtração.
- O líquido é destilado lentamente para recuperar o álcool.
- A fermentação das plantas produz essencialmente dois tipos de álcool:
 - etílico.
 - metílico: este último é muito perigoso e deve ser cuidadosamente eliminado dos produtos espagíricos.

A separação é bastante fácil porque não dá azeotropia com álcool etílico e seu ponto de ebulição é de 64°. Portanto, é necessário eliminar todo o líquido que destila abaixo de 76°C.

O enriquecimento artificial da maceração vegetal com soluções semelhantes à chaptalização do vinho aumenta muito o teor de álcool metílico.

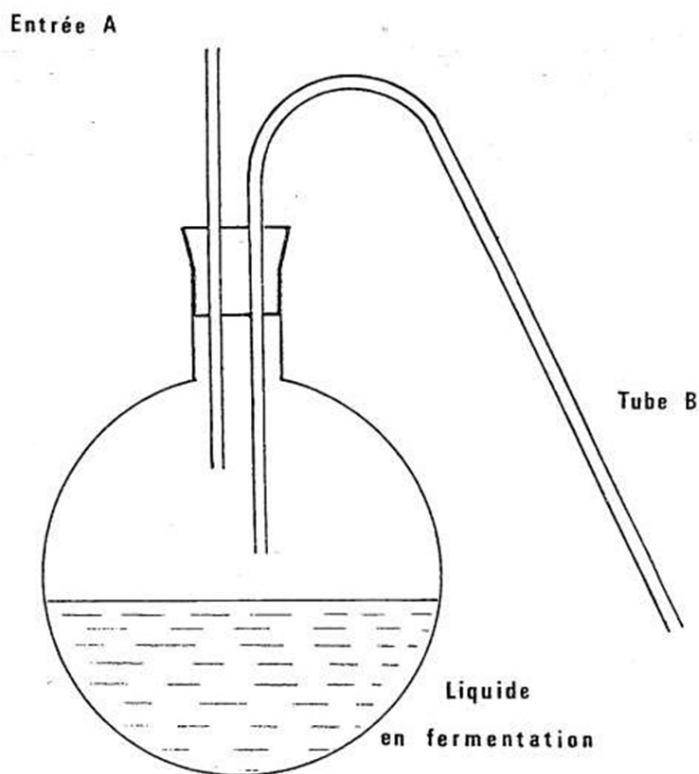
Em resumo, todas as fermentações espágricas vegetais ou metálicas são controladas por três elementos:

- escolha do elemento de fermento
- escolha da solução a fermentar e sua composição química
- escolha de temperatura e aeróbica ou anaeróbica

É bastante delicado tentar mudar os mercúrios do reinado; não é o mesmo com os princípios de fermentação ou putrefação. Um antigo filósofo disse: “Descubra o que no reino animal apodrece mais rápido. Dos peixes, extraia o princípio dos peixes, e isso acelerará a putrefação metálica que de outra forma é muito longa”.

Tudo é lógico na alquimia, assim o mênstruo de Kerkring que permite uma extração bastante rápida do alkaest metálico é composto de sal amoníaco, princípio liberado pela putrefação do peixe, e álcool absoluto, uma mediana vegetal que permite ao animal atuar no mineral, pois um não passa de um extremo ao outro sem meio.

Descreveremos a confecção deste mênstruo no final do curso sobre processos vegetais.



Para evacuar o dióxido de carbono CO_2 no início da fermentação, sopra em A; o tubo B então prepara um sifão de CO_2 (mais pesado que o ar). Quando a fermentação se estabelece na massa do líquido, após dois a três dias se fecha o tubo B.

DESTILAÇÃO FILOSÓFICA

Este tipo de destilação é tipicamente alquímico. Os Filósofos agrupam sob este termo dois processos muito diferentes.

Vimos anteriormente que a fervura cria miríades de microbolhas que, impulsionadas pelo vapor, causam um curto-circuito no processo de destilação. A esfera de refluxo Kjeldahl elimina grande parte dela, mas é melhor não ter nenhuma. Para isso, a temperatura do líquido deve estar logo abaixo do ponto de ebulição. Assim, todo o líquido muda para o estado de vapor. Isso implica que o vapor tem muito pouco para subir; o balão pode, portanto, ser virado de modo a ter um pescoço levemente inclinado que chega diretamente ao condensador. Esta destilação deve ser muito lenta. Uma gota a cada 7 a 8 segundos. Os antigos Filósofos aconselhavam recitar um Pai Nosso entre duas gotas.

O segundo método consiste em uma destilação repetida do nosso produto que é derramado sobre as fezes que ficam no fundo do frasco. O objetivo é enriquecer o produto e não separá-lo. As destilações repetidas fortalecem surpreendentemente os elementos alquímicos do produto.

Destilações repetidas de vinagre não aumentam seu nível de ácido acético, mas seu poder de "maturação" e "fixação" de acordo com o conceito alquímico.

Sempre deixe o frasco esfriar antes de adicionar o líquido destilado. Se as fezes estiverem sólidas, retire-as do frasco e triture-as em pó o mais fino possível.

Este princípio é aplicado em uma operação contínua em operações conhecidas como "circulação "

SOLVE ET COAGULA

Esta operação tem um propósito essencial de purificação. Pode ser feito de duas maneiras diferentes:

1. A primeira consiste em dissolver o corpo a ser purificado, geralmente um sal em um líquido, na maioria das vezes água. Se o sal for insolúvel em água, você pode tentar álcool ou ácido acético.

Quando o sal é dissolvido, a solução é filtrada e evaporada lentamente, sem ferver. Um sal purificado de suas impurezas insolúveis é recuperado, mas as impurezas solúveis não são eliminadas.

2. O segundo método também consiste em dissolver e filtrar, mas sem evaporar até a secura. Por exemplo, o volume de líquido é reduzido a um quarto do seu volume original e deixado esfriar.

Em muitos casos, os cristais aparecerão e crescerão no líquido frio. Nós os coletamos e secamos. É necessário colocá-los em uma garrafa hermética, porque muitas vezes são higroscópicos e são liquefeitos pela umidade do ar.

A cristalização remove parcialmente as impurezas solúveis.

À medida que a água esfria, as partes solúveis cristalizam.

Aqui está, para alguns sais, a quantidade em gramas solúvel em água a 20°C e 100°C:

	20°	100°
Sal amoníaco NH_4Cl	30°	76°
Acetato de chumbo $\text{Pb}(\text{C}_2\text{H}_3\text{O}_2)_2$	44°	221°
Carbonato de potássio K_2CO_3 (tártaro)	112°	156°
Bórax $\text{Na}_2\text{B}_4\text{O}_7 \cdot 10\text{H}_2\text{O}$	2°	170°
Cloreto de sódio NaCl	29°	36°

Tomemos o exemplo do acetato de chumbo. Se saturarmos a água a 100°C, uma vez resfriada a 20°C, teremos:

$221 - 44 = 177$ gramas de cristais com 1/10 de um litro de água no início.

Não tente cristalizar todo o sal porque a solução precipita impurezas que são filtradas.

Vamos voltar ao nosso acetato de chumbo. No início, os cristais serão finos como agulhas, mas a cada ciclo de dissolução, cristalização, o sal se purifica e os cristais ficam maiores.

Um primeiro fenômeno ocorre: a frio, a cristalização não ocorrerá mais, o que indica que o grau de pureza do sal é bom. Se você tomou a precaução de guardar alguns cristais dos primeiros experimentos, tudo o que você precisa fazer é jogar um pequeno fragmento de cristal na solução para obter os cristais da solução em poucos segundos.

Se continuarmos, teremos uma recusa de cristalização. A semente cristalina não tem efeito, é o sinal da purificação. É então necessário engrossar a solução por um ligeiro aquecimento até que tenha a consistência de uma cera que se fundiria facilmente quando quente.

Quando o sal atinge esse grau de pureza, é dito pelos Filósofos como "reincorporado no Caos".

Seja vegetal, mineral ou metálico, se for bem nutrido, pode levar à verdadeira fermentação alquímica.

Para alguns sais, o caos pode ser alcançado em 6 ou 7 cristalizações; para outros, às vezes são necessárias várias dezenas e até centenas, daí o nome de "Trabalho de Hércules".

CALCINAÇÃO

Esta não é uma operação tão simples como pode parecer à primeira vista.

Se os resíduos vegetais provêm de uma extração alcoólica, basta acendê-los enquanto ainda estão impregnados de álcool, para atingir a fase preto-acinzentada.

Se os resíduos vegetais provêm da maceração com água da chuva, eles devem primeiro ser secos em um prato à prova de fogo. Então eles precisam ser pulverizados.

A moagem da cinza preto-acinzentada da extração alcoólica ou da planta seca da hidromaceração em pó economiza energia e tempo.

Para o resto das operações, é desejável ter dois cadinhos idênticos, seja em porcelana, ou em terra refratária, ou em sílica.

Aquecer o cadinho com gás não confere ao material a temperatura da chama porque a ingestão calórica dos bicos geralmente é insuficiente.

A experiência mostra que, para um cadinho aberto, a temperatura raramente ultrapassa os 500°C.

Assim que o cinza é atingido, uma tela de aço inoxidável evita que a neve se espalhe e o clareamento é mais rápido. Mas, por duas razões, é preferível colocar um cadinho idêntico invertido no que contém o material:

1. A temperatura é pelo menos 200°C mais alta.
2. Os sais voláteis sobem e se depositam no cadinho superior e têm um grau de pureza maior do que os que ficam no fundo; devem ser recolhidos separadamente e guardados para as experiências mais elevadas (Circulatus ou Peter).

Com relação aos sais da planta, os resultados são diferentes dependendo se os resíduos são calcinados após a extração ou antes da extração.

Em geral, neste último caso, os sais são mais fusíveis e, com a técnica do cadinho invertido, ou com o uso de forno de esmalte, obtém-se facilmente um vidro vegetal. Se este vidro vegetal for solúvel em água, ou em álcool, ou no óleo da planta, dará um resultado melhor.

As Pedras ou o Circulatus, cumes do trabalho vegetal, só podem ser obtidos por vidros solúveis ou por sais volatilizados ou sublimados.

Nota: Sobre a fermentação das plantas, encontramos bastantes leveduras na maioria das plantas. É encontrado principalmente em frutas. Eles são ativos apenas em substâncias de carboidratos. A população bacteriana e microbiana das plantas é composta principalmente por bactérias lácticas e infusórios. Quando maceramos uma planta para extrair fermentação, obtemos com muito mais frequência o desenvolvimento de infusórios e bactérias lácticas do que uma fermentação alcoólica.

Para colocar uma planta em fermentação, é necessário adicionar um pouco de açúcar a ela.

Ora et Labora!!

Lição 15: Livros sobre plantas, Maceração, Circulação Digestão, coobação, Embebição

Neste ponto de nossos estudos, achamos que é bom que todos reflitam sobre as várias opções alquímicas disponíveis. De fato, dependendo da direção escolhida, o material e a documentação serão diferentes para cada uma dessas opções. Assim como se deve evitar a bulimia cerebral, também se deve evitar ter o laboratório e a biblioteca de trabalho sobrecarregados com atributos desnecessários.

O primeiro caminho é o da alquimia espagírica que, de fato, só pode ser seguido por pessoas pertencentes ao Corpo Médico. Esta alquimia lida principalmente com a cura através de extratos alquímicos de plantas. Desta forma, pode-se contentar com elixires e quintessências.

A segunda forma, não muito diferente da anterior, consiste em tentar obter o controle do vegetal, seja pelo “circulado”, seja pela pedra vegetal.

A terceira via diz respeito àqueles que, depois de um aprendizado em usinas, querem continuar em metais.

Então vamos começar com algumas dicas de leitura. Você não deve ler muitos livros, mas deve ler e reler os que escolheu cuidadosamente. É óbvio que, para estes três caminhos, existe um fundo comum de material e documentação.

Para plantas, recomendamos os seguintes livros:

- Os três volumes de:

Le livre des plantes médicinales et vénéneuses de France (O livro de plantas medicinais e venenosas da França) por P. Fournier (editor Paul Lechevalier, Paris). Este livro bastante caro é o mais completo sobre as características e uso das plantas.

- Os dois volumes de:

Les plantes médicinales (Plantas medicinais) de Emile Perrot. Este livro caro contém 245 placas de cores que permitem a identificação de quase todas as plantas da França.

- *Essential Oils* (Óleos Essenciais) de Gunther, em inglês (para todos aqueles que querem fazer aromaterapia) dá todas as características das plantas e óleos obtidos, bem como vários métodos de extração e purificação.

Quem considera om apenas uma passagem nas plantas pode se contentar com obras mais modestas como:

- *Dictionnaire des plantes médicinales* (Dicionário de plantas medicinais) por Morgan

- *Les noms des fleurs par la méthode simple* (Os nomes das flores pelo método simples) por Bonnier
- *La flore portative de France, Suisse et Belgique* (A flora portátil da França, Suíça e Bélgica) de Bonnier é útil para quem deseja prospectar plantas silvestres.

Quanto aos livros tipicamente espagíricos, abordaremos este assunto ao mesmo tempo que os livros alquímicos.

PRÁTICA ALQUÍMICA

Em nossa última lição, explicamos os princípios e regras de várias operações. Continuaremos a explorar esses tópicos neste manual para que possamos então empreender o estudo dos processos gerais sem parar nos detalhes de cada operação.

Maceração

Esta operação não deve ser confundida com fermentação. Há na maceração simplesmente dissolução dos princípios contidos no vegetal ou do mineral no líquido da maceração.

A maceração é feita a uma temperatura inferior à fermentação, precisamente para evitar que esta ocorra. Geralmente, é macerado à temperatura ambiente entre 18 e 20°C. Observe, no entanto, que os discípulos de Von Bernus maceram a 40°C. Finalmente, esta operação também pode ser realizada a temperaturas próximas às da fermentação, mas em condições tais que o meio não fermente, ou seja, com uma pequena adição de álcool.

Em princípio, não há liberação de gás: a maceração pode, portanto, ser feita em um recipiente fechado. Os líquidos de maceração geralmente utilizados são água e álcool etílico ou aguardente de vinho.

A maceração é usada principalmente na preparação de plantas. As plantas secas são maceradas no espírito do vinho. As plantas frescas são preferencialmente maceradas com água da chuva destilada, geralmente por 24 ou 48 horas.

A água deve ser bem destilada porque, se contivesse alguns sais, estes se somariam o sal da planta e a purificação espagírica não seria mais possível.

A maceração é particularmente importante antes da extração de óleos essenciais por destilação a vapor.

É benéfico não usar muita água, pois ela terá que ser evaporada para recuperar os sais da planta.

Circulação

A circulação é uma destilação contínua na qual o líquido destilado volta ao líquido a ser destilado. É uma operação que visa enriquecer o produto em elementos voláteis (no sentido alquímico), ou seja, espirituais.

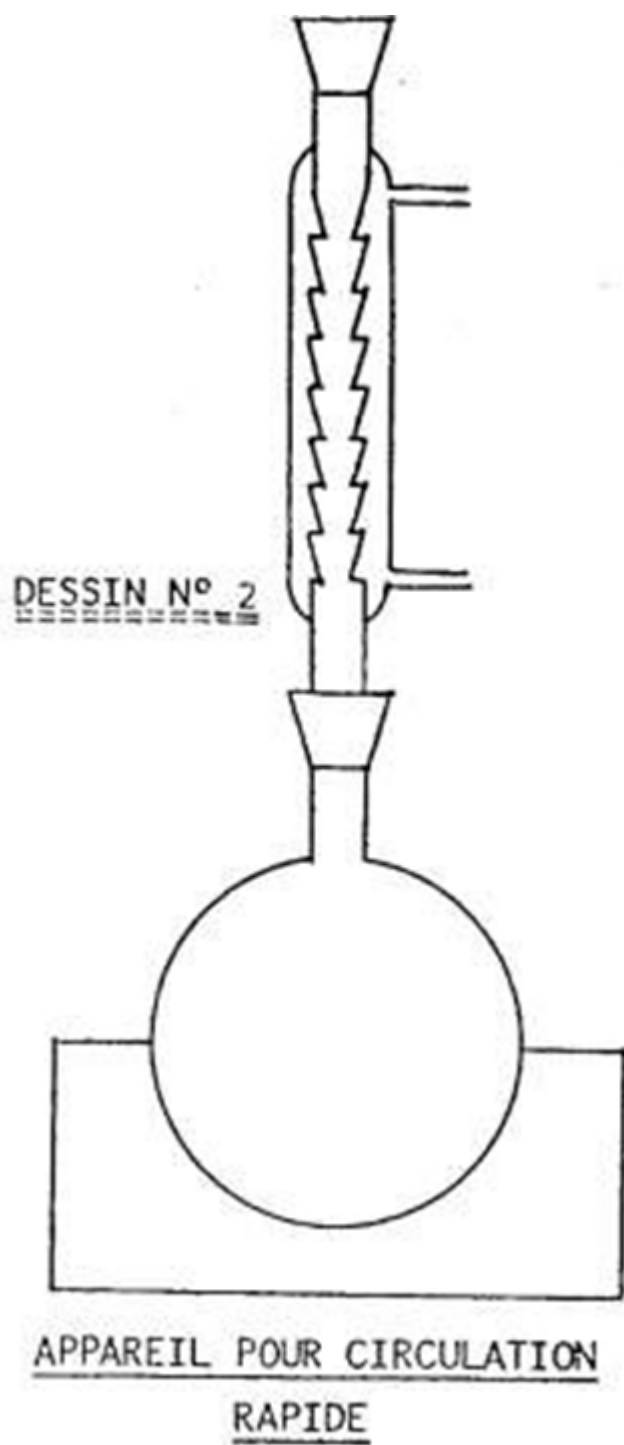
Existem diferentes tipos de dispositivos de circulação, cada um servindo a um propósito específico.

Desenho nº 1



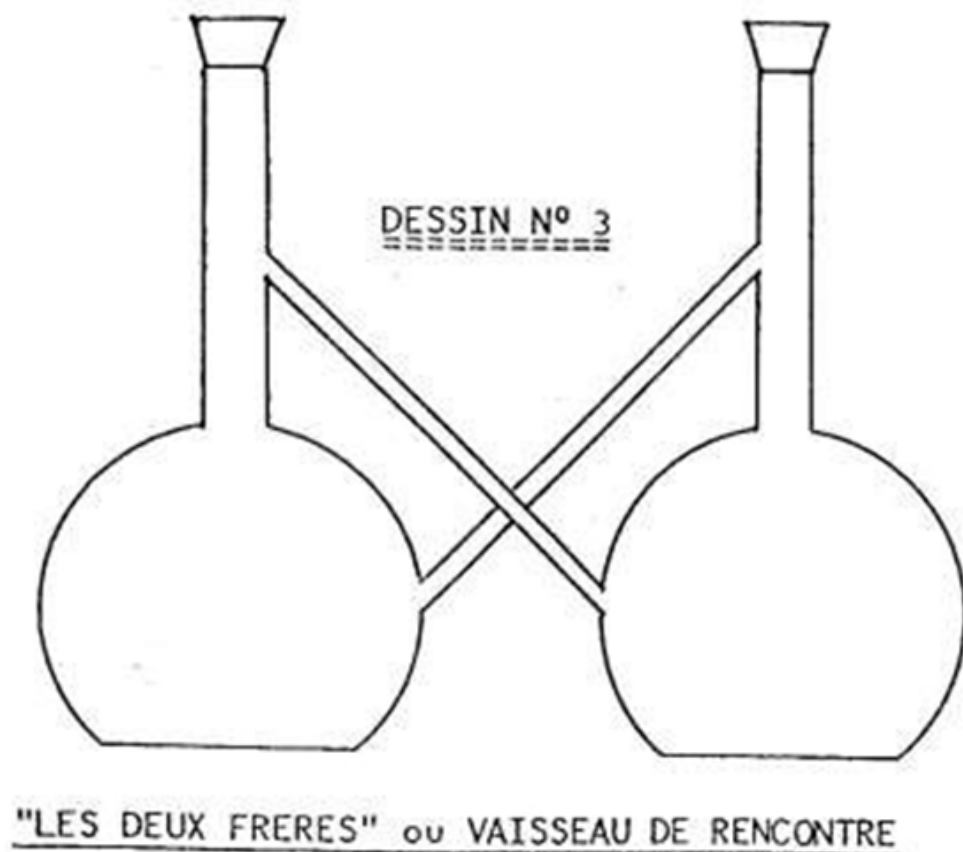
Aparelho tradicional, o Pelicano, destinado a circulações lentas com condensação espontânea no gargalo do balão que fica naturalmente bloqueado.

Desenho nº 2



Circulação rápida com condensador. O aquecimento será feito preferencialmente em banho-maria.

Desenho nº 3



Dispositivo tradicional chamado "dois irmãos" ou "navio de encontro", que pode ser contínuo ou alternado. Cada balão é aquecido alternadamente; a cada mudança de fogo, o grau do líquido aumenta (no Glaser, a definição desse vaso é um pouco diferente: são dois vidros cujos pescoços se enroscam um no outro).

A circulação é uma operação importante na alquimia. Pode durar vários meses. Durante o trabalho prático, veremos que certos líquidos circulam quase espontaneamente.

Em nossa lição 16, daremos a descrição de um dispositivo circulante que todos podem montar.

Digestão

A digestão ocorre em um frasco fechado e hermético. Não há fermento como na fermentação. As condições de temperatura são as mesmas, em torno de 40°C. Geralmente dura mais que a fermentação. Em princípio, não ocorre gaseificação. Somente a aparência dos materiais e a circulação do vapor na jarra permitem perceber o andamento da digestão.

A garrafa deve ter um gargalo bastante longo e o material não deve exceder um terço do seu volume. É muito importante que a temperatura seja constante durante toda a digestão: assim como o resfriamento dos ovos mata uma ninhada, o resfriamento momentâneo bloqueia a coação resultante da digestão.

A maceração diz respeito à preparação do produto. O termo digestão é usado para designar uma operação terminal na fabricação do produto. A digestão às vezes é combinada com a circulação.

Segundo a definição de Von Bernus, a finalidade e efeito da digestão é obter o afrouxamento da textura das substâncias para promover sua abertura e dissolução. Este fenômeno deve ser considerado idêntico ao que ocorre no estômago de um animal.

Coobação

Coobação, na Alquimia, é a reunião de elementos purificados. Esta não é a definição de Glaser para quem coobação é o fato de passar um solvente sobre uma substância várias vezes para abri-la e dissolvê-la.

Cohobation

Na Alquimia, a coobação é a reunião de elementos purificados. Em princípio, é feito juntando o Enxofre, o Mercúrio e o Sal alquímicos; esta é certamente a operação mais delicada. Sendo as condições gerais bastante variáveis, os detalhes serão dados em cada procedimento descrito mais adiante.

No entanto, se o Enxofre e o Sal foram bem purificados, a conjunção entre eles ocorre peso por peso. Quanto ao Mercúrio, ele deve absorver apenas os dois anteriores: somente o monitoramento da operação permite saber se há excesso ou falta de Mercúrio.

É durante esta operação que o produto pode ser orientado para o fixo ou o volátil, a pedra ou o elixir, pois esta orientação depende da proporção dos componentes.

Com a coobação feita, o produto é submetido a uma longa digestão a temperatura constante, ou a uma circulação.

Embebição

É uma operação que consiste em impregnar um sólido, em geral um sal, com um líquido, seu Enxofre, seu Mercúrio ou um Mênstruo.

O líquido deve ser completamente absorvido e a superfície apenas úmida, sem vazamento de líquido. O produto é então colocado em um frasco selado e colocado em digestão por 8 a 10 dias. O líquido permeia o material internamente e a superfície seca.

A embebição é repetida até que o material se recuse a absorver mais, o que se manifesta pelo fato de não secar mais na superfície.

A embebição por um Mênstruo “alimenta” a matéria e pode revitalizá-la. Assim, um metal fundido, morto, pode encontrar seu esperma metálico, mesmo com um Mênstruo que não seja especificamente de sua natureza. Nesse caso, a operação pode ser bastante longa, geralmente vários meses.

Nossa próxima lição será dedicada exclusivamente à descrição de alguns dispositivos autoconstruídos a partir de elementos baratos.

Ora et Labora!!

Lição 16: Soxhlet, Extração sem Extrator, Extrator Caseiro, COndensador, Calcinação, Circulação, Digestão

Devemos insistir mais uma vez no fato de que é inútil obter todos os materiais descritos em nossas instruções: cada um trabalha de acordo com seu próprio caminho e deve escolher seus materiais de acordo.

Continuamos neste aviso a descrição de materiais que podem ser feitos a partir de elementos baratos.

EXTRATOR SOXHLET

Método simplificado

Se você prefere evitar a aquisição de um extrator Soxhlet, um dispositivo realmente bastante caro, pode operar da seguinte maneira:

Escolha o menstrum com o qual você realizará a extração. Tomemos, por exemplo, o álcool retificado.

1. Despeje 500 cm³ de álcool na planta triturada.
2. Deixar macerar por 1, 2 ou 3 dias.
3. Filtre.
4. Destile o licor filtrado até $\frac{3}{4}$ do seu volume original, ou até um pouco mais se o licor não deixar depósito nas laterais do frasco.
5. Despeje o álcool destilado sobre a planta.
6. Volte à maceração.
7. Filtre o licor.
8. Misture este licor com o licor restante da destilação anterior.
9. Destile novamente.
10. Repita o processo desde o ponto 5 até que o álcool deixe de colorir-se ao entrar em contato com a planta. Como estará saturado com o álcool da maceração anterior, a cor deve ser examinada assim que o álcool destilado for derramado e misturado, para ver, no dia seguinte, se a cor mudou. Geralmente são necessárias sete macerações para que a extração seja completa.

A extração por este processo requererá entre 1 e 2 semanas enquanto a extração pelo aparelho de Soxhlet dura apenas um dia.

Montagem Artesanal

EXTRACTEUR
DE SOXHLET
(fabrication artisanale)

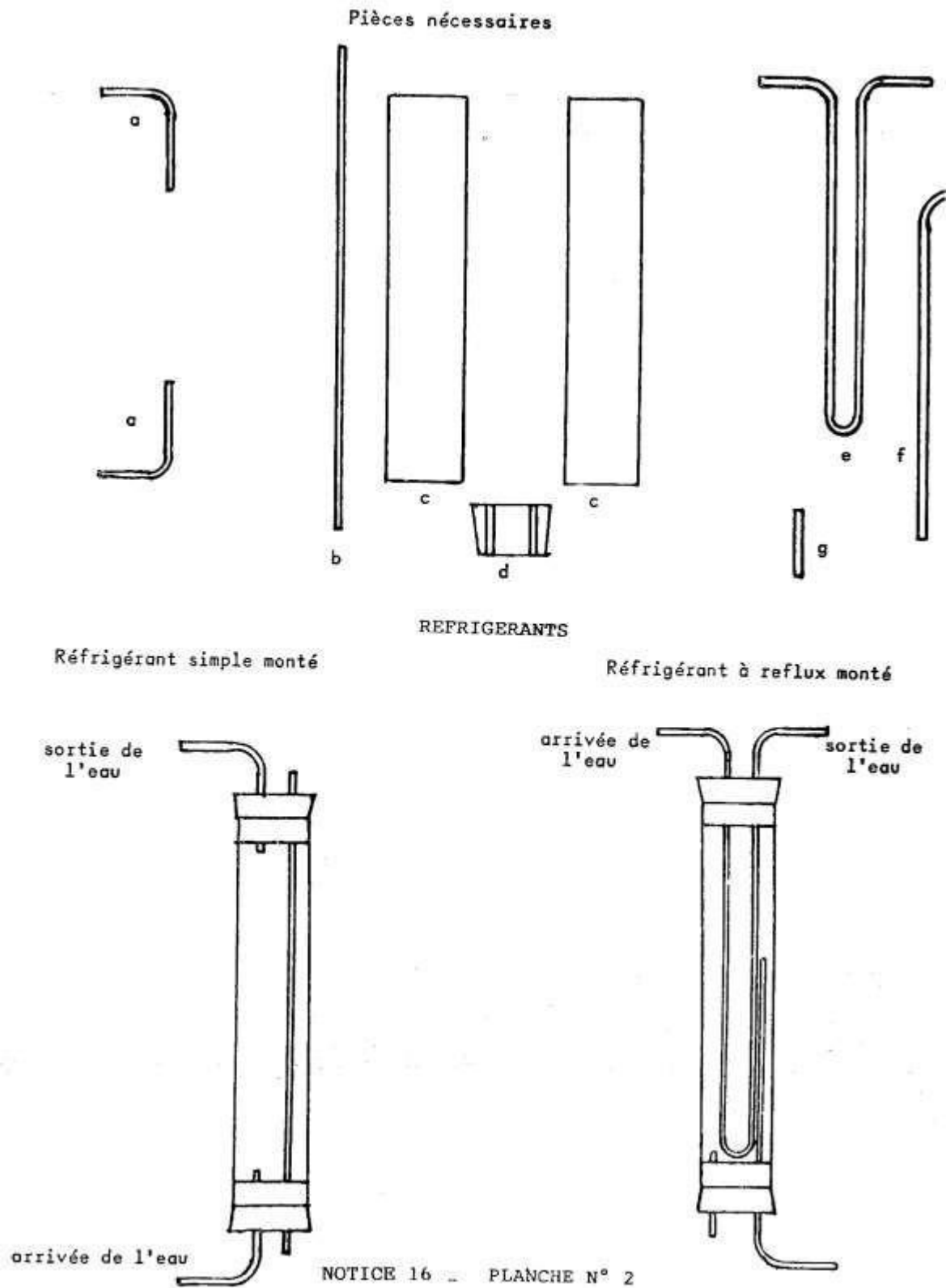
Remplir le tube de végétal
jusqu'au niveau du pointillé

Réfrigérant à reflux

Tube siphon déterminant
le niveau maximum du
menstrum dans le tube
qui contient le végétal

Fiolle Erlenmeyer contenant le
menstrum. Le chauffage provient
d'une plaque électrique plate

PLANCHE N° 1
NOTICE 16



Esta montagem é feita a partir dos elementos descritos para a construção de um trem de destilação (Lição 12) e dos resfriadores descritos a seguir.

Nos pontos A, B, C, existem vedações feitas em tubos plásticos de silicone que destinam-se a tornar o todo menos frágil. O enchimento é feito com algodão absorvente ou material equivalente.

D significa que o tubo não deve ultrapassar o topo da rolha, caso contrário a sifonagem não será feita completamente quando o nível da água cair abaixo do tubo.

Os refrigeradores são montados com várias peças:

- a, b, e, f, g são feitos de tubos de pirex de 8 mm. Para e, primeiro o curvamos para baixo; depois passamos a rolha, depois dobramos os dois ramos à chama.
- d é uma rolha de borracha isenta de enxofre. Pode ser perfurado usando uma furadeira elétrica. Comece com um furo de 3 mm, depois molhe esse furo piloto e perfure com água.
- é um tubo de pirex de 25 a 40 mm de diâmetro. Seu comprimento pode variar entre 30 cm e 50 cm.

O condensador de refluxo é mais fácil de limpar e também é mais eficiente do que o condensador simples. Observe as diferentes entradas e saídas de água, dependendo do tipo de refrigerante.

CALCINAÇÃO

Use pequenas tigelas de porcelana (tipo ramequin) e monte-as conforme mostrado na imagem abaixo. O ramekin superior (invertido) é colocado apenas quando o cinza é atingido. Um sal volátil é coletado neste ramekin invertido que deve ser misturado com enxofre ou com tintura.

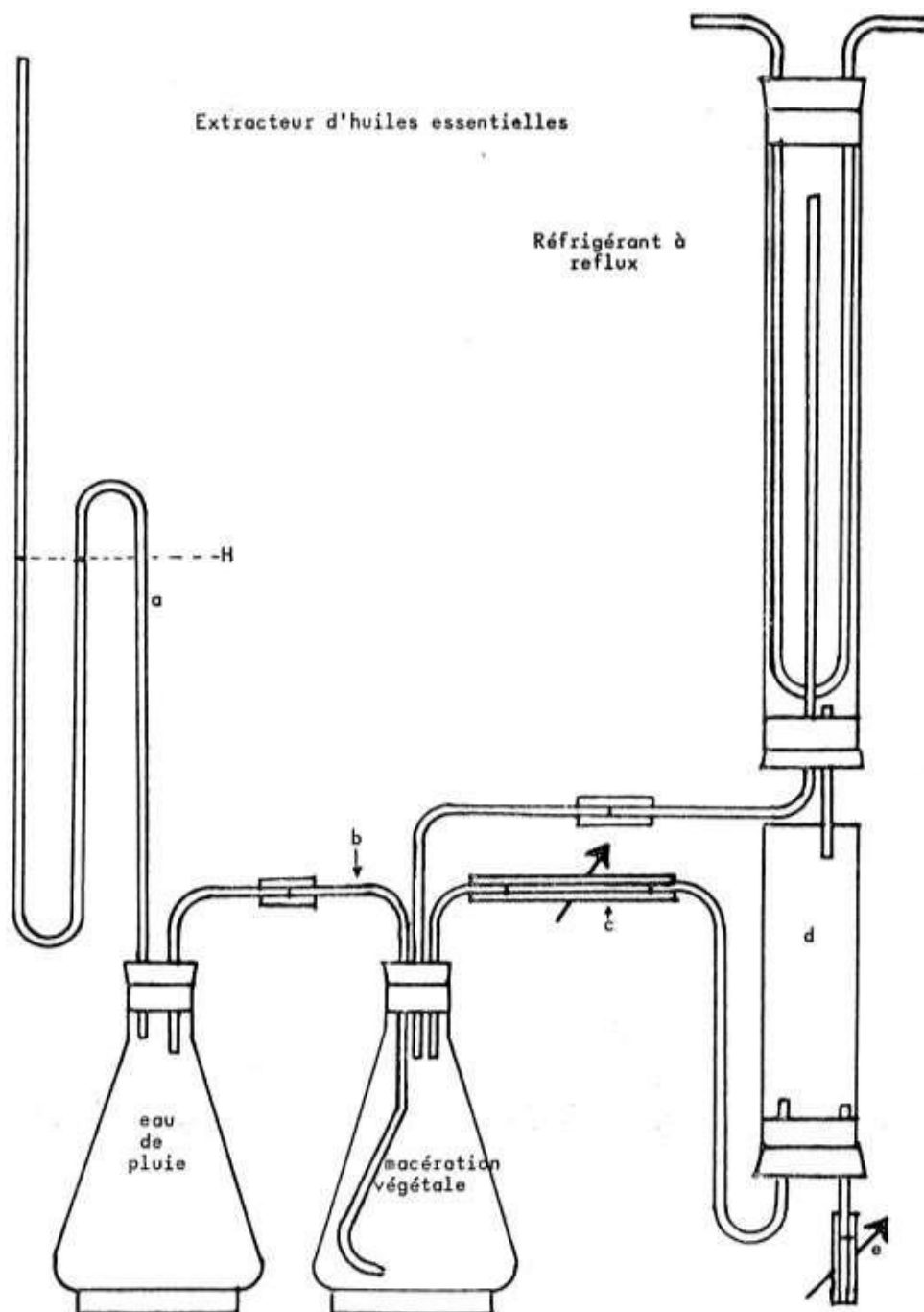
CIRCULAÇÃO - MACERAÇÃO

Para colocar em circulação, utiliza-se um frasco com gargalo longo que é colocado em uma caixa de poliestireno de 1 a 3 cm de espessura. O gargalo é deixado de 10 a 15 cm para fora. Colocamos dentro uma lâmpada de 10 watts no máximo que previamente pintamos de preto. A diferença de temperatura entre o interior e o exterior cria uma circulação rápida que pode reduzir consideravelmente o tempo de operação. Sempre há interesse em circular os menstros que são aprimorados por esta operação. (ver imagem acima)

Para manter o calor constante, os antigos usavam esterco. Este pode ser efectivamente substituído por um frigorífico usado cuja mecânica está desmontada seguir.

Na parte inferior, colocamos duas lâmpadas elétricas de 15 a 25 W que montamos em série depois de pintá-las de preto. A meia altura, coloque um termostato graduado de 0 a 60°C ou de 0 a 100°C e, em seguida, ajuste a temperatura para 42°C. O ajuste final é feito por meio de um termômetro colocado na câmara fria. Cada preparação é acondicionada numa caixa de poliestireno (pode, por exemplo, recuperar caixas de gelados), de forma a evitar qualquer choque térmico nas preparações a processar quando novas são introduzidas.

EXTRAÇÃO DE ÓLEOS ESSENCIAIS (Lição 13)



Na ilustração, o tubo a serve como válvula de segurança e é preenchido com água até o nível H. O tubo b tem uma extremidade cônica para que o vapor agite a maceração. É um tubo de silicone que pode ser comprimido no início da operação para evitar a passagem do vapor. A braçadeira é removida quando contém um pouco de água. A braçadeira lateral é usada para coletar o óleo após a decantação. Os frascos tipo Erlenmeyer podem ser aquecidos em fogões elétricos comuns.

Ora et Labora!!

Lição 17: Espagiria e Alquimia, Menstrum, Extração sem Soxhlet, Extração do Sal, Elixir, Produção da Pedra

Nas lições anteriores demos alguns elementos relativos ao estado de espírito do alquimista.

Paramos momentaneamente o estudo desses textos porque achamos bom que seu conteúdo estivesse no estágio de “maceração-circulação”. Dada a grande diversidade de alunos, demos estas indicações para que todos possam ter os elementos básicos necessários para este percurso, caso ainda não os tivessem. Nosso objetivo era preparar todos para o uso do método experimental e dar um mínimo de noções sobre a concepção de mundo a que a alquimia conduz.

Na presente lição voltamos às extrações feitas com o Soxhlet, acrescentando alguns detalhes adicionais.

Qual livro escolher? Aqui está uma pergunta para a qual tentamos dar uma resposta inicial.

No que diz respeito à prática espagírica ou alquímica, os livros mais importantes são os da época em que ocorreu a transição alquimia-química. Existem três livros interessantes desse período, são eles:

- ["A aula de química" \(*Traite de chimie*\) por GLASER](#)
- ["Aula de Química" \(*Le cours de chimie* \) por LEMERY](#)
- ["A Química Real" \(*La Royale Chimie*\) de CROLLIUS](#)

Existem outros, mas estes têm a vantagem de descrever detalhadamente o material, os processos e uma série de cuidados necessários, seja no reino vegetal, seja no reino mineral.

Muitos dos experimentos descritos em nosso curso foram extraídos desses livros.

Nos livros reeditados até hoje, aconselhamos a quem quiser considerar a via metálica, os livros de Basile VALENTIN:

- - “O tratado sobre as tinturas dos sete metais”
- - “A carruagem triunfal de antimônio”
- - "O Último Testamento"
- - “As doze chaves da Filosofia”

Vamos agora abordar os princípios dos quais derivam os métodos alquímicos clássicos.

Devemos primeiro fazer um breve lembrete sobre o menstruo. Eles podem ser divididos em duas categorias:

- menstruo universal
- menstruo específico

Nos menstros universais, pode-se distinguir a seguinte hierarquia:

- o Mercúrio Filosofal
- o Mercúrio Filosófico
- o Menstruum extraído da urina humana
- o Archeus da água.

Nos menstros específicos e mesmo nos menstros universais, duas categorias podem ser distinguidas:

- aqueles que dão os voláteis,
- aqueles que dão os fixos

Esta distinção é importante por várias razões alquímicas e espagíricas. Em tratados antigos, diz-se que os voláteis curam doenças temporárias e fixos doenças crônicas, seja no reino vegetal, animal ou metálico.

Vamos pegar uma imagem para explicar esse ditado:

- A primeira fermentação vegetal é alcoólica, e nos dá menstruação volátil.
- A segunda fermentação vegetal é acética e dá um vinagre que é "fixo".
- Uma primeira fermentação metálica do minério libera o Mercúrio Filosófico "volátil".
- A fermentação do Mercúrio Filosófico dá os elementos que conduzem à Pedra Fixa.

Isso nos mostra o paralelismo de princípio entre o vegetal e o metálico.

Se se deseja obter produtos que não sejam fixos nem voláteis, o menstruo vegetal seria a acetona, e o metálico seria a Acetona dos Sábios derivada do Antimônio.

Devemos alertá-lo agora sobre o uso desses produtos. O ácido acético comercial é proibido porque não vem do vinho e contém produtos tóxicos. Na Alquimia, o ácido acético vem apenas do vinagre (extração delicada que estudaremos mais adiante). A acetona é um produto muito perigoso de manusear, é citado apenas como exemplo teórico.

Também veremos no final deste curso a extração do menstruo universal porque requer uma experiência prática significativa.

Agora vamos falar sobre plantas secas. Eles não perdem por ser secas seu poder germinativo, seu esperma. São capazes de determinar sua espécie, seu tipo mas não podem produzir seu próprio Mercúrio corretamente porque as leveduras, os fermentos típicos da planta, desapareceram. O vegetal deve estar o mais seco possível, pois a pouca umidade que contém enfraquece muito o poder de extração do Mercúrio Vegetal (álcool absoluto). Com plantas secas, é obrigatório o uso de menstruo indeterminado.

Começaremos a trabalhar nas plantas secas por extração com o Soxhlet ou pelo método de substituição se não tivermos este instrumento.

Ao final desta operação temos:

- A tintura
- Fezes

A tintura já pode ser usada como está.

Pode-se tentar separar Enxofre e Mercúrio por destilação. Isso raramente é possível; apenas um teste mostra se os óleos essenciais podem ser separados. Nesse caso, é melhor operar a vácuo na temperatura mais baixa possível para não danificar o produto.

Se a separação não ocorrer, os produtos da destilação são misturados e a tintura é usada como estava no início.

As fezes são calcinadas: não devem mais conter produtos solúveis em álcool. O Sal é extraído por lixiviação, como no Solve-Coagula, ou colocando os Sais em um Soxhlet. Neste último caso, podem ser feitas duas extrações, uma com água destilada e outra com ácido acético. Se combinarmos esses dois métodos, misturaremos cuidadosamente os sais coletados depois de tritura-los.

O ácido acético em questão pode estar "morto". O importante é que seja puro para não agregar impurezas nos Sais. Você pode comprar ácido acético glacial (de fornecedores especializados em equipamentos de laboratório) ou comprar ácido acético do farmacêutico e, neste caso deve destilá-lo, o que requer alguns cuidados. Este ácido ferve a 117°C e seus vapores são nocivos. Pode-se utilizar uma instalação simples como a da Lição nº 5, mas tem que vedar a saída. O tubo de saída pode ser passado por uma rolha de borracha de dois orifícios que vede a garrafa receptora; no segundo orifício passamos por um tubo de vidro sobre o qual é montado um tubo de plástico que pode enviar os vapores parasitas para fora ou para uma solução de potássio.

Quando o Soxhlet é carregado com ácido acético e a extração é realizada, o ácido é recuperado no aparelho de destilação e os sais no balão de evaporação.

O caminho alquímico nunca é único e todos devem experimentar e escolher aquele que mais lhes convém.

Assim, podemos operar da seguinte forma:

1) Praticamos a embebição descrita na lição anterior com a tintura, sobre os Sais. Então, em uma folha de cobre limpa, testamos o Sal Derretido como cera sem fumaça e que se solidifica novamente à medida que esfria. Se este teste for conclusivo, procura-se um solvente para este sal, nomeadamente:

- água destilada
- álcool diluído
- vinagre comum simplesmente destilado (voltaremos a este ponto).

Este elixir é usado na seguinte dosagem: 1 grão, ou cerca de 50 miligramas de sais em um copo de líquido. Se, por exemplo, 100 cm³ de vinagre dissolveram um grama de Sal, serão necessários 5 cm³ desta solução em um copo de água ou vinho.

É bom guardar a solução por quinze dias porque esta não deve fazer depósitos.

2) A tintura e os sais são despejados em um frasco no qual é montado um refrigerador. Circulamos assim por algumas horas (seguindo o método descrito acima). Separamos os Sais e tintura, calcinamos os Sais e assim por diante.

a) Após 10 a 12 circulações, os sais são dissolvidos na tintura, o elixir está finalizado.

b) Os sais não se dissolvem, a tintura desaparece. É necessário fazer o teste de fusão do sal e proceder como continuação da embebição anterior.

3) Destilamos a tintura se tivermos:

- óleos essenciais
- Mercúrio transparente purificado
- sais brancos

Praticamos a embebição de Sais com Mercúrio transparente fora do laboratório porque o Sal “abre” nesta operação e pode absorver um Enxofre parasita impossível de extrair. Quando a recusa de Mercúrio é alcançada, praticamos a embebição com óleos essenciais. Em seguida, é digerido a 42°C; monitoramos as cores que devem ser brancas no início e depois pretas, amarelas e vermelhas.

Se isso for conseguido, temos uma pedra vegetal que deve ser capaz de separar as macerações vegetais sem fogo. O sucesso neste caso depende da qualidade do Sal no início e da ausência de Enxofre. A digestão com fases coloridas pode levar de nove meses a um ano.

Esta pedra deve ser insolúvel em água. Se assim não fosse, seria devido à quantidade ou qualidade do Enxofre (óleo essencial) que teria sido insuficiente.

4) Colocamos em um pequeno balão de forma alta, cheio em um terço, a mesma quantidade de óleo, Mercúrio e Sal e o colocamos em digestão. Na verdade, deve haver circulação. O todo deve homogeneizar e dar um elixir volátil.

Neste método, os sais devem ter sido extraídos apenas com água destilada, enquanto nos casos anteriores era melhor extraí-los com água e ácido acético.

Nota: sobre o termo "fezes" pronunciamos feces, que é a sonoridade latina deste termo. O equivalente francês é fezes, termo médico, do gênero feminino e que significa excremento, excremento.

Ora et Labora!!

Lição 18: Mais livros, A Ação da Pedra e Circulatim, Produção da Pedra Vegetal, Aparelho Anti-Odor

Vamos dar uma olhada hoje no interesse de certos livros de língua inglesa.

- [Alchemy recovered and restored](#) » de COCKREN: este livro é de interesse para aqueles que querem pensar em trabalhar com metal. Ele contém cerca de 70 páginas de conselhos práticos de uma maneira barata.
- ["Pursuit of Gold" de LAPIDUS](#): trata-se de outra rota do metal, seu aspecto prático é importante.
- ["Art of Distillation" de John French](#): coleção de processos em inglês simples, como a extração do Mercúrio Filosófico.
- Reprodução da "Britannicus Encyclopedia" de 1770: coleção de processos espagíricos e alquímicos, extração clara de quermes minerais, tratamento de óleos vegetais, metais, etc.
- Os dois volumes dos "Escritos Alquímicos de Paracelso", traduzidos do latim para o inglês por A.WAITE: um livro denso, mas de extremo interesse. Mas já requer um bom conhecimento alquímico.

Demos em nossos avisos anteriores alguns vislumbres da Pedra Vegetal. Esta questão será aprofundada numa lição futura.

No entanto, devemos dizer que:

- para a Pedra Vegetal,
- para a circulação menor (Circulatus Minus),
- para o Grande Elixir,
- para a Pedra Filosofal,

há sempre vários caminhos diferentes que levam ao resultado final. Muitas variações são possíveis dentro de cada canal.

O que damos nesta aula diz respeito apenas a um caminho para a Pedra Vegetal. Não é o mais fácil nem o mais rápido, mas o único possível para o estado atual do nosso trabalho.

Mais adiante daremos outras indicações sobre outros caminhos, em particular no que diz respeito ao Circulatus Minus.

Os elixires da aula anterior feitos com o Soxhlet, são obtidos de plantas secas, porque é inútil purificar o mercúrio vegetal se estiver contaminado com a água da planta.

Vamos agora estudar um primeiro método de trabalhar com vegetais frescos, que já abordamos em parte na Lição 13.

O domínio do reino vegetal é obtido quando se consegue fabricar uma Pedra Circulada ou uma Pedra Vegetal. O Circulado e a Pedra têm a vantagem, sobre o menstruo ordinário, de realizar a separação e a purificação ao mesmo tempo. Se você imergir uma planta seca esmagada no Circulatus Minus (nome da planta circulante), o Enxofre contendo o Sal dissolvido nada para a superfície. O Espírito se dissolve nessa circulação e a terra cai no fundo da garrafa.

É o mesmo se a Pedra for imersa na maceração de uma planta. Aqui, a maceração é feita com água da chuva e uma planta fresca.

A Pedra não deve derreter e pode ser usada indefinidamente, a fabricação da Pedra é longa. Vamos dar o processo com suas várias variantes possíveis.

PEDRA VEGETAL

A escolha da planta é importante, mas poucas plantas são satisfatórias. É realmente necessário que a planta dê o máximo de óleo, que fermente corretamente e que o sal seja relativamente abundante. Nossas experiências nos mostraram que sementes de cominho ou flores de lavanda são adequadas para este trabalho. O Enxofre deve ser previamente extraído na forma de óleos essenciais pelo método descrito na Lição 13 (um extractor simples é descrito na Lição 16). Esta extração deve ser repetida três ou quatro vezes em intervalos de vinte e quatro horas para extrair todo o óleo da planta.

Uma primeira purificação do Enxofre pode ser feita por destilação a vácuo. Também é possível, mas não essencial, purificá-lo dissolvendo-o em álcool absoluto, filtrando-o e destilando-o.

A planta deve então ser fermentada com a água que foi utilizada para a extração do vapor. Você pode adicionar um pouco de planta fresca para ajudar a iniciar a fermentação. Se não desaparecer, adicione um pouco de fermento, se possível de um caldo de vinho. Este é um último recurso, como o fermento de cerveja, e você deve colocar muito pouco.

Para esta operação, (ver Lição 14), destila-se lentamente para recuperar o mercúrio vegetal que deve ser retificado 7 vezes. Alguns autores alemães fazem a fermentação antes de extrair os óleos. Isso é possível, mas não nos parece vantajoso neste caso. Se a fermentação natural é mais fácil de obter, perdemos nos óleos quando eles já estão presentes em quantidades muito pequenas.

O sólido é separado do líquido, os resíduos sólidos são calcinados ao branco que, uma vez resfriados, são misturados com a água da extração e fermentação. Essa água é filtrada e evaporada até o sal coagular. Este é então dissolvido em água da chuva recém-destilada e coagulado novamente após a filtragem, duas ou três vezes. Os sais são colocados em uma garrafa bastante alta, se possível com gargalo longo.

Após o resíduo sólido ter sido calcinado em preto e depois em cinza, uma tampa é colocada em uma porcelana ou vidro duro acima do recipiente de calcinação. É possível que os sais se depositem nesta tampa. Devem ser recuperados e misturados com Enxofre, caso se mostrem insolúveis em óleo. É necessário praticar a destilação repetida desses óleos nesses sais.

Misturamos meio a meio Enxofre e Mercúrio que despejamos sobre o Sal de forma que fique cerca de 1 cm de líquido por cima. A garrafa é hermeticamente fechada e não deve ser enchida a mais de um terço de sua altura, e é colocada em circulação-digestão por uma semana.

Ao final deste período, o Enxofre e o Mercúrio são destilados; o sal é calcinado quando está seco. Quando este último é resfriado, a mistura de Enxofre-Mercúrio é derramada e colocada em circulação novamente por uma semana.

A operação é repetida até que, na calcinação, o sal se derreta como cera sem soltar fumaça. A Pedra está então completa.

Você tem que pegar um pedacinho dele para saber se ele derrete na água. Se for o caso, coloque a Pedra de volta em uma garrafa com uma mistura mais rica em Enxofre, (Enxofre 90, Mercúrio 10)

Refaça duas ou três calcinações de circulação e tente novamente. É a falta de Enxofre que torna a Pedra solúvel.

Uma garrafa de vidro Pyrex deve ser usada. Destila-se sem tirar a Pedra, mas para a calcinação deve-se tirar o sal. Se você quiser evitar essa manipulação, deve-se usar uma garrafa de quartzo, um material muito caro, no lugar da garrafa de vidro Pyrex.

Uma Pedra bem-sucedida deve fazer a separação em cerca de vinte minutos. Algumas Pedras, menos ativas, requerem até 24 horas.

A Pedra possui no mais alto grau as propriedades da planta de onde provém. Mas ela extrai os elementos de qualquer outra planta e, nesse caso, esses elementos são extremamente poderosos.

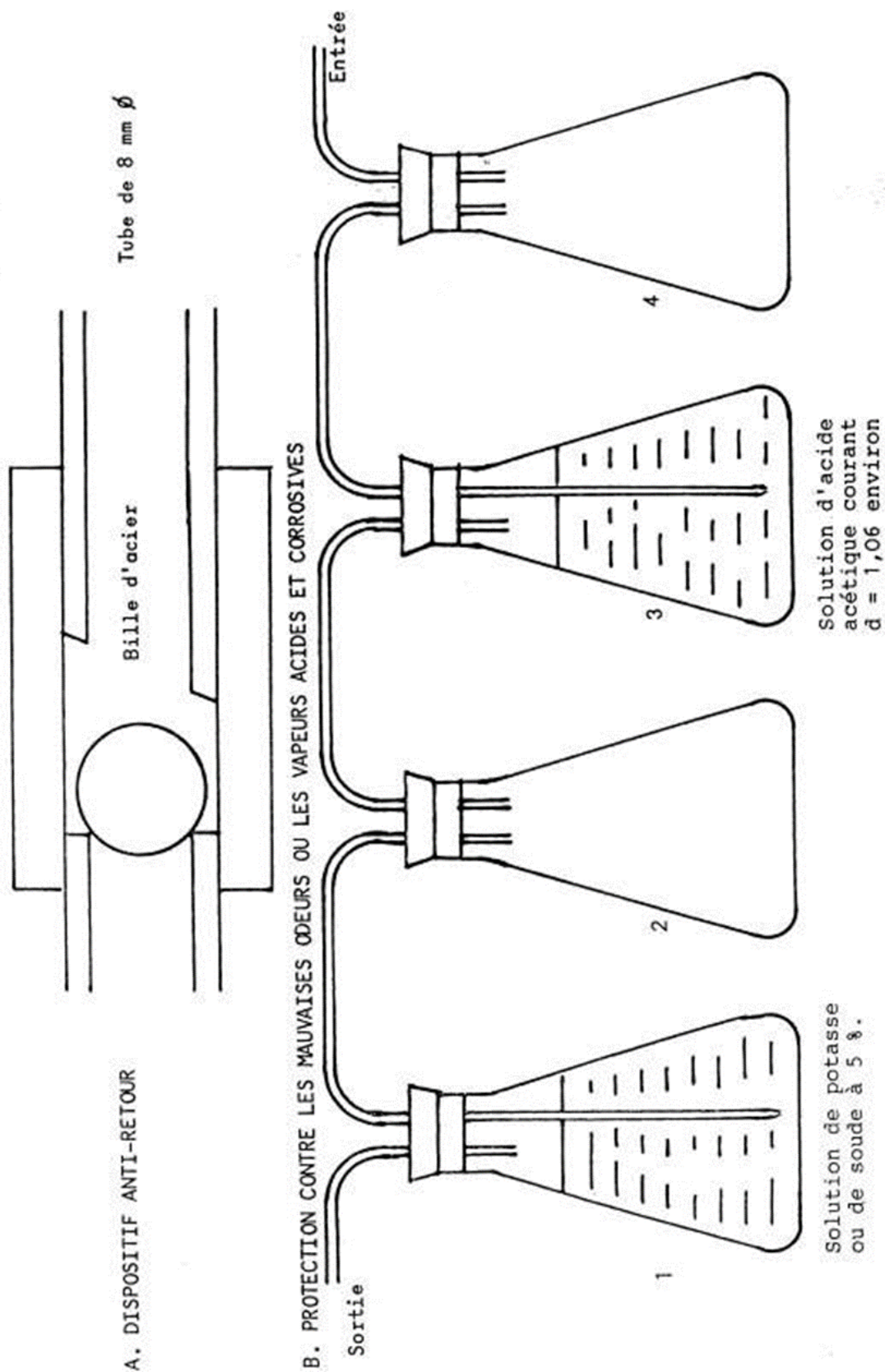
Para coobação, variações são possíveis. Alguns autores aconselham iniciar uma coobação do Enxofre-Sal, uma separação do Enxofre por destilação e, só então, a coobação dos três.

Cada um tem o seu método, e esperamos que cada um, seguindo a sua forma de “sentir” a Natureza, chegue ao seu.

PRÁTICA ALQUÍMICA

Um dos problemas que você pode ter encontrado ou que inevitavelmente encontrará no trabalho prático é o dos odores emitidos por certas experiências. Todo mundo que já se deparou com esse problema sabe como é difícil livrar-se dos odores de certas experiências ou, um problema ainda mais delicado, encontrar uma explicação plausível para oferecer a um vizinho que passa a se preocupar com seu ambiente imediato...

A imagem abaixo descreve um dispositivo destinado a neutralizar os maus odores, e também os perigosos vapores ácidos.



NOTICE 18

O conjunto inclui quatro frascos; os tubos que conectam esses flocos entre si e ao conjunto de destilação têm 8 mm de diâmetro externo.

Os frascos 2 e 4 são usados para evitar que os líquidos se misturem ou contaminem os produtos de destilação em caso de vácuo.

O frasco 1 pode conter uma solução de potássio e o frasco 3 uma solução de ácido acético.

Os tubos de imersão devem ter uma extremidade cônica para que pequenas bolhas sejam mais facilmente neutralizadas.

Também é possível adaptar a cada tubo um dispositivo antirretorno (dispositivo A) que consiste numa pequena esfera de aço colocada entre dois tubos de 8 mm.

Ora et Labora!!

Lição 19: Alquimia Planetária Vegetal, Ciclos Lunares, o Método de Paracelso, Destilação de Óleos

Todos os alquimistas concordam que as condições astrológicas afetam os processos químicos. Mas como diz o provérbio chinês: “A estrela guia o tolo, mas o Sábio guia a sua estrela”.

Temos assim a escolha entre duas atitudes: submeter-nos às condições astrológicas ou tentar controlá-las por diversas técnicas.

No que diz respeito ao processo alquímico vegetal, é mais importante aguardar o momento favorável para operar.

ALQUIMIA VEGETAL PLANETÁRIA

Na alquimia vegetal, o planeta determinante é a Lua. Aqui devemos considerar a lua como o sol na astrologia clássica, com algumas modificações, devido às diferentes fases dos dois planetas.

Da lua nova à lua cheia, este planeta será considerado positivo; da lua cheia à lua nova, dir-se-á que é negativo.

Se queremos enriquecer em elemento vital, a fase favorável é a “lua positiva”; tais serão então as operações da última coação antes da digestão ou destilação com coação ou colocação em circulação.

A lua negativa será favorável às operações de destilação, separação ou purificação, separação do puro do impuro.

Porém o ideal é quando é possível terminar o menstroo na zona da lua cheia.

Voltemos agora à nossa Lição 9 onde há um diagrama do céu químico. Durante a lunação, a lua passa por todos os 12 signos. E isso determina outro aspecto: se estiver em Sagitário, será positivo para as plantas de Júpiter, por exemplo, erva-cidreira. Em Peixes, será negativo para as mesmas plantas.

Esta segunda ação é certamente menos poderosa do que a das próprias fases da lua, mas é óbvio que há interesse em harmonizar esses dois efeitos.

Mas como resultado da rotação da terra em torno do sol, há um deslocamento das fases da lua em relação aos signos. Portanto, a concordância máxima positiva ou negativa dos dois efeitos não é encontrada em todas as lunações. A lua nova está no mesmo signo do sol. A lua cheia está no signo oposto de onde o sol está ao mesmo tempo.

Você pode encontrar o signo em que a lua se encontra na imprensa especializada em astrologia, mas também pode encontrar esse signo, de forma aproximada é verdade, pelo seguinte método: sabendo a data da lua nova, você olha em qual é o signo do sol naquele dia. A lua está no mesmo signo na mesma posição que o sol. Então calculamos o número de signos percorridos pela lua sabendo que ela percorre um signo em 2 ¼ dias (valor médio aproximado). Então, 9 dias após a lua nova, ele passou por 4 signos. Observe que durante a lunação completa, a lua percorre quase 13 signos (12,97). Este método não é absoluto

devido às irregularidades do curso da lua; também se alguém opera perto do início ou do fim de um signo, é melhor consultar uma tabela de posições lunares.

As considerações anteriores são especialmente válidas nas grandes operações vegetais ou na preparação dos elementos necessários para estas, como a Circulação Menor, a Pedra ou o Elixir completo.

No que diz respeito aos níveis subordinados: elixir sem separação de Mercúrio-Enxofre ou preparações espagíricas rápidas, que examinaremos mais adiante, os espagiristas alemães empregam o seguinte método: trabalho da planta em seu dia, Júpiter-quinta-feira, sol-domingo, mas o início do trabalho real, por exemplo a extração, é feito apenas com o nascer do sol.

Voltaremos a este assunto, especialmente quando chegarmos ao trabalho em metal, mas acreditamos que o que foi dito acima é um guia suficiente para o trabalho vegetal.

MÉTODO PARACELSIANO

Já explicamos alguns dos métodos de separação dos três princípios vegetais e também de sua coação.

Esses métodos nem sempre são aplicáveis na prática. A extração da tintura com álcool absoluto e com o Soxhlet só é possível em plantas secas. Mas, neste caso, a separação nesta tintura de Enxofre e Mercúrio nem sempre é possível nem muitas vezes vantajosa.

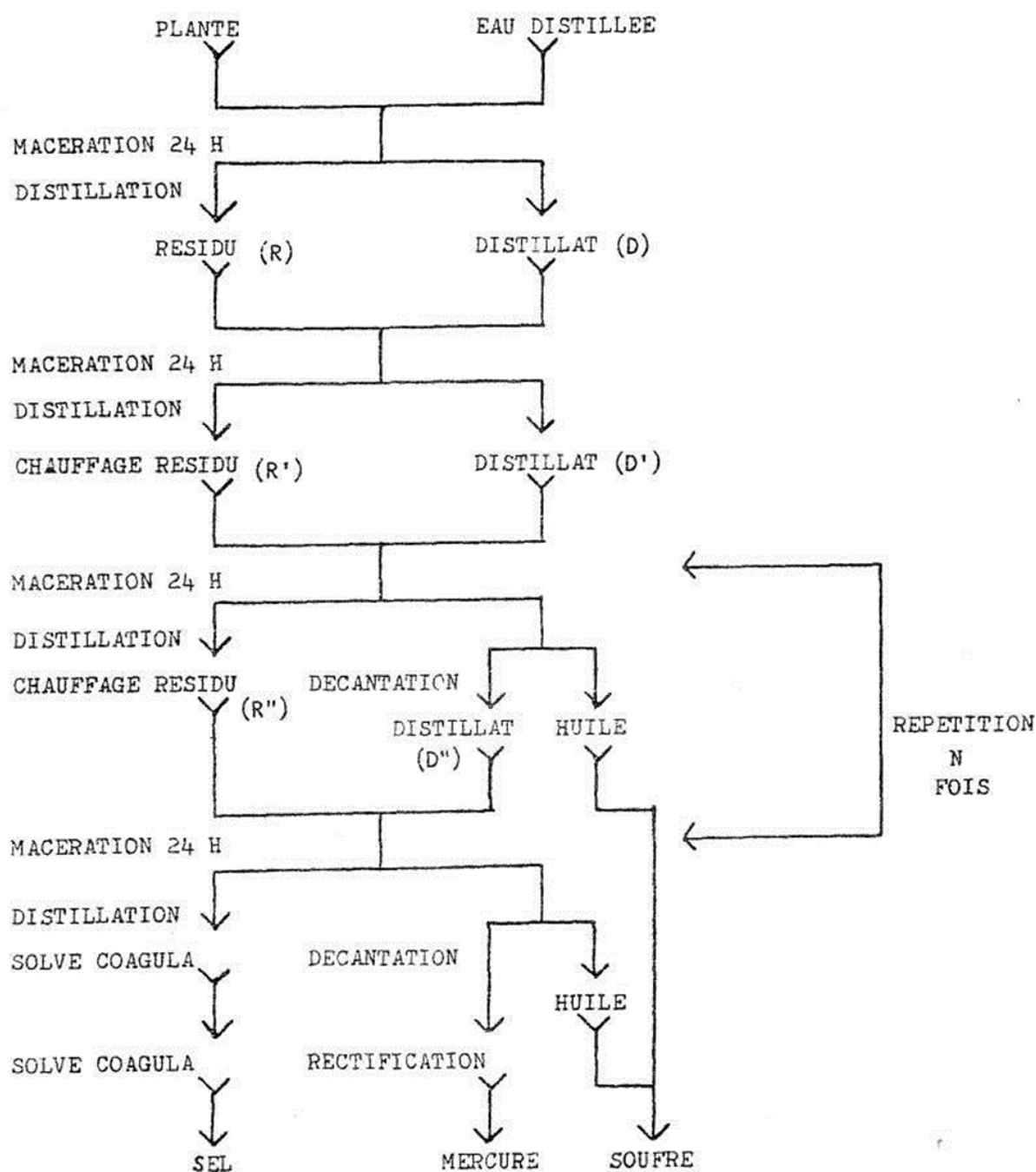
Por outro lado, existem plantas como a videira cujo óleo é fixo; neste caso, a única extração possível é por compressão mecânica ou pelo uso de solventes perigosos, como o óxido de dietila.

O método de Paracelso tem a vantagem de exigir pouco material. Além disso, é aplicável a quase todas as plantas secas ou frescas. Finalmente, danifica muito menos os produtos do que a destilação quádrupla da qual trataremos mais adiante.

Para facilitar o acompanhamento do seu mecanismo, apresentamos um diagrama de operações.

SEPARATION DES ELEMENTS

(Méthode de Paracelse)



1. A planta é macerada em água da chuva (de preferência destilada) por 24 ou 48 horas, a planta não deve ser acondicionada.
2. O todo é destilado D, é o destilado, R é o resíduo na bola. A destilação é interrompida assim que R fica seco.
3. R estando resfriado, despejamos D, a água, sobre a planta. Deixe macerar por 24 horas. Destilar novamente até secar. O resíduo R' é aquecido durante cerca de 10 minutos.

Nota prática: Se este aquecimento for feito a seco no balão de destilação, mesmo em pirex, é certo que não resistirá.

Podemos, portanto, retirar o vegetal e calciná-lo em um prato. Paramos assim que ele começa soltar fumaça. Somente os balões de argila ou quartzo resistem a esta operação; mas alguns são impraticáveis e outros valem uma fortuna. Após cada aquecimento, os resíduos sólidos são reduzidos a pó.

4. A água D' é vertida sobre a planta e deixada a macerar durante 24 horas.

Destilação: se você tiver um funil de separação, ele será usado para coletar a água. Caso contrário, a água será coletada em um frasco de boca larga: um béquero ou uma garrafa cortada. Tentamos então recolher o óleo que está à superfície da água D". O vegetal seco R" é aquecido como antes, mas pelo dobro do tempo. Caso a calcinação não seja feita no frasco, o prato de calcinação deve ter tampa, mesmo que de metal; os vapores que ali se condensam dão um resíduo resinoso marrom-escuro que deve ser adicionado ao óleo já recolhido.

Nota prática: Este resíduo é muitas vezes difícil de recuperar, isto pode ser conseguido dissolvendo-o em tricloroetileno destilado e adicionando-o à garrafa de óleo.

5. Esta operação é repetida pelo menos 3 vezes, ou seja, até que o resíduo não libere mais óleo empírico, também chamado em alguns livros alquímicos de "óleo fedorento".

6. O resíduo sólido é lixiviado várias vezes (ver nota sobre o solubilizar coagula). Agora temos o Sal e o Enxofre da planta.

Ali se detém o documento de Paracelso.

Acrescentaremos, pois, agora um complemento das nossas próprias experiências e estudos sobre o Enxofre resultante deste processo. Estas conclusões serão aplicáveis no caso da destilação quádrupla.

Óleos essenciais ou enxofre obtidos por destilação a vapor

Esses óleos são solúveis em álcool absoluto; portanto, é interessante dissolvê-los, por exemplo, na proporção de 1 para 10. Isso permite, com o álcool, recuperar o óleo que fica grudado no vidro no extrator ou no resfriador e não perder muito em durante a filtragem. Em seguida, é destilado para separar o óleo do álcool. A solubilidade desses óleos diminui a cada destilação.

Óleos obtidos por compressão usando o método Paracelsus ou destilação quádrupla

Esses dois últimos são empíricos e chamados de fedorentos. Eles são insolúveis em álcool absoluto normal.

Para filtrar, apenas tricloroetileno ou acetona destilada é adequado (o último é perigoso). O tricloroetileno é removido por destilação.

Esses óleos devem ser destilados 10 a 12 vezes; com cada destilação sua solubilidade aumenta. Aos poucos vão se aproximando da qualidade e até do cheiro dos óleos essenciais.

O chamado álcool tartarizado, ou seja, tratado com sal de tártaro sem destilação, dissolve melhor esses óleos e pode ser usado para decantá-los.

Neste método, o destilado adicionalmente deve sofrer retificação caso contenha álcool. Se não for o caso, é melhor recomençar primeiro fermentando a planta e separando o álcool do destilado. Assim que a fermentação terminar, e sempre que possível, é sempre vantajoso fazer a coobação com o álcool da planta.

Estudaremos brevemente as características dos sais essenciais que devem ser adicionados aos óleos de que falamos acima.

Ora et Labora!!

Lição 20: Os papeis do Sal, Enxofre e Mercúrio no Elixir, Uso iniciático da espagiria, Archaeus e Gur, Preparação da Água, Os 12 elementos

Muitos alquimistas, ou supostos alquimistas, falham em suas operações pela simples razão de não conhecerem a teoria ou o que acontece nas operações. Aplicar receitas culinárias nunca dá bons resultados em Alquimia; se a pessoa não entende o que está fazendo, mata os princípios sutis e cai da alquimia para a química.

Muitas vezes deixamos algumas incógnitas nas experiências que oferecemos; essas incógnitas tornam-se óbvias para aqueles que experimentam. Eles então encontram a solução sozinhos ou nos perguntam sobre suas dificuldades.

Se agimos assim, não é porque queremos esconder um certo número de chaves ou princípios, mas porque queremos que aqueles que participam de nosso grupo adquiram o hábito de buscar por si mesmos. Não queremos seguidores cegos, mas buscadores independentes e iluminados.

EXPLICAÇÕES SOBRE O EXPERIMENTO PROPOSTO NA LIÇÃO 3

O álcool é a forma do Mercúrio no reino vegetal. Quando a Natureza age, ocorrem fermentações espontâneas que geram o álcool e é nela que se refugiam os princípios invisíveis da semente vegetal. A semente contém o verdadeiro princípio germinal invisível.

A maceração do conhaque com planta produz os seguintes efeitos: o álcool dissolve o Enxofre vegetal e absorve o Mercúrio vegetal assim como diversas impurezas da planta. A água contida no conhaque dissolve parcialmente os sais da planta; na verdade, estes só podem ser dissolvidos muito parcialmente porque:

- a) o álcool interfere na água neste trabalho,
- b) os sais não foram liberados pela calcinação.

Após a maceração e a separação líquido-sólido, a calcinação realiza a separação dos elementos minerais e dos elementos vegetais e o Solve Coagula, ou deles, fornece um sal do único reino mineral.

Segundo os Antigos, a calcinação abre os poros da matéria mineral e o sal torna-se um sal mais ou menos "armoniacal", ou seja, harmônico; fixará, portanto, de maneira harmoniosa, os elementos que lhe convêm.

Se então combinarmos o Sal com a tintura de Enxofre-Mercúrio-impurezas, ela absorverá o Enxofre e as impurezas; mas se estiver em harmonia com o Enxofre, não estará com as impurezas e a calcinação fixará o Enxofre nele e expulsará as impurezas. Assim, pouco a pouco, a cada coação, aumenta o grau de Enxofre do Sal e desaparecem as impurezas dissolvidas do mênstruo.

Sendo o enxofre o "tintivo", o mênstruo descolora normalmente e deve retornar ao branco transparente, muito parecido com a água com gás.

O Sal toma Enxofre e deve ficar branco e um pouco oleoso; aos poucos, fica pegajoso e, em colher virada para cima, não deve cair; além disso, pouco a pouco, sua temperatura de fusão é reduzida. Se o processo fosse levado à perfeição, teríamos um Sal saturado de Enxofre e um Mercúrio perfeitamente puro. Mas isso só é possível, dentro de um prazo razoável, se partirmos de elementos diferentes da nossa primeira experiência.

O elixir inclui, portanto, 2 elementos: um Sal enriquecido em Enxofre e um Mercúrio purificado. A coação Sal-Mercúrio pode levar a um elixir, sendo o Sal dissolvido por repetida maceração e destilação no Mercúrio. Temos um elemento mais ou menos próximo da Pedra, ou seja, Sal-Enxofre saturado de Mercúrio.

Na realidade, o processo de formação de uma Pedra vegetal ou metálica é diferente do anterior.

A purificação dos elementos faz com que o poder germinal feminino, o de Mercúrio, seja muitas vezes atenuado ou destruído; portanto, deve ser substituído. Isto é feito da seguinte maneira: priva-se o Sal vegetal ou metálico de seus elementos Enxofre-Mercúrio por meio de um mênstruo apropriado; então um "abre seus poros" por calcinação; então o Sal torna-se o que os Antigos chamam de Ímã que só pede para atrair o Espírito Astral Universal: o nitro, o prana. Em particular, se este sal for exposto ao ar ambiente durante a noite, na primavera ou no verão, ele se decompõe e assim assume a "água dos anjos". Por exemplo, carbonato de potássio calcinado ou potassa dão um líquido oleoso se forem expostos à noite em uma camada fina em uma placa de vidro. A água carbonatada é chamada de óleo de escama por deliquescência.

Podemos então coabar este Sal com o Mercúrio que então absorverá o poder germinativo, e uma destilação muito lenta e sob vácuo dará um Mercúrio revivificado.

Assim vemos que o Sal Alquímico pode ter duas funções:

- 1) Uma função de purificação graças ao seu caráter "harmônico" com o Enxofre que lhe convém
- 2) Como ímã, para atrair o nitrato, muitas vezes através do orvalho atmosférico O Ovo Filosofal é um símbolo usado pelos Antigos: o amarelo é o Enxofre, o fermento masculino; branco é Mercúrio, o fermento feminino; a casca é o Sal que permite a união dos dois. A temperatura de incubação do ovo também é idêntica à temperatura de incubação do Ovo Filosofal vegetal e mesmo mineral, pelo menos no seu início.

A verdadeira Alquimia é a criação da Criança Alquímica pela reunião do Enxofre masculino, do Mercúrio feminino com a matriz do Sal. Se a qualidade do Enxofre resiste bem ao necessário tratamento de purificação, não é o mesmo com a semente feminina do Mercúrio que é facilmente destruída e que, se estiver livre, retorna imediatamente ao Caos.

Voltaremos a esse assunto em uma nota posterior.

Esperamos que isso o esclareça sobre os princípios envolvidos em nosso primeiro experimento e nos seguintes e também permita que você evite alguns erros de manuseio.

INICIAÇÃO PESSOAL ATRAVÉS DA ALQUIMIA

Acreditamos que agora todos estão suficientemente avançados na prática para considerar a primeira parte da iniciação pessoal através da Alquimia.

A primeira fase a ser cumprida é a da preparação psíquica, aquela que os iogues chamam de: limpeza dos nadirs. É necessário livrar a parte psíquica do corpo das impurezas que impedem o funcionamento normal das energias espirituais e invisíveis.

Para isso, a primeira coisa a fazer é preparar 7 elixires, um por planeta, partindo para cada um deles de uma planta classificada na categoria 1 da Lição 8. Esses elixires serão feitos com plantas secas e um mênstruo indeterminado.

Após extração da tintura, calcinação e lixiviação dos sais, a tintura será derramada sobre o Sal e macerada por uma semana, depois destilada a seco sobre os Sais que serão novamente calcinados. Isso será feito três vezes, sendo os sais reduzidos a pó após cada calcinação. Em seguida, a tintura destilada será macerada por uma semana no sal e o resultado será simplesmente filtrado.

Um alquimista alemão aconselha então tomar 2 gotas de elixir em um copo de água todas as manhãs, se possível ao nascer do sol: no domingo o elixir do Sol, na segunda-feira o da Lua, na terça-feira o de Marte, na quarta-feira o de Mercúrio, quinta-feira a de Júpiter, sexta-feira a de Vênus e sábado a de Saturno. Gradualmente, a dose deve ser aumentada para 10 gotas. Em geral, há uma melhora considerável no funcionamento espiritual do corpo. Demora cerca de 1 ano a 18 meses desta prática antes de considerar as primeiras fases do metal.

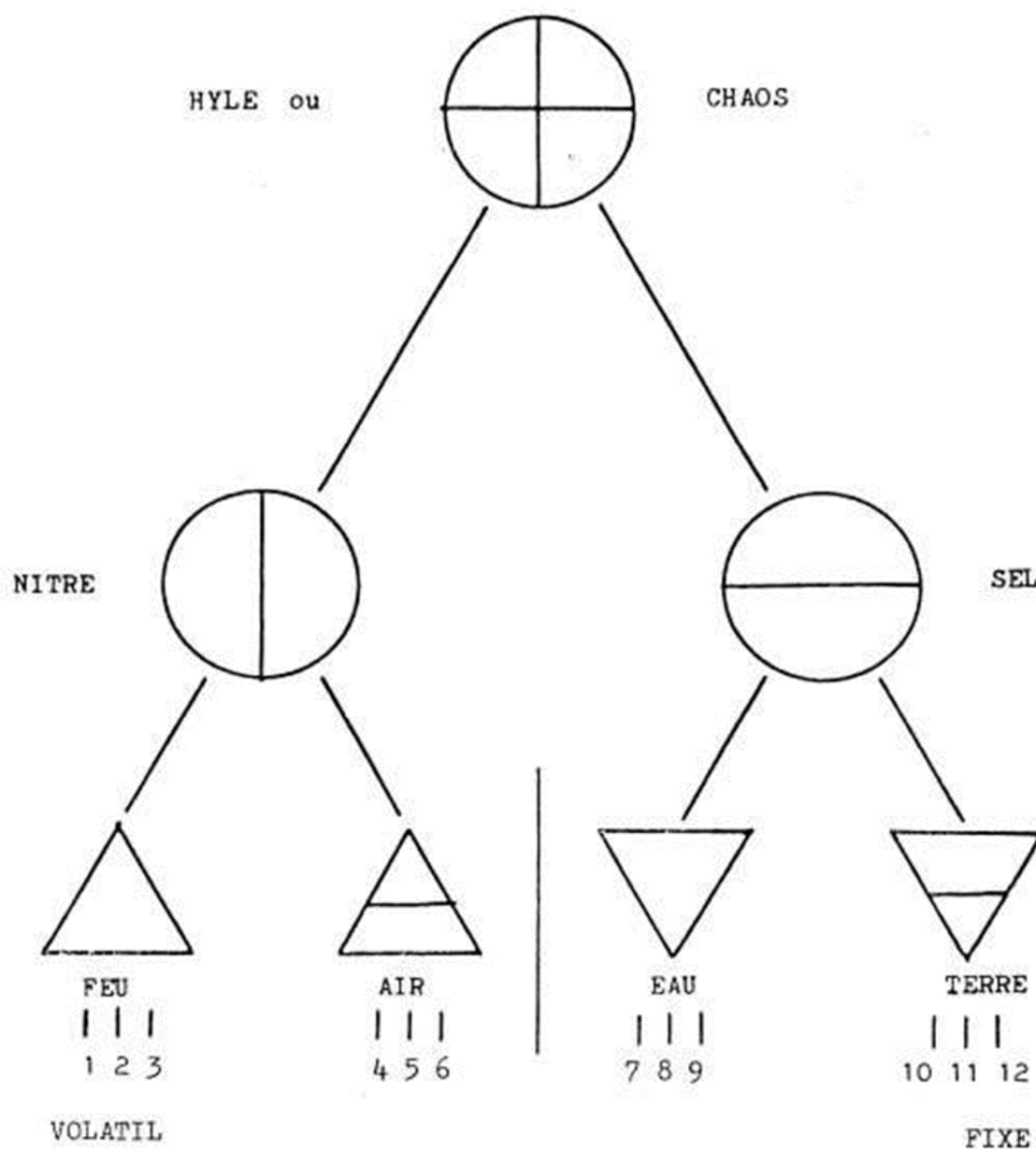
Depois de alguns meses, podemos considerar a substituição da série de elixires por uma segunda série feita com a separação completa Enxofre-Mercúrio-Sal. No processo descrito acima, há uma incorporação do Sal do Enxofre ao Sal e os efeitos desses elixires já são significativos.

Estudaremos mais o aspecto teórico desses elixires em notícias posteriores.

ARCHEUS E GUR

Aproximemo-nos agora de um dos princípios fundamentais da Alquimia que é ao mesmo tempo teoria, filosofia e prática.

Na Lição 11 explicamos como o Caos gera os elementos. Na Lição 12 vimos como os elementos geraram os princípios. Voltemos, modificando-a, à ilustração da Lição 11:



Abaixo de cada um dos elementos traçamos 3 pequenas linhas que simbolizam o fato de que em cada elemento estão presentes os 3 princípios Enxofre, Mercúrio e Sal; além de cada elemento também contém um pouco dos outros 3 porque tudo está em tudo.

Teremos portanto em 1, o Enxofre do Fogo; em 2, o Mercúrio do Fogo; em 3, o Sal do Fogo; em 4, o Enxofre do Ar; e assim por diante até 12 o Sal da Terra.

1 é o mais volátil, 12 o mais fixo. O grau de volatilidade diminui da esquerda para a direita e o grau de fixidez diminui da direita para a esquerda.

Na natureza, a energia, a essência, começa por evoluir de 1 a 12, em 12 passos obrigatórios e na ordem numérica do nosso diagrama.

Chegada em 12, a energia, a essência, após a vivência do fixo inverter sua tendência e ascender, evolui rumo ao volátil na ordem inversa mas sempre sem pular uma etapa.

O Alquimista deve se submeter a esta regra: todos os passos devem ser dados um a um; somente através da Arte a duração de uma etapa pode ser encurtada.

Dito isto, devemos ainda acrescentar que apenas os Universais contêm igualmente, ou substancialmente, os elementos dos 12 passos; todas as outras misturas contêm apenas algumas fases. É importante ressaltar que o Archeus, ou Espírito Universal, contém essas 12 fases de evolução.

A água também pode, em alguns casos, conter essas 12 fases porque o Archeus pode estar concentrado nela. É isso que vamos examinar.

Na Lição 11 demos algumas dicas para captação de água da chuva. Mas sabemos que não é fácil para todos. Existe outra maneira de obter essa água que é pegando neve no inverno. Os corpos sólidos perdem seu "nitro" apenas com a fusão. Enquanto a água estiver no estado de neve, ela é elétrica; basta derretê-lo em um recipiente de vidro ou plástico para obter água completa. Deve então ser filtrada e submetido às provas explicadas na Lição 11 e posta para fermentar.

Repetimos as precauções:

- 1) A garrafa deve ser fechada com um pano fino para que o ar circule sem que a poeira contamine a água
- 2) A água deve receber o mínimo de luz solar possível
- 3) A temperatura não deve ser muito baixa: é bom a 20°, mas é ainda melhor entre 25 e 30°
- 4) Quanto maior o tempo de fermentação, melhor o resultado: 7 lunações são suficientes, mas 12 são melhores.

O que vamos explicar em nossa próxima lição sobre essa experiência pode parecer incrível para alguns, por isso achamos útil especificar, a priori, os seguintes elementos: o que vamos explicar é baseado em informações orais de dois alquimistas estrangeiros e em dois textos alquímicos, um muito antigo, o outro moderno. A síntese que apresentaremos será uma síntese dessa informação oral, desses dois textos e de nossas experiências nesse campo.

Ora et Labora!!

Lição 21: experimentos com Archeus e Gur

Dedicaremos todo este aviso à nossa busca pelo Archeus e pelo Gur.

Essa experiência pode ser realizada nos três reinos, e nós a experimentamos no vegetal, no mineral, mas ainda não no reino animal. Foi a partir dessas experiências que fomos levados a modificar alguns detalhes do que sabíamos sobre o assunto. Dissemos no início de nosso curso que a Alquimia Animal estava excluída de nossos editais, e por isso não a experimentamos. Além disso, acreditamos que por razões éticas muito sérias, é melhor não tentar direcionar esse experimento para o reino animal.

Para que os resultados da experiência que vamos tentar agora sejam tangíveis, é preciso muita água: 40 litros é uma boa quantidade; mas por razões práticas, só é necessário operar com uma quantidade menor. Por exemplo, se tivermos 40 litros de água, repetimos o processo, descrito a seguir, 10 vezes; e a cada passagem, portanto, serão tratados apenas 4 litros de água porque a destilação deve ser muito lenta e esses quatro litros, com equipamentos comuns, requerem entre 24 e 48 horas de destilação.

Voltemos à lição 20. Como 2 é menos volátil que 1, e 2 é mais volátil que 3, uma destilação bem conduzida deve separar nossos 12 elementos. Na realidade, isso é impossível e o sistema de destilação de 4 e 3 fases que descreveremos tem sido frequentemente usado por alquimistas antigos ou modernos. Muitas vezes é isso que deve ser feito quando o texto diz: “destilar sete vezes”.

Assim, se decidirmos destilar quatro litros de cada vez, nos organizamos da seguinte forma: equipamos um frasco de 6 litros com uma esfera Kjeldahl e um condensador simples sem refluxo. Considerando o tempo de operação, é preferível um aquecimento elétrico ajustável e, se possível, um termostato.

Então, os seguintes frascos são preparados:

- quatro garrafas de 1 litro
- doze garrafas de 330 ml (por exemplo, garrafas de cerveja).

Claro, essas garrafas são cuidadosamente limpas, enxaguadas com água destilada e secas. Nesta experiência, a limpeza é fundamental. Os frascos serão tampados para preservá-los. Eles serão então marcados da seguinte forma:

Os de 1 litro:

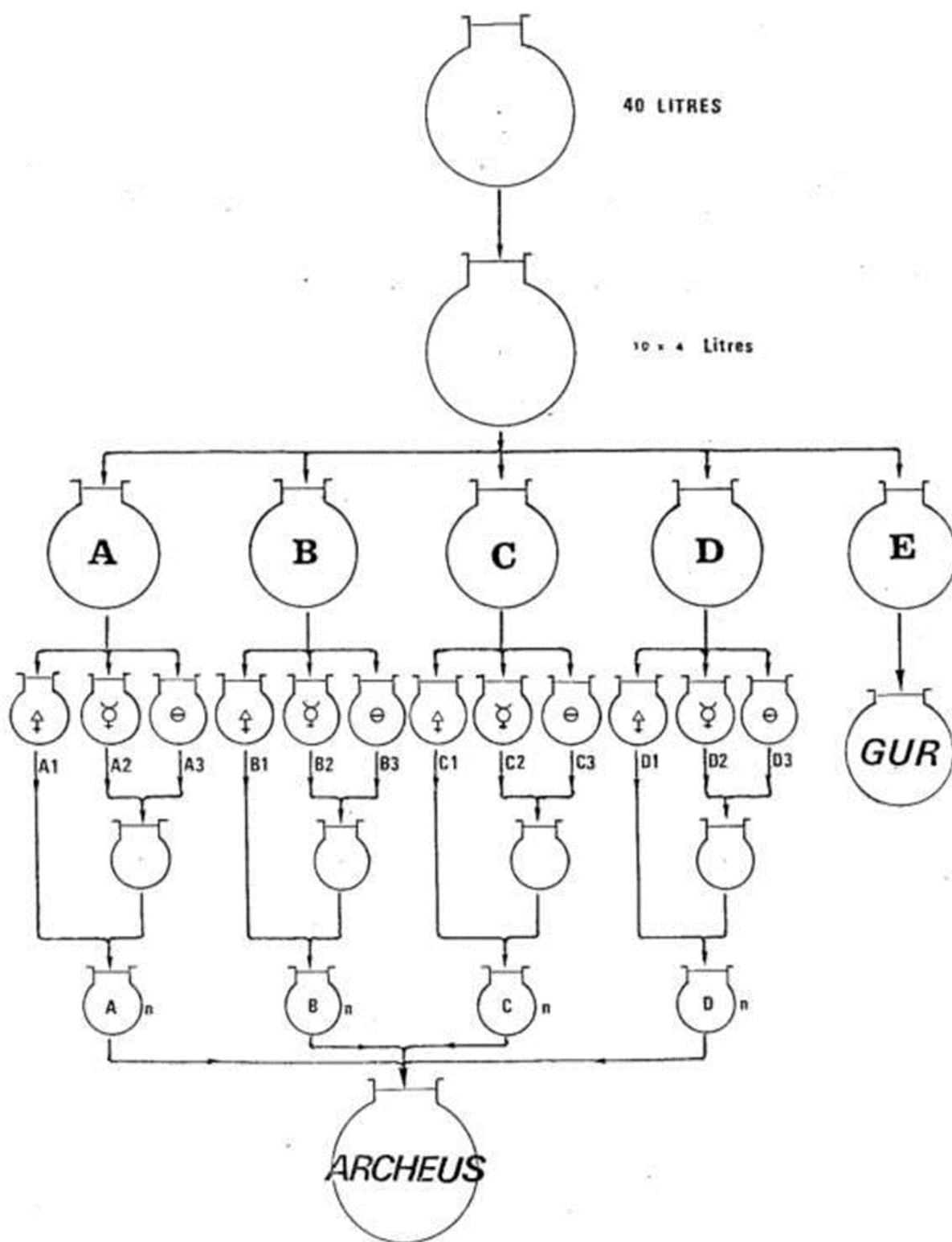
- Fogo
- Ar
- Água
- Terra

Os de 330 ml:

- Enxofre do Fogo

- Mercúrio do Fogo
- Sal do Fogo
- Enxofre do Ar
- Mercúrio do Ar
... e assim por diante para terminar com Sal da Terra.

A destilação pode então começar. Será conduzida como uma destilação filosófica (Lição 14). Se já temos alguma experiência e temos certeza de que não atingiremos o ponto de ebulição, é melhor não colocar a esfera em refluxo (Kjeldahl). Na destilação filosófica, os vapores não "sobem" muito e a esfera retarda consideravelmente a destilação. De qualquer forma, a destilação será a mais lenta possível e não será interrompida, pelo menos não antes que $\frac{3}{4}$ da água tenha passado. Você deve ter certeza que esteja quase fervendo, e vamos repetir, você não vai colocar Kjeldahl. Em seguida, praticaremos conforme descrito no quadro anexo.



O primeiro litro que passa é armazenado na garrafa Fogo A, o segundo litro na garrafa Ar B e o terceiro litro na garrafa Água C.

A partir daí, podemos notar que a água, no balão de 6 litros, parece viscosa, pegajosa. A destilação deve ser retardada ao extremo. Se tiver sido configurado anteriormente, é melhor remover aqui a esfera de refluxo Kjeldahl.

Quando 0,8 litros de água da Terra são destilados, a operação é interrompida e os 200 cm³ restantes são resfriados. Esta água é carregada com Gur, a semente universal que é facilmente destruída por volta de 60, 65°C quando está concentrada.

Duas soluções estão agora disponíveis para nós:

- 1) Completar a destilação em banho-maria, mantendo a água do banho entre 60 e 65°C. Se for criado vácuo na instalação, a água ferve a 55°C. Vamos recuperar a água para completar a garrafa da Terra.
- 2) Siga o método dos Antigos que deixavam esta água evaporar ao sol. No entanto, esse processo não evita a contaminação da água de forma adequada e dificulta a recuperação do Gur.

Quando tudo está seco, recolhemos com o maior cuidado um produto castanho, ligeiramente sedoso, que fica no fundo do balão. É o Gur, a semente universal dos três reinos.

Aí termina a primeira parte da nossa experiência. A segunda parte será dedicada à preparação do Archeus necessário para a fertilização do Gur.

Retomamos, portanto, nosso primeiro litro, o do Fogo. Agora você pode destilar com, por exemplo, um frasco de dois litros. O resto da instalação é idêntico ao que foi utilizado na nossa destilação anterior e o comportamento desta destilação mantém-se o mesmo.

O primeiro terço a ser destilado e coletado é o Enxofre do Fogo, o segundo o Mercúrio do Fogo, e assim por diante. Quando os três primeiros frascos estiverem cheios, passamos para o elemento Ar, e procedemos da mesma forma para os outros elementos.

Agora vamos limpar nossas quatro garrafas de 1 litro com muito cuidado. Operamos então da seguinte forma:

Retire 100 cm³ dos 3 frascos e despeje em um balão de 1 litro equipado com um condensador de refluxo. Circule tudo por pelo menos 7 horas (ver Lição 15 sobre circulação). Também é possível prever uma circulação lenta e longa, de um mês por exemplo, seja em garrafa alta cheia até um terço, seja em pelicano.

Alguns autores também prevêm a coabação de dois princípios, depois destes dois últimos com o terceiro.

Despeje a circulação na garrafa de Fogo. Em seguida, proceda da mesma forma com os outros três elementos. Preserve cada 300 ml de líquido.

Em cada um dos frascos, 100 ml de circulação são então retirados e recolhidos no frasco de 1 litro para uma nova circulação, curta ou longa conforme escolhido, e o procedimento é o mesmo de antes.

Obteremos, portanto, 400 ml de uma nova circulação que é o ARCHEUS UNIVERSAL INDETERMINADO.

Caso disponha de um medidor de PH, o que não é imprescindível, pode acompanhar o bom andamento das operações assegurando o respeito pelas seguintes medidas:

- Após a primeira destilação, o PH será uniformemente 5
- 300 ml circulados terão o seguinte PH: 5,7 5,6 5,2 4,7
- Archeus circulado terá um PH 4.8.

Se você não tiver um medidor de PH, não tente fazer a medição com papéis que podem contaminar a água e que, de qualquer forma, são ineficazes para medir diferenças tão pequenas de PH. Somente a água do Gur, que antes da evaporação pode atingir PH 8, daria uma medição clara.

Agora vamos para a terceira e última parte do nosso experimento. Consiste na preparação de um ou mais Archeus determinados.

Em cada Archeus, os quatro elementos devem estar presentes, mas de forma desigual:

- Se a Terra dominar, teremos um Archeus do reino metálico
- Se a Terra e a Água predominarem, obteremos um Archeus do reino mineral
- Se a Água e o Ar predominarem, teremos um Archeus do reino vegetal
- Se o Fogo e o Ar predominarem, teremos um Archeus do reino animal

Então essas são as proporções dos elementos que orientam a fertilização do Gur em um reino ou outro, e essas mesmas proporções orientam a fertilização dentro do reino.

Tomemos dois exemplos:

- 1) Se em nossas quatro garrafas circulantes tomarmos: 60 ml, 20 ml, 5 ml e 5 ml, obtemos um Archeus do reino mineral próximo ao metálico
- 2) Se tomarmos: 10 ml, 60 ml, 60 ml, 5 ml, obtemos um Archeus do reino vegetal.

É claro que, tendo sido feita a mistura, ela será circulada como para o Archeus Indeterminado.

O Archeus de nossa escolha estando pronto, embebemos o Gur com o Archeus. O Gur deve estar úmido sem que o líquido possa escorrer. Esta parte do experimento é realizada em uma garrafa de gargalo largo que é então mantida fechada. O Gur absorverá a umidade e secará; depois começamos a embebição novamente, depois deixamos secar novamente e assim por diante até que o Gur pare de absorver a umidade. Em seguida, paramos as embebições e abrimos a garrafa.

Se o Archeus escolhido for do reino vegetal, uma planta aparecerá depois de algum tempo. Será então necessário compensar, mas apenas compensar, a umidade absorvida pela planta com Archeus. Assim que esta planta morrer, ela deve ser calcinada e suas cinzas misturadas com o Gur. Aparecerá uma nova planta e repetiremos as operações de umidificação, calcinação, mistura, depois aparecerá uma nova planta e assim por diante. A reprodução ocorre sem fertilização, e as plantas que crescem uma após a outra geralmente formam uma série correspondente a uma progressão na escala evolutiva.

Se o Archeus escolhido for do reino mineral, o Gur gradualmente assumirá, à medida que as embebições progridem, uma aparência arenosa, e seu exame ao microscópio mostrará pequenas partículas de prata e ouro metálico.

Se escolhermos o Archeus Indeterminado, podemos alcançar, se tudo der certo, uma pedra vermelha. Mas esse caminho é muito difícil de seguir e os resultados são muito incertos.

O Archeu Universal Indeterminado é um menstrum que atua em todos os reinos e que tem poderes curativos já significativos.

Desaconselhamos formalmente o uso do Archeus do reino animal, e não diremos mais sobre isso neste Aviso. Os movidos pela curiosidade poderiam, antes de qualquer coisa, consultar o que Paracelso escreveu sobre o homúnculo.

Este experimento no Archeus e no Gur é um processo longo e você pode não ter tempo ou lugar para experimentá-lo. Se você não fizer isso, no entanto, seria bom que você estudasse o processo de destilação 4 + 3, porque daremos um processo para fazer a Pedra Vegetal que usará esse sistema.

Ora et Labora!!

Lição 22: O Texto de Urbigerus sobre Circulatum Menor

CIRCULATUS MINUS URBIGERANUM

Se demos a descrição de muitos métodos ou experimentos, não é para que o aluno os execute sistematicamente, mas porque, tendo vários meios à sua disposição, cada um possa escolher aquele que lhe convém ou que lhe agrada. Por outro lado, o estudo de diferentes sistemas dá, a longo prazo, uma visão bastante completa dos métodos alquímicos ou espagíricos, e isso é muito importante para promover o progresso pessoal.

Na Alquimia não é necessário esperar a boa vontade de um mestre para ser iniciado. Através do estudo e da experimentação prática, chegamos gradualmente ao estado de espírito que nos abre os segredos dos livros herméticos.

Para ilustrar isso, damos nesta aula a tradução de um texto antigo. Você verá que o referido texto, embora seja um dos mais acessíveis, ainda não é muito fácil de transpor para a experiência prática. Esta leitura e reflexão permitirão que você determine seu grau de avanço na compreensão hermética.

Procuraremos, no próximo edital, esclarecer algumas passagens ou parágrafos.

O texto a seguir intitula-se “Circulatus Minus Urbigeranum” e é dedicado pelo autor “A todos os verdadeiros amantes da Filosofia Hermética”.

...

CIRCULATUS MINUS URBIGERANUM

ou

O ELIXIR FILOSÓFICO DAS PLANTAS

com as três técnicas de sua preparação

Tendo em nossos aforismos anteriores claramente transmitido regras e instruções infalíveis, necessárias para a produção de nosso grande Elixir, nosso Circulatum Majus, o único verdadeiro segredo dos verdadeiros Adeptos comandando todos os reinos da Natureza que serão, não temos dúvida, não menos agradável a todos os outros amantes das Ciências do que aos nossos próprios discípulos; e estando ainda totalmente preparado para informá-los: como manter a si mesmos e aos outros em perfeita saúde, evitando toda desordem que de outra forma aconteceria a eles antes que pudessem alcançar a satisfação de seus desejos. Achamos conveniente fornecer-lhes, da mesma forma, nossas três técnicas diferentes para fazer nosso Elixir Vegetal ou Circulatus Minus, que podem ser preparados e levados à sua maior perfeição no espaço de um Mês Filosófico por qualquer artista habilidoso que entenda e siga nossas diretrizes de segurança. (Portanto) escrevemos aqui nossos aforismos a seguir, onde todo o trabalho é tão obviamente demonstrado que ninguém que seja remotamente versado em química pode cair em erro. Portanto, não temos dúvidas de que todos os que seguirem com atenção sincera e fiel e examinarem francamente esses aforismos se verão obrigados a louvar a Deus Todo-Poderoso por sua infinita misericórdia

em nos ter inspirado a abrir seus olhos, pois eles verão o que é necessário para sua saúde presente e felicidade futura, duas coisas que desejamos de coração a quem, tornando-se um verdadeiro filósofo, ama sinceramente a Deus e ao próximo.

I - Nosso Circulatus Minus é apenas um Elixir Específico pertencente ao Reino Vegetal pelo qual, sem qualquer Fogo ou qualquer outro preparo dos Vegetais, podemos em um instante extrair sua verdadeira Essência, contendo sua Virtude, Qualidade e Propriedade; que é uma grande façanha química, realiza prodígios da Física e demonstra algumas das Obras da Natureza.

II - Chamamo-lo de Circulatus porque, embora frequentemente utilizado em alguma Extração ou Experimento Químico, não perde nenhuma das suas Qualidades ou Propriedades, em especial uma particularidade ligada ao Elixir Universal, também chamado de Circulatus Maior porque comanda nos três Reinos da Natureza, enquanto esta, está reduzida a um só Reino, é por isso chamada de Menor.

III - Extraído das Lágrimas Indeterminadas de Diana quando Apolo apareceu, após a separação dos três Elementos, Determinação, Digestão e Ressurreição gloriosa, podemos, sem a adição de qualquer outro objeto criado, preparar nosso determinado Elixir, que é o primeiro e mais nobre e secreta arte dos Filósofos.

IV - A característica de nossas Lágrimas de Diana consiste em sua união perfeita e indissolúvel com a Terra fixa vegetal, filosoficamente preparada, purificada e espiritualizada, graças a qual são obrigadas a deixar sua primeira Propriedade Universal e indeterminada, e a vestir-se com outra determinada e particular que é necessária para o nosso Circulatus Menor.

V - Nossa segunda forma de preparo do nosso elixir vegetal consiste na manipulação exata de uma planta do mais nobre grau, destacada, ou sustentada por outras: após a preparação da qual, sua putrefação, redução a óleo, separação dos três Princípios com sua purificação, união e espiritualização, o todo deve se transformar em uma eterna Fonte espiritual, renovando qualquer planta que nela se imergir.

VI - A terceira forma comum consiste apenas na conjunção de um Sal Vegetal fixo com seu próprio Espírito volátil sulfuroso, coisas que podem ser facilmente encontradas todas preparadas por qualquer químico vulgar; e como em sua preparação o enxofre mais puro, contendo o espírito, sofreu por seu manuseio não filosófico, eles não podem ser inseparavelmente ligados sem um meio sulfuroso, pelo qual a Alma sendo fortalecida, o Corpo e o Espírito também são por ele capacitados para a mais perfeito União.

VII - O Meio específico requerido para a união indissolúvel destes dois Sujeitos é apenas uma substância sulfurosa e betuminosa extraída de uma planta viva ou morta, que pode ser encontrada em várias partes do mundo, e que é conhecida por todos os tipos de homens; depois de terem sido separados de suas partes amiláceas através de nossa Menstruação Universal, todos os Poros e Átomos do Sal vegetal fixo, que é extremamente fortalecido por esta passagem, sendo dilatado, (esta substância) torna-se capaz de receber seu próprio Espírito e de unir-se a ele.

VIII - Para fortificar o Enxofre e abrir os Poros do Sal, não é necessário outro método senão o que consiste em embeber este sal com a substância betuminosa sob calor digestivo moderado, idêntico ao necessário para a incubação dos ovos; e à medida que o sal seca, a impregnação (embebição) deve ser repetida várias vezes, até que você a encontre tão completamente saturada que se recuse a absorver mais matéria.

IX - No curso das impregnações, toda a massa deve ser mexida pelo menos nove ou dez vezes ao dia com uma espátula ou outro instrumento de madeira seca, por cujo movimento repetido a matéria betuminosa terá melhor acesso ao Corpo e aperfeiçoar o seu funcionamento o mais cedo possível.

X - Deve-se ter muito cuidado para evitar que qualquer tipo de detrito ou poeira caia em sua Matéria ao aplicar as Impregnações. Para evitar isso, você pode manter seu recipiente coberto com papelão ou qualquer outra cobertura adequada; e que nada se aproxime dele que tenha seu próprio Enxofre interior porque os Poros do Sal sendo muito dilatados e abertos, pode facilmente determinar-se sobre qualquer outro assunto, e assim fazer seu empreendimento fracassar.

XI - Se dentro de três ou quatro semanas, no máximo, seu Sal Vegetal Fixo não manifestar sua saturação total, certamente será inútil você ir além, pois você pode ter certeza de que está errando na noção de Sal ou no verdadeiro meio sulfuroso, ou na implementação de Impregnações.

XII - Completadas as vossas impregnações, o vosso Sal estará então em estado favorável para receber o seu próprio Espírito pelo qual se torna volátil, espiritual, transparente e penetrando maravilhosamente, entrando em um instante nos poros e partículas de qualquer vegetal e separando em um breve momento sua verdadeira essência ou seus elementos.

XIII - Embora o sal esteja totalmente preparado para a recepção de seu próprio Espírito, a menos que você observe a proporção certa entre eles (isto é, o volátil sempre predomina sobre o fixo), você nunca poderá fazer uma união perfeita entre esses dois assuntos que são contrários em qualidade, mas não em natureza.

XIV - Antes de iniciarem as vossas Destilações e Coobações, após a adição do vosso Espírito vegetal ao seu próprio sal, deve preceder uma putrefação de oito ou dez dias, durante a qual o Espírito sulfuroso, fortalecido pela substância betuminosa e encontrando o seu Sal pronto para a conjunção com ela, tem o poder de entrar em seus Poros para facilitar sua Volatilização e sua união.

XV - Se depois de seis ou sete Destilações e Coobações do Destilado sobre o Resíduo você não achar que seu Espírito está extremamente azedo e o Resíduo restante é insípido, será sinal certo de que você falhou no verdadeiro conhecimento do Espírito vegetal que, sendo excessivamente volátil, tem em sua natureza o poder de volatilizar seu próprio Corpo e de unir-se inseparavelmente a ele, encontrando-o capaz de sua recepção.

XVI - Cumpra observar que, na progressão da vossa destilação, o meio sulfuroso não sobe de modo algum porque é um verdadeiro meio que intervém para unir o Corpo com o Espírito antes da espiritualização do Corpo e, sem a sua concorrência, nenhuma união perfeita desses dois assuntos pode ser esperada; assim, ao contrário, no decorrer da obra, sua

participação seria altamente desvantajosa para eles e reverteria completamente o seu funcionamento.

XVII - A ascensão do meio sulfuroso quando o Espírito começa a mover-se sobre seu próprio Corpo para unir-se inseparavelmente, significa de maneira óbvia e certa que você não regulou seu fogo como deveria e que, ao invés de dar um ar suave e vaporoso calor para facilitar a união, você usou um calor violento que o destruiu.

XVIII - Quando o nosso Sal é levado à sua perfeita espiritualização e união real com o seu próprio espírito volátil, então tens o teu Circulatus Minus ou Elixir Vegetal ou Menstruo com o qual poderás realizar maravilhas no reino vegetal, separando em um momento não apenas seus princípios ou elementos, mas também em uma mesma operação o puro do impuro.

XIX - Se, no seu Elixir de Vegetais, você colocar qualquer verdura cortada em pedaços, ela apodrecerá em menos de um quarto de hora sem nenhum calor externo e se precipitará para o fundo como morta (o que não é senão a maldita terra), e no topo flutuará um óleo amarelo contendo Sal e Enxofre; o Elixir torna-se da cor da planta, pois contém seu espírito vegetal. Se isso não acontecer, é sinal de que suas operações não têm sido filosóficas.

XX - Uma única gota deste óleo amarelo dado nas doenças de acordo com a virtude e qualidade atribuída à planta todas as manhãs e noites em um copo de vinho curará infalível e insensivelmente esses distúrbios e fortalecerá os espíritos vitais para purificar o sangue nas doenças ou infecção.

XXI - Se você colocar coral neste Menstruo, você verá uma experiência admirável. Embora seus poros sejam mais compactos do que os de qualquer outro vegetal, ele transmite em um instante seu espírito interno na menstruação e, enviando sua alma e corpo para cima como óleo vermelho-sangue, ele finalmente cairá como excremento cinza.

XXII - Este Menstruo Vegetal não só dissolve todos os tipos de resinas ou quaisquer outros tipos de substâncias do reino vegetal, mas também todos os tipos de óleos ou bases de árvores, separando sua verdadeira essência pela qual você pode realizar coisas maravilhosas também em corpos vivos assim como os mortos, que ela preserva para a eternidade sem maiores aberturas ou preparações.

XXIII - Se mirra, aloés ou açafraão, cada um em igual quantidade, for dado a este Menstruo, o verdadeiro Elixir Proprietatis (como Paracelso o chama), que é um excelente alívio e que tem tão grande eficácia e virtude que o próprio Elixir Universal, curando todos os distúrbios curáveis, nadarão no presente ou no topo, e seu Caput Mortem se separará de si mesmo no fundo.

XXIV - Embora este Menstruo seja específico para plantas, ele tirará a princípio a tintura de metais e minerais, mas não separará todos os seus princípios, não sendo o Menstruo apropriado para tais operações. Embora tais enxofres sejam altamente balsâmicos para os pulmões e o baço, nosso Elixir excede em muito tais preparações que indicamos apenas como experimentos químicos curiosos.

XXV - Como este Menstruo vegetal é eterno, observe que não não perde nada de sua quantidade ou qualidade, separando-o do óleo e do espírito da planta, o que é feito por uma destilação suave em banho-maria, o recipiente sendo muito bem alauíde e previamente seco. O Menstruo, sobrenadante com o Fleuma do vegetal do qual deve ser separado por destilação em Banho-Maria para usos posteriores, deixa seu Azeite no topo, unido ao seu próprio Espírito que facilmente desaparecerá com qualquer calor comum e não deixando nada atrás dele, o que é prova da Espiritualização, Purificação e Regeneração que recebeu do Menstruo.

...

Ora et Labora!!

Lição 23: Comentários sobre o Circulatum, Pedra de Trigo

Vamos continuar lendo o livro que discutimos no aviso anterior

Circulatus Minus Urbigeranum.

I - Extraia seu óleo ou essência de sua planta assim preparada, ou por qualquer outro meio filosófico (como especificamos em nossa segunda forma de fazer o Elixir) se você souber apodrecê-lo naturalmente sem nenhum fogo e separá-lo de todos os nossos princípios, purificando-os e unindo-os inseparavelmente, tornando ambos espirituais e transparentes, você terá então desta segunda regeneração o maior Arcano do Mundo, tanto em relação aos vegetais quanto aos minerais e metais, exceto ouro e prata.

II - Se esta essência regenerada for determinada com sua primeira matéria, então ela terá a capacidade radical de dissolver todos os tipos de metais e minerais, e principalmente o Ouro, que nela se dissolve imperceptivelmente como o gelo na água comum, e nunca mais pode ser separado, nem por destilação nem por digestão. Após uma digestão filosófica e uma separação dos três princípios com sua purificação, união e digestão e depois terceira regeneração, você pode preparar o grande remédio dos médicos, de igual virtude e qualidade nos corpos humanos como o grande Elixir e, com nosso simples mercúrio, em metais e minerais.

III - A maneira de determinar este Menstruo regenerado com sua primeira matéria deve ser por sua amalgamação com ela, pela qual o Menstruo vegetal extraído todas as suas qualidades e propriedades e unindo-as às suas próprias, torna-se capaz das mesmas virtudes e propriedades, como nosso simples mercúrio dissolvendo e volatilizando qualquer objeto criado que entre em contato com ele.

IV - Alguns são da opinião que os dois Elixires podem ser produzidos a partir de vários objetos determinados como excrementos humanos, orvalho (que eles chamam de Água Nuvem) etc., e também que o Grande Elixir pode ser preparado a partir desta ou de qualquer outro Menstruo vegetal regenerado ; mas como sabemos que com tais coisas, que eles chamam de Mercúrio Filosófico, e embora possam dissolver e volatilizar metais, não podem melhorar nenhum deles porque sua dissolução e volatilização não são naturais nem filosóficas e pensamos com razão que todas essas opiniões são apenas falsas suposições e noções imaginárias e infundadas.

V - Nós, com nosso divino mestre Hermes, afirmamos solenemente que o Deus sendo o Todo-Poderoso, depois de ter criado todas as coisas, ordenado a cada uma delas que procriasse de sua própria espécie, nossos elixires não devem ser produzidos por meios sofisticados, como deixamos claro nos aforismos anteriores e atuais em que demos ampla instrução para o preparo do Elixir Universal de nossa matéria indeterminada, e a específica da raiz dos vegetais.

VI - Além do verdadeiro carinho e caridade que temos por todos os amantes da Arte, advertimos a quem desejar preparar um de nossos Elixires, que siga apenas nossas regras infalíveis, sendo a soma de toda a prática e teoria de acordo com a verdadeira filosofia, e sem criticar os outros, pois uns ensinaram o assunto por ouvir dizer, outros por leituras, e muito poucos pela sua própria prática, podem facilmente deixar-se impor e iludir por qualquer pseudo-químico ou pretense seguidor.

COMENTÁRIOS

Eis, pois, este texto que consideramos ser um dos que menos problemas colocam ao leitor. Certamente nos será bom relê-lo várias vezes antes de extrair dele o início de uma lição.

Para auxiliar neste estudo, fornecemos uma série de comentários sobre cada parágrafo abaixo. O número de cada comentário refere-se ao parágrafo correspondente.

I - O fogo é necessário para preparar o Circulatus. Ele não será usado para seu trabalho, mas será usado para sua recuperação.

II - No caso concreto, circulação significa maceração, percolação ou, segundo os meios modernos, extrações com o Soxhlet.

III - A separação dos três elementos implica que o Enxofre, o Sal e o Mercúrio devem ser separados na forma de óleos essenciais, aguardente e resíduo mineral. Este primeiro processo de preparação é feito pela aplicação do Mercúrio Filosófico de origem mineral na planta. A preparação é muito rápida.

IV - É imperativa a total separação destes três elementos essenciais. Sem ela, nada pode ser realizado posteriormente. Isso significa que o Mercúrio Filosófico torna-se específico do reino vegetal nessa operação.

V - Você pode usar uma mistura de plantas ou uma única planta. A preparação começa com a putrefação, que significa fermentação. O espírito (álcool) é liberado. Desta tintura é destilado o óleo ou enxofre alquímico. O terceiro princípio, sal ou mineral, não é mencionado. Mas todos os três são necessários para o retorno, renovação e fortalecimento da própria força vital da planta, para que ela possa reviver plantas fracas ou mortas. Neste segundo processo, a separação ocorre sem o Mercúrio Filosófico. A purificação vem depois da separação. Este processo é idêntico ao da Pedra Vegetal sólida; ela só difere no último estágio.

VI - O sal pode ser obtido no comércio químico (drogaria). É quase um paradoxo porque os alquimistas declaram que não se pode obter seus preparados na loja de um farmacêutico ou boticário. Mas estamos falando aqui de um produto sem enxofre e sem mercúrio e que, portanto, pode ser adquirido do farmacêutico para atingir o objetivo desejado.

VII - O texto insiste aqui no material sulfuroso também chamado de betuminoso. Há aqui uma relação direta com a substância resinosa que se liga ao puro Enxofre alquímico da planta. A extração pode ser feita na planta fresca ou na planta seca. Quando o Sal estiver bem purificado, está pronto para receber o óleo essencial purificado e o espírito purificado, ou seja, o álcool.

VIII - A operação está claramente descrita aqui! O que se chama de betuminoso nada mais é do que o resíduo calcinado do enxofre, também conhecido como sal de enxofre. É colocado em uma retorta com os resíduos preto-calcinados (carbono) da planta que sofreu a extração. A destilação a vácuo é realizada pelo método antigo, a uma temperatura que não deve exceder a da incubação dos ovos. Sal de Enxofre é o sal volátil de caráter orgânico que pode ser separado por sublimação. A destilação é seca, então o destilado é derramado sobre a substância betuminosa até que o sal fique cada vez mais claro. Este

processo é repetido até que nenhum álcool ou óleo seja retido. A quantidade recuperada durante a destilação é igual à que foi introduzida nela.

IX - O conteúdo da retorta deve ser agitado pelo menos nove a dez vezes ao dia, antes e depois de cada destilação, para permitir melhor penetração e branqueamento mais profundo da substância.

X - Ao utilizar uma retorta para destilação, deve-se tomar cuidado para não introduzir corpos estranhos nela. O sal, quando se torna mais sutil, atrai poeira ou partículas finas que seriam difíceis de extrair.

XI - Se depois de três ou quatro semanas o sal não estiver saturado com seu Mercúrio e Enxofre, alguma coisa está errada. O processo deve ser interrompido e, em seguida, toda a operação deve ser iniciada novamente.

XII - Quando essas impregnações são feitas segundo esse método, o Sal deve, teoricamente, apresentar-se como uma substância cristalina transparente. Nossa própria experiência não nos mostrou esse resultado, mas uma substância branca opaca.

XIII - A quantidade de cada um desses três itens essenciais é importante. Quando o Sal já não quer absorver mais Mercúrio e Enxofre, a Natureza encontrou o seu próprio equilíbrio.

XIV - O Sal deve ser saturado com sua tintura (Mercúrio e Enxofre; mas é o Enxofre que tinge), e deve permanecer por oito a dez dias para abrir os Poros do Sal (para dissolver suas substâncias solúveis).

XV - Cuide-se para que nada se perca do espírito volátil. Cada parte é necessária para a penetração do Sal no processo de repetição de coações do Espírito e do Sal.

XVI - O Enxofre não deve e não destilará além do Espírito, mas estará cada vez mais unido ao Sal (casamento alquímico).

XVII - Evite aqui calor excessivo: antigamente o calor necessário para esta operação era dado pelo banho-maria.

XVIII - Quando o Sal estiver realmente unido ao seu próprio espírito volátil, completa-se a pequena circulação.

XIX - Quando uma planta diferente da do circulatus é finamente cortada e colocada neste Espírito destilado no XV, a maldita terra morta cai para o fundo enquanto o óleo que contém o Sal flutua. Os três essenciais são extraídos e purificados pelo poder do espírito do Menstruo. O Espírito é recuperado por uma destilação do circulatus.

XX - Uma gota do óleo de uma planta assim preparada, em um copo de água ou vinho, tem grande virtude medicinal.

XXI - Este menstruo atua sobre o coral, ou seja, sobre um elemento no limite do mineral.

XXII - Este menstruo também pode purificar e separar os princípios dos elementos vegetais como óleo, resina, goma...

XXIII - O Elixir de Paracelso, que possui propriedades próximas às do grande Elixir, é preparado a partir de três plantas tratadas em quantidades iguais.

XXIV - Este mênstruo pode extrair tinturas metálicas, mas não pode dissolver metais como faz o Mercúrio Filosófico. Esta extração foi praticamente demonstrada.

XXV - Uma lenta destilação no banho de vapor regenera o mênstruo.

XXVI - O que aqui se explica é contrário aos princípios alquímicos e significa apenas que o mênstruo pode extrair a tintura mineral, mas não pode efetuar a transmutação.

XXVII - Todo este parágrafo só é verdadeiro se o mênstruo estiver unido ao Mercúrio filosófico.

XXVIII - Os três princípios alquímicos encontrados na Natureza e unidos pelo espírito do Mercúrio Filosófico podem realizar operações que cada um separadamente não pode fazer.

XXIX - Deve-se fazer distinção entre o que extrai uma tintura e o que dissolve uma substância. Todos os menstluas não são assim, embora os mortais comuns pensem neles como Mercúrio ou Mercúrio Filosófico, e os chamem assim.

XXX - É somente através do conhecimento divinamente inspirado que esses elixires podem ser produzidos.

XXXI - Observar as prescrições pode evitar muitas decepções, mas somente a prática alquímica pode levar a um resultado válido. O circulatus é menos fácil de usar do que a Pedra Vegetal, mas permite outras experiências.

APLICAÇÃO PRÁTICA

Como aplicação prática deste texto, podemos tentar este outro processo para a Pedra que encontramos em um texto antigo ainda não experimentado:

- Colocar 800 g de grão de trigo em fermentação em quatro litros de água, e isso por 6 meses, até que o todo se reduza a um mingau.
- Faça uma destilação de acordo com os princípios adotados para o Gur, mas aqui temos o seguinte Mercúrio, Enxofre e Sal, destilando o óleo depois do álcool.
- Destile a água três vezes, mas o resíduo também é destilado para obter as resinas espessas.
- Em relação à terra, a terça parte é o resíduo fixo, ou seja, o Sal da Terra.
- Coobar uma parte igual dos líquidos de 1 a 6 e derramá-los sobre os resíduos sólidos de 12. Após seis semanas de digestão, o líquido deve ficar verde. 1 a 6 representam a parte ativa positiva da planta.
- As partes 7 a 12 representam as porções passivas da planta e depois são misturadas com os sais da planta.
- Quando nada mais quer ser absorvido, o resíduo sólido é derretido e, uma vez resfriado, é saturado com o óleo essencial da planta. A Pedra está então completa.

Ora et Labora!!

ANEXO: COMENTÁRIOS de MANFRED JUNIUS sobre o CIRCULATUS MINUS

(para esclarecer o trabalho prático)

1 - É verdade que, se o Circulatum Minus for bem e corretamente preparado, não perde nada do seu vigor mesmo após o uso repetido. Um Circulatum que o autor fez em seu laboratório há alguns anos continua a separar instantaneamente em seus três princípios essenciais qualquer planta fresca que nele seja mergulhada.

2 - As Lágrimas de Diana são Mercúrio, álcool etílico indeterminado ou puro, ou seja, álcool etílico que ainda não foi especificado pela adição de alguns sais minerais (Terra fixa).

Então Apollo apareceu: depois que o enxofre volátil, ou seja, os óleos essenciais, foram extraídos das espécies vegetais escolhidas, por exemplo, por destilação a vapor. O aparecimento do Apollo, a destilação dos óleos essenciais, é sempre o primeiro passo para a separação.

Urbigerus declara que a separação de uma espécie em seus três princípios essenciais (que ele chama aqui de elementos) é necessária para a realização da obra. O mercúrio é então especificado pela adição de outras substâncias purificadas. Ou seja, o Sal, bem como o Enxofre fixo e não fixado, sendo este seguido por uma digestão e subseqüentes destilações. Desta forma, podemos preparar o Circulatum Minus a partir de uma única coisa sem nenhuma adição. Urbigerus considera o meio de preparação mais nobre.

3 - Urbigerus nos diz claramente o que entende por determinação das Lágrimas de Diana. Mas o Sal extraído do corpo da planta (terra vegetal fixa) deve ser preparado alquimicamente, isto é, calcinado corretamente, purificado e espiritualizado (tornado volátil) e com isso sua natureza é transformada.

4 - Urbigerus alude à videira durante o que se chama Opus Vini, onde se trabalha o vinho, num determinado momento há uma fase em que o trabalhador pode escolher entre um resultado líquido e volátil ou um resultado fixo, uma pedra. Sobre a "redução em óleo" o leitor também pode se referir ao "Glauberus Concentratus" e à "Opera Vegetabilia" de HOLLANDUS. O processo é muito longo para ser descrito aqui, então vamos nos concentrar no primeiro e no terceiro método de fazer o Circulatum.

5 - Na preparação utiliza-se a conjugação de um sal vegetal fixo (retirado do corpo da planta através da calcinação e subseqüentes extracções e purificações) com o seu próprio espírito sulfuroso. Espírito volátil sulfúrico é uma essência alcoólica destilada de uma planta ("espírito sulfuroso" sempre designa um destilado alcoólico contendo óleo essencial, ou seja, o Enxofre volátil da espécie). Esses alcoolatos aromáticos eram comumente vendidos por boticários e muitos tratados sobre a arte da destilação fazem alusão a eles. "A água das Carmelitas" e "A água da Rainha da Hungria" são exemplos famosos desses destilados compostos. No entanto, estas "águas", ou aguardentes sulfurosas, são destilados e por isso carecem da parte fixa do Enxofre, que devido ao seu carácter não volátil não passa para a destilação e por isso se perde. Do ponto de vista alquímico, esta cisão não é filosófica porque a parte fixa do Enxofre contém a outra parte da alma (veremos mais adiante que os ácidos orgânicos que contém são a chave do segredo da volatilização dos Sais). Como os

ácidos orgânicos presentes no destilado não são suficientes para realizar a operação, alguns deverão ser adicionados de fora. Assim o Enxofre será reforçado e atuará como catalisador na reunião do corpo e do espírito, do Sal e do Mercúrio. No aforismo que se segue, Urbigerus nos diz o que é essa matéria sulfurosa e de onde pode ser obtida.

6 - Urbigerus faz alusão clara às resinas. São misturas complexas, principalmente de substâncias aromáticas com propriedades ácidas, outros álcoois, fenóis e substâncias altamente dessaturadas. As resinas estão próximas dos terpenos. As resinas são obtidas por incisão de certas árvores, principalmente pinheiros, abetos, larícios, bem como um certo número de variedades exóticas. O âmbar é um tipo especial de resina. O texto alemão de Urbigerus contém uma frase conclusiva: “Und von allen Arten derer Meerfischern erkandt wird” (“e isto é conhecido por todos os peixes ou pescadores no mar”). (Foi esta óbvia alusão ao âmbar que colocou o autor no caminho certo). O ácido succínico no âmbar é um catalisador maravilhoso. Mas o próprio Urbigerus nos conta quais tipos de resinas ele considera particularmente adequados para a operação. Primeiro vem o do copaier (ou seja, o bálsamo de copaíba retirado do copaier (*copaifera officinalis*), então em ordem de preferência, ele indica a resina “italiana”, retirada dos pinheiros característicos encontrados em abundância no interior da Itália. Os pinheiros são frequentemente mencionados na poesia italiana e até na música (Ottorino Respighi: “I Pini di Roma”). Esta resina deve ser purificada por água de todas as suas partes amiláceas. O melhor método de purificação parece ser uma destilação devidamente conduzida. Em seu livro “Chymischer Handleiter”, LE FEBURE descreve o processo da seguinte forma:

“A resina deve ser pulverizada e misturada com três partes de tijolos triturados e uma parte de sal comum previamente completamente seco pelo calor. Tudo será colocado em uma retorta e destilado aumentando continuamente a temperatura. É assim possível aproveitar parte do destilado oleoso obtido. Você também pode retificar o destilado adicionando três partes de sal comum e destilando novamente”.

O mais fácil para nós é comprar resinas já clarificadas como o bálsamo de copahu (os bálsamos são misturas de resinas e óleos etéreos, parcialmente misturados com ácidos aromáticos) ou o bálsamo do Canadá que é a exsudação da resina do pinheiro norte-americano (*Abies Balsamica*) que é, a rigor, uma terebintina. Contém cerca de 24% de óleo essencial, 60% de resina solúvel em álcool e 16% de resina solúvel em éter.

O autor realizou experimentos com várias resinas enquanto trabalhava em sua circulata. Devido aos excelentes resultados obtidos com o Bálsamo do Canadá, ele deseja recomendá-lo a seus companheiros na Arte. O Bálsamo do Canadá é utilizado para a preparação de cortes que são observados ao microscópio, podendo ser obtido em estado de alta purificação. Qualquer que seja o material de resina que você decidir usar, certifique-se de que seja natural e não tenha sido quebrada. O bálsamo natural do Canadá é facilmente obtido, mas não é a resina mais barata.

Se você observar atentamente a gravura em cobre abaixo, verá que há um buraco no tronco da árvore por onde escorre a resina. De fato, o rio no qual avançam Apolo e Diana é resinoso. Observe também que Diana sai do outro lado do rio segurando o sol de Apolo em sua mão, então eles se tornaram um ser.

7 - "Fortalecer o Enxofre", isto nos diz que o Sal e o Enxofre já foram unidos. É quando adicionamos o material resinoso, embebendo nossa mistura de Sal e Enxofre (volátil). O todo é então colocado em fogo moderado (digerido). A embebição é repetida cada vez que o material seca.

Antes de adicionar o material resinoso, o operador se encontra em uma encruzilhada. Ele pode então escolher se deseja fazer a rota seca ou molhada. No primeiro caso, serão adicionados os sais da parte fixa do Enxofre obtidos por calcinação. Estes não irão volatilizar o Sal do corpo e o resultado será uma pedra.

8 - Como nesta fase já estamos operando com substâncias altamente purificadas, devemos cuidar para que nenhuma impureza estrague o trabalho. O autor obteve bons resultados usando frascos bastante grandes e completamente fechados. Os frascos são periodicamente abertos por um tempo para permitir a entrada de ar fresco, depois são fechados novamente. Os perigos de contaminação são consideravelmente reduzidos trabalhando em forno fechado (incubadora).

9 - Se tudo correu bem, você pode derramar seu Mercúrio, ou seja, o álcool etílico retificado.

10 - O álcool deve dominar proporcionalmente no fixo. O autor obteve bons resultados com uma proporção de 6 para 1 ou até 8 para 1.

11 - Durante esta "putrefação" que nada mais é do que uma digestão completa, ocorre a mudança de cor e o sal assume o aspecto de uma espécie de muco. O Enxofre reforçado e o Espírito atuam neste momento sobre o Sal e começam a torná-lo volátil. Depois disso, começamos nossas destilações.

12 - As destilações devem ser feitas em banho-maria; entre as destilações, após a coação (quando o destilado é derramado sobre o resíduo), um período adicional de digestão será útil. Após sete destilações, você descobrirá que seu destilado tem um odor característico e muito penetrante e um sabor ácido e corrosivo.

13 - Para evitar isso, faremos todas as nossas destilações em banho-maria. Se a temperatura for muito alta, o resultado será mais uma fixação das partes voláteis do Sal do que uma volatilização. Em todas as tentativas de volatilização, é necessária uma destilação cuidadosa e lenta.

14 - Se você trabalhou corretamente, agora executou o Circulatum Minus de acordo com o terceiro método. Ao mesmo tempo, agora você pode entender o primeiro método pois basta realizá-lo partindo da mesma espécie vegetal da qual obteve seu material resinoso, por exemplo, de pinheiro ou abeto. Você pode extrair seu material resinoso de pequenos ramos de pinheiro ou abeto por destilação a vapor. É assim que se obtêm as terebintinas naturais. Quanto ao resto, você procederá como acima.

Nos aforismos que seguem, Urbigerus nos informa sobre o que o Circulatum pode alcançar.

15 - Ao mergulhar nela uma planta verde recém-cortada, por exemplo uma ou duas folhas de hortelã-pimenta, você notará primeiro que o líquido fica leitoso e até totalmente opaco. Este é o sinal de uma emulsão. Se você deixá-lo descansar por um tempo, as minúsculas gotas de óleo subirão gradualmente à superfície e, eventualmente, formarão uma camada

de óleo amarelo. Este óleo contém o Sal e o Enxofre das espécies vegetais imersas no Circulatum. A experiência do autor mostra que a cor do óleo varia de espécie para espécie. Uma erva seca irá colorir imediatamente o mênstruo com separação de princípio.

No seguinte aforismo, Urbigerus nos fala sobre o valor terapêutico deste óleo.

16 - Os aforismos XXI a XXIV nos falam mais sobre o uso do Circulatum Minus. Ele poderá extrair o corante do coral (XXII), pode ser usado para fazer o Elixir proprietatis se você imergir quantidades iguais de mirra, aloés e açafrão (XXII); também dissolve todos os tipos de gomas, óleos e bálsamos enquanto separa suas essências (XXIII). Também extrai tintura de vários minerais e metais.



Lição 24: Diferenças entre Espagiria e Alquimia, O Método Alemão, Dois Métodos da Pedra Vegetal, A Preparação do Sal, Alquimia Animal Óleo de Ovo.

Após a leitura das 24 Lições, alguns alunos podem ter se apegado aos estudos teóricos, por motivos que lhes são pessoais, e não ter dado o passo para os trabalhos práticos. A tais dizemos que estão perdendo parte de um lucro legítimo do Trabalho Alquímico. Aos demais que embarcaram nas dificuldades deste trabalho, desejamos que encontrem seu caminho pessoal de avanço.

ESPAGÍRIA E ALQUIMIA

Certamente é útil esclarecer aqui a diferença entre as duas teorias.

A Espagíria preocupa-se essencialmente com a cura do corpo e a Alquimia com a cura da alma.

Entre as pessoas que seguem este curso, aquelas que se enquadram na profissão médica usarão nossos ensinamentos como desejarem. Mas para outros que não se enquadram nesta categoria, pensamos ser útil recordar um certo número de princípios.

Os elixires alquímicos não devem ser usados para cura em geral, porque:

- A lei proíbe a prescrição de substâncias destinadas à prática de ato médico.
- Os elixires de plantas têm um efeito essencialmente espiritual e este aspecto não deve ser afluído a outros; um elixir pode despertar um chakra em uma pessoa que não possui o entendimento adequado para suportar esse despertar.
- Os tratamentos mais eficazes são as extrações de metais, que não estão incluídas nas primeiras partes deste curso.

A espagíria não procura abordar particularmente o aspecto espiritual, ela usa processos diferentes da alquimia. A título de exemplo, vamos descrever um dos procedimentos utilizados pelos espagiristas da escola alemã:

1. Um extrator Soxhlet é carregado com a planta escolhida.
2. O mênstruo utilizado é água destilada.
3. Em seguida, são realizados 3 ciclos de extração. A água não sendo incomodada pela presença de álcool dissolve parte dos sais da planta, aqueles que têm caráter mineral. Os sais orgânicos geralmente não são solúveis em água; eles só se tornarão assim pela calcinação que, ao eliminar seu carbono, os traz de volta ao estado mineral.
4. Após esses 3 ciclos, deixe a temperatura baixar e despeje cuidadosamente, pela extremidade do refrigerador, uma quantidade de álcool 96° igual à da água, para um Soxhlet de 200-300 cm³ de uma mistura 50% álcool. Na verdade, se aquecermos pouco, passará apenas o álcool e teremos uma extração da tintura que normalmente será feita rapidamente em 3 ciclos.

5. Terminado este processo, o resíduo sólido do cartucho é calcinado a alta temperatura: 1200° mínimo, às vezes 1600° é desejável. A cinza residual é então jogada bem quente no mênstruo e o todo é macerado por uma semana. Então uma simples filtração dá o elixir espagírico.

Deve-se notar aqui que, ao contrário da Alquimia, não há separação clara Sal-Tintura e nenhuma separação Enxofre-Mercúrio. O sal não é carregado com enxofre, mas simplesmente desempenha um papel na absorção de impurezas do corante.

A escola alemã que utiliza este processo não procura por este processo ingressar em um caminho alquímico, permanece dentro do quadro de cura que as leis deste país autorizam.

Demos este exemplo apenas para mostrar a diferença entre processos tipicamente espagíricos e alquímicos.

DOIS OUTROS MÉTODOS PARA PEDRA VEGETAL

A – Planta *Archemisia Tridendata*

1. Separe aproximadamente 1800 g de planta fresca
2. Destile a vapor até obter 15 ml de óleo.
3. Fermente a planta em água à temperatura ambiente.
4. Separe o álcool e retifique-o tratando com carbonato de potássio.
5. O resíduo é seco, calcinado, lixiviado.
6. Em seguida, o Sal é saturado com igual quantidade de álcool e óleo, e colocado em digestão por 1 mês a 38 °C.
7. A substância é novamente saturada com uma mistura meio-óleo-álcool e transferida para uma retorta. Em seguida, é destilado sob vácuo e deixada secar lentamente.
8. A substância é então extraída da retorta e é calcinada em branco acinzentado.
9. O processo de saturação-destilação-calcinação é repetido 3 vezes a cada ciclo durante 1 mês.
10. Neste ponto, a substância estará escura com um tom avermelhado.
11. A substância é então colocada em um copo de porcelana e aquecida com um bico de bunsen. Em seguida, ele se funde em um líquido claro que se torna branco opaco à medida que se solidifica. Este sólido branco é então reduzido a pó (aproximadamente 2 g).
12. Em seguida, é colocado em um aparelho de refluxo e saturado com uma mistura de óleo-álcool. A temperatura deve ser alta o suficiente para manter a circulação. Esta circulação deve ser mantida por várias semanas.

13. A substância é então extraída e sua cor será marrom claro.
14. A substância é novamente derretida com um bico de Bunzen. Ele derrete muito mais rápido do que antes e se solidifica em um branco opaco.
15. A substância é triturada novamente e o ciclo recomeça até que a substância não absorva mais líquido e derreta facilmente na chama.
16. A Pedra está terminada.

Este método parece de longe o mais fácil e o mais bem-sucedido.

B - Outro Método

1. 150 a 200 g de pimenta preta são reduzidos a pó.
2. A tintura é extraída com álcool absoluto por passagem por um Soxhlet.
3. Os sais solúveis obtidos do resíduo são finamente pulverizados e saturados com o corante e mantidos a 38 °C.
4. A tintura concentrada dá cristais que, uma vez aguados, são misturados com sais solúveis.
5. A substância é saturada cada vez que fica seca e isso enquanto absorver o líquido.
6. Neste ponto, a substância tornou-se muito fundível. A destilação a vácuo com uma retorta é então realizada.
7. O destilado é então derramado sobre o resíduo com, se necessário, um suplemento de extrato para obter a saturação.
8. Este ciclo é repetido até que a substância não absorva mais o extrato e fique branca opaca.
9. A Pedra está terminada.

PREPARO DO SAL

Aqueles que praticaram algumas de nossas experiências perceberam que a questão do Sal é um dos grandes problemas da Alquimia Vegetal.

Se não lixivarmos o Sal, temos uma massa aparente maior, mas sua purificação leva mais tempo para ser obtida.

Falaremos mais adiante sobre a destilação em 4 fases e depois sobre o que Paracelso chama de Primeiro Ser das plantas, o que outros chamam de sua Quintessência. Este é um produto cujas qualidades são reconhecidas pelos autores, muito próximas das do Grande Elixir Metálico

Certamente, na coação para revivificar os elementos da planta, é necessário o seu Sal, mas, para a purificação, outro Sal pode ser apropriado. Além disso, se não se deseja que ele fixe o Enxofre, deve ser desarmônico com a planta.

Os Antigos elogiam muito o sal marinho e o ácido do sal marinho, mas aqui temos que ter cuidado.

Uma planta terrestre pode ser purificada sem perder o Enxofre pelo sal marinho, mas uma alga só pode ser purificada pelos sais de potássio (ver Lição 13).

Para que o cloreto de sódio possa purificar uma planta, ele deve passar por uma longa preparação:

1. Pegue 1 litro de água da chuva e derreta 300 g de sal nela.
2. Filtre, evapore a água e recolha os cristais de sal à medida que vão se formando. Não force a cristalização à secura, sacrifique 10 a 15 cm³ de água. Repita isso até que o filtro não esteja mais sujo com água, ou seja, pelo menos 10 a 12 vezes. Em seguida, guarde o sal em uma garrafa de vidro bem limpa e bem tampada.

Este sal pode ser usado para várias coisas, incluindo a extração do primeiro ser de uma planta bem preparada.

Para outros experimentos, é interessante ter água carregada com “nitro”. Para isso, operamos da seguinte forma:

1. Calcinar carbonato de potássio entre 200 e 300 °C por pelo menos 1 hora.
2. Espalhe em uma camada fina sobre uma placa de vidro; você pode começar com uma placa de 50 x 50 cm com 1 ou 2 mm de carbonato na superfície.
3. Esta placa é colocada em uma sala ventilada, de preferência um sótão ao invés de um porão, e esta placa é inclinada. O sal deliquescente fluirá e dois ângulos o guiarão para uma garrafa a ser coletada.
4. Os antigos chamavam isso de “óleo de tártaro por deliquescência”. Ele deve primeiro ser filtrado e depois mantido como está.
5. Para enriquecer um produto com “nitro”, este óleo deve então ser destilado sob vácuo e o líquido obtido é dito pelos textos antigos como “Eau des Anges”.

Nota: sabemos que alguns também colocam a potassa em deliquescência. Mas é muito provável que a potassa assim tratada não seja mais potassa. Essa sede de CO₂ do ar se transforma em carbonato de potássio. Para enriquecer a potassa em “nitro” sem que se transforme em carbonato, deve-se embebê-la com “água dos Anjos” e não deixá-la muito tempo ao ar livre.

ALQUIMIA ANIMAL

Um padre nos emprestou um livro: “Pode o sangue vencer a morte? “. Este livro trata de uma parte da Alquimia Animal, do que, de fato, se conhece sob o nome de "Arcanum of the blood".

Depois de algumas noites dedicadas a este assunto, acreditamos que o meio-conhecimento transmitido por este livro não é isento de perigos, como todos os meios-conhecimentos o

são. Assim achamos por bem dar uma explicação teórica, mas clara e completa, sobre a Alquimia animal.

Os livros de GLASER ou LÉMERY fornecem um certo número de experimentos alquímicos em produtos animais. Mas, até onde sabemos, apenas "O Livro da Natureza Revelada", de autor anônimo, adverte contra as reações negativas, psíquicas ou espirituais, dessas experiências.

O Mercúrio animal é encontrado no sangue, os ossos são o Sal, e a carne é uma mistura de Sal volátil e Mercúrio coagulado pelo Enxofre animal. Obviamente esses elementos podem ser separados e pode-se, neste campo, obter Enxofre, Mercúrio e Sal separados e purificados, mas esse não é o problema.

Muitos pensaram que só o sangue era suficiente. Com efeito, se é o portador privilegiado do Mercúrio, contém também o Sal e, através dos glóbulos vermelhos, o Enxofre.

É aqui que começa o erro, como veremos. De fato, se o homem é o mais evoluído de todos os produtos da natureza e se é puro, seu sangue deve conter o mais perfeito Enxofre, Mercúrio e Sal da criação. Então este sangue seria o Grande Circulatus, o igual e até o Superior da Pedra Vermelha.

Uma das ilustrações mais sinistras desse meio-conhecimento é dada por Gilles de Rais que, sabendo disso, sacrificou incontáveis recém-nascidos, pensando assim em encontrar sangue puro. Mas o sangue do recém-nascido não é mais puro que o da mãe.

Na realidade, o sangue torna-se puro apenas com o renascimento espiritual; somente o Mestre renascido tem este sangue. Foi aqui que nasceu a lenda do Graal, que ilustra as propriedades do sangue do adepto Jesus.

Além disso, a descrição de certas projeções feitas por antigos mestres não descreve um pó vermelho-sangue brilhante, mas um pó vermelho-acastanhado.

Esperamos que o resultado o salve de vários erros ou tentações. Porém, para dar um caráter positivo a esta notícia, vamos descrever um experimento de Alquimia Animal sem perigo para ninguém.

ÓLEO DE OVO

- Dependendo do tamanho do seu extrator Soxhlet ou equipamento equivalente, pegue 6-12 ovos de galinha o mais fresco possível. Cozinhe-os bem, como de costume.
- Separe as gemas das claras e esmague essas gemas para fazer um pó ou um amálgama leve.
- Coloque este amálgama em um frasco de vidro sem tampa. Em seguida, pegue uma jarra, como uma jarra de conserva, com uma tampa bem fechada na qual nossa garrafa pode ser trancada.
- Calcine 100 a 200 g de carbonato de potássio entre 200 e 300° por pelo menos 1 hora.
- Coloque o carbonato na jarra e coloque por cima a jarra com as gemas.

- Feche bem.
- O carbonato absorve o vapor de água da jarra e assim, pouco a pouco, as gemas vão secando.
- Quando as gemas estiverem secas, reduzi-las a pó e carregá-las no extrator Soxhlet; a menstruação será álcool absoluto.
- Após pelo menos 12 ciclos de extração, o mênstruo é destilado e um óleo é recuperado: seu antigo nome é ovum vitelli.

Os antigos dizem que este óleo cura feridas dez vezes mais rápido que o normal e que cura por absorção uma doença cujo nome nos sugere que deveria ser o colesterol.

É preciso dissolver esse óleo em um álcool de perfume forte porque seu gosto é péssimo.
Boa sorte !

Ora et Labora!!

Lição 25: Balanço Interior - Energia Mezla, Akasha, Os Doze sais, Destilação do Éter

Não imaginamos que já se possa ter a Pedra Vegetal dado o tempo da sua fabricação. No entanto, devemos alertá-lo contra o uso imprudente de tal elemento. Os elixires preparados a partir de uma Pedra Vegetal podem ser, segundo Paracelso, quintessências ou primeiros seres. Consequentemente, eles só poderiam ser usados de forma homeopática, pelo menos nas primeiras vezes de seu uso.

FILOSOFIA ALQUÍMICA

Voltemos à teoria e prática dos elixires. Se no homem temos as sete correntes planetárias, as plantas e os metais têm apenas uma, exceto a drosera e o antimônio que são os únicos elementos desses reinos a possuir as sete influências ao mesmo tempo. Cada um deles nos coloca dois problemas: purificação e equilíbrio. A utilização do elixir provoca a purificação de cada uma das correntes planetárias, mas também o seu fortalecimento. Devemos, portanto, praticar um automonitoramento sério, a fim de detectar qualquer desequilíbrio e fortalecer ou enfraquecer qualquer elixir como resultado desse exame.

Também é possível alternar dois elixires do mesmo planeta. Por exemplo, aos domingos, alterne Camomila romana e Euphrasia. Este último, também chamado de quebra-vidros, certamente facilita a percepção espiritual de nossos problemas.

Em muitos livros alquímicos é dito que somente Deus pode dar a chave para os problemas. De fato, no caminho alquímico, nosso único Mestre deve ser o Deus interior, o Divino dentro de nós. O uso de elixires deve nos ajudar a restabelecer gradualmente o contato interior. Mas isso requer uma série de precauções.

O uso dos elixires planetários deve dar resultados substancialmente idênticos aos dados pelas invocações das energias sephiróticas de MEZLA. (O fluxo de energia, consciência e matéria através de suas várias fases de expressão na Árvore da Vida, desde a unidade sutil do absoluto até o reino denso da matéria.). Vamos tentar abordar de forma prática este tópico.

Depois de tomar elixires planetários por um período de tempo, uma série de experiências espirituais pode ocorrer à noite. A princípio, serão percepções na forma de sonhos orientados ou acordados.

Será então importante anotar num caderno a natureza deste sonho, as suas cores, a data, o local e a fase lunar. Pouco a pouco temos que encontrar uma lei cíclica para cada um desses sonhos ou percepções. Cada noite deve trazer experiências relativas ao planeta e à sephirah do dia: segunda-feira experiências de água, de dinheiro; na terça, pela força; na quarta-feira, aspectos mágicos do astral e oposição, dominação, humildade, etc.

Devemos então operar da seguinte maneira: na noite que antecede a noite prevista pelo ciclo, devemos reler tudo o que diz respeito às experiências anteriores e tentar adormecer pensando no objeto essencial que daí emerge.

Não se deve acreditar que um determinado curso nos seja assim dado por alguns mestres do Império Invisível: a realidade é bem diferente. Operando desta forma, iremos

gradativamente frequentando as lições do "Colégio da Noite", chaves ou conselhos alquímicos nos serão comunicados. Nosso Eu interior pode, assim, usar seu "telefone" de uma nova maneira que o conecta à nossa consciência objetiva e que nos dá, em um nível acessível, uma parte do Conhecimento universal de AKHASHA.

Entende-se que este ensinamento é secreto e que não devemos revelar essas lições a ninguém. Se violarmos esta regra, a sequência de experimentos é interrompida e não pode ser retomada.

No entanto, quando uma série é concluída e vivida materialmente, somos livres para discuti-la com outras pessoas no caminho, mas é preciso ter cuidado nessa área e garantir que os resultados não sejam motivo de falta de humildade.

Podemos, concentrando-nos em um problema que diz respeito à nossa evolução espiritual, obter uma resposta. Nas notas de nosso curso, certos elementos que não existiam nos livros antigos ou modernos foram obtidos dessa maneira.

Ainda temos que dizer que até que tenhamos uma boa compreensão deste método, não devemos procurar usá-lo para fornecer uma solução para os problemas dos outros, ele deve ser usado apenas para o progresso espiritual pessoal.

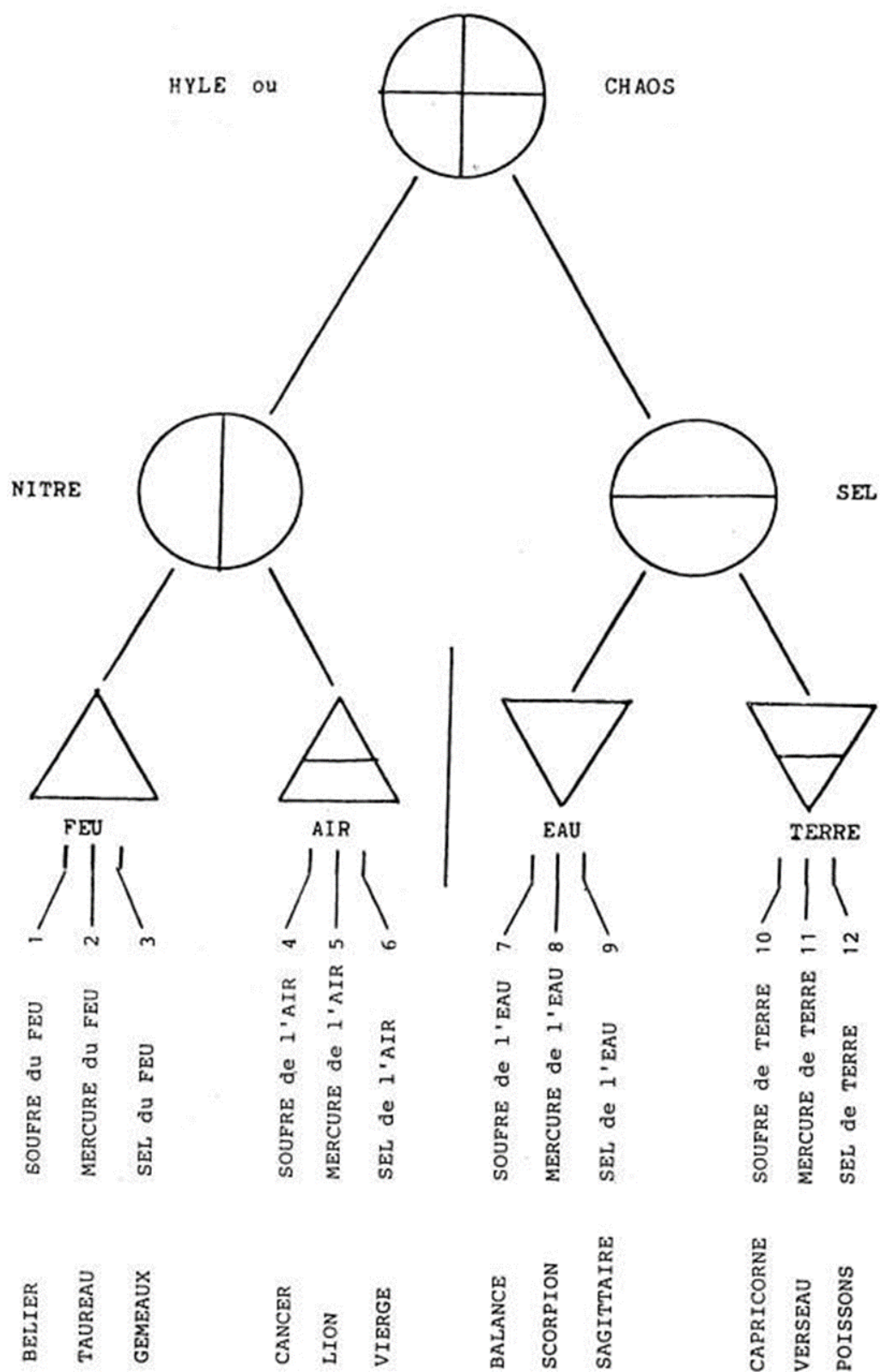
Para ajudar os outros, é melhor tentar fazer descer as energias divinas sobre esta pessoa sem formular um desejo, uma solução precisa, porque não sabemos a intenção do Ser Divino para esta pessoa.

Também alertamos sobre o uso de elixires para terceiros e para fins médicos, pois isso é proibido pela lei francesa. Além disso, se as doses forem grandes, existe o risco de despertar um centro sefirótico e complexos problemas de adaptação podem ser provocados por essa revelação psíquica.

A princípio o caminho alquímico é solitário, exceto para quem trabalha em dupla. Apenas Pernelle pode se beneficiar do trabalho de Nicolas.

TEORIA ALQUÍMICA

Vamos abordar um assunto que, embora esteja um pouco fora do nosso curso de alquimia vegetal, toca ao mesmo tempo a Alquimia, a Qaballa e a Astrologia. Este é o problema dos 12 saís. Demos o desenho do Céu Químico (Lição 9) e a formação dos elementos pela condensação de energia (Lição 11). Retomamos aqui esses desenhos de forma ainda mais completa.



Correspondências astrológicas das 12 fases de evolução da matéria.

Dissemos que a essência de todos os corpos envolvia de 1 a 12 em 12 fases das quais indicamos aqui as correspondências com os signos do zodíaco. Se compararmos o nosso novo desenho com a prancha da Lição 9, vemos por exemplo que o Sal do Fogo, signo

Gêmeos, é favorável à parte positiva das plantas de Mercúrio e que, por outro lado, o Sal do Ar é para os elementos negativos dessas mesmas plantas.

Outro exemplo: o Enxofre do Fogo será favorável para o tingimento da garança (Rubia tinctorum), enquanto o Mercúrio da Água será favorável para a extração dos sais desta planta.

Em um próximo momento, explicaremos uma técnica de extração de tinturas com água, que permitirá, com o GUR, colocar estes em prática.

Agora chegamos aos sais propriamente ditos. Temos o seguinte:

- PP fosfato de potássio
- SS sulfato de sódio
- CP cloreto de potássio
- FC fluoreto de cálcio
- PM fosfato de magnésio
- SP sulfato de potássio
- PS fosfato de sódio
- Sulfato de cálcio SC
- S sílica
- PC fosfato de cálcio
- CL cloreto de sódio
- PF fosfato de ferro

Cada signo do zodíaco é dividido em três decanatos, cada um com cerca de 10 dias. Durante cada decanato, um sal tem um papel apropriado e sua assimilação é então favorecida. Isso é resumido pela seguinte tabela:

- Áries PP SS CP
- Touro SS CP FC
- Gêmeos CP FC PM
- Câncer CF PM SP
- Leão PM SP pS
- Virgem SP PS SC
- Libra - PS SC S
- Escorpião SC S PC

- Sagitário S PC CS
- Capricórnio PC CS PP
- Aquário CS PF PF
- Peixe PF PP SS

Assim, uma criança concebida durante o primeiro decanato de Áries nascerá no final de Sagitário. Durante sua concepção, os sais de Capricórnio, Aquário e Peixes não terão períodos favoráveis para sua assimilação.

Faltarão os seguintes períodos:

- Um de fosfato de cálcio
- Dois de cloreto de sódio
- Três de fosfato de ferro
- Dois de fosfato de potássio
- Um de sulfato de sódio.

Essas substâncias serão a base das deficiências orgânicas durante sua vida. A menos que sejam compensados por alimentos ou pela absorção desses sais durante seu período de assimilação. Se for realizada a destilação descrita nas instruções do GUR, estes sais serão dissolvidos na água que lhes convém.

Por exemplo, vamos pegar 50 cm³ de 11, ou seja, Mercúrio da Terra, vamos destilá-lo em três vezes 50 cm³:

- O primeiro terço será adequado para cloreto de sódio
- O segundo com fosfato de ferro
- O terceiro com fosfato de potássio.

A sílica "S" é praticamente insolúvel em água. Pode-se compensar sua ausência graças a um elixir extraído da cavalinha dos campos (equisetum). Um elixir desses doze sais também pode ser obtido, mas sua fabricação é longa: é necessário destilar três a três os doze elementos da água do GUR, depois coobar os terceiros por simpatias analógicas. Exemplo: o terceiro terço de Leão, Mercúrio do Ar, com o segundo terço de Virgem, Sal do Ar com o primeiro terço de Libra, Enxofre da Água, isto para o fosfato de sódio.

Além disso, como os sais reagem quimicamente entre si, devem ser usados em doses homeopáticas. Por exemplo, 5 miligramas de sal em 0,5 cm³ de água e estes 0,5 cm³ de água nos 49,5 cm³ restantes, então coobar e circular juntos os doze líquidos.

Obtemos então um tônico de sangue conhecido entre os Antigos como o elixir da Primavera.

PRÁTICA ALQUÍMICA

Sabemos que alguns usam éter durante suas extrações. O éter, ou em seu nome moderno óxido de dietila, tem um importante poder de extração que chega até mesmo, em alguns casos, ao mineral ou metálico. É um solvente muito perigoso de usar e preferimos dar as precauções mínimas para o seu uso.

O éter não deve ser comprado do farmacêutico, mas de um fornecedor químico.

O óxido de dietila é comercializado com percentual de 7/1.000.000 de estabilizante, o que evita a formação de peróxido e consequentemente evita sua explosão espontânea. Deve-se garantir que não haja chama, interruptor elétrico, roupa eletrostática na sala onde é usado e que tenha ventilação significativa.

A destilação pode ser feita usando uma retorta e um balão. A retorta é cercada por água quente, o balão é imerso em uma mistura de água/gelo.

Nunca destilar em local seco se houver produtos sólidos com o éter. Sempre coloque uma tela de proteção entre o trem de destilação e o operador.

Armazene o éter em frascos de alumínio hermeticamente fechados, em local fresco e ventilado.

Ora et Labora!!

Lição 26: Diferenças entre Alquimia e Espagiria, O Domínio Secreto, Destilação por Quatro, Sal Sufúrico dos Vegetais

Vamos primeiro tentar definir a diferença e estabelecer o limite entre a espagíria e a alquimia.

FILOSOFIA ALQUÍMICA

Alguns dizem que a Espagiria brota do domínio vegetal e a Alquimia dos domínios metálico e mineral. Isso é parcialmente verdade, mas a realidade é mais sutil. Não devemos considerar aqui uma limitação da atuação nos campos em questão, mas sim uma diferença nos processos e principalmente na qualidade dos resultados alcançados.

A palavra Espagiria vem do grego e significa separar e reunir. No processo espagírico, separamos os princípios alquímicos, Sal, Enxofre, Mercúrio e assim podemos purificá-los separadamente. Às vezes, tanto no reino mineral como no reino vegetal, só se faz uma separação com Sal de um lado e tintura do outro, ou seja, Mercúrio e Enxofre misturados. Em seguida, combinam-se os dois ou três produtos e obtém-se um elixir líquido ou sólido, fixo ou volátil, dependendo dos processos realizados.

Veremos agora que se os produtos circulam, ou se se repete a calcinação do Sal, entra-se então no domínio alquímico seja este qual for o reino do produto tratado.

A verdadeira diferença entre a Espagíria e a Alquimia reside no fato de que se a Espagíria e a Alquimia purificam o produto, esta última também provoca sua evolução.

Cedo ou tarde, o Alquimista é levado a observar a evolução da matéria, evolução esta seguindo um ciclo análogo ao que se pode compreender na reencarnação. É por isso que todos os verdadeiros processos alquímicos são baseados na oposição vida/morte e no contato material/espiritual. Cada ciclo de vida/morte aproxima-se da perfeição do reino em questão.

O primeiro mecanismo é o da fermentação, muitas vezes descrito pelos antigos como putrefação. Para entender esse fenômeno, podemos fazer o seguinte experimento.

Extraímos todos os óleos essenciais de uma planta, retirando assim a sua alma. Esta planta é então deixada em sua água de extração (água estéril, pois é fervida) e observa-se que a planta entra em fermentação sem a adição de fermento. Isso porque o elemento Mercúrio, que não consegue mais fazer a junção alma-corpo, Enxofre-Sal, faz com que a fermentação seja liberada através do álcool volátil.

Outra maneira de provocar a evolução da matéria é por meio da destilação. Assim, a evaporação é a morte, o estado de vapor corresponde a uma permanência no mundo espiritual e a condensação é o renascimento neste mundo.

É para obter essa evolução que vários tratados alquímicos recomendam destilar o mesmo produto de 10 a 12 vezes. Uma experiência que estudaremos mais tarde ilustra bem este fato: se destilarmos um óleo metálico, o de chumbo, uma primeira destilação separa vários elementos e depois se repete sem resíduo, sem depósito então, por volta do dia 5 ou 7, o líquido amarelo de repente se separa em dois líquidos, um muito pálido, quase branco, e o

outro vermelho-sangue. Esta separação só pode ser explicada pela evolução do óleo sob o efeito das destilações.

A circulação, que na verdade é uma destilação lenta e contínua, é um elemento da evolução do produto que está sendo circulado.

A separação ou coação com ou sem calcinação intermediária do Sal também é um processo de evolução e de purificação se a calcinação também for praticada.

Finalmente, o último processo e talvez o mais eficaz é o "Casamento Alquímico", ou seja, a fertilização dos elementos masculino e feminino pelo esperma alquímico e isso independentemente do reino considerado. Este último processo é mais do que evolutivo, porque é idêntico ao processo da criação original, é inacessível à Natureza, só o homem pode provocá-lo.

Vejamos agora onde está o segredo alquímico e busquemos sua razão de ser.

É óbvio que Deus, ou a realidade espiritual, está cuidadosamente oculto aos olhos dos profanos, só os Místicos, os Ocultistas ou os Alquimistas podem perceber esta realidade, ou pelo menos perceber os mistérios que são os elementos mais facilmente discerníveis do Realidade Espiritual.

Deus nunca dá a certeza de sua existência àqueles que não buscaram intensamente seu contato ou que não tentaram servi-lo.

Durante o processo alquímico, permanecemos, com os elixires, no domínio físico-químico clássico, o do leigo, ainda que estes elixires tenham um efeito de poder notável.

Por outro lado, se considerarmos o Ser Primeiro, ou uma quintessência, ou um real circulado (pedra líquida), ou mesmo uma Pedra, seja qual for o seu reinado, então esses elementos têm efeitos que saem do mundo físico-químico clássico, efeitos que mais ou menos revelam a existência de um mundo espiritual ou suas ações. Além disso, nenhuma demonstração pode ser feita para um leigo. Uma exibição pública dos efeitos de um Ser Primordial ou transmutação envolve um risco cármico considerável.

É com base nisso que nossa política é de não-segredo quanto às práticas mas de segredo quanto aos resultados. Frequentemente, aqueles que se recusam a falar o fazem porque não têm nada a dizer; o segredo esconde sua ignorância. Cremos que nesta terra todos têm direito à sua Verdade, à sua própria Revelação. Mas achamos que é nosso dever dar a todos aqueles que querem trabalhar por conta própria todos os elementos necessários.

Esperamos que os alunos se lembrem desses princípios importantes porque, se não os seguirem, mesmo em espírito, seu trabalho será interrompido. A única exceção a esta regra é a partilha da Revelação com o seu companheiro ou com o seu companheiro alquímico e isto quando chegar o momento.

TEORIA ALQUÍMICA

A destilação por quatro

Esta forma de destilação é um método quase exclusivamente espagírico usado pelos Antigos. Requer pouco equipamento, sem menstruo ou álcool. Por outro lado, as

manipulações são longas. No entanto, é uma simplificação do método de Paracelso que descrevemos na Lição 19.

O princípio é o seguinte.

- A planta é coletada e fermentada em água da chuva filtrada. Esperamos que aquela pare; esta parada da fermentação é observada pela ausência de formação de bolhas no líquido. A coisa toda, sólida e líquida, é introduzida em um recipiente de metal estanhado com estanho fino ou em um balão de vidro, mas corre o risco de se perder durante a operação.

- A destilação inicia-se lentamente, sendo a temperatura do líquido e dos vapores inferior a 100°. Os espíritos vêm primeiro na forma de álcool; nós os coletamos e os separamos. Em seguida, serão redestilados até sua completa retificação, ou seja 95° a 96° se estiver bem equipado. Esta é a primeira fase da operação.

- A segunda parte começa assim que a temperatura atinge os 100°. São os catarrhos que passam, também são recolhidos e guardados. Após a decantação, os óleos podem flutuar, são recolhidos e misturados com os obtidos na terceira fase. As fleumas são preservadas para a lixiviação dos sais.

- Terceira fase: se o aquecimento foi bem conduzido e suficientemente moderado, a temperatura registrada no termômetro deve cair quando o catarro tiver passado porque não há mais vapores.

Em seguida, pressionamos o aquecimento, e alguns óleos essenciais reconhecíveis por seu cheiro particular podem passar neste momento. Então os óleos empireumáticos chamados "óleos fedorentos" começam a passar.

- A quarta parte começa assim que os óleos fedorentos param de passar. Os resíduos sólidos e o mel residual são então calcinados ao ar livre, em um prato resistente. A calcinação em frascos redondos os destroem.

Os óleos empireumáticos do terceiro estágio serão destilados de acordo com o método descrito na Lição 19 e depois serão misturados aos óleos essenciais, se houverem coletados.

O sólido calcinado durante a quarta fase será lixiviado com a fleuma da segunda fase. É necessário operar com Soxhlet ou conforme indicado para a operação "Solve Coagula" até a brancura perfeita.

Assim são separados os três elementos: Mercúrio, Enxofre e Sal. Este método, portanto, tem duas vantagens importantes:

- Pouco equipamento é necessário: um balão, um trem de destilação simples e um prato para ser calcinado.

- O Mercúrio Vegetal é adequado para a planta. O Solve Coagula de sais pelo próprio catarro da planta é geralmente muito benéfico.

PRÁTICA ALQUÍMICA

Obtenção de Sal a partir do Enxofre Vegetal

Métodos de separação

- 1) Uma planta é fermentada na água da chuva.
- 2) Terminada a fermentação, separa-se o sólido do líquido, recupera-se o líquido por pressão sobre o sólido e este recupera-se por filtração do líquido.
- 3) O líquido é destilado. A primeira parte é bastante rica em álcool: 20° a 30° dependendo da planta e do equipamento de destilação. A destilação continua e um destilado é coletado separadamente, que contém 5% de álcool. Então temos água quase pura. Então, quando o resíduo fica espesso, a destilação é interrompida.
- 4) O grosso é despejado em um cadinho e é calcinado até branco acinzentado. Nenhuma outra calcinação poderá levá-lo ao branco.

Também pode ser obtida por outro método:

A partir de uma planta seca, uma extração alcoólica é realizada com um Soxhlet (*). A tintura obtida é destilada em banho-maria. Quando o corante residual atinge o estágio espesso, ele é calcinado conforme descrito acima.

Importante: assim que um álcool contém um produto em solução, é obrigatório o aquecimento em banho-maria, seja para extração ou destilação, isso evita qualquer ponto quente no frasco e os produtos ficam muito menos danificados.

- 5) Este Sal de Enxofre deve então ser branqueado. Para isso, o resíduo calcinado é reduzido a um pó impalpável. O destilado a 5% do primeiro método é então usado para cobrir o Sal em um recipiente de porcelana ou quartzo. Após uma noite de maceração, a água é evaporada muito lentamente sobre a chama de uma vela ou equivalente; uma tampa em forma de sino é colocada sobre o recipiente para coletar os salpicos de sal.

O sal é novamente pulverizado e o processo é repetido até que fique mais branco que a neve.

Caso o extrator (*) tenha sido utilizado anteriormente, utiliza-se para esta última fase uma solução alcoólica a 5% feita com o álcool recuperado durante a destilação da tintura.

- 6) O sal mineral da planta é seco e não gruda na colher. O Sal de Enxofre adere à colher e não sai com o próprio peso.

O álcool obtido quer na primeira destilação da planta fresca quer na destilação da tintura deve ser rectificado várias vezes até atingir pelo menos 93°. É então destilado em sal de tártaro (carbonato de potássio calcinado a 350 °C) e deve então titular entre 99,5° e 99,6°.

- 7) A coobação é feita entre o Sal mineral, o Sal do Enxofre e o Mercúrio retificado com igual volume. Tudo é disponibilizado em garrafa moída e fechada, que é colocada num invólucro mantido a uma temperatura entre os 40° e os 42 °C.

- 8) Se tudo secar, adicione Mercúrio. Todo mês, o Mercúrio residual é destilado e substituído por um novo.

A Pedra Vegetal pode ser obtida em três meses através deste processo. Neste caso, é de cor branca acre e opaca.

REFLEXÕES SOBRE A NOSSA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA (Lição 3)

A quantidade de planta indicada é necessária para obter uma quantidade suficiente de sal para o restante do experimento, mas é muito alta para a quantidade de álcool recomendada.

Alguns de nós notaram que o licor, em vez de descolorir no Sal, assumiu uma tonalidade preta. Isso pode ser devido a vários motivos, sendo os principais:

- O Sal foi insuficientemente calcinado.

- A tintura contém um sal orgânico denominado "Sal de Enxofre". Se o sal inorgânico da planta não for abundante o suficiente para dominar o sal de enxofre, ocorre o escurecimento. Isso pode acontecer se a erva-cidreira tiver sido cultivada com fertilizantes artificiais, que fornecem sais fixados de forma desigual.

Dois remédios podem ser usados para isso:

a) Se tivermos raízes de erva-cidreira, calcinamo-las e juntamos ao Sal. A raiz é a parte da planta mais rica em sais inorgânicos.

b) Uma solução para este problema, longa mas eficaz, consiste em não lixiviar o sal, mas em repetir o seguinte ciclo de operações:

1. Circule a tintura no sal
2. -Separe o sal do corante por filtração
3. Calcine o sal. Começamos de novo em -1-

10 a 15 circulações deste tipo levam à purificação do corante que deve então ser transparente ou vermelho-transparente.

Ora et Labora!!

Lição 27: Alquimia e os Quatro Mundos da Qabala, O Trabalho com a Retorta

Vamos primeiro retornar ao processo de iniciação alquímica pessoal.

FILOSOFIA E TEORIA ALQUÍMICA

É quase impossível explicar este processo de iniciação pessoal sem voltar a três elementos:

- um mínimo de conhecimento de Qabalah
- uma compreensão da harmonia
- uma teoria de princípios e regras alquímicas.

Consciência

A iniciação alquímica pessoal é uma jornada de várias etapas, cada uma com várias etapas. Não é uma iniciação simbólica como a maioria das oferecidas por várias organizações. A iniciação alquímica modifica o nível de consciência e abre o campo de conhecimento da Natureza. Este domínio não é o do conhecimento volátil e provisório da ciência, mas o do conhecimento fixo dos vários mundos. Além disso, para esta viagem é necessário ter um mapa.

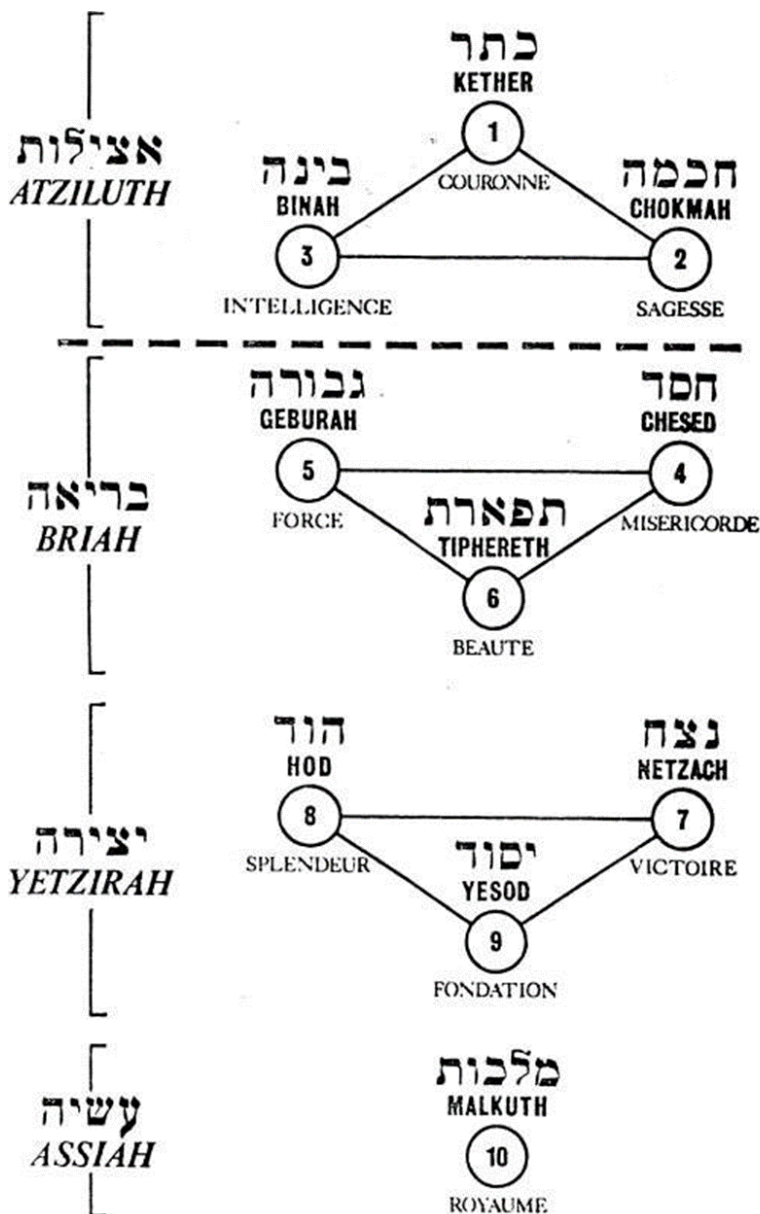
Existem vários deles, mas, no Ocidente, o melhor disponível para nós é certamente a Qabalah. Este mapa da tradição ocidental também foi usado pelos filósofos alquimistas do passado que conheciam a filosofia da natureza.

O que se entende por harmonia? Esta palavra não deve ser entendida nem em seu sentido musical nem mesmo em relação à música das Esferas, mas como uma lei geral do universo. Costumamos dizer nos avisos: puro ou impuro; é preciso entender na realidade: harmonia ou desarmonia. O corpo e o espírito são purificados somente através de sua harmonização.

Finalmente, para nos ajudar a entender a natureza de nossa jornada, podemos ver que os mecanismos usados na Alquimia vegetal são os mesmos usados na mineral, na animal e na Iniciação.

Claro, não daremos um curso completo de Qabalah, mas os elementos essenciais para o nosso caminho.

Podemos começar por procurar a imagem da Lição 9 e compará-la com a imagem abaixo:



Na verdade, ela retoma o anterior de outra forma, acrescentando a noção dos quatro mundos.

A Árvore da Qaballa

Vamos começar com seu estudo.

ASSIAH é o mundo físico no qual a consciência do homem toma conhecimento das coisas através de seus sentidos físicos. É o único acessível a qualquer pessoa não iniciada. É o mundo mais denso, aquele onde termina a involução, mas onde começa a evolução. É o mundo do sétimo dia da Bíblia, o do descanso. Isso requer alguma explicação.

Na imagem da Lição 11, explicamos que a criação da matéria se faz por etapas. O CAOS original é dualizado em Sal e Nitro. Esse mecanismo também é válido para o tempo e o espaço. Podemos dizer que a Infinitude Última é dualizada em um elemento ativo, o tempo,

e um elemento passivo, o espaço. Mas, este primeiro tempo e este primeiro espaço ainda estão muito ligados e são muito sutis.

Na Bíblia, falamos dos dias da criação. Como no primeiro dia não há sol, nem lua, nem estrela, é preciso lembrar que não são nossos dias terrestres nem mesmo solares.

A ideia abstrata de tempo não sendo expressa no momento da redação destes textos, deve-se entender que cada um desses dias corresponde a uma nova dualização que densifica tempo e espaço. Isso também é ilustrado em nosso mundo pelo fato de que o tempo e o espaço estão sempre ligados. Sempre leva tempo para atravessar mesmo um pequeno espaço. Não podemos expressar o tempo sem movimento, portanto espaço.

Depois dessas precisões, voltemos ao nosso mundo físico.

Este mundo do sétimo dia tem apenas um tempo e espaço acessíveis à consciência do homem, e esse é o dia de descanso. Ou melhor dizendo, o dia de ir dormir. Assim como o homem perde a consciência do mundo físico durante o sono, neste mundo o homem adormece e perde a consciência dos mundos espirituais. A verdadeira iniciação (real e não simbólica) deve suprimir gradualmente esse sono. O mundo físico é assimilado ao elemento Terra.

O mundo localizado imediatamente acima do mundo físico é o de **YETZIRAH** que significa criação. É neste nível que as várias energias se coagulam para formar o mundo material. Também é conhecido como o Mundo Astral. O homem pode tomar consciência deste mundo se o seu corpo astral for liberto do seu corpo físico, temporariamente durante esta experiência e definitivamente na morte. No entanto, a iniciação pessoal abre gradualmente as portas deste mundo.

Aqui temos três sephiroth, NETZACH ou Vênus, HOD ou Mercúrio, YESOD ou Lua. Este mundo é, portanto, constituído pelo quarto, quinto e sexto dia da criação. Neste mundo, a consciência pode funcionar em três tempos diferentes e também em três densidades diferentes de espaço. É daí que vêm as dificuldades de interpretação física das experiências realizadas neste mundo. Embora não seja obrigatório, é óbvio que o caminho preferível é pot Yesod, porque seu tempo é mais próximo ao da terra e a adaptação da consciência é mais fácil lá. Esta pode ser a razão pela qual algumas tradições ocultistas ocidentais e orientais dizem que a jornada dos mortos começa com a Lua.

Ainda temos que dizer que este mundo é aberto pela Pedra Vegetal, branca, cor prata, que é a cor do metal da Lua. O elemento Água é atribuído a este mundo. Somente a Alquimia Metálica permite a iniciação pessoal em grau superior, ou seja, o acesso ao mundo da BRIA.

O mundo chamado **BRIA** é o das ideias criativas. Alguns o assimilam ao mundo crístico porque todos os seres que reintegraram este mundo estão neste estado. O elemento Ar é atribuído a ele. No prato, a linha pontilhada que o separa do mundo superior mostra que ele é o reflexo passivo do mundo superior ativo. Existem três sephiroth, TIPHERETH ou Sol, GEBURAH ou Marte e CHESED ou Júpiter, que são respectivamente o terceiro, segundo e primeiro dia. Ainda temos aqui para a consciência três níveis de tempo e três níveis de densidade de espaço. A entrada é feita através do Sol, terceiro dia, e a iniciação alquímica

através da Pedra Vermelha que possui os sete influxos planetários. Os falecidos suficientemente espiritualizados entram neste mundo pelo processo da segunda morte.

Acima deste mundo, não há mais tempo nem espaço para a consciência, mas a união dos dois na eternidade.

O mundo superior é **ATZILUTH** composto das três sephiroth KETHER, CHOKMAH, BINAH. É um mundo de pura energia: a forma, as cores, tudo isso desaparece. Em sua fase menos sutil, Binah aparece como a potencialidade da forma e do tempo. O elemento deste mundo é o fogo purificador, tanto o fogo quanto o amor.

O acesso consciente a esses mundos dá conhecimento dos processos ocultos da Natureza em seu trabalho de evolução permanente.

Entende-se que todos podem continuar seu trabalho alquímico sem aderir a que há acima. Ninguém é obrigado a comprar um cartão antes de uma viagem ou dizer que está bom até que a viagem o confirme.

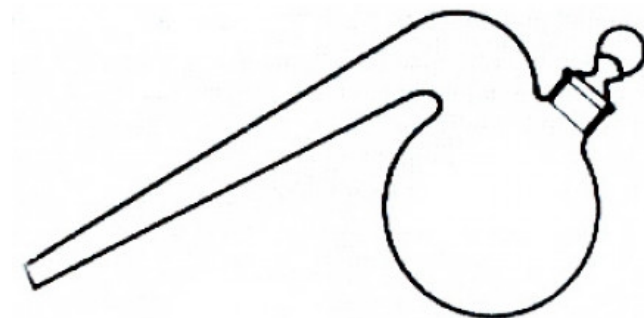
Harmonia

Este é o segundo ponto a ser explorado.

É através de uma série de rearmonizações sucessivas que o homem restabelece o seu despertar espiritual. Só pode ser gradual se quisermos evitar qualquer inconveniente, tanto físico quanto mental. É por isso que falamos primeiro sobre os 7 elixires, depois esclarecemos o problema (Lições 9 e 19) e então voltaremos a este assunto com um novo tipo de elixir.

Na verdade, o mecanismo é o seguinte: cada elixir atua sobre um dos aspectos planetários do homem ou, segundo a Qabalah, um dos centros de energia sefirótica. Esses centros reagem sobre as energias das células do corpo e este é o começo do processo. Pois o caminho é SAL, corpo; MERCÚRIO, sangue; ENXOFRE, energia. Quando o Sal é reharmonizado, o sangue muda de composição e atua sobre os centros sefiróticos do cérebro que conectam os planos superiores e assim se tornam perceptíveis. A luz dada a um cego pode deslumbrá-lo e causar ainda mais cegueira; a saída da noite para o dia deve ser gradual.

PRÁTICA ALQUÍMICA



Retorta

Ainda não abordamos o trabalho com a retorta. Há três razões para isso.

- Este trabalho não é necessário para as aplicações que foram propostas até agora
- Atualmente, as retortas são caras e difíceis de encontrar
- Este trabalho é delicado e requer certa experiência para evitar qualquer incidente.

Aqui, no entanto, estão algumas dicas.

O primeiro problema é o da junção balão-retorta. Uma solução é comprar uma retorta cujo gargalo seja acabado com uma junta esmerilhada padrão, ou mandar soldar essa junta esmerilhada por um vidreiro; neste caso a junção retorta-frasco é fácil. Os Antigos tinham outro método: aplicavam na junção balão-retorta um lut, um material feito de argila. Hoje em dia, daremos preferência à argila em pó em vez da argila para uso médico. É feito em uma pasta amassando-o com uma clara de ovo crua. Se houver aquecimento, esse lut endurece, mas, em geral, é bastante fácil removê-lo do balão e da retorta.

Então, como refrigerar este conjunto?

Se o frasco receptor for grande e a destilação for muito lenta, a refrigeração pode ocorrer naturalmente. Para evitar qualquer risco de sobrepressão ou explosão, é melhor mergulhar o balão receptor em uma bacia contendo uma mistura de água/gelo.

Limpar as retortas é difícil. Algumas possuem um rolha esmerilhada na parte superior, o que facilita a limpeza, mas limita em parte a estanqueidade da retorta, pois sempre existe o risco de vazamento.

A vantagem da retorta é, portanto, fornecer facilmente um conjunto selado no qual o vapor apenas toca o vidro. As desvantagens são a limpeza inconveniente e a impossibilidade de montar um termômetro, a menos que a retorta esteja equipada com uma rolha de aterramento na parte superior.

Mas a retorta se torna essencial ao destilar produtos raros; quando são obtidas apenas algumas gotas de um produto, elas não devem ser desperdiçadas, e a retorta é o instrumento de destilação que resulta em menos perdas.

Alguns alquimistas também ajudam a passar essas últimas gotas aquecendo o "céu" da retorta, ou seja, sua cúpula superior.

Para aqueles que desejam experimentar o uso deste instrumento, daremos uma experiência prática posteriormente.

Ora et Labora!!

Lição 28: Iniciação Alquímica, Sal Harmonico

Continuemos nosso estudo sobre a iniciação pessoal.

FILOSOFIA E TEORIA ALQUÍMICA

Dissemos que o problema da iniciação pessoal era um problema de harmonia. O papel do Sal é restabelecer a harmonia e atrair energias. É necessário que o Sal do corpo do homem se torne um SAL HARMONIACO; não sal amoníaco, mas sal harmonizante. Este Sal deve ser aberto para ser atraente. Como na experiência metálica, o Sal deve se tornar o ímã que atrai as energias astrais e espirituais.

Como explicamos no Aviso 25, a matriz do homem compreende 12 sais, cada um dos quais deve ser fixado astralmente no corpo por uma alternância de três decanos de dez dias.

Dado que a concepção humana dura apenas nove meses, e supondo que comece logo no início de um signo, nossa matriz exibirá as seguintes deficiências de influência astral:

- um sal está completamente ausente
- dois sais 2/3 deficientes
- dois sais são 1/3 deficientes.

Após um primeiro despertar, uma primeira chamada energética pelos sete elixires básicos, precisamos re-harmonizar nossa matriz astral para que ela corresponda a um diapasão universal despersonalizado.

Na Alquimia, devemos aplicar o ditado chinês: "A estrela conduz o tolo, o sábio conduz a sua estrela". Para isso temos que corrigir todas as condições astrais que estão ao nosso alcance.

Examinar o gráfico de sal e saber nossa data de nascimento nos permite determinar quais sais são deficientes. Como cada sal tem três decanatos de influência, um meio decanato ausente deve contar como uma deficiência de um sexto. Os alquimistas que se debruçaram sobre a homeopatia, filha um tanto derivada da alquimia, dizem que quanto maior a diluição homeopática, mais a influência é de ordem astral.

Em homeopatia, diluição é o fato de misturar, por exemplo, uma gota da tintura-mãe com 100 gotas do diluente. Temos assim uma diluição de 1 CH. Se tomarmos uma gota dessa mistura com 100 gotas de diluente, obtemos 2 CH, e assim por diante. Dependendo dos corpos considerados, na 9ª ou 10ª diluição, a operação deixa de ter significado físico e entra no domínio astral. No entanto, para começar, diluições de 5 CH são suficientes. Geralmente, os 12 sais da matriz humana são encontrados na homeopatia e pode-se, por exemplo, adotar a seguinte dieta:

Imediatamente após o aniversário, 2 grânulos do sal homeopático correspondente são tomados todos os dias do decanato, durante três meses. Isso pode ser aplicado a qualquer momento, mas é depois do aniversário que esse método é mais eficaz.

Vamos rever este assunto em detalhes, a fim de evitar qualquer má interpretação. Durante a concepção, a criação do corpo está sob a influência dos ciclos astrocíclicos, dos quais os

doze signos do Zodíaco são os símbolos. Mas essas influências só podem atuar sobre o “Sal”, único elemento então presente no Ser. Mercúrio e Enxofre só serão encarnados com a primeira respiração, ao nascer, e após a ruptura do cordão umbilical que interromperá o fornecimento de Mercúrio fornecido pelo sangue materno. É, portanto, o Mercúrio e o Enxofre como estão presentes no momento do nascimento que impregnarão o Sal e o marcarão com a Imagem Astral dos sete planetas como estarão neste momento.

Vemos, portanto, que as estrelas influenciam nossa composição de duas maneiras:

- Pelo sal durante a concepção,
- Por Mercúrio e Enxofre no nascimento.

Portanto, é necessário corrigir o Sal pelos sais e os centros sefiróticos pelos elixires. Enxofre e Mercúrio são purificados pelo Sal.

Vimos nos avisos anteriores que um Mercúrio indeterminado permitia a extração da tintura de uma planta qualquer que fosse seu planeta. Um mêsstruo indeterminado não altera a atribuição planetária da tintura que extrai.

Se o homem foi concebido no início do signo de Áries e se a gestação durou 12 meses, seu Sal seria indeterminado; e se fosse então aberto atrairia um espírito astral que seria indeterminado. Se não for esse o caso, a mente astral é determinada e, portanto, só pode operar em áreas limitadas; o alquimista está incompleto. Assim que os elixires permitem que a energia espiritual flua através de nossos centros sefiróticos, devemos começar o trabalho de harmonização de nosso Sal.

Assim como as energias astrais e espirituais podem ser focalizadas e concentradas no álcool ou no Mercúrio Filosófico, as energias astrocíclicas do Zodíaco podem ser concentradas no Archeus (Ou Arcana). Assim, as águas obtidas durante a preparação do Archeus permitem uma rearmonização em qualquer época do ano.

Estudaremos, portanto, a preparação dos sais combinados com o Archeus.

É útil retornar ao processo de iniciação alquímica pessoal e o que ele representa. Se esses mecanismos não são bem conhecidos, nem bem compreendidos, o trabalho alquímico não pode levar ao seu resultado. Portanto, é necessário esclarecer o que significa a palavra iniciado em seu sentido esotérico. Se exotericamente iniciar significa começar, ter o conhecimento para começar, seu verdadeiro significado esotérico é diferente. A Verdadeira Iniciação é a reparação, a compensação daquilo que várias religiões designam como a queda original.

Ao contrário do que se diz, a queda não é consequência de uma falta, mas de uma necessidade. No entanto, devemos ter cuidado em nossas palavras, pois esses problemas sempre permanecerão além do intelecto físico do homem.

A emanção divina que é o próprio princípio do homem não pode evoluir em seu estado, em seu mundo original. A evolução é intransferível na perfeição. É necessário, portanto, cometer um erro que o faça sair desse estado, para que a evolução seja possível. É necessário deixar a Eternidade para que o tempo e o espaço permitam a cada ser criar o seu próprio espelho que lhe dê a sua Autoconsciência. Quando, após a descida à matéria

densa, este espelho estiver suficientemente "fixo" para resistir à Perfeição, então o retorno à Eternidade é possível.

Devemos entender claramente que o conhecimento que nos é transmitido dos mundos superiores, durante nossa ascensão, é intransmissível. É por isso que o "filósofos" dizem que só Deus dá o segredo. Se for possível dar os métodos que permitirão a todos o acesso a esse conhecimento, deve-se lembrar que ele é supra-intelectual e que a transmissão pelo canal do cérebro só pode ser limitada e distorcida. O mesmo acontece com a palavra do homem, que é apenas um véu que esconde a verdadeira Palavra que nenhuma palavra pode expressar. Uma das dificuldades que encontraremos em nosso caminho iniciático é que as verdadeiras experiências interiores são a consciência de um mundo em que o tempo e o espaço não têm o mesmo valor que em nosso mundo físico. Aqui embaixo, apenas uma interpretação física dessas experiências é possível. Além disso, a resultante liberação da consciência leva a um nível de conhecimento que excede as capacidades de nossa compreensão física, o que reduz sua natureza e valor ao nível de sua própria interpretação.

Esperamos que esta exposição o ajude na interpretação das experiências interiores trazidas pelos processos alquímicos.

Retomemos o estudo dos nossos sais. Uma pessoa nascida em 30 de abril não terá os sais cujos decanatos estão entre esta data e 30 de julho. Ele vai sentir falta:

- 2 partes de cloreto de potássio
- 3 partes de fluoreto de cálcio
- 3 partes de fosfato de magnésio
- 1 parte de sulfato de potássio.

Vimos anteriormente como uma primeira solução permitiu compensar essas deficiências. Se não quisermos esperar três meses após o nosso aniversário, os elementos astrológicos astrocíclicos podem ser dominados da seguinte maneira.

Se destilamos a água para o GUR conforme explicado na Nota 21, então temos 12 frascos. O primeiro obtido, o Enxofre do Fogo será do signo de Áries, o Mercúrio do Fogo do signo de Touro e assim sucessivamente até o Sal da Terra que corresponde ao signo de Peixes. Notamos que se para obter o GUR é necessário deixar a água macerar por muito tempo, dois ou três meses no rigor, um ciclo lunar é um tempo muito adequado para nossa necessidade atual.

Voltemos ao nosso exemplo da pessoa nascida em 30 de abril. Levará a água do Mercúrio do Fogo, 1 cm³ é suficiente; dissolve-se nele para recusar cloreto de potássio então em outro cm³ de fluoreto de cálcio. Funciona da mesma forma com a água do Sal de Fogo e dissolve cloreto de potássio, fluoreto de cálcio, fosfato de magnésio. Cada uma dessas soluções é filtrada; pegamos uma gota que misturamos com 100 gotas da mesma água e repetimos esta diluição 4 vezes.

Como a água está carregada com as influências necessárias, não há necessidade de esperar pelo aniversário. É necessário tomar, durante 10 dias, 2 ou 3 gotas de cada uma

dessas diluições. Mas os sais devem seguir um ao outro na mesma ordem dos astrociclos zodiacais.

Deve-se notar que o fluoreto de cálcio é muito pouco solúvel; portanto, requer uma diluição a menos. Existem vários fosfatos de magnésio; apenas aquele cuja fórmula é $\text{MgHPO}_4 \cdot 7\text{H}_2\text{O}$ é adequado. Da mesma forma, apenas o fosfato de cálcio com a fórmula $\text{Ca}(\text{H}_2\text{PO}_4)_2 \cdot 2\text{H}_2\text{O}$ é adequado. O mesmo vale para o fosfato de ferro cuja fórmula é $\text{FePO}_4 \cdot 2\text{H}_2\text{O}$. Fosfatos caracterizados por outras fórmulas são insolúveis.

A sílica é totalmente insolúvel; pode ser substituída por 10 a 15 gotas de tintura de cavalinha em 1 cm^3 de água.

Para estes produtos insolúveis, pode sempre substituir as primeiras duas ou três diluições por triturações homeopáticas. Aqui estão os nomes latinos desses sais usados na homeopatia:

- KALIUM PHOSPHORICUM
- KALIUM MURIATICUM
- KALIUM SULFURICUM

- KALIUM ou KALI = POTASSIUM
- MURIATIQUE = CHLORURE

- CALCIUM FLUORATUM
- CALCUM SULFURICUM
- CALCIUM PHOSPHORICUM

- NATRUM SULFURICUM
- NATRUM MURIATICUM
- NATRUM PHOSPHORICUM
- NATRUM = SODIUM

- MAGNESIUM PHOSPHORICUM
- FERRUM PHOSPORICUM
- SILICA

As soluções aqui apresentadas para este problema dos sais são provisórias e constituem apenas uma primeira abordagem a esta questão. Mais tarde, quando tivermos estudado o Menstrum mineral e metálico, estes sais deverão ser separados em seus três princípios

Enxofre, Mercúrio, Sal. Esses três princípios serão purificados separadamente e cada sal dará um elixir mineral, mais poderoso que o sal do qual é derivado.

Ora et Labora!!

Lição 29: Álcool Filosófico, Mênstruo de Kerkring

Em algumas lições separamos mais necessariamente filosofia, teoria da prática porque esperamos que a maioria de vocês já tenha iniciado a prática. Durante essas operações práticas devemos pensar constantemente na teoria, entender o que estamos fazendo. Ao supervisionar uma destilação pode-se perfeitamente refletir sobre a filosofia alquímica, em seus aspectos místicos e espirituais. É na tentativa de refletir esse conceito que deixamos de separar sistematicamente teoria, filosofia e prática nas últimas lições. Além disso, esse conceito deve nos aproximar do estado de espírito que gradualmente nos demonstra a unidade do Conhecimento.

Na lição anterior demos os elementos que ainda faltavam no processo de iniciação alquímica. Pensamos também que há no que foi dito material para um longo trabalho que pode durar de um a três anos. Porém, devemos entender claramente que nos dois processos iniciáticos explicados anteriormente (harmonização e abertura do Sal, e restabelecimento das energias espirituais nos centros sefiróticos), o trabalho é progressivo e que a elevação do nível das vibrações deve ser gradual.

Esta é a razão pela qual ainda não demos todos os detalhes que permitem atingir o nível vibratório mais alto possível dos elixires. Portanto, estudaremos esse processo em detalhes em nossas próximas lições. Então abordaremos o problema do vinagre, depois explicaremos a preparação de um mênstruo universal. Isso nos aproximará gradualmente do Alkaest de origem mineral, mas não metálica.

Se examinarmos os processos descritos anteriormente do ponto de vista teórico, podemos ver que a separação dos três princípios nunca é perfeita e, portanto, a primeira purificação é imperfeita.

O mecanismo de purificação, ou seja, absorção das impurezas pelo sal, purificação pelo fogo e pela água, faz com que o nível vibratório suba pouco a pouco.

Vamos, portanto, examinar a teoria e a prática de um método muito mais rápido e eficiente, por uma separação quase perfeita. Este método desencadeia uma purificação muito completa desde o início das operações.

A primeira coisa a conseguir é um Mercúrio perfeito. Se não for absoluto, contém água; assim, o álcool 99% ainda contém 10 cm³ de água por litro. Esta água dissolverá algum sal mineral e a separação Mercúrio-Sal não será perfeita. Assumimos que, graças às lições anteriores, você obteve facilmente um Mercúrio de pelo menos 90°.

Para entender os meios escolhidos no processo que vamos descrever, precisamos saber o que, do ponto de vista alquímico, podemos chamar de fadiga das coisas.

Por exemplo, vamos jogar um pouco de sal de cozinha na água: no começo a água é assentada, então o sal se dissolve rapidamente. Adicione mais sal: a dissolução é mais lenta. Adicione sal novamente e há uma recusa: a água está saturada e não quer mais dissolver o sal. Vamos aquecer a água para restaurar sua força: a dissolução do sal será retomada, apenas para parar novamente durante uma nova saturação.

O carbonato de potássio absorve o álcool, mas quanto mais absorve essa água menos energético ele fica. É esse mesmo fenômeno que dificulta a preparação do álcool absoluto. Quanto menos água contém, mais guloso é; quanto mais água o carbonato absorve, menos guloso ele é.

Além disso, o carbonato de potássio danifica muito as vidrarias: é necessário, portanto, que o equipamento utilizado no manuseio que descrevemos acima seja usado apenas para esse fim, porque o vidro fosco nunca pode ser limpo adequadamente.

A experiência mostra que neste trabalho o carbonato de potássio se aglomera e as tentativas de retirá-lo do balão muitas vezes terminam em ruptura!

Como veremos, há um interesse, pelos próprios princípios alquímicos, em reaproveitar o carbonato de potássio porque ele refina e abre dependendo do número de vezes que é usado.

A seguir, utilizamos potes de conserva de vidro, que, além do baixo preço, apresentam diversas vantagens. Suportam o banho-maria, resistem ao vácuo e possuem fechamento hermético. A única falha é a tampa: para destilar, ou você tem que comprar uma tampa de reator que caiba no tipo de frasco escolhido, ou fazer um furo de 8 mm na tampa de vidro e encaixar um tubo padrão de 8 mm. Este furo é fácil e leva apenas alguns minutos. É claro que você deve ter uma broca de carboneto bem afiada. Durante a operação, lubrifique com terebintina; assim que a broca emerge, a peça deve ser invertida.

Com o equipamento pronto, as operações seguem a seguinte ordem: calcinamos o carbonato de potássio a 350° por pelo menos uma hora. Encha a jarra até a metade com este carbonato, em seguida, despeje o álcool a 90° até dois centímetros da borda superior. Feche com uma tampa bem fechada e deixe essa mistura agir por vinte e quatro horas; durante este período é sacudido duas ou três vezes. A jarra é instalada em banho-maria regulada por termostato ou colocada sobre uma placa elétrica equipada com termostato. A temperatura do banho-maria será mantida em 85 °C. Claro, neste momento o frasco é encimado pela tampa equipada com um tubo de 8 mm. O equipamento de destilação inclui uma esfera de refluxo, um condensador e um balão, todos constituindo um conjunto selado, o que impede que o álcool absorva a umidade atmosférica. Se ainda não temos um bom domínio da destilação e se não tivermos certeza da capacidade de absorção de calor do nosso condensador, a estanqueidade do sistema pode ser causa de explosão.

Também podemos evitar este inconveniente impedindo a entrada de umidade da atmosfera colocando uma armadilha química: um tubo de saída de ar é montado no balão receptor e este tubo se abre para a atmosfera por meio de um tubo de 8 mm de diâmetro e 20 a 25 cm de comprimento. Este tubo é preenchido com carbonato de potássio calcinado, preso em ambas as extremidades por tampões de algodão. A liquefação do carbonato em alguns centímetros indica que o tubo deve ser trocado e que o carbonato de potássio deve ser novamente calcinado. A destilação com este equipamento dá um álcool entre 96° e 98°. Com este álcool repetimos o mesmo processo mas com apenas 1/6 em volume de carbonato na garrafa. A destilação dará então um grau de álcool superior a 99°.

Uma nova destilação com 25 g de carbonato por litro nos dará uma titulação de álcool de pelo menos 99,8°. Este álcool deve ser consumido de imediato porque a sua conservação

como tal é muito delicada: frasco perfeitamente fechado e cheio são elementos essenciais para garantir a conservação deste álcool durante algum tempo.

Após o uso, o carbonato é dissolvido em água destilada e o licor é filtrado. Este licor separa-se espontaneamente em duas partes: uma é leve e a outra é pesada. Isso se deve ao fato de o carbonato também se ligar a uma certa quantidade de álcool. A destilação deste licor permite a recuperação do álcool. Você também pode aproveitar essa destilação para concentrar o licor. Este é então despejado em um pirex e lentamente evaporado. O carbonato recuperado é novamente calcinado e guardado em garrafa lacrada.

Se após sua coagulação o carbonato não estiver mais perfeitamente branco, não adianta calciná-lo. Deve ser novamente dissolvido, filtrado e coagulado. Este procedimento também nos mostra todas as impurezas que podem ser extraídas do álcool.

Com esse Mercúrio puríssimo, vamos fazer os elixires brancos, assim chamados porque os três princípios que os compõem são brancos ou transparentes quando estão prontos para a coagulação final.

Com este Mercúrio perfeito, você precisa de uma planta o mais perfeita possível. A planta seca será limpa de poeira, partes danificadas, etc. Se contiver um resíduo de água, isso enfraquecerá nosso Mercúrio; portanto, a planta deve ser cuidadosamente seca. Isso pode ser feito, por exemplo, em frascos de destilação. Depois de colocada a planta na jarra, ela é encaixada com tubos de vácuo, de um lado em direção à bomba d'água, do outro em direção a um balão contendo carbonato de potássio calcinado. Feito o vácuo, o circuito deve ser fechado na lateral da bomba d'água para evitar a entrada de umidade.

A jarra é mantida por duas ou três horas em banho-maria regulado a 60°. Sob vácuo a esta temperatura, a planta libera sua água residual na forma de vapor absorvido pelo carbonato.

A planta será colocada no cartucho de um Soxhlet que será carregado com álcool absoluto. A parte superior do condensador do extrator será fechada com um tampão de silicone, a fim de evitar a entrada de umidade. O balão extrator será aquecido a 85°, em banho-maria para evitar o superaquecimento do Enxofre. São necessários vários dias de extração para garantir que todo o enxofre seja extraído. A extração total do Enxofre é essencial.

O resíduo no cartucho será calcinado e lixiviado até que este Sal fique mais branco que a neve. A extração total do Enxofre é notada pelo fato do Sal não ser adesivo. Muitas vezes este Sal brilha porque forma pequenos cristais.

A tintura é destilada. Se o álcool assim recuperado não for mais absoluto, pode ser tratado com carbonato calcinado.

Quando a tintura tem a espessura do mel, é despejada em um cadinho e calcinada. Obtemos um resíduo preto que esmagamos o mais fino possível. Em seguida, é colocado em um prato de quartzo ou porcelana, mas não em vidro. Verter sobre este resíduo uma solução de água destilada contendo álcool a 5% com o álcool previamente recuperado.

Esta solução deve ser despejada até que o resíduo fique coberto com uma espessura entre ½ e 1 cm. Depois de repousar durante a noite, a solução é lentamente evaporada. O resíduo é calcinado, reduzido a pó e o ciclo recomeça. Em poucos dias o resíduo torna-se branco cintilante, mais branco que a neve: é o Sal do Enxofre. Os cristais que aparecem

neste Sal indicam por sua estrutura a atribuição planetária da planta. Este Sal de Enxofre é misturado em partes iguais com o Sal obtido durante a calcinação da planta. Se houver apenas embebição com o Mercúrio recuperado, então colocado em incubadora, estamos caminhando para a Pedra Vegetal.

Se a quantidade de Mercúrio despejada for grande, prevalece o volátil, mas o álcool só será carregado de Sal e Enxofre por repetidas destilações. O volátil deve gradualmente tornar o fixo volátil.

ÁLCOOL FILOSÓFICO

Muitos autores abordaram esse assunto apenas em seus estudos sobre a obra metálica, mas o interesse desse mênstruo é tão grande no campo mineral quanto no campo vegetal. Todas as extrações previamente aconselhadas podem ser feitas com vantagem por meio deste mênstruo conhecido sob o nome de “Menstruum de Kerkring”.

O primeiro produto necessário para sua fabricação é o sal amoníaco conhecido hoje como cloreto de amônio.

Os Antigos obtinham-no de várias formas: destilação de chifres de veado, resíduo da secagem da urina de camelos que iam procurar em África, destilação de urina. Hoje em dia, o abastecimento é muito mais fácil: basta entrar em contato com um comerciante de produtos químicos.

O sal deve ser sublimado pelo menos três vezes. De fato, quando o sal amoníaco é aquecido, ele não evapora, mas se decompõe em dois gases que se combinam assim que a temperatura o permite.

É necessário obter um prato do tipo “Pyroflam” com a sua tampa de pirex, uma pinça de madeira ou uma vareta de aço que permita retirar esta tampa quando estiver quente. O sal é colocado em uma camada uniforme de um ou dois centímetros no fundo do prato que é aquecido com uma chapa elétrica ou com um aparelho a gás. A tampa do pirex foi previamente colocada.

Rapidamente, formam-se vapores brancos e o sal deposita-se na tampa. De tempos em tempos, a tampa é levantada com a pinça e examina-se a espessura do depósito. Durante esta operação, não respire os vapores, pois são nocivos. Recoloque a tampa. Se o sal depositado tiver uma espessura de 2-3 mm, uma nova tampa é colocada no prato e a primeira é deixada esfriar. Assim que esfria, destacamos a camada de sal com a ponta de uma faca; em geral, essa camada descama facilmente de uma só vez. É quebrado em pedaços que são colocados em uma garrafa de vidro. Depois de um tempo, tudo o que resta no prato é sal cinza-escuro e impurezas; a operação é então interrompida. O prato frio deve ser bem limpo.

A garrafa é marcada com 1S (primeiro Sal) então o sal sublimado é retirado, a operação é repetida e é colocado em uma garrafa marcada com 2S (Segundo Sal). Em geral, quando é sublimado três vezes, o sal não deixa mais um depósito preto e sublima totalmente. Se não fosse esse o caso, uma quarta sublimação deveria ser realizada.

Os corantes amarelos do sal sublimado não apresentam desvantagens, muito pelo contrário.

Com o sal assim preparado, examinemos o processo de preparação do álcool.

Este deve ter uma graduação muito alta: deve ser levado acima de 93° e deixado macerar por 24 horas ou em carbonato de potássio (sal de tártaro) calcinado por pelo menos uma hora a 350°C ou em cal virgem calcinada a 850-900 °C por pelo menos uma hora.

O álcool é destilado em circuito fechado para evitar a absorção de umidade atmosférica, em equipamentos rigorosamente limpos. O título obtido deve ser de no mínimo 99,5°; de fato, obtemos entre 99,5° e 99,8°.

Estando a aguardente e o sal prontos, temos a possibilidade de utilizar dois métodos.

Método lento

Na lua nova, misture quatro partes de sal e dez partes de álcool (partes em peso); coloque isso em uma garrafa moída selada. Macerar a uma temperatura de 40-42 °C. Agite a mistura pelo menos uma vez ao dia.

Observe sua cor. Os reflexos e a cor do álcool variam com as fases da lua. Se for o caso, a maceração pode continuar por uma segunda lunação.

A seguir, em circuito fechado, destilar o mênstruo bem devagar 3 vezes. O mênstruo de Kerkring está então pronto.

O resíduo sólido da primeira destilação pode ser misturado com sal amoníaco. O sal pode ser usado várias vezes se for guardado em uma garrafa de vidro hermética. Lembre-se de anotar o número de macerações na garrafa.

O mênstruo também pode ser usado várias vezes, mas nunca deve ser usado em outros reinos além daquele para o qual foi usado pela primeira vez. Um mênstruo virgem extrai o óleo vermelho do antimônio devidamente preparado.

Método rápido

Encha o cartucho vazio do extrator Soxhlet com sal. Carregue o Soxhlet com o álcool retificado; cubra o refrigerante para que fique em circuito fechado e impeça a entrada de vapores atmosféricos. Permita que o Soxhlet circule pelo menos doze vezes. Destile o álcool três vezes, o mênstruo está pronto.

Em uso, existem poucas diferenças entre os dois menstros. Porém, o mênstruo obtido pelo primeiro método parece mais enérgico nas extrações metálicas ou minerais.

Em breve estudaremos um terceiro método.

Ora et Labora!!

Lição 30: Origem dos Ensinamentos, Diferenças entre Alquimia e Homeopatia, Fixos e Voláteis, Pedra e Elixir, Exofre: a alma dos seres, essência das coisas

NOSSAS FONTES DE TRABALHO

No nosso método de trabalho, procuramos apresentar para cada assunto as soluções que podem ser encontradas nas diversas fontes escritas ou orais.

As soluções que apresentamos podem ser tradicionais ou modernas.

Devemos dizer que no início do curso, tendemos na parte vegetal, que é apenas uma preparação, a privilegiar os métodos modernos por uma razão muito simples: estes métodos levam infinitamente menos tempo do que os métodos antigos, e um moderno assalariado não tem a mesma quantidade de tempo que os antigos alquimistas tinham. Também é provável que para os minerais, e mais ainda para os metais, nos aproximemos dos métodos tradicionais.

Quais são as nossas várias fontes?

Algumas das soluções apresentadas advêm da nossa pesquisa documental, e apresentamo-las depois de as termos experimentado nós próprios.

Muitas vezes nosso trabalho experimental nos levou a modificar um texto original, a completá-lo ou a fornecer detalhes práticos que não existiam no original.

Outras soluções surgem da documentação que nos é fornecida por grupos ou escolas com objectivos idênticos aos nossos, e por vezes por alquimistas autónomos e solitários. Nesse caso, limitamos nossos experimentos e alguns dos métodos propostos, se sua fonte nos parecer válida; não temos tempo material para experimentar tudo.

Quando uma fonte nos parece digna dela, depositamos nela um certo grau de confiança.

O SAL

Voltemos ao problema do Sal e agora tentemos resumi-lo. Uma escola alquímica moderna propõe preparar primeiro os doze sais em doses homeopáticas. Misture as doze soluções para obter o chamado elixir "primavera" que, de acordo com o conceito alquímico, pode resolver todas as deficiências de sal devido a considerações astrais provocadas pela data da concepção.

Dissemos que alguns dos doze sais eram insolúveis e que, neste caso, deveriam ser preparados por trituração. Esta operação consiste em reduzir o sal a um pó impalpável e misturar este pó com um elemento fixador, por exemplo a glicose. Se o pó for realmente impalpável, os menores grãos irão aderir às moléculas de glicose que, então, os levarão nas diluições sucessivas.

Existe um certo parentesco entre o conceito alquímico e o conceito homeopático: ambos desafiam os conceitos da lógica cartesiana.

Para nos ajudar em nosso trabalho, lembremo-nos de dois princípios essenciais:

1. A diluição deve ser seguida de dinamização, ou seja, o produto deve ser agitado manualmente vigorosamente.
2. Como uma diluição decimal é uma diluição por 10, pensamos, logicamente, que duas diluições decimais $1/10 \times 1/10 = 1/100$ são iguais a uma diluição de 1 CH, ou seja, 1/100. No entanto, isso é falso. Uma série de diluições homeopáticas provoca a reversão do remédio. Mas essa inversão ocorre substancialmente para o mesmo número de diluições, sejam elas decimais ou centesimais.

Se tomarmos um produto tóxico como o arsênico, ele evolui da seguinte forma, seja em diluições decimais ou diluições centesimais:

- Durante as primeiras duas ou três diluições, o produto permanece tóxico,
- Da terceira diluição à décima ou décima primeira, é curativo,
- Na décima ou décima primeira diluição, é neutro,
- Da décima primeira ou décima segunda diluição até a décima quarta, volta a ser prejudicial.

Para aqueles que usarão saís prontos e levarão em consideração as influências astrais, o que foi dito acima é obviamente de menos interesse.

Mas, por outro lado, esta informação interessa ao mais alto grau aqueles que vão usar a água do GUR para estas preparações que, então, dispensam em grande parte levar em conta as influências astrais.

Porém, é sempre vantajoso colocar todos os ativos em jogo, e respeitar ao máximo todas as condições favoráveis.

Comentário: nos remédios homeopáticos, é a potência que dá força ao produto. Este não é um produto puro nem um produto regenerado por sua decomposição e nem depois reconstituído por coobação.

Essa decomposição e reconstituição alquímica elimina as impurezas tóxicas do produto, e essa operação traz de uma só vez uma força que uma longa série de dinamizações não poderia trazer.

É por isso que os elementos alquímicos devem ser diluídos apenas uma vez, mas de forma significativa: de uma a vinte gotas em um copo de líquido adequado. É bom lembrar disso, pois em breve falaremos sobre o uso esotérico dos elixires. Também é muito importante neste trabalho não inverter os efeitos dos elixires por uma série de potências homeopáticas.

Para aqueles que se interessam por questões homeopáticas, podem consultar o livro “Medicina Antroposófica” do Doutor V. Bott.

FIXO E VOLÁTIL

Vamos agora abordar este assunto, que é totalmente diferente do anterior. Ainda encontramos nesta área a dificuldade de interpretar os livros alquímicos: muitas vezes é

necessário saber usar truques e, mais frequentemente, inspirar-se para saber o que se esconde por trás das palavras.

Quando falamos da criação dos elementos, dissemos que o Sal da Terra é o mais fixo e o Enxofre do Fogo o mais volátil.

Nada é fixo, nada é volátil, exceto em comparação com outra coisa. No sentido alquímico, o vinagre é fixado em relação ao álcool. O álcool é volátil em comparação com o vinagre, mas é fixo em comparação com o éter.

Pode-se então perguntar ao ler um texto alquímico que não inclui nenhuma referência de comparação qual é o valor do fixo e do volátil.

Na maioria dos casos, pode-se dizer que a referência é a água. Ou seja, tudo o que ferve antes do ponto de ebulição da água é considerado volátil, e tudo o que ferve depois desse ponto é considerado fixo.

Na verdade, por trás dos termos fixo e volátil também se esconde o maior segredo alquímico frequentemente descrito e usado, mas nunca totalmente explicado.

Dissemos nos primeiros avisos que a repetição de uma mesma operação provoca a evolução da matéria. O que não dissemos então é que essa evolução pode ser direcionada tanto para o fixo quanto para o volátil. É o elemento mais forte que dirige a operação. Se nossos dois elementos forem perfeitamente puros, somente a quantidade presente determinará a direção da evolução.

Uma Pedra é, em princípio, um fixo que deve, no fixo, ser igual ao Sal da Terra.

Vamos pegar sal. Deve ser completamente embebido na mistura de Enxofre-Mercúrio, mas apenas embebido. Se o líquido aparecer na superfície, ele deve ser removido por destilação antes de ser colocado na incubadora. Isso requer extrema paciência, pois a embebição só é válida se o Sal estiver na forma de um pó impalpável. Quanto mais fino o pó, mais rápido o resultado é alcançado. Como há pouco Mercúrio, o frasco deve estar perfeitamente vedado (junta esmerilhada untada ou rolha de silicone).

Quando o pó estiver seco e o Mercúrio-Enxofre for absorvido, é necessário fazer uma nova embebição, sempre sem que a mistura Enxofre-Mercúrio esorra: a superfície deve estar molhada, mas sem escoamento de líquido. Depois de três ou quatro embebições, o pó é retirado e calcinado, se ao esfriar se obtém uma pedra branca que não fuma ao derreter, que não se dissolve na água. Neste caso, a Pedra está acabada. Se as condições não forem atendidas, as operações são repetidas após a redução da pedra a um pó impalpável. É a paciente e cuidadosa repetição deste ciclo que fixa o Mercúrio e o Enxofre pelo Sal, e que conduz a uma Pedra.

Para os voláteis, a operação do elixir é inversa: não é mais a embebição que fará a matéria evoluir, mas é a destilação que será a operação evolutiva.

Para que o volátil seja o mais forte, a garrafa será preenchida até cerca de 1/30 de Sal que será afogado em dez a doze vezes seu volume de Enxofre e Mercúrio misturados.

Geralmente uma incubação por uma semana na incubadora é suficiente. Destilar até secar e despejar o destilado sobre o sal; então incubamos novamente por uma semana. A repetição desta operação torna gradualmente o sal volátil, que segue para a destilação.

O balão deve ser muito apertado e muito forte porque é conveniente usá-lo como um balão de destilação. A destilação deve ser feita sem refluxo e sem perdas; portanto, uma retorta de vidro rígido é conveniente para este experimento.

ENXOFRE

Após nosso estudo do Sal, e em particular dos doze sais, chegamos agora ao estudo do Enxofre.

Se o conhecimento do processo dos sete elixires básicos é imperioso e necessário, o dos doze sais é menor e pode mesmo, em muitos casos, ser menos essencial à prossecução do nosso caminho.

Na verdade, a Natureza tende a auto-corriger tudo. É verdade que Ela geralmente faz isso devagar, mas Ela não pode fazer tudo. Tudo no domínio da Arte Ihe é inacessível. A natureza segue suas leis de forma dedutiva, apenas seguindo as leis de causa e efeito. Somente o homem tem acesso à indução, o que, de certa forma, Ihe permite sair desse processo rígido. Mas essa liberdade é compensada por uma ação da lei da justiça ou melhor, do equilíbrio que alguns chamam de carma.

O domínio alcançado pelos elixires já não é o da Natureza, mas o da Arte e, pelo seu trabalho, o Adepto deve repor neste domínio o dano causado pela indução, pelo seu livre arbítrio, e assim satisfazendo a lei do equilíbrio e da harmonia .

Não é o mesmo para o Sal, que está inteiramente no domínio da Natureza. Se encontrar na alimentação os elementos necessários para o restabelecimento do equilíbrio natural, este será feito aos poucos. Mas não é proibido ao homem ajudar a Natureza e acelerar o processo para que a harmonia seja restabelecida mais rapidamente. Devemos salientar que, se faltam certos sais na dieta, a Natureza pode produzi-los no homem graças aos poderes internos de transmutação de cada ser vivo. A transmutação metálica talvez seja apenas o controle e a exteriorização desses poderes internos naturais presentes, mas ocultos com a consciência externa do homem.

Para este problema dos sais, cada um pode escolher uma das soluções anteriormente propostas, ou mesmo nada fazer se achar que a Natureza fez ou empreendeu nele o processo de reequilíbrio.

Começamos agora sob vários aspectos o exame do que se chama Enxofre, porque este princípio é sutil, e nos levará a rever a diferença entre Química e Alquimia. Um bom conhecimento deste princípio é essencial na teoria e na prática.

O enxofre é a alma das coisas, e a extração alquímica correspondente é apenas o suporte. Em sua natureza profunda, o Enxofre é uma Força Espiritual que nada material pode destruir, nem fogo nem ácido. A alma do homem, seu verdadeiro Enxofre, só é livre e poderosa se for libertada da escória que a envenena e paralisa. É o mesmo com a alma das coisas na Natureza. As únicas operações possíveis sobre o Enxofre consistem em limpar o

seu suporte de todas as impurezas que o impedem de atuar, tornando assim este suporte mais transparente para permitir a transferência da Energia Espiritual.

No entanto, o problema é diferente para o homem e para as coisas. Enxofre sendo a Energia Espiritual do homem, sua consciência, seus pensamentos, uma ordenação desta área é essencial. Um Alquimista deve ter um bom Enxofre, caso contrário ele estará em apuros. Ele deve, portanto, ser generoso, pelo menos e acima de tudo em seu modo de pensar; Razoável, equilibrado, não cedendo nem a explosões de raiva nem a impulsos repentinos que perturbam as correntes de energia. Ele também deve aguçar sua inteligência pelo trabalho, chegando a uma compreensão da Natureza tanto por uma espécie de comunhão direta quanto pelo estudo intelectual de seus mecanismos.

Daremos continuidade a este estudo no próximo edital.

Ora et Labora!!

Lição 31: Menstrua e suas qualidades, Sensibilidade e Força Espiritual, Extração Líquida

Continuamos nosso estudo do Enxofre e o examinamos agora nas coisas. Este estudo nos levará a observações que serão extremamente úteis em nosso trabalho, tanto teórico quanto prático.

Primeiro princípio, o Enxofre, sua alma, sua Energia Espiritual, pode ser pelo menos parcialmente captado por outras coisas que são, em tese, os três Mercúrios dos três reinos. Se um Mercúrio vibrar bem, pode capturar pelo menos parcialmente o Enxofre de outro reino. Para ilustrar isso, vamos agora desenvolver alguns exemplos que nos mostrarão ainda mais a complementaridade química-alquimia.

Suponha que despejamos álcool 97-98° em carbonato de potássio calcinado. Deixamos macerar por 24 horas, depois destilamos. O químico dirá que vamos obter um álcool muito puro. O alquimista dirá que vamos obter um álcool mineralizado. Segundo o químico, o carbonato de potássio não passa pela destilação. Ambos estão certos em seus campos, porém, alquimicamente o químico está errado. O álcool a 97-98° tem fraco poder de extração mineral, mas esse Mercúrio vegetal que já "vibra" bem vai extrair o mineral Enxofre, a Energia Espiritual do carbonato de potássio, que passará com ele para a destilação. O álcool torna-se próprio para extrações minerais, por isso o alquimista diz que é mineralizado.

Se tivéssemos desidratado o álcool com cal virgem, ele também teria sido mineralizado, mas o Enxofre do cálcio é diferente do do potássio e nossos dois álcoois não seriam idênticos, alquimicamente falando. É por isso que a desidratação final do álcool deve ser diferente para um Mercúrio Filosófico vegetal ou para um Mercúrio Filosófico mineral.

Isso nos mostra que o alquimista deve saber ser químico no domínio material e alquimista no espiritual, pois tal é a força da vida. Esses dois aspectos do conhecimento não devem se opor, mas se complementar.

Outro exemplo nos mostra o interesse teórico e prático do conhecimento do Enxofre, da Energia Espiritual. Assim como o homem impuro que deixa a terra limpará seu veículo espiritual para um novo começo, a água da terra segue um ciclo de purificação. A água também é um mês-truo universal. A partir do momento em que flui sobre a terra, absorve o Enxofre das coisas que encontra. Mais cedo ou mais tarde chega ao mar onde encontra o Sal da Terra, o Sal Purificador. Após o que a energia solar o evapora, destila, e o ar lhe devolve sua energia primária, então fica puro de todo Enxofre dos elementos da terra. Somente a água da chuva que não escorreu do solo contém Energia Espiritual em seu nível mais alto, e então é desimpedida por quaisquer impurezas terrenas. Pode ser indiferentemente orientado para um dos três reinos. É esse mecanismo que explica o interesse dos alquimistas pela água da chuva ou pela neve derretida. Quando a água perder seu potencial positivo em contato com a terra e estiver carregada com vários enxofres e impurezas terrenas, será impossível restaurá-la ao seu estado original por destilação. Isso irá melhorá-lo, mas não restaurará sua pureza original.

Esperamos que isso tenha esclarecido você sobre os mecanismos alquímicos do menstrum. Dissemos no início do curso que os líquidos de extração, quando se aproximam da perfeição, devem ser protegidos de efeitos psíquicos ou espirituais negativos. Quando esses líquidos estão prontos e aguardando uso, nós os guardamos em nosso oratório, o que facilita a entrada no laboratório. Se um mênstruo é cercado por pensamentos ou ruídos desarmoniosos, ele fica carregado negativamente e assim não estará mais apto ou capaz de assumir a Força Espiritual das coisas. Ele atrairá menos bem o suporte físico da energia, a tintura, e menos ainda a energia que ela contém. A hierarquia dos Mercúrios os torna cada vez mais sensíveis a esse mecanismo. Um Mercúrio vegetal imperfeito não é muito sensível, um Mercúrio vegetal absoluto se torna muito sensível.

O Mercúrio Filosófico extraído do chumbo já será muito sensível; sua manipulação se tornará cada vez mais delicada, pois sua purificação o tornará apto a atuar na hierarquia dos metais, estanho, ferro, ouro, cobre, mercúrio, prata.

Se olharmos para o céu químico da Lição 9, notaremos que é muito tentador começar do Mercúrio mais próximo do ouro e da prata, também é muito pretensioso e muito imprudente começar de cima na escada metálica. Dominar o deus mágico, Mercúrio, não é tarefa para principiantes.

Examinaremos brevemente as razões teóricas que indicam a zona de partida no céu químico.

ÁLCOOL FILOSÓFICO

Podemos voltar à fabricação do álcool filosófico. Para levar o Mercúrio vegetal ao extremo, é óbvio que não deve ser mineralizado nem pelo potássio nem pelo cálcio. O agente de transição ideal entre os reinos vegetal e mineral é a amônia. Também tem a vantagem de facilitar os fenômenos de “fermentação” ou, como dizem os livros antigos, de “putrefação” no reino mineral ou metálico.

O álcool filosófico será, portanto, um álcool alquimicamente puro e depois carregado com a tintura, a Força Espiritual do Sal Amoníaco.

Nesta mesma Lição 9, temos a descrição de uma instalação de destilação a vácuo, e uma tabela mostra que é possível obter um álcool a 99,5°. Alguns podem pensar que os antigos não possuíam esses aparelhos, mas eles sabiam destilar a vácuo pelo processo de lavagem do ar com vapor de álcool, processo que veremos mais adiante no curso. Quando o álcool se aproxima de sua perfeição, torna-se extremamente volátil e sedento de água e nossa instalação moderna tem neste ponto uma desvantagem em relação ao método antigo. A instalação da imagem nº 3 da Lição 9 deverá ser alterada da seguinte forma.

1. A válvula de vácuo será colocada entre a válvula de retenção e o manômetro,
2. Antes de qualquer operação, o tanque vazio será cuidadosamente seco e então será enchido até uma altura de dois a três cm com carbonato de cálcio ou cal virgem,
3. O balão de recuperação do líquido destilado será envolvido por um banho de água e gelo,

4. A coluna a rectificar pode ser retirada com vantagem e substituída por uma esfera anti-refluxo KJELDAHL.

A destilação será realizada de forma extremamente lenta. Se não houver coluna para retificar ou se a sala não estiver fria, no verão por exemplo, o vácuo e o gelo são suficientes para obter uma destilação lenta.

Este álcool será então carregado pela tintura do Enxofre do sal amoníaco, que também deve estar no seu máximo de vibrações. O sal amoníaco mais adequado para a fabricação do álcool filosófico vem do reino animal.

Discutiremos esse assunto em um momento.

MENSTRUUM E LÍQUIDO DE EXTRAÇÃO

Agora que estamos mais avançados em nosso trabalho, devemos diferenciar claramente entre menstuo e líquidos de extração. Não mencionamos essa distinção até agora para não complicar o trabalho. No entanto, certas precauções devem ser tomadas na interpretação do que estamos prestes a dizer. Porque se as leis alquímicas são imutáveis, o conhecimento necessariamente limitado do espírito espiritual das coisas obriga-nos a ser cuidadosos e a não afirmar peremptoriamente a certa validade das afirmações contidas nesta lição.

O Mercúrio de cada reino e a água são menstuos. Ou seja, eles são capazes de extrair a Força Espiritual de seu médium. Em cada reino, o Mercúrio do reino é mais adequado como extrator, mas em geral em seu reino passa para a destilação com a Força Espiritual. Este último em princípio não passa fora do reino de Mercúrio, exceto no caso de superioridade hierárquica, ou seja, durante a destilação, a Força Espiritual metálica não passa com o álcool filosófico.

Por outro lado, a Força Espiritual passa para a destilação em uma extração vegetal, seja ela feita com o Mercúrio vegetal, o álcool filosófico ou o Mercúrio filosófico metálico. Isso explica a possibilidade dos elixires expostos em lição anterior. A destilação da tintura vegetal retém sua Força Espiritual alquímica.

Pode parecer surpreendente que damos água no menstuo universal. Se é óbvio que por maceração podemos obter um corante vegetal, isso parece muito mais aleatório para o mineral ou para o metálico. No entanto, o seguinte experimento é interessante neste ponto.

Para eliminar o excesso de enxofre e arsênico, calcinamos a estibina a 300-350° no máximo para que não derreta, colocando-a em camadas finas, e isso por longas horas; um pó cinza-escuro é obtido após a trituração. Um extrator Soxhlet e seu frasco com água de chuva destilada são então carregados com este pó. Após um período de extração variável entre duas semanas e três meses, a água adquire um caráter ácido (pH 1-2), embora não seja corrosiva. A destilação dá o Vinagre de Antimônio. Isso prova que a água tem um poder de extração metálico lento, mas real.

Se a calcinação da estibina fosse insuficiente e sobrasse enxofre (não Enxofre, mas Enxofre amarelo comum), a operação ficaria comprometida porque este enxofre, durante a circulação, vai cedendo aos poucos com a água de ácido sulfúrico, o que é muito difícil se

não impossível separar do Vinagre de Antimônio, pelo menos por causa de seu caráter fixador. Neste caso, a água extraída é realmente corrosiva.

Examinemos agora dois outros líquidos de extração, o óxido dietílico conhecido como éter sulfúrico e a acetona (não confundir com a Acetona dos Sábios).

Indicamos em uma lição anterior os perigos decorrentes do manuseio desses dois líquidos. As precauções tomadas devem ser muito grandes e ainda mais com éter do que com acetona. As precauções mínimas são as seguintes:

- Sem aquecimento à chama, apenas em banho-maria,
- Nenhum dispositivo elétrico suscetível de produzir faíscas,
- Refrigeração com gelo,
- Vidro protetor entre o aparelho de destilação e o operador,
- Nenhuma roupa feita de tecidos sintéticos susceptíveis de provocar faíscas,
- Ventilação significativa da sala.

As extrações feitas com esses dois líquidos são extremamente rápidas, muito mais do que com álcool filosófico. Eles são capazes de extrair lentamente Enxofre da maioria dos óxidos metálicos ou minerais, por simples maceração. Esses líquidos não passam a Força Espiritual à destilação. As tinturas extraídas são recuperadas com força total e o líquido de extração é separado por destilação simples.

Por exemplo, para o álcool filosófico, sublima-se o sal amoníaco três vezes, carrega-se com este sal pulverizado um Soxhlet, e seu balão com éter. Dada a volatilidade do éter, a refrigeração deve ser muito importante. São utilizados dois coolers colocados ponta a ponta, ou seja, dez a quinze bolas, sendo a tampa tampada com algodão absorvente. Mesmo com aquecimento fraco em banho-maria, a circulação é muito rápida. O éter fica ligeiramente amarelo. A destilação do éter dá um óleo amarelo, o enxofre da amônia.

A dissolução deste óleo em álcool absoluto transforma-o em Álcool Filosófico. O processo é rápido, mas delicado. Será melhor usá-lo somente quando tivermos estudado a fabricação de sal amoníaco de origem animal.

A acetona pode ser usada nas plantas para extrair mais óleo quando os óleos essenciais são fixados ou na forma de gorduras que resistem ao álcool.

Mas seu uso, semelhante ao da Acetona dos Sábios, é a extração do Enxofre do vidro de antimônio. Esta extração não sendo nem fixa nem volátil, o procedimento é idêntico ao do éter estudado anteriormente.

O ácido acético também é um notável líquido de extração que pode atuar nos três reinos embora sua origem seja vegetal.

A principal característica dos produtos extraídos pelo ácido acético é a sua fixidez. Por exemplo, vamos pegar o vidro de antimônio novamente. Os resultados das várias extrações serão os seguintes:

- Extração de álcool, tintura volátil,
- Extração com acetona, corante neutro, nem fixo nem volátil,
- Extração com ácido acético, corante fixo (neste caso, a separação entre ácido acético e vinagre de antimônio será extremamente delicada).

O ácido acético é uma das chaves para entrar no reino metálico porque, como veremos mais adiante, permite a extração de corantes de chumbo, ferro, cobre. As outras preparações são mais delicadas que essas três primeiras. Devemos diferenciar entre vinagre destilado e ácido acético sintético. Seus poderes de extração são substancialmente idênticos em graus iguais de concentração, mas o resultado é bastante diferente alquimicamente.

Se operarmos com um metal vivo (explicamos o que significa este termo, mas voltaremos a ele de forma mais completa), podemos usar ácido acético ou vinagre destilado, embora o último seja sempre preferível.

Isso é fácil de entender, se corrosivos como os ácidos clorídrico, nítrico ou sulfúrico que são de origem mineral matam o metal, em geral, o ácido acético de origem vegetal não consegue absorver a vida metálica e conseqüentemente não consegue matar o metal. O vinagre destilado pode reviver lentamente o metal morto. É o que se pratica na obra de chumbo e que pode ser catalogado sob o nome de “Obras de Hércules”.

Se a revivificação for feita corretamente, o ácido acético libera uma tintura que contém Enxofre e Mercúrio Alquímico.

Ora et Labora!!

Lição 32: Centros Sephiroticos e Chakras, Simbolismo Alquímico

Já demos os elementos essenciais para a fabricação de elixires de plantas alquímicas. Estudaremos agora seu uso esotérico e a primeira fase da iniciação alquímica pessoal. Começaremos com a descrição dos preparativos necessários para este trabalho, depois explicaremos o porquê, o como e as razões que explicam e justificam este processo.

Esta parte do trabalho não pode ser feita sem oração e esta prática é ilustrada de forma muito interessante no quadro do oratório do anfiteatro da Eterna Sapiência de KHUNRATH.



Caso não tenha um cômodo dedicado a esse uso, é possível ter um equipamento mínimo que pode ser instalado em um armário ou até mesmo em uma caixa. O importante é que o conjunto esteja protegido de contatos psíquicos negativos e possa ser facilmente instalado.

A caixa conterá as sete essências em frascos marcados com o signo do planeta correspondente. Os frascos serão colocados na seguinte ordem: Saturno, Júpiter, Marte, Vênus, Mercúrio, Lua, Sol, estando o Sol à direita do operador. A caixa também deve conter um frasquinho de álcool absoluto ou quase absoluto, um conta-gotas, um copo e um dispositivo para obter iluminação não violenta. Se não houver risco de incêndio, o ideal é ter duas velas.

A caixa também contém, colados em papelão rígido, três desenhos:

- o diagrama dos centros sefiróticos no homem (imagem n°1),
- o hexagrama (imagen n°2)
- e o círculo dos elementos (imagem n°3).

CENTRE SOLAIRE
en avant et au-dessus de la tête

CENTRE LUNAIRE
derrière la nuque

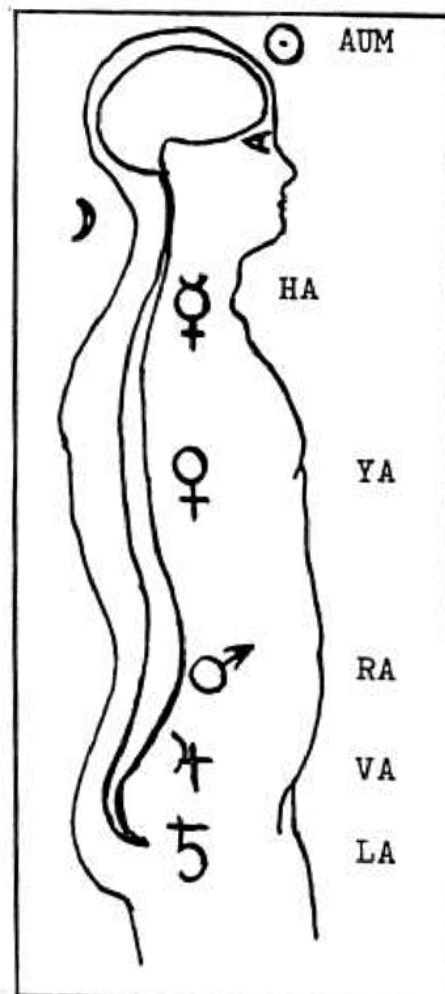
CENTRE DE MERCURE
QUINTESSENCE AKASHA
au niveau de la gorge

CENTRE DE VENUS
ELEMENT AIR
au niveau des poumons

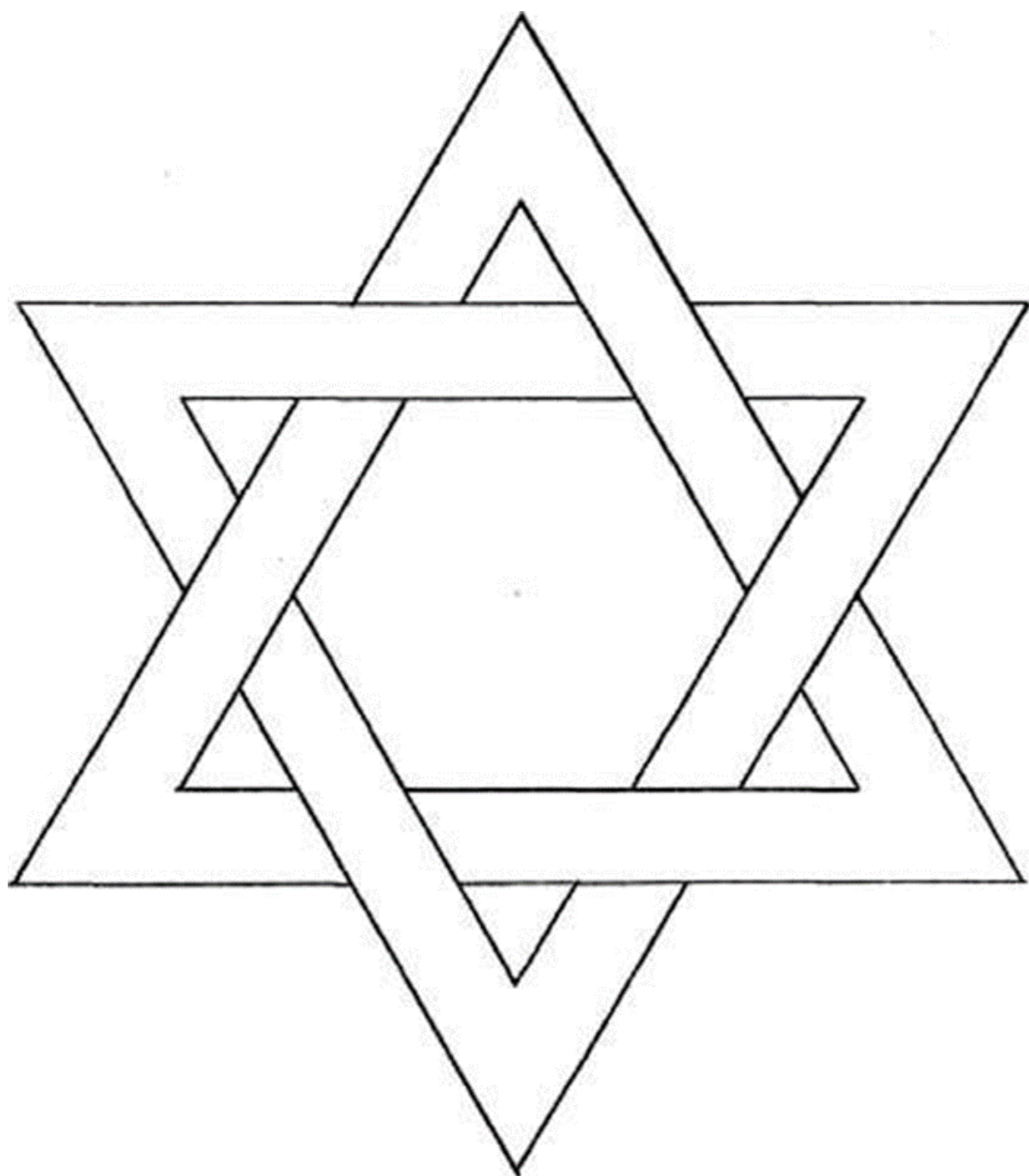
CENTRE DE MARS
ELEMENT FEU
au niveau du plexus

CENTRE DE JUPITER
ELEMENT EAU
à mi-chemin du plexus et du bas
de la colonne vertébrale

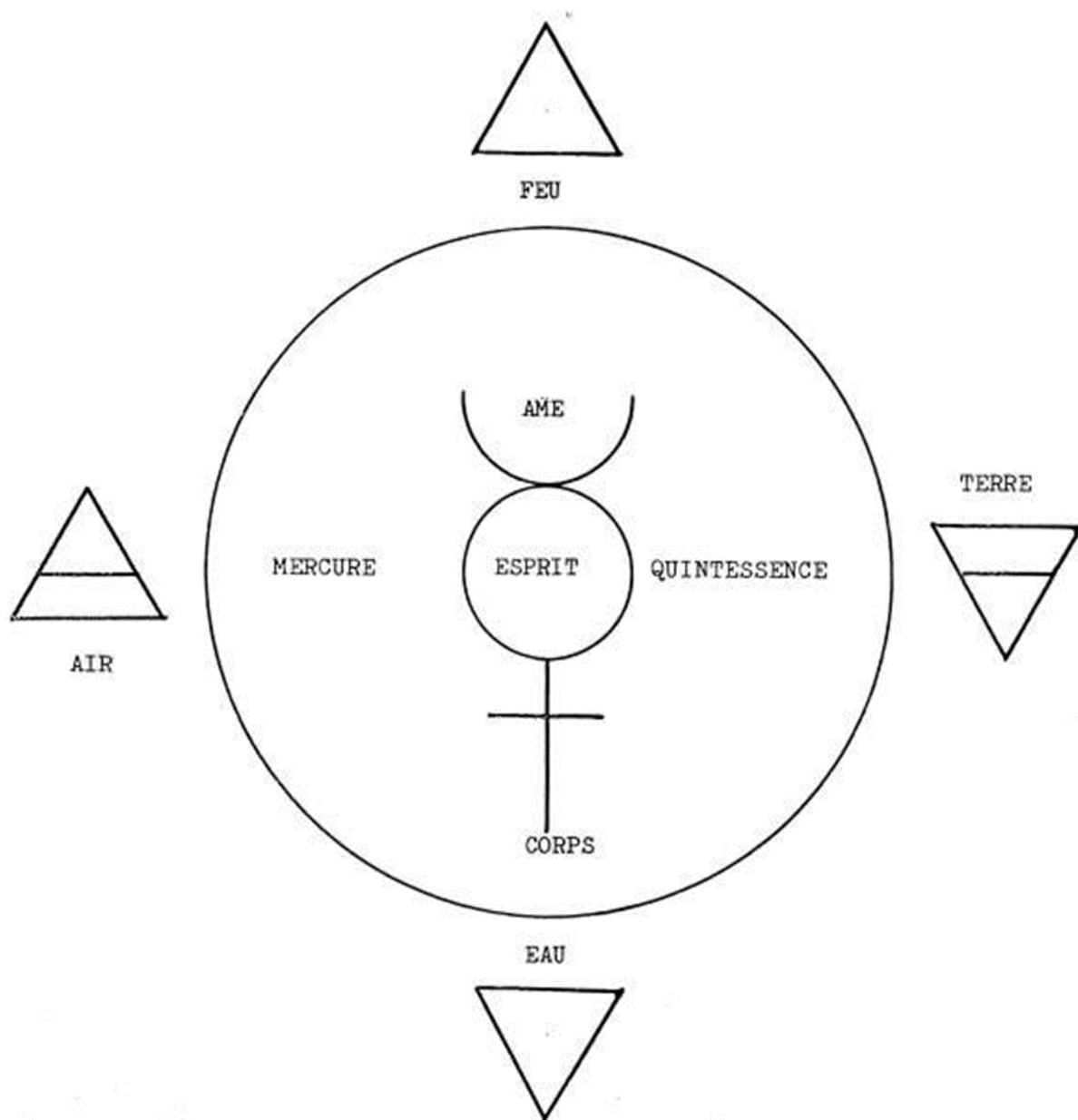
CENTRE DE SATURNE
ELEMENT TERRE
au niveau du bas de la colonne
vertébrale



O Centro Sefiróticos



O Hexagrama



O Círculo dos Elementos

(Nota do tradutor: O Círculo dos Elementos foi redesenhado posteriormente por Dubuis. Seu desenho é o usado na capa desta edição.

Em um oratório, os desenhos devem ser colocados em uma pasta quando não estiverem em uso. Um espelho no oratório pode ser útil mais tarde.

Para entender o que acontece na iniciação, uma imagem nos parece bastante boa: o homem caído é como um príncipe exilado por seu pai, o rei. Quando este príncipe é

novamente admitido no palácio, recupera algumas das suas prerrogativas e, tendo acesso à biblioteca do palácio, recupera o conhecimento da corte.

Vamos agora abordar uma questão que irrita a muitos porque é muito mal compreendida no seu princípio, na sua natureza. Gostaríamos de tentar explicar qual é a realidade da magia natural, quais são os poderes ocultos do homem e qual deve ser o nosso comportamento diante desses fenômenos. Não devemos esquecer que ninguém é alquimista se não conhece a teoria da alquimia, a da magia natural e algumas regras da astrologia sagrada. Por um lado, falamos de magia e, por outro, declaramos que não acreditamos em milagres porque esse milagre seria um desvio das leis da Natureza. O homem só pode reintegrar-se adquirindo poderes: o príncipe ao tribunal recupera as suas prerrogativas. Mas você ainda tem que saber o que escolher e o que fazer.

A Qabala, que é uma teoria da magia natural, explica que existem quatro mundos. Raramente se diz que a hierarquia desses mundos significa que o acesso consciente a um deles torna possível transcender os mundos abaixo dele. O mundo de Briah transcende Yetzirah e o mundo de Yetzirah apenas transcende o mundo físico. As causas profundas das leis naturais que governam um mundo são mantidas no mundo imediatamente acima dele. Se nossa consciência tiver acesso a Yetzirah, teremos acesso às leis que transcendem o mundo físico e teremos seus poderes.

O estado de Mago ou Alquimista é apenas consequência do nível de consciência que tiver alcançado. O erro, neste domínio, consiste em procurar adquirir poderes "para impressionar às pessoas", do estilo da levitação ou andar sobre o fogo, em vez de procurar quem nos possa ajudar na nossa evolução. Para nós, o poder de transmutação deve ser um dos primeiros a se manifestar.

Ainda temos que dizer que se um mago na terra se oferecesse para aumentar sua inteligência dez vezes, você certamente não recusaria. O mesmo ocorre com os poderes ocultos do homem porque, usados judiciosamente, aumentam consideravelmente nossa possibilidade de ação. Acrescentamos que o homem ainda tem acesso a poderes ocultos, mas de forma inconsciente e não intelectual. Todos os mecanismos que garantem a continuidade da vida têm acesso a esses poderes, mas são usados sem o nosso conhecimento. Não temos controle sobre eles. A partir daí, eles entram em nosso campo de consciência e gradualmente nos tornamos um Ser livre porque a lei cármica de causa e efeito pode ser levantada no mundo físico sempre que necessário, a nosso critério, e isso graças às leis de Yetzirah que transcendem o Reino de Malkuth.

Nosso estudo alquímico deve nos ajudar a perceber gradualmente que os mundos da consciência superior não são ilógicos nem contrários à razão. Eles são diferentes. Na

verdade, eles são hiperracionais e hiperlógicos. Mas a percepção progressiva da Unidade cósmica dá coerência ao todo e é este elemento que deve nos mostrar o caminho certo.

Em seu oratório, dissemos que devíamos encontrar três desenhos, são dois símbolos e um aide-mémoire. No esoterismo, o símbolo é importante porque durante uma longa parte de nossa evolução a comunicação "intelectual" entre nossos diferentes níveis de consciência só pode ser feita por meio dele. É importante tentar aumentar a harmonia, o entendimento entre esses níveis porque, dessa forma, nossa Consciência Superior usa seus próprios poderes para nos ajudar em nosso caminho. Portanto, temos dois símbolos para usar. Um indica o objetivo que nos propomos alcançar e o outro mostra os meios utilizados para alcançá-lo.

É bom que cada um redesenhe esses símbolos. Assim como a escrita nos permite fixar uma ideia, redesenhar um símbolo a fixa em nossa consciência.

O hexagrama consiste em dois triângulos entrelaçados. O entrelaçamento é o sinal da união dos dois mundos. É também um dos símbolos da Pedra Filosofal, a Consciência do Ser no homem. Só este estado garante um poder de transmutação que permite a Grande Obra. É por isso que se diz que só Deus dá o segredo.

A meditação neste símbolo harmoniza o trabalho de nossas duas consciências na direção desta realização.

O círculo dos quatro Elementos simboliza os métodos que utilizamos, ou seja, a produção da quintessência através do equilíbrio dos quatro Elementos:

A quintessência, no centro, é simbolizada pelo signo de Mercúrio.

O semicírculo superior não é o símbolo da lua, mas o da alma: um semicírculo porque semi-manifestado.

O círculo é o símbolo do espírito, em certo sentido o símbolo da alma, aqui totalmente manifestada e que une os dois mundos.

A parte inferior, a cruz, simboliza tanto a lei da dualidade necessária para a evolução quanto o corpo humano que autoriza seu uso.

Em nosso diagrama dos centros sefiróticos, o símbolo de Mercúrio está no nível da garganta. É também o símbolo da Palavra, das palavras de Poder.

O Mercúrio Filosófico é a verdadeira entrada para o reino alquímico. É ele, Thoth ou Hermes, o Magus que abre o primeiro mundo mágico de Hod em Yetzirah. Sem o Mercúrio Filosófico não é possível a dissolução alquímica dos metais.

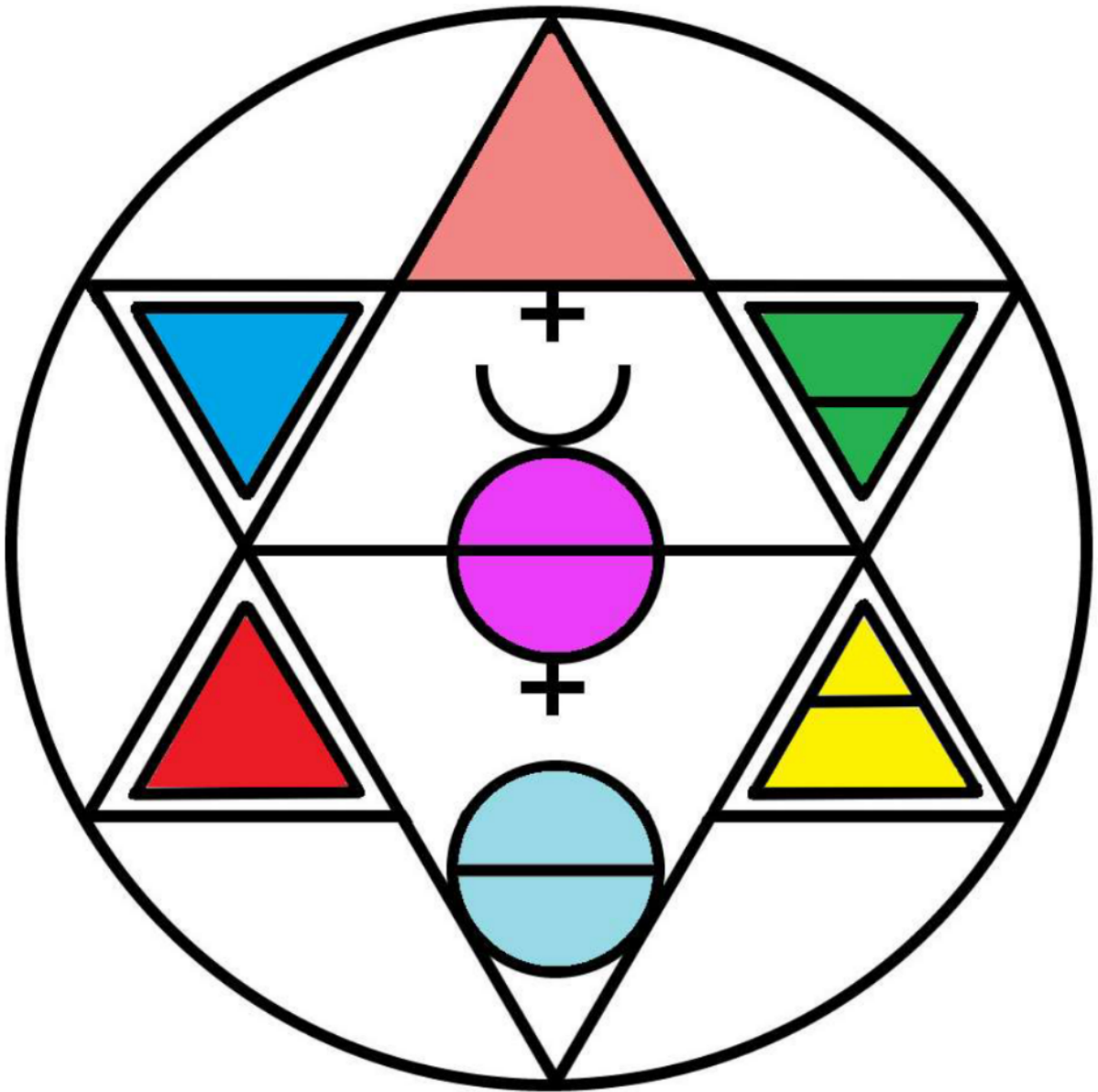
Vamos dedicar algumas lições a esses vários pontos que depois estudaremos em detalhes.

Em seguida, discutiremos o desenvolvimento e controle do poder de transmutação e sua aplicação aos elixires. Isso nos fará realmente iniciar a espiral evolutiva porque nossa força crescerá e nossos elixires também aumentarão, um reagindo ao outro e assim acelerando a ascensão.

Finalmente, examinaremos certos aspectos da astrologia sagrada e da alquimia, e certos usos de elixires destinados a obter resultados particulares do mais alto interesse.

Ora et Labora!!

Anexo:



Lição 33: Destilação do Vinagre, Vinagre Nitroso

Já tocamos no problema da vida. Mas é bom cavar mais fundo. A alquimia é uma química da vida, Enxofre, Mercúrio, Sal, Alma, Espírito, Corpo. Deve ser entendido que a vida é um elemento da ordem divina. Como a própria essência da Divindade, é onipresente; é uma pressão existente em todo o universo e que se manifesta assim que as condições são reunidas.

As experiências no GUR, para quem já fez ou vai fazer, demonstra o que foi dito acima.

Se o homem pudesse construir uma célula idêntica à célula viva em sua estrutura física e se nela incorporasse o Mercúrio e o Enxofre de seu reino, ali surgiria a vida. Depois de ter estudado o exposto, todos entenderão que, no plano ético, é necessário ser consciente, equilibrado e conhecer bem a manipulação de tinturas e menstros que são os líquidos que contêm Enxofre e Mercúrio.

DESTILAÇÃO DO VINAGRE

O que dissemos acima provavelmente encorajará muitos estudantes a fazer a destilação do vinagre. Eles perceberão que esta operação não é tão fácil quanto parece. A água ferve a 100° , o ácido acético puro a 117° . A diferença entre os dois líquidos é grande, quase tanto quanto para o álcool que ferve a 78° , ou seja, 22° de diferença. Para entender o que está acontecendo, damos a seguir algumas noções teóricas de destilação. A dificuldade não depende da diferença de ponto de ebulição dos produtos puros, mas do comportamento da mistura dos produtos ou de seus vapores. Numa mistura de dois líquidos, a temperatura de ebulição, onde surge a primeira bolha, é inferior à temperatura de condensação do vapor na mistura. Em um líquido puro, essas duas temperaturas são iguais. É a diferença entre este ponto de ebulição e este ponto de condensação que torna a destilação mais ou menos fácil.

Vamos dar um exemplo. Quando a diferença entre a temperatura de ebulição e a temperatura de condensação torna-se zero, o que pode ocorrer em uma mistura quando suas proporções variam, a separação por destilação torna-se impossível. É o que acontece quando o álcool atinge 96°5 por cento na mistura. Por isso é necessário absorver a água por meio de um produto químico, ou reduzir a pressão dos vapores por vácuo, o que provoca uma diferença de temperatura entre a ebulição e a condensação; a separação torna-se possível novamente.

No caso do vinagre, ou seja, água e ácido acético, há sempre uma diferença mas é sempre muito pequena, pelo que a destilação é muito delicada.

Seja qual for o método usado, uma primeira destilação é necessária. Propõe apenas separar a mistura água-ácido acético dos demais elementos. Deve ser feito com o mínimo de refluxo, seja com retorta ou com balão e condensador simples. Quando já passaram três quartos do líquido, muitas vezes é necessário trocar o balão receptor para monitorar o aparecimento da menor cor. Interrompemos a operação assim que o resíduo for um mel espesso e assim que o líquido coletado estiver levemente colorido.

Primeiro método

Um aparelho de destilação com um refluxo muito grande é instalado, ou seja, uma esfera de Kjeldahl e depois uma ou duas grandes esferas de refluxo. A destilação deve ser muito lenta, e a fase de condensação do vapor ligeiramente visível deve ser logo após as esferas. O líquido é coletado em pequenos frascos. Por exemplo, se destilamos um litro de vinagre, levamos 5 ou 6 garrafas de cerca de 200 cm³. O grau de acidez de cada garrafa é anotado no hidrômetro. Notamos que os dois primeiros praticamente não contêm ácido, mas que o grau aumenta à medida que a operação avança. Temos frascos com 10 e 12% de ácido, outros com 8%, outros com 5%. O conteúdo daqueles em 2 ou 3% pode ser descartado. Depois misturamos os mais de 10%, depois os que estão entre 10 e 7%; aqueles entre 7 e 4% são misturados com o vinagre das primeiras destilações.



Esfera (ou Armadilha) de Kjeldahl

Iniciamos a operação novamente carregando nosso aparelho com 10-12% de vinagre. Seleccionamos novamente as diferentes porcentagens de ácido, mas desta vez elas são maiores. Em geral, durante a terceira destilação de refluxo, obtêm-se percentagens entre 20 e 30%, o que é, em geral, suficiente em particular para a purificação e revitalização de um metal. Veremos mais adiante que a presença de água é necessária nessas operações e que não adianta eliminá-la.

Segundo método

Consiste em encontrar um corpo capaz de absorver água sem reagir com o ácido. Infelizmente, não existe em corpos sólidos comuns, mas um vapor resolve esse problema por destilação.

No entanto, este líquido tem duas desvantagens graves, e só recomendamos este método para aqueles que estão muito bem equipados e bem versados em química: os vapores em questão são tóxicos e facilmente explosivos.

Este método requer dois frascos, um contendo o vinagre da primeira destilação, o outro contendo acetato de etila.

Os vapores do vinagre são enviados para a jaqueta de um refrigerador cuidadosamente isolado termicamente, de modo que esteja a uma temperatura de 100°. Então esse vapor é injetado na parte superior do cooler, desta vez no interior, junto com o vapor etílico. No fundo do condensador, colocamos um balão e um tubo de saída lateral. O balão deve ser mantido a 100-105° por um banho de óleo, por exemplo, ou água fervente sob leve pressão.

Os vapores são então enviados para um segundo resfriador que normalmente é resfriado.

No balão aquecido, o ácido se condensa na forma de um ácido totalmente puro, chamado de ácido gelado.

No segundo condensador, a mistura água-acetato condensa. Como água e acetato não são miscíveis, o acetato é recuperado por simples decantação e pode ser usado indefinidamente. No entanto, é necessário contar uma perda de alguns por cento a cada ciclo.

Vinagre Radical dos Antigos

De um forno, as aparas de cobre são oxidadas (óxido preto) com as quais uma garrafa é enchida. Vinagre tinto comum, não destilado, é derramado sobre ele. Deixe macerar por uma ou duas semanas, filtre o vinagre. Ele é evaporado e cristais verde-azulados de acetato de cobre são coletados.

Quando a quantidade de cristais é suficiente, eles são cuidadosamente secos aquecendo-os a 105-110° por um tempo razoavelmente longo. Os cristais são então destilados a seco em uma retorta, por exemplo. É recolhido um líquido ligeiramente azulado que se torna perfeitamente branco na segunda destilação. É o radical Vinagre dos Antigos.

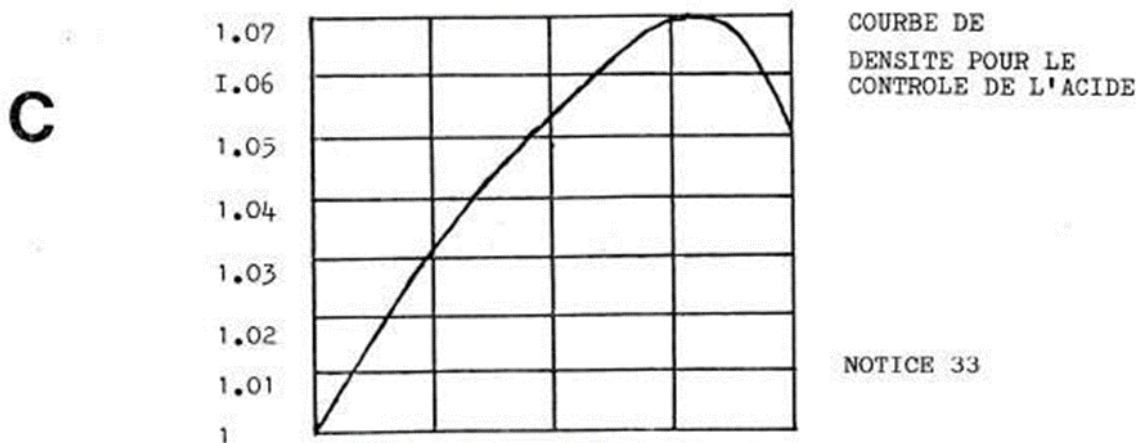
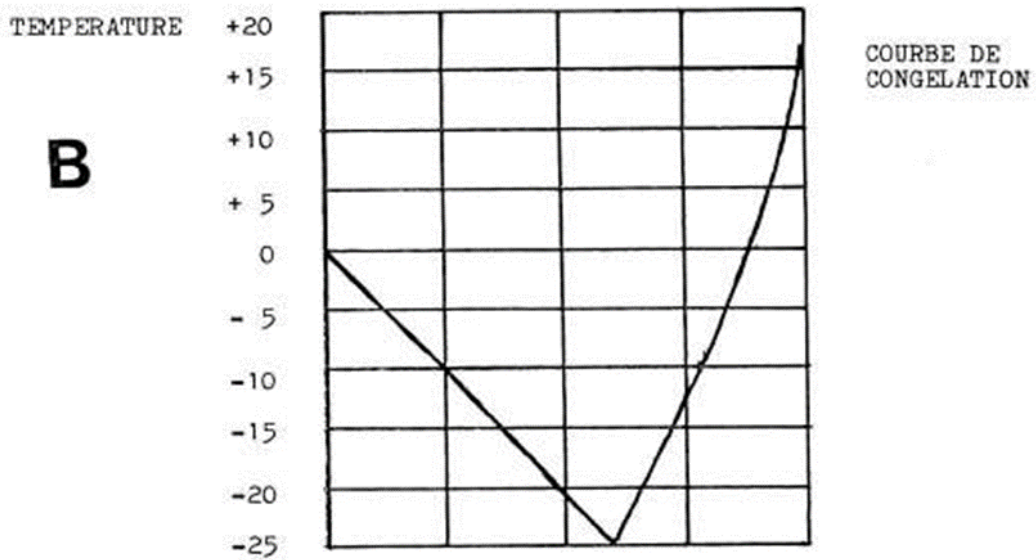
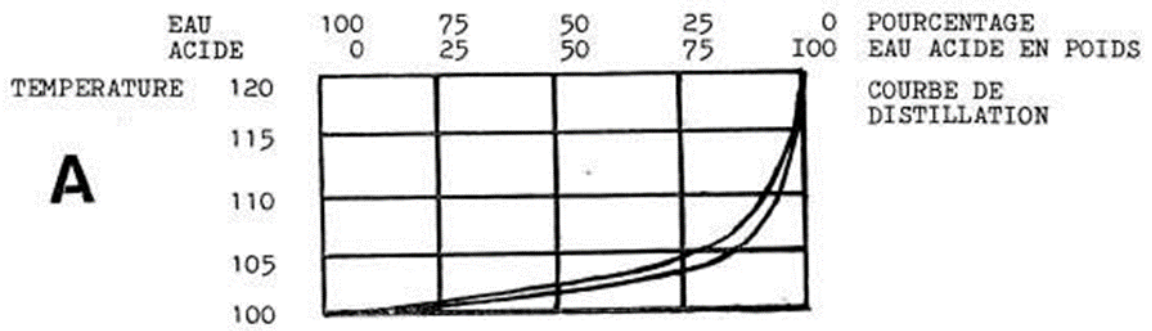
O pó de cobre é recuperado, oxidado novamente e o ciclo pode recomeçar.

Algumas pequenas mudanças neste procedimento também produzem o Enxofre Alquímico do Cobre. O ácido acético, assim como a amônia, são corpos cujo comportamento é anormal, para a química clássica.

Vejamos o último processo usado pelos antigos para fortalecer o vinagre. Eles fizeram isso congelando o vinagre no inverno. No entanto, o processo é delicado, mesmo com nossos aparelhos modernos. Em uma geladeira, a temperatura não é baixa o suficiente e, em um freezer, o resfriamento é muito energético. O princípio consiste em congelar o vinagre que passou por uma primeira destilação. Deve arrefecer lentamente e, com uma colher de pau, ir recolhendo os cristais que vão aparecendo à superfície. Se o vinagre for resfriado em um prato colocado em uma bandeja de resfriamento, é muito importante mexê-lo constantemente. Pequenos frascos de vidro são preenchidos com os cristais, por exemplo, dez frascos para um litro de vinagre congelado. Medimos as densidades e recomeçamos com as mais densas. No início, os primeiros potes são os mais fracos em ácido, a partir daí, os primeiros cristais são os mais fortes em ácido; isto é ilustrado pelas curvas que dão as várias características da mistura água-ácido acético (ver ilustração abaixo).

Diagrama da destilação do vinagre (e legenda)

DIAGRAMME POUR LA DISTILLATION DU VINAIGRE



A curva de destilação mostra que a separação é muito difícil, especialmente em porcentagens muito baixas de ácido.

A curva de congelamento mostra a anomalia do ácido acético e o fato de que a -25° e para 60% de ácido, o fenômeno é inverso. O ácido puro congela a $+17 + 18^{\circ}$.

A curva de densidade do ácido reverte para 80% de ácido. Na área de densidades entre 1,05 e 1,07%, é possível um erro, existem duas porcentagens diferentes para uma mesma densidade.

Nota: Estas curvas assumem que o vinagre foi pré-destilado e agora é apenas uma mistura de água e ácido acético.

Fortalecimento do vinagre pelo frio

Textos alquimistas alemães dizem que o vinagre é preparado no inverno. Depois de tentar vários métodos sem sucesso, chegamos ao seguinte método:

- Compre vinagre em uma garrafa de plástico ou despeje-o em garrafas de plástico se você mesmo fizer isso.
- O nível do líquido deve atingir no máximo 2 ou 3 cm abaixo da parte cônica da garrafa.
- Coloque a garrafa no congelador. A temperatura será de pelo menos 18 graus negativos, sendo 25 graus negativos o ideal (ver curva B).
- Deixe a garrafa por pelo menos 12 horas no congelador.
- Retire e coloque o gargalo da garrafa virado para baixo em um frasco (um Erlenmeyer graduado em capacidade é muito prático). Logo, um líquido vermelho escuro começa a fluir.
- Tirar o líquido, de preferência a cada 100 ou 150 cm³.
- De seguida misturar as várias trasfegas de cada garrafa; o primeiro junto, o segundo junto, etc.
- Assim que a massa de sorvete dentro da garrafa ficar branca, pare de trasfegar. O líquido transparente para derreter gelo tem pouca utilidade, pouca utilidade e pode ser jogado fora.
- Quando várias garrafas tiverem sido tratadas desta forma, misture as primeiras trasfegas e deite-as numa garrafa de plástico.
- Proceder da mesma forma com as segundas trasfegas numa segunda garrafa e assim sucessivamente com as seguintes. Não é necessário ter mais de quatro estantes diferentes.
- Coloque as garrafas no congelador e comece de novo.
- Meça o peso específico do líquido vermelho e reserve qualquer líquido com peso específico maior que 1,05.

Atenção: A partir do segundo congelamento, a concentração ácida de parte do líquido é tal que pode queimar a pele. A destilação simples produz um vinagre forte o suficiente para quase todas as nossas aplicações. Caso contrário, a concentração do ácido deve ser continuada pelo método do acetato de cobre.

Vinagre nitroso

Sendo a destilação feita com secura ou, mais cautelosamente para o material, com mel, é calcinada a alta temperatura e o sal assim obtido é misturado várias vezes com o vinagre destilado para que seja considerado nitroso. O sal não passa até por volta da 15ª coobação mas, em geral, não é necessário ir tão longe; 5 ou 6 coobações são suficientes pelo menos para a planta.

Nota: O vinagre de vinho comercial provavelmente é tratado quimicamente porque dá muito pouco sal. Se quiser ter muito sal, é melhor fazer você mesmo o vinagre e incorporar a "mãe" ao mel antes de calciná-lo.

Já demos quase todos os elementos práticos que permitem o controle do reino vegetal. No entanto, a planta drósea será objeto de um estudo mais aprofundado. Também tomamos a liberdade de recomendar o manto da senhora, a planta dos alquimistas, em seu trabalho.

Achamos que é muito importante para o resto do nosso curso ter um conhecimento profundo da teoria alquímica.

Muitos autores falam de várias maneiras e as descrevem, mas na forma de receitas culinárias obscuras. O conhecimento aprofundado da teoria e uma certa experiência prática adquirida nas plantas permitem que cada um escolha o caminho que mais lhe convém. O respeito pelos princípios alquímicos naturais não é de forma alguma incompatível com uma multiplicidade de caminhos.

Um conhecimento teórico aprofundado autoriza mesmo cada um a imaginar o seu próprio caminho, aquele que lhe convém, seja por gosto, seja por condições externas, seja por disposições próprias.

Ora et Labora!!

Lição 34: Efeitos Espirituais dos Elixires, Princípios dos Experimentos

Se usamos regularmente os sete elixires planetários, as energias vitais devem fluir mais livremente dentro de nós. Devemos então:

- Aumentar as correntes energéticas em nós,
- Direcionar essas várias energias de acordo com o uso que queremos fazer delas,
- Verificar o aumento dessas energias,
- Usar essas energias para melhorar nossos elixires.

Dissemos que o símbolo e ritos são o único meio de transmitir o conhecimento "intelectual" entre nossos vários planos de consciência. Além disso, os ritos são simplesmente símbolos aplicados e é graças a esses dois elementos que tentaremos aumentar nossas energias superiores.

Deve-se saber que o uso do símbolo ou do rito tem apenas um interesse momentâneo. Quando a função desejada é estabelecida, símbolos e ritos tornam-se inúteis. Também é inútil tentar aumentar as energias psíquicas antes que, por meios físicos, tenham sido eliminados os obstáculos físicos que as bloqueiam.

Nós expomos a situação ideal, mas cada um deve se adaptar ao que é dito de acordo com as condições materiais que lhe são específicas.

O símbolo a usar neste caso é o do círculo dos quatro elementos que é melhor desenhar você mesmo. Se tivermos um oratório, instalamos ali o símbolo e, na frente dele, temos as duas velas acesas. O símbolo pode ser colorido: o centro de Mercúrio em roxo, o círculo em amarelo; depois os elementos Fogo em vermelho, Ar em amarelo, Água em azul e Terra em verde.

Mercúrio é o símbolo de Hermes, Toth, do poder em Yetzirah, o mundo lunar. A Alquimia Vegetal é lunar; ele, portanto, pertence ao mundo de Yetzirah e a sefira Hod é a chave para ele.

Nesta primeira fase nos concentramos na energia que se concentra no centro violeta e de lá flui em nossa direção. Devemos nos sentir gradualmente invadidos por essa energia que será distribuída em nosso corpo. No entanto, deve estar mais presente no "centro do dia". Se nos referirmos ao nosso diagrama dos centros sefiróticos (Lição 32), veremos que no sábado o centro de Saturno será particularmente influenciado, na terça-feira o de Marte e assim por diante durante a semana.

Devemos ser passivos, porque quando a energia nos dá um sentimento de graça, de santidade, de bem-estar, ela nos purifica e nos fortalece. Após este momento, podemos pegar em nossas mãos o frasco do elixir do dia e, olhando para o signo do planeta, podemos nos concentrar para transmitir ou pelo menos tentar transmitir, nossa energia ao elixir.

Para ser eficaz, este exercício deve ser precedido por uma purificação antes de cada meditação. A purificação deve envolver todos os veículos espirituais, mentais e físicos. A conquista material pode variar de tomar banho até a simples lavagem das mãos. Beber um pouco de água pode ser o símbolo da lavagem interior.

Se fizermos este exercício para a luação da primavera, devemos jejuar pelo menos um dia antes do final das quatro semanas.

Durante este exercício, a energia pode criar um vínculo entre nós e o cósmico e, assim, pode se manifestar na forma mística do "noivado alquímico". O "casamento" é um estágio posterior do reinado metálico. O noivado tem uma chance máxima de ocorrer na luação que precede ou segue o equinócio da primavera.

Este fornecimento de energia aos elixires deveria aumentar a sua potência mas, na realidade, os elixires não conseguem fixar esta energia que se perde no intervalo de uma semana. O problema é, portanto, ser capaz de corrigi-lo. Existem apenas dois corpos que permitem essa fixação.

O primeiro é ouro. Um pequeno pedaço pode ser cortado de folha de ouro batido. Esta peça é introduzida no elixir. Você também pode obter um pouco de tricloreto de ouro que é solúvel em água. Dissolva alguns miligramas em um litro de água e tome uma ou duas gotas para cada elixir. Um casal pode usar essas essências.

O sangue humano fixa as energias, é preciso muito pouco, uma gota em 100 cm³ de água e uma a duas gotas deste preparado em cada elixir. Mas, neste caso, o elixir é estritamente pessoal de quem forneceu o sangue. Um casal não pode, portanto, usar esses elixires.

Este tratamento eleva consideravelmente a ação dos elixires, deve-se estudar seus efeitos e as conseqüências de sua mistura para agir com conhecimento de causa.

Examinemos agora o aspecto exclusivamente cabalístico deste problema, aspecto cujo interesse só se manifestará mais tarde.

- Saturno rege o elemento Terra
- Júpiter rege o elemento Água
- Marte rege o elemento Fogo
- Vênus rege o elemento Ar
- Mercúrio rege a quintessência ou Arquivos da Natureza
- A Lua rege o nível astral
- O Sol rege o mundo cabalístico de BRIAH.

Na Alquimia, uma planta de Saturno dará um elixir favorecendo o elemento Terra no corpo humano. Da mesma forma, a tintura de chumbo, o metal de Saturno, atuará sobre o elemento Terra, mas de forma muito mais enérgica que o elixir vegetal.

Efeitos de elixires

Examinemos os efeitos dos elixires um a um sem esquecer que, por conterem os elementos da vida, atuam sobre os corpos humano, físico, astral, mental, espiritual e que há uma rearmarização desses corpos entre s e com a esfera em questão.

O Sol afeta todas as fases positivas da manifestação. Revela a nós mesmos que somos uma entidade em evolução. Ajuda-nos a perceber que somos uma unidade individual evoluindo entre outras unidades; ela nos ajuda a sintetizar e harmonizar nossos objetivos com os do macrocosmo. Fortalece o ego, mas para propósitos divinos. O Sol é altamente recomendado para qualquer pessoa com complexos de inferioridade. Nos fortalece e nos permite superar nossas possibilidades. Também representa a consciência de Tiphereth ou Osíris no homem. Representa Hércules e sua força monumental e pode dar aos fracos a força e a vontade de empreender os trabalhos de Hércules. Para aqueles com inclinação mística, pode capacitar e despertar a consciência dos propósitos divinos no sistema solar e da vontade divina em manifestação. O Sol também dá ambição, coragem, dignidade e autoridade. Representa a energia criativa no sistema solar. Seu princípio de vitalidade pode nos permitir ter energia suficiente para sair de um período de apatia ou desânimo.

A Lua atua poderosamente no subconsciente. Ajuda a realizar os desejos das pessoas envolvidas em pesquisas psíquicas ou iniciáticas por meio da hipnose ou auto-hipnose. Essa ação no subconsciente ajuda a se livrar de hábitos nocivos. Para os interessados em pesquisas de vidas passadas, permite que a consciência assuma o controle do espaço-tempo. O Alquimista pode assim obter uma visão clara de suas experiências passadas e entender as razões de algumas de suas ações que o mundo moderno não consegue explicar. Se devidamente carregados e imbuídos de elixires da lua, eles podem diminuir rapidamente a força do karma e até mesmo eliminar completamente todos os seus efeitos negativos. Essas essências são uma importante ajuda para a projeção astral; pois a Lua é o regente deste reino e desperta para as formas, funções e regras do astral. A Lua interessa ao lar, ao meio ambiente e à vida familiar. A modificação que ele traz para a aura nos faz suportar melhor a multidão e nossa ação magnética sobre ela torna-se mais sensível.

Mercúrio: seus elixires e tinturas atuam sobre o intelecto humano. Mercúrio dá, por um lado, uma mente afiada com amplos recursos, por outro lado, faculdades de raciocínio profundo. Mercúrio também dá a capacidade de reunir ideias e fatos para fazer uma síntese. Mercúrio é adequado para quem tem complexos intelectuais, escritores, oradores, etc. No nível oculto interior, Mercúrio está ligado à sefira da garganta, a do poder da Palavra. Mercúrio realiza a dinamização dos nossos pensamentos, das nossas palavras, realizando-as ao nível dos Arquivos da Natureza. No homem, Mercúrio cria um elo entre o microcosmo e o macrocosmo e permite que ele realize conquistas nas esferas do plano mental. O importante valor do símbolo THOT-HERMES é perfeitamente realizado através dos elixires de Mercúrio. THOT é o Magus que pode atuar sobre a Natureza assim que acessa a Sefire Hod. HERMES é o Alquimista que dá os meios de acesso à referida esfera.

Júpiter: seus elixires e tinturas são benéficos. Eles são os curandeiros naturais do sistema solar; eles fortalecem a saúde. Júpiter desperta a compreensão da mente a partir da perspectiva cósmica. Do ponto de vista esotérico, revela as leis das religiões, o significado das cerimônias. Em geral, Júpiter favorece a saúde, a riqueza, a espiritualidade. Se os elixires forem carregados alquimicamente, o Alquimista pode entrar na esfera da legalidade do macrocosmo e tornar-se capaz de compreender os chamados princípios do "Tetragrammaton" o verdadeiro nome de Júpiter. Júpiter também representa graça, compreensão divina no sistema solar.

Marte: seus elixires e tinturas fortalecem a função de "alma animal" do homem em todos os seus aspectos. A sefira de Marte desenvolve todos os elementos envolvidos na luta pela sobrevivência e também o instinto de autopreservação. Marte pode desenvolver paixões e fortalecer o tônus muscular. Do ponto de vista esotérico, os elixires e tinturas de Marte são "Akasha" em ação. A experiência mística de Marte é a do conhecimento do espaço-tempo como consequência da ação do Pentagrama. No nível físico, Marte promove a telecinesia.

Vênus: seus elixires e tinturas afetam principalmente as qualidades magnéticas do ser. Vênus dá a possibilidade de ser atraente, independente dos aspectos físicos. Provoca um refinamento dos sentidos e a sensação de beleza. Nesse sentido, Vênus é uma grande ajuda para quem quer trabalhar nas artes. Vênus aumenta a imaginação como resultado de uma melhor sensibilidade às influências astrais que proporciona. Facilita um melhor relacionamento com os outros e uma espécie de harmonia interior devido ao seu efeito de equilíbrio nas vibrações da aura. Se as tinturas ou elixires de Vênus forem devidamente carregados, eles abrirão o reino astral para a consciência em relação ao trabalho e às forças da Natureza. Isto concerne mais particularmente ao Alquimista que deseja trabalhar no domínio vegetal. Vênus abre para ele as esferas secretas deste reino.

Saturno: seus elixires e tinturas fortalecem as estruturas da vida. Saturno dá estabilidade, permitindo-nos ver as limitações cármicas que nos afetam. Saturno dá firmeza, solidez e realismo, diplomacia e paciência. Dá uma maior capacidade de trabalho no plano físico. Os experimentos da sefira de Saturno dizem respeito às leis de causa e efeito, carma e leis físicas. Saturno é aconselhado para obter força para completar o trabalho físico.

Misturando elixires:

- Sol: Espiritual, mental, força positiva
- Lua: Subconsciente, junção do corpo e alma
- Mercúrio Intelecto, compreensão, poderes internos
- Júpiter: Dignidade, elevação mental
- Marte: Força, Disciplina, paixões
- Vênus: Sensibilidade, radiância
- Saturni: Constituição e Aparência Física

Cada uma dessas descrições dá o princípio geral da ação de cada elixir. Alguns exemplos facilitarão a compreensão do que pode resultar das misturas.

Marte tem o privilégio de reforçar a ação de todos os outros sem alterar significativamente sua orientação.

A mistura de Saturno com qualquer outro elixir aumenta sua ação no plano terrestre.

Uma mistura das essências do Sol e de Júpiter dá acesso ao plano mais elevado de evolução e, assim, fornece uma visão profunda dos princípios filosóficos e seu papel no esquema cósmico. O Alquimista também pode entrar em contato com os mestres do passado, receber seus ensinamentos e ser capaz de ensinar por sua vez. No nível material, essa mistura combate a depressão, induzindo à alegria.

Uma mistura dos elixires de Marte e do Sol dá um poderoso tônico tanto material quanto mental.

Uma mistura dos elixires de Mercúrio e Marte reforça os efeitos de Mercúrio e facilita a expressão do pensamento e manifestação de poderes psíquicos (telecinesia, por exemplo).

Uma mistura dos elixires de Mercúrio e do Sol aumenta a capacidade de emissões mentais e compreensão de leis elevadas

Uma mistura dos elixires de Mercúrio e da Lua aumenta a capacidade de receptividade telepática e psíquica.

A mistura Saturno-Mercúrio pode levar diretamente ao conhecimento oculto porque o Mercúrio de Saturno contém karmicamente todo o conhecimento da Natureza. Pela mesma razão, o Mercúrio Filosófico extraído de Saturno abre o Templo Alquímico metálico.

Você também pode misturar três elixires, por exemplo:

- Saturno + Mercúrio + Lua: para revelações sobre a Alquimia Vegetal.
- Saturno + Mercúrio + Sol: para revelações sobre a Alquimia Metálica.

Ora et Labora!!

Lição 35: Uso dos Poderes, Saúde, Descrição, Imparcialidade, A Vida Alquímica

Com os elementos que lhe foram dados, você pode realizar um verdadeiro trabalho alquímico. Também indicaremos outros processos, entre outros um que permite controlar a evolução do poder de transmutação.

Acreditamos que aqueles que seguiram seriamente este trabalho podem agora estar se aproximando de uma fase crítica interessante. Julgamos útil neste momento fornecer uma série de bases teóricas e conselhos práticos, cujo aprofundamento é essencial nesta fase do trabalho.

PODERES

Vamos primeiro ver o que são “poderes”.

Ninguém é alquimista sem ser mágico, mas a ligação entre esses dois aspectos esotéricos do homem deve ser seriamente estudada.

Deve-se saber que todos os poderes esotéricos são atributos da vida: eles estão contidos em todos os seres vivos. Um experimento feito por um físico francês (Kervran) ilustra parte de nossa afirmação: uma galinha é alimentada sem cálcio, mas com uma dieta rica em mica. A galinha continua a botar ovos mas, com o tempo, o peso das cascas depositadas é maior que o do esqueleto do animal. Esta observação elimina a hipótese de que o cálcio nas cascas vem do esqueleto da galinha. A única explicação possível é que a mica foi transmutada em cálcio pelos poderes internos do animal.

Esses mesmos poderes alquímicos existem no homem. De fato, sem esses poderes, um pouco de bom senso mostra que somente um controle muito rígido da alimentação permitiria a continuação da vida. Deve-se acrescentar que esses poderes internos do corpo do homem são totalmente independentes de sua vontade cerebral. Apenas o que geralmente é chamado “inconsciente” tem uma ação sobre esses poderes. Esse inconsciente deveria ser chamado de nosso “hiper consciente”, ele é o nosso Enxofre. É a deficiência do nosso Mercúrio que faz com que a ligação do Enxofre, a Consciência Superior, com o nosso Sal, a Consciência Cerebral, não seja feita.

A má circulação de energias nas sete Sephiroth, de Binah a Yesod inclusive, faz com que esses poderes não tenham a força e o poder que normalmente deveriam possuir; esta falta de energia está na raiz de todos os incidentes de saúde. Qualquer verdadeira ação medicinal, seja qual for o método utilizado - acupuntura, homeopatia, alopatia, espagíria, alquimia - é de fato:

- uma compensação por uma contribuição direta do produto deficiente que não foi criado pela transmutação interna,
- ou algo para atuar na restauração do poder de transmutação interna.

Usamos o termo “poder interno” porque, para quase todos os seres humanos, esse poder atua apenas dentro do corpo e apenas por quando instigado pelo inconsciente.

O objetivo do nosso trabalho é duplo: tentar exteriorizar esse poder para que atue fora do corpo, e restabelecer gradualmente o vínculo entre a Consciência do Enxofre e a Consciência do Sal, para que nosso intelecto cerebral possa atuar sobre esse poder.

Esse ponto teórico explica parte de nossas escolhas, inclusive a de um estudo sobre plantas.

Esse poder que está dentro de nós é normalmente usado apenas no aspecto alimentar de nossa vida. Portanto, já somos treinados em transmutações vegetais. É improvável que uma externalização desse domínio nos perturbe. É por isso que explicamos no início de nosso curso que a transmutação de plantas é mais fácil do que qualquer outra e que os erros terão reações mínimas no operador.

Também insistimos que nosso equilíbrio interior não é apenas importante, mas também essencial em todas as áreas. Devemos equilibrar teoria e prática, espiritualidade e materialismo, e exercer vigilância vigilante sobre nós mesmos e auto-análise constante de nosso estado físico, intelectual, psíquico e mental. Esse equilíbrio também é necessário em nossa personalidade interior. Nosso Enxofre, nossas Energias vitais superiores cuidam disso. Nosso Enxofre não permitirá que o poder de transmutação se desenvolva sem desenvolver os outros poderes esotéricos do homem. Essas outras funções não atingirão imediatamente o nível do que estamos trabalhando, mas serão reativadas.

Grandes poderes se manifestarão dentro de nós, mas momentaneamente não os perceberemos. É por meio de uma observação rigorosa do que está acontecendo ao nosso redor que o perceberemos. Não há caminho possível, nem de Iniciação nem de Reintegração, se não se aceita o fato dos poderes. Tentaremos estabelecer com a maior clareza possível a melhor conduta diante desse problema.

Tomemos um caso bastante típico desses poderes inconscientes. Aconselhamos você a monitorar cuidadosamente os eventos ao seu redor. É então possível que você perceba que em um determinado ramo de negócios, as dificuldades que o incomodam desaparecem, contra todas as possibilidades materiais e muitas vezes de forma agradável, mas diferente do que você queria. É provável que uma faculdade interior tenha restabelecido contato suficiente com o intelecto cerebral. Nenhuma dessas faculdades é universal. Além disso, quando esses fatos começam a aparecer, eles estão todos em uma área. É provável que o setor em questão seja o da atividade de um planeta. É comparando o conjunto de fatos e atribuições psíquicas ou materiais de um planeta em que se situa o campo de ação. Se a localização for clara, é possível deduzir o nome da Sefira que atua. Podemos então, por uma questão de equilíbrio geral, diminuir por exemplo seu elixir correspondente.

Após a absorção do elixir, uma simples concentração durante o dia planetário correspondente pode novamente produzir uma manifestação de poder desperto. Mas não devemos seguir esse tipo de experiência sem ter certeza de que eliminamos o lucro e o sentimentalismo em nós mesmos. Entendemos por lucro não apenas um tipo de ganância, mas o uso de funções esotéricas para fins práticos. Este uso não é o objetivo do nosso trabalho.

O uso prático dos poderes despertados só pode ser muito ocasional, e só se arriscará depois de longas meditações destinadas a tentar saber se esta intervenção se justifica.

Não são as considerações ou aspectos humanos que precisam ser estudados neste caso. A utilização das energias divinas da vida é apenas para fins divinos, para atos que auxiliam a evolução do homem, não devendo tender para outras motivações. Apenas um experimento de controle é permitido; assim tudo está reservado para o Serviço.

SAÚDE - DISCRIÇÃO - DESINTERESSE

Antes do estudo dos elementos e das pedras alquímicas, vamos primeiro abordar três problemas que nos permitem refletir sobre a situação da Alquimia no mundo moderno.

O primeiro problema é a saúde. Se você leu "A Carruagem Triunfal do Antimônio" de Basile Valentin, deve ter notado que entre as doenças tratadas com extratos fixos de antimônio, Basile cita o câncer. Suponha que você seja capaz de produzir este extrato e a afirmação de Basílio esteja correta, você tem certeza de que o segredo será bem guardado, mesmo que o objeto de seus cuidados seja alguém próximo a você? Imagine a fila de pacientes e os problemas com as autoridades médicas que uma indiscrição poderia desencadear. Além disso, é provável que o extrato de que fala Basílio só possa ser produzido por um alquimista, excluindo qualquer aplicação industrial. Você então dedicaria todo o seu tempo a cuidar de duas ou três pessoas doentes. E a reação dos outros não te preocupa?

Esperamos que você tenha uma mente observadora e que no Solve-Coagula você tenha examinado como os cristais são formados. Quando um corpo é dissolvido em um líquido e este líquido é lentamente evaporado, ou mesmo simplesmente resfriado, formam-se cristais. Segundo Hollandus, o solvente universal, ou seja, o Mercúrio Filosófico, dissolve todos os corpos minerais simples e não dissolve o vidro porque é um corpo composto artificial.

Vamos ao segundo ponto. Suponha que você obteve este Mercúrio e, seguindo o conselho dado pelo Conde de Saint Germain em um de seus manuscritos, você adicionou uma ou duas gotas de óleo de Mercúrio (Mercúrio Enxofre). Este líquido será capaz de dissolver tanto grafite quanto silício. O óleo de Mercúrio é o que garante a cristalização durante a evaporação do líquido (Thoth-Hermes).

Suponha que a escrita de Saint-Germain seja autêntica e que você tenha o óleo, o mercúrio e o grafite. Você terá então um cristal branco e transparente, um diamante bruto. Seria imprudente levá-lo a um lapidário. Os círculos de diamante seguem regras rígidas. Você não será capaz de explicar a origem da pedra. Por precaução, se você estudar a fabricação de pedras preciosas pela via alquímica, não deve pensar em vendê-las ou doá-las. A natureza não criou as pedras preciosas para dar a algumas pessoas satisfações de prestígio ou dinheiro. Esta criação tem um propósito utilitário. Assim como cada tipo de elixir é consagrado a um centro sefirótico, cada pedra afeta um desses centros. O centro será pouco afetado se a pedra estiver morta ou se tiver pouca radiação; mas se for de fabricação alquímica recente, sua radiação é muito importante e o centro é fortemente afetado. O alquimista que criou esta pedra arcará com seus efeitos. Se ele não for capaz de suportá-los, ele não será capaz de fazer a Pedra. Se ele o der a uma terceira pessoa, essa pessoa pode não ser capaz de suportá-lo. Ao contrário da lenda, não existem pedras

amaldiçoadas. Existem apenas pedras muito poderosas que processam muito rapidamente o Karma insuportável dos incautos que as usam sem saber.

Se você se dedica à fabricação de pedras, saiba que elas são transportadas em uma bolsa muito discreta quando você precisa transportá-las. Nesse ínterim, elas são trancadas em uma pequena caixa colocada no oratório e não são retiradas até que sejam usadas.

A terceira pergunta que deve ser feita diz respeito à Pedra Filosofal ou Pedra do Fogo. Suponha que você conseguiu criá-la. O que você fará com o ouro em nosso mundo moderno? Se você o levar a um negociante de metais preciosos, ele pode pensar que esse ouro vem do derretimento de jóias. Quanto ao grau de ouro, qualquer especialista pode pensar que o ouro foi purificado por copelação com antimônio. Portanto, você não poderá justificar a posse desse ouro.

Esses três exemplos nos mostram que o aspecto financeiro do lucro é delicado de satisfazer pelo processo da Alquimia

OS ELEMENTOS - OS PRINCÍPIOS - A VIDA ALQUÍMICA

Nesta lição e nas próximas, estudaremos mais a fundo o princípio dos elementos e da vida segundo a concepção alquímica. Isso é muito importante para a continuidade do nosso trabalho.

Para melhor acompanhar o que vamos dizer, seria bom voltar a ilustrações na Lição 25 e 12.

Não há vida nem morte, mas graus na intensidade da vida. Quando dizemos que a fusão do minério em metal mata a matéria do ponto de vista alquímico, significa que a intensidade da vida do minério caiu e, neste caso, o poder de geração no reino metálico desapareceu.

Na imagem da Lição 25, à esquerda estão as forças da vida e à direita as da matéria. Disso podemos tirar a seguinte reflexão: o conhecimento científico moderno é volátil porque a ciência atual, por imperativos ligados à evolução da raça, eliminou o aspecto metafísico da vida ao considerá-la um tanto como uma emanção do mundo físico-químico. Por outro lado, a Alquimia é um saber fixo pelo próprio fato de integrar os dois aspectos, sem dúvida porque é fruto de uma revelação.

A ciência viu o aspecto simétrico das estruturas da Natureza mas, como na nossa ilustração da Lição 25, só conhece o Sal da matéria. Para restabelecer o equilíbrio, ela inventa a antimatéria que, ao encontrar a matéria, produzirá uma explosão prodigiosa.

O Alquimista não nega esse aspecto simétrico, mas diz que a diferenciação é o que fez surgir a matéria, o Sal, e sua contraparte simétrica Nitro, a vida, e esse encontro não produz a prodigiosa explosão prevista porque a força primordial que divide o caos ocorre a todo momento e em todos os níveis. É esta força que se opõe ao retorno unitário primitivo e que, portanto, impede a explosão.

Os textos sânscritos dizem:

"Se Deus fechasse os olhos por um momento, por mais breve que fosse, toda a criação desapareceria imediatamente."

Acrescente-se que em nosso mundo físico, esta atração do Nitro-Sal é ainda atenuada pelas sucessivas diferenciações e uniões através dos elementos e dos princípios.

No desenho da Lição 12, o Enxofre é composto de Fogo e Ar, ou seja, dois elementos do Nitro da Vida.

Quando extraímos uma tintura e separamos o Enxofre, obtemos um corpo geralmente gorduroso. Este corpo não é Enxofre, mas o suporte material do Enxofre. Este óleo pode ou não ser filosófico. Se no óleo há realmente Fogo e Ar em alto grau, ou seja, esses elementos estão em um estado próximo ou idêntico ao que vem imediatamente após a diferenciação do Nitro, então, se seu suporte material estiver bem purificado, o Enxofre é Filosófico.

O Enxofre Alquímico se comporta em nosso trabalho como um super catalisador da química moderna. Ele modifica a reação sem poder perceber diretamente sua ação. É óbvio que essa comparação do Enxofre com o catalisador é apenas uma imagem porque, na realidade, o poder do Enxofre vai além da catálise. Seu verdadeiro poder é o da transmutação, que ele consegue jogando com as partículas dos constituintes elementares. O Mercúrio é a conexão dos dois mundos e contém os princípios sutis tanto do Sal quanto do Nitro. Mercúrio deve ser filosófico, ou não é mais Mercúrio. No nosso caso, deve ser mais "espermático". Ele então possui as energias necessárias para a geração em seu próprio reino.

Esses elementos existem na matéria "inerte", aquela que está em estado de repouso, a chamada matéria "morta", mas não estão lá no ritmo vibratório filosófico. Então, se comprarmos produtos do boticário, como diz Urbiger, eles não serão mais filosóficos, porque só os produzidos por um filósofo o são.

Ora et Labora!

Lição 36: Pedras Alquímicas, Pedras Vegetais, Pedras Minerais, Pedras Metálicas

Vamos agora estudar o ponto de vista do Alquimista no trabalho.

Quando operamos sobre a matéria e isolamos os Enxofres, os Mercúrios e as tinturas, não devemos perder de vista que não é o óleo, o líquido ou o sal branco que manuseamos, mas, através deles, seus elementos invisíveis: Fogo, Ar, Água. Se os elementos estiverem presentes no grau desejado, a matéria é filosófica e pode atingir o estado de corpo sublimado no sentido que os Antigos deram a esta palavra.

PEDRAS ALQUÍMICAS

A maioria dos tratados alquímicos fala apenas da Grande Obra, da Pedra Filosofal e, mesmo quando se trata de pequena tiragem, raramente abordam a multiplicidade de Pedras Alquímicas e os vários tipos de Pedras possíveis.

Existem semelhanças e diferenças entre as Pedras Alquímicas que são o assunto do trabalho a seguir. Entre os pontos comuns, notamos que eles se fundem como cera a uma temperatura moderada, sem fumaça e que se solidificam novamente com o resfriamento.

Existem as chamadas Pedras comuns e, ao contrário, Pedras “adúlteras”. Estes são geralmente mais limitadas. Todos os alquimistas dizem que em uma Pedra verdadeira tudo começa do UM. Os três princípios da Pedra, Enxofre, Mercúrio, Sal, foram extraídos do mesmo corpo. Por exemplo, partindo da galena, extrai-se o espírito de Saturno (o Mercúrio filosófico de má qualidade, grosseiro diz Philalethes), o Enxofre de Saturno (Verde Leão para amadurecer) e depois o Sal, a Matriz. O reencontro dos três, após tratamento separado de cada um deles, pode levar a uma autêntica Pedra, que será multiplicável.

Tomemos o exemplo ilustrado pelo conto mitológico dos amores adúlteros de Vênus e Marte. Ao contrário das aparências, tomamos o elemento masculino, Enxofre, em cobre, Vênus, e o elemento feminino, Mercúrio, em Ferro, Marte. A matriz pode ser tomada em Saturno, chumbo; independentemente da origem desta matriz, Marte, Vênus ou Saturno. No conto, Vulcano é o fogo secreto. Esta Pedra é chamada de adúltera porque não respeita o princípio da Unidade da matéria-prima. É o mesmo para qualquer outra Pedra.

A Pedra atua no reino de onde veio a matriz:

- Sal do reino vegetal: Pedra vegetal
- Sal do Reino Mineral: Pedra Mineral
- Sal de Reinado Metálico: Pedra Metálica.

Pedra Vegetal

Descrevemos sua operação característica. Uma pedra vegetal colocada na superfície de uma maceração vegetal, feita com água de chuva destilada, extrai e reúne os elementos alquímicos da planta na superfície da água. Resta apenas colher com uma colher, ou por decantação, o elixir acabado, que será extremamente poderoso. A Pedra não tem zona de limitação em seu reinado.

Uma Pedra de Júpiter extrai os 7 tipos de elixires, seria o mesmo para uma Pedra de uma planta dos outros seis planetas. O tempo de trabalho de uma Pedra não é previsível, mas quando a Pedra é completada, ela não pode ser multiplicada por dissolução em seu Mercúrio como a Pedra metálica. Se você quiser purificá-lo para encurtar o tempo, terá que circulá-lo novamente. Para isso coloque dois cadinhos um dentro do outro pois a Pedra nesta fase quebra facilmente o cadinho.

Na medida em que acreditamos que a origem do Mercúrio vegetal totalmente indeterminado não existe realmente, todas as Pedras vegetais são adúlteras, exceto talvez se a Pedra vier de uma planta fresca capaz de dar seu próprio Mercúrio, seu próprio Enxofre, seu próprio Sal. Preparar-se-á com a Pedra sete elixires de plantas frescas e ricas em vitalidade na sua colheita (lua nascente) e pô-los-á de parte.

Geralmente, os antigos costumes ou ritos religiosos têm uma origem esotérica que hoje em dia é ignorada ou mal compreendida.

Assim, não falamos por razões práticas de fixar a data da Páscoa. Qual é, de acordo com a regra esotérica, o dia da festa da Páscoa? É o primeiro domingo após a primeira lua nova após o equinócio da primavera. É, portanto, o primeiro domingo do ano em que a corrente lunar e a corrente solar estarão juntas em seu maior impulso do ano.

Por que Sexta-Feira Santa? O início da semana esotérica é Saturno, sefira superior, chakra inferior, sede da energia divina adormecida. A Sexta-feira Santa deve ser um dia de preparação para a Semana Santa, jejum, meditação, abluções. Então no sábado tomaremos o elixir de Saturno, feito com a Pedra, no domingo o elixir solar e assim por toda a semana. Ora et Labora! por toda esta semana!

O Concílio de Nicéia fixa a festa da Páscoa não no domingo seguinte à primeira lua nova após o equinócio vernal, mas apenas, diz o texto, no domingo seguinte à primeira lua após o equinócio vernal. Como resultado, a Páscoa ocorre substancialmente após a primeira lua cheia após o equinócio vernal.

Para nós, alquimistas, consideramos que este sistema não é correto porque as energias estão no máximo no início do ciclo. De modo que a semana ótima para os trabalhos planejados é aquela que se segue à lua nova após o equinócio, entendendo-se que a semana começa no sábado.

Desaconselhamos formalmente qualquer outro uso de elixires vegetais feitos com a Pedra, em particular misturas. Aconselhamos vivamente a não dar a ninguém, por qualquer motivo, um elixir deste tipo. Seu uso é exclusivamente reservado ao trabalho esotérico da Alquimia. Esta prática pessoal pode ser renovada quatro vezes ao ano nas mesmas condições, após cada equinócio ou solstício.

Pedras Minerais

O reino mineral pode ser dividido em duas partes:

- O subreino mineral, cujo Mercúrio é Alkaest
- O subreino metálico, cujo Mercúrio é o Filosófico.

Existem poucos escritos sobre o reino mineral, exceto os de Paracelso e seus discípulos, Van Helmont entre outros.

Os processos são idênticos aos processos de metal. Fizemos algumas experiências nesta área. Acreditamos que os métodos de Cockren que discutiremos em nossos estudos metálicos são adequados neste reino.

Se este reino foi pouco trabalhado pelos alquimistas, é porque seu interesse não é tão importante quanto o do vegetal ou do metálico.

Para começar, este reino não tem as vantagens do vegetal, e não atinge posteriormente as alturas do metálico. É mais interessante para aqueles que querem se dedicar à cura. Nossa opinião (talvez provisória sobre este assunto) é que há pouco risco em tratar não-alquimistas com produtos deste reino, pois sua influência na consciência psíquica é fraca.

No estado atual de nosso trabalho e de nossos estudos, acreditamos que o mais interessante poderia ser o Sal Amônia, Sal de Tártaro e Enxofre nativo de origem não vulcânica.

Esses pontos serão esclarecidos após nosso curso de plantas.

Pedras Metálicas

Não vamos voltar à questão das pedras adúlteras. No entanto, aqui temos às vezes um duplo adultério, ou seja, pedras cujos elementos são de origem mineral e metálica. Neste caso, estas Pedras não são multiplicáveis e parecem tornar-se insolúveis tanto no Alcaest como no Mercúrio Filosófico (sujeito a experimentos posteriores).

As Pedras Metálicas podem ser matrizes de um metal, ou seja marcadas pelo Sal do metal original. Neste caso, eles têm uma área de atuação limitada que explicaremos com referência à segunda ilustração da Lição 9.

Na linguagem dos Antigos, tingir significa transmutar. Em nosso quadro:

- Chumbo, Saturno, está no ponto mais alto do céu químico. A Pedra de Saturno, portanto, tinge chumbo e outros metais em ouro.
- Estanho, Júpiter, não pode tingir o chumbo, mas tinge-se a si mesmo, assim como o ferro, o cobre, o mercúrio e a prata.
- Ferro, Marte, tinge-se e tinge cobre, mercúrio, prata.
- Cobre, Vênus, tinge-se e tinge o mercúrio e a prata.
- Mercúrio tinge-se e tinge-se de prata: isto em teoria, porque uma Pedra Matriz de mercúrio é impossível na prática.

Ao contrário do que dizem os pseudo-adeptos ignorantes, não existe uma matriz única para a Pedra Metálica. Vários pontos de partida são teoricamente possíveis, mas são mais ou menos fáceis dependendo do material escolhido. Para quem não tem medo de trabalhos hercúleos, o método de Fabre de Castelnary é excelente. O material de partida é apenas

água da chuva. Descrevemos o processo do GUR e do ARCHEUS em nossas lições e depois demos as condições que o Archeus teve que cumprir para chegar à Pedra. Para obter um resultado de peso, a água deve “fermentar” por vários anos, mas os primeiros três meses são críticos. Após esse tempo, a água deixa de ser “frágil”. Se em três meses aparecer uma podridão branca, a água pode ser jogada fora. Se a água ficar esverdeada, também não é aproveitável. Apenas a cor marrom-acastanhada deve aparecer. Se este processo é por um lado longo, por outro não apresenta nenhum dos riscos e perigos dos processos de metal.

As outras duas substâncias que apresentam uma possibilidade teórica e prática “relativamente fácil” são a estibina que é um trissulfeto de antimônio, o minério desse metal e a galena ou sulfeto de chumbo. Alguns podem se perguntar por que tentar uma Pedra adúltera, ou seja, uma Pedra que não respeita a unidade do material no início. Ocorre que cada corpo tem uma particularidade, um tem pouco Sal, outro pouco Enxofre, outro pouco Mercúrio. O Mercúrio em um é abundante, mas grosseiro. O Enxofre de outro é quase perfeito. Há, portanto, uma preocupação em escolher acima de tudo a qualidade do princípio. Se a extração é relativamente fácil, a purificação e principalmente a maturação são bem mais complexas.

- O chumbo tem pouco enxofre, pouco sal, mas muito mercúrio grosseiro e verde.
- O estanho, nem maduro nem grosseiro, não tem excesso de Mercúrio ou Sal, mas tem pouco Enxofre.
- O Ferro tem pouco Mercúrio mas de boa qualidade, mais Enxofre e Sal.
- O Cobre tem muita qualidade Enxofre, Mercúrio e Sal são iguais.
- Mercúrio tem pouco Sal e Enxofre e estando normalmente em estado de fusão, está permanentemente sob a influência astral.

Para terminar este capítulo, vamos examinar o princípio da multiplicação de uma Pedra.

Esta operação consiste em dissolver a Pedra em Mercúrio ou Alcaest, dependendo da natureza da Pedra.

Embora isso não seja mencionado em nenhum livro, a filtragem ou decantação é necessária para separar as impurezas liberadas por essa dissolução.

Então os elementos são separados e eles são reunidos. Sendo esses elementos mais puros, a Pedra é reconstituída 8 a 10 vezes mais rápido que o tempo anterior. Isso nos leva a pensar que uma purificação extrema dos elementos antes do primeiro encontro e a divisão do Sal em um pó impalpável deve encurtar consideravelmente o tempo do primeiro "cozimento" da Pedra.

Ora et Labora!!

Lição 37: O Catecismo de Paracelso

O texto que estamos propondo hoje é um dos mais claros sobre a teoria e a prática de alquimia mineral ou metálica. Este deve ser cuidadosamente lido e relido.

Este texto conhecido como "Catecismo de Paracelso" foi copiado de um manuscrito da Biblioteca do Vaticano pelo alquimista SENDIVOGIUS. Uma versão ligeiramente diferente foi transcrita na forma de um ritual maçônico pelo Barão de TSCHOUDY. Esta versão é acompanhada por uma "Ode explicativa" em italiano, da qual damos uma tradução o mais próxima possível.

A versão a seguir é uma tradução do texto de SENDIVOGIUS.

CATECISMO PARACELSIANO



AV. PH. TH. PARACELSVS, AETAT. SVAE 47.

(manuscrito do Vaticano)

D. Qual é o primeiro estudo de um Filósofo?

R. É a investigação das operações da natureza.

D. Qual é o propósito da natureza?

A. Deus, como é no princípio.

D. De onde vêm todas as coisas?

A. Da natureza una e indivisível.

D. Em quantas regiões a natureza está dividida?

A. Em quatro regiões principais.

D. Quais são eles?

R. O seco, o úmido, o quente, o frio, que são as quatro qualidades elementares, das quais todas as coisas têm sua origem.

D. Como a natureza se difere?

A. No masculino e feminino.

D. Com o que pode ser comparada?

A. Mercúrio.

D. Dê uma definição concisa de natureza

R. Não é visível, embora atue visivelmente, pois é apenas um espírito volátil, que exerce sua função nos corpos, e que é animado pelo espírito universal, o sopro divino, o fogo central e universal, que vivifica tudo o que existe.

D. Que qualidade devem ter os observadores da natureza?

R. Devem ser como a própria natureza, ou seja, verdadeiros, simples, pacientes e confiantes.

D. Que assunto deve atrair a atenção deles?

R. Os filósofos devem considerar se o que eles propõem está em harmonia com a natureza, se é possível e alcançável, se o que eles querem realizar por sua própria vontade é geralmente feito pelo poder da natureza; eles devem imitá-la em todos os seus detalhes.

D. Que método deve ser escolhido para operar algo em um grau mais elevado do que a natureza fez?

R. Deve-se olhar em que e pelo que ele melhora, e descobrirá que está sempre com seus semelhantes: por exemplo, se alguém deseja estender a virtude intrínseca de algum metal além da natureza, deve então apreender a própria natureza metálica, e saber distinguir o masculino e o feminino na referida natureza.

D. Onde a natureza metálica preserva suas sementes?

A. Nos quatro elementos.

D. Com que pode o Filósofo reproduzir algo?

R. Com o germe da dita natureza, que é seu elixir, ou quintessência muito melhor e mais útil ao artista do que a própria natureza. Tão logo o Filósofo tenha obtido esta semente ou este germe, a natureza para fertilizá-lo estará pronta para cumprir seu dever.

D. Qual é o germe ou semente de cada substância?

R. É a mais sutil e perfeita decocção e digestão da própria natureza, ou melhor, é o Bálsamo de Enxofre, que é idêntico ao radical úmido nos metais.

D. Quem gera esta semente ou germe?

R. Os quatro elementos, pela vontade do Ser Supremo sem a intervenção da natureza.

D. Como os quatro elementos operam?

A. Por um movimento incessante e uniforme; cada um deles, de acordo com sua qualidade, deposita sua semente no centro da terra, onde é digerida, depois empurrada para fora pelas leis do movimento.

D. O que os Filósofos querem dizer com o centro da terra?

A. Algum lugar vazio que eles projetam onde nada pode descansar.

D. Onde os quatro elementos expulsam ou depositam suas qualidades ou sementes?

A. No ex-centro, ou a margem e a circunferência do centro que, depois de tomar uma parte devida dele, lança o excedente para fora, de onde são formados excrementos, escórias, incêndios e até mesmo o caos da natureza.

D. Explique esse ensinamento para mim com um exemplo

A. Dada uma mesa muito plana. No meio, devidamente colocado, um vaso cheio de água; que em seu contorno coloquemos então várias coisas de várias cores, entre outras, que haja particularmente sal, observando que cada uma dessas coisas esteja bem dividida e colocada separadamente, depois disso despejamos a água até o meio, veremos colorido aqui e ali: este pequeno riacho vindo ao encontro da cor vermelha, assumirá a tonalidade vermelha; a outra passando pelo sal contrairá a salga, pois é certo que a água não muda de lugar, mas a diversidade de lugares muda a natureza da água; do mesmo modo a semente, lançada pelos quatro elementos no centro da terra, contrai diferentes modificações, porque passa por diferentes lugares, canais, de modo que cada coisa nasce de acordo com a diversidade dos lugares, e a semente da coisa alcança em tal lugar, encontraria ali a terra e a água pura, dela resultaria uma coisa pura, então no caso contrário.

D. Como e de que maneira os elementos engendram esta semente?

R. Para uma perfeita elucidação deste ponto, deve-se notar que dois elementos são fixos, e os outros dois voláteis e dois secos e dois úmidos, porém um é extremamente seco e o outro extremamente úmido e, além disso, eles também são masculinos e femininos: agora cada um deles é muito rápido para reproduzir-se identicamente a si mesmo em sua própria esfera: esses quatro elementos nunca descansam, mas eles são continuamente agitados um no outro e cada um cresce por si. Eles têm seu ponto de encontro geral no centro e neste mesmo centro da Archea, esta serva da natureza, onde vindo misturar suas sementes ali, eles as agitam e depois as jogam fora.

D. Qual é a verdadeira e primeira matéria dos metais?

A. A primeira matéria propriamente dita é de natureza dupla, por si mesma; no entanto, um sem o concurso do outro não cria um metal. A primeira e principal é umidade do ar, misturada com ar quente, na forma de água gordurosa, aderindo a tudo seja puro ou impuro.

D. Como os Filósofos chamavam essa umidade?

A. Mercúrio.

D. Por quem é governado?

A. Pelos raios do Sol e da Lua.

D. Qual é o segundo material?

R. É o calor da terra, isto é, um calor seco que os Filósofos chamam de Enxofre.

D. Todo o corpo de matéria é convertido em semente?

R. Não, mas apenas a oitava centésima parte que repousa no centro do mesmo corpo, como se pode ver no exemplo de um grão de trigo.

D. De que serve o corpo de matéria em relação à semente?

A. Para preservá-lo de qualquer calor, frio, umidade ou secura excessivos e, em geral, de qualquer intempérie prejudicial contra o qual o material sirva de envelope.

P. O artista que afirma reduzir todo o corpo da matéria a semente, supondo que pode conseguir fazê-lo, realmente encontraria alguma vantagem nisso?

R. Nenhuma, pelo contrário, seu trabalho se tornaria absolutamente inútil, porque nada de bom pode ser feito assim que alguém se desvia do processo da natureza.

D. Então o que ele deve fazer?

R. Ele deve libertar a matéria de todas as suas impurezas, pois não há metal, por mais puro que seja, que não tenha impurezas, uns mais ou menos que o outro.

D. Em que deve o Filósofo prestar mais atenção?

R. Para os propósitos da natureza, ele não deve buscar esta finalidade nos metais vulgares, porque já tendo saído das mãos formativa, não está mais neles.

D. Qual é a razão específica?

R. É porque os metais do vulgo, principalmente o ouro, estão absolutamente mortos, enquanto os nossos, ao contrário, são absolutamente vivos e têm espírito.

D. Qual é a vida útil dos metais?

R. Não é nada além do fogo, quando eles ainda estão em suas minas.

D. Qual é a morte deles?

R. Sua morte e sua vida são o mesmo princípio, pois também morrem pelo fogo, mas um fogo de fusão.

D. Como são gerados os metais no ventre da terra?

A. Depois que os quatro elementos produziram sua força ou sua virtude no centro da terra, e depositaram sua semente ali; a archaea da natureza, ao destilá-los, sublima-os em sua superfície pelo calor e pela ação de um movimento perpétuo.

P. Em que o vento se transforma ao destilar-se através dos poros da terra?

R. Ele se dissolve na água da qual nascem todas as coisas, e não é mais que um vapor úmido do qual se forma o princípio principal de cada coisa e que serve de matéria-prima para os Filósofos.

P. Qual é então este princípio fundamental, servindo como matéria-prima para os Filhos da Ciência no Trabalho Filosófico?

R. Será esta mesma matéria que, assim que for concebida, não poderá mais mudar de forma.

D. Saturno, Júpiter, Marte, Vênus, Sol, Lua, etc., cada um deles tem sementes diferentes?

R. Todos eles têm a mesma semente, mas o local de nascimento foi a causa dessa diferença, embora a natureza tenha concluído sua obra antes na geração de prata do que na de ouro, assim com os outros, cada um em sua própria proporção.

D. Como o ouro é formado nas entranhas da terra?

R. Quando este vapor de que falamos se sublima no centro da terra, e passa por lugares quentes e puros, e onde uma certa graxa de enxofre adere às paredes, então este vapor que os Filósofos chamam de seu Mercúrio, acomoda e junta esta gordura que depois sublima com ela e desta mistura resulta uma certa suavidade que, deixando este nome de vapor, toma o de gordura, vindo depois sublimar-se noutros locais, que foram limpos pelo vapor precedente, e que tornaram a terra mais sutil, pura e úmida, preenche os poros desta terra, junta-se a ela, e é isso que produz o ouro.

D. Como Saturno é gerado?

R. Quando esta untuosidade ou graxa atinge lugares totalmente impuros e frios.

D. Como Vênus é gerado?

R. É gerado quando a terra é pura, mas misturada com enxofre impuro.

D. Que poder esse vapor tem no centro da terra?

R. Roubar sempre pelo seu progresso contínuo tudo o que é cru e impuro, atraindo sucessivamente consigo o que é impuro.

D. Qual é a semente da primeira matéria de todas as coisas?

R. A primeira matéria das coisas, isto é, a matéria dos princípios nascentes, nasce da natureza sem o auxílio de nenhuma semente, ou seja, a natureza recebe a matéria dos elementos, dos quais ela então engendra a semente.

P. O que é, então, absolutamente falando, a semente das coisas?

A. A semente em um corpo nada mais é do que ar congelado, ou vapor úmido, que se não for resolvido por vapor quente, torna-se completamente inútil.

D. Como é a geração da semente encerrada no reino metálico?

R. Pelo artifício da archaea, os quatro elementos da primeira geração da natureza destilam no centro da terra um pesado vapor de água, que é a semente dos metais, e é chamado Mercúrio, não por causa de sua essência, mas pela sua fluidez e fácil aderência a tudo.

D. Por que esse vapor é comparado ao Enxofre?

A. Por causa de seu calor interno.

D. O que acontece com a semente após o congelamento?

A. Torna-se o radical úmido da matéria.

D. De que mercúrio os metais devem ser entendidos como compostos?

R. Isso significa absolutamente o Mercúrio dos Filósofos e de modo algum o mercúrio comum ou vulgar, que não pode ser uma semente, tendo ele próprio sua semente como os outros metais.

P. O que, então, devemos tomar precisamente como o assunto em questão?

R. Deve-se tomar apenas a semente ou grão fixo, e não todo o corpo, que se distingue em macho vivo, isto é, Enxofre, e fêmea viva, isto é, Mercúrio.

D. Qual operação deve ser feita a seguir?

R. Eles devem ser unidos, para que possam formar um germe, do qual venham a procriar um fruto de sua natureza.

D. Então, o que o artista pretende fazer nessa operação?

R. O artista não pretende fazer outra coisa senão separar o que é sutil do que é grosso.

P. A que se reduz, portanto, toda a combinação filosófica?

A. Se resume a fazer um dois e dois um, e nada mais.

D. Onde está a semente e a vida dos metais e minerais?

R. A semente dos minerais é propriamente a água que está no centro e núcleo do mineral.

D. Como a natureza funciona com a ajuda da arte?

R. Qualquer semente, seja ela qual for, não tem valor, a menos que por arte ou por natureza seja colocada em uma matriz adequada onde receba sua vida fazendo com que o germe apodreça e congele a ponta.

D. Como a semente é então nutrida e armazenada?

A. Pelo calor de seu corpo.

D. Então, o que o artista faz no reino mineral?

R. Ele termina o que a natureza não pode terminar por causa da crueza do ar que, com sua violência, preencheu os poros de todos os corpos, não nas entranhas da terra, mas em sua superfície.

D. Que correspondência os metais têm entre si?

R. Para entender bem esta correspondência, devemos considerar a posição dos planetas, e prestar atenção que Saturno é o mais alto de todos, seguido por Júpiter, depois Marte, o Sol, Vênus, Mercúrio e finalmente a Lua. Deve-se observar que as virtudes dos planetas não sobem, mas que descem, e a experiência nos ensina que Marte é facilmente convertido em Vênus, e não Vênus em Marte, por ser inferior em uma esfera, assim Júpiter é facilmente transmutado em Mercúrio, porque Júpiter é mais alto que Mercúrio, aquele é o segundo depois do firmamento, este é o segundo acima da terra, e Saturno o mais alto, a Lua o mais baixo, o Sol se mistura com todos, mas nunca é melhorado pelo inferior uns. Vê-se claramente que há uma grande correspondência entre Saturno e a Lua, no meio da qual está o Sol, mas em todas essas mudanças o Filósofo deve tentar administrar a partir do Sol.

P. Quando os Filósofos falam de ouro ou prata de onde extraem sua matéria, eles querem dizer ouro ou prata vulgares?

R. Não, porque o ouro e a prata vulgares estão mortos, enquanto os dos Filósofos estão cheios de vida.

D. Qual é o objeto da busca dos Filósofos?

R. É o conhecimento da arte de aperfeiçoar o que a natureza deixou de imperfeito no

tipo mineral, e chegar ao tesouro da Pedra Filosofal.

D. O que é esta Pedra?

R. A Pedra Filosofal nada mais é do que a umidade radical dos elementos, perfeitamente purificados e levados a uma fixidez soberana, que a faz trabalhar tão grandes coisas para a saúde, a vida, residindo apenas na umidade radical.

P. Qual é o segredo de fazer este trabalho maravilhoso?

R. Este segredo consiste em saber extrair da potência em ação o calor inato, ou o fogo da natureza encerrado no centro da umidade radical.

D. Que cuidados devem ser tomados para não faltar ao Trabalho?

R. Deve-se tomar muito cuidado para remover os excrementos da matéria, e pensar apenas em ter o núcleo, ou o centro que contém toda a virtude da mistura.

e.

D. Por que este remédio cura todos os tipos de doenças?

R. Este remédio tem a virtude de curar todos os tipos de doenças, não por causa dessas diferentes qualidades, mas apenas na medida em que fortalece poderosamente o calor natural, que ele excita suavemente, em vez de ser irritado por outros remédios. um movimento violento.

P. Como você vai me provar a verdade da arte em relação ao tingimento?

R. Esta verdade funda-se principalmente no facto de o pó físico, sendo feito da mesma matéria, da qual são forjados os metais, nomeadamente o mercúrio, tem a faculdade de se misturar com eles em fusão, uma natureza facilmente inflamando outra natureza, que é semelhante a ele. Em segundo lugar, que os metais imperfeitos são tais apenas porque seu mercúrio é bruto, o pó físico, que é um mercúrio maduro e cozido e, propriamente falando, um fogo puro, pode facilmente comunicar a eles sua própria maturidade e transmutá-los em sua natureza, depois de ter feito atração de seu crud úmido, isto é, de seu mercúrio, que é a única substância que é transmutada, sendo o resto apenas escória e excremento, que são lançados de volta à projeção.

D. Que caminho deve seguir o Filósofo para chegar ao conhecimento e à execução da Obra física?

R. O mesmo caminho que o Grande Arquiteto do Universo percorreu na criação do mundo, observando como se desfez o caos.

P. Qual a matéria do caos?

R. Não poderia ser outra coisa senão um vapor úmido, porque só há água entre as substâncias criadas que termina em um termo estrangeiro e que é um sujeito real para receber às formas.

P. Dê-me um exemplo do que você acabou de dizer.

R. Este exemplo pode ser tirado das produções particulares das misturas, cujas sementes sempre começam por se resolver em um certo humor, que é o caos particular, do qual então toda a forma da planta é extraída, como se por irradiação. Além disso, deve-se observar que

a escritura não menciona em nenhum outro lugar senão a água como o assunto material, sobre o qual o espírito de Deus nasceu, e a luz como a forma universal.

P. Que vantagem pode o Filósofo tirar dessa reflexão, e o que ele deve observar particularmente na matéria da qual o Ser Supremo criou o mundo?

R. Em primeiro lugar, observará a matéria da qual o mundo foi criado, verá que dessa massa confusa, o soberano Artista começou por extrair a luz, que no mesmo instante dissipou as trevas que cobriam a superfície. como uma forma universal para a matéria. Ele então facilmente conceberá que na geração de todas as misturas há uma espécie de irradiação e uma separação da luz das trevas, na qual a natureza está perpetuamente imitando seu criador, o Filósofo também entenderá como pela ação dessa luz foi feita a expansão, ou então o firmamento separando as águas das águas: o céu foi então adornado com corpos luminosos, mas estando as coisas superiores muito longe das inferiores, foi necessário criar a lua, como uma tocha intermediária entre as altas e o baixo, que depois de ter recebido as influências celestiais, as comunica à terra; o Criador então reunindo as águas, produziu o seco.

D. Quantos céus existem?

R. Existe propriamente apenas um: a saber, o firmamento que separa as águas das águas; no entanto, três são permitidos. A primeira, que é de cima das nuvens, onde as águas rarefeitas param e voltam a cair para as estrelas fixas, e neste espaço estão os planetas e estrelas errantes. O segundo, que é o próprio lugar das estrelas fixas, o terceiro, que é o lugar das águas celestes.

D. Por que o esgotamento das águas termina no primeiro céu e não sobe além dele?

R. Porque a natureza das coisas rarefeitas é sempre subir, e porque Deus, em suas leis eternas, atribuiu a cada coisa sua própria esfera.

P. Por que cada corpo celeste invariavelmente gira em torno de um r?

R. Só vem do primeiro movimento que lhe foi impresso, assim como uma massa pesada e amarrada a um fio simples, sempre giraria igualmente, se o movimento fosse sempre igual.

P. Por que as águas superiores não molham?

R. Por causa de sua extrema rarefação, é assim que um químico erudito pode obter mais benefícios da ciência da rarefação do que qualquer outro.

P. Como é composto o firmamento, ou expansão?

R. O firmamento é propriamente ar, cuja natureza é muito mais adequada à luz do que à água.

P. Depois de separar as águas da seca e da terra, o que o Criador fez para dar origem às gerações?

R. Ele criou uma luz especial para este serviço, que colocou no fogo central e temperou o fogo pela umidade da água e pelo frio da terra, a fim de suprimir sua ação, e que seu calor fosse mais adequado ao desígnio de seu autor.

P. Qual é a ação desse fogo central?

R. Ele age continuamente sobre a matéria úmida que está mais próxima a ele, da qual levanta um vapor que é o Mercúrio da natureza e da primeira matéria dos três reinos.

P. Como então o Enxofre da natureza é formado?

R. Pela dupla ação, ou melhor, reação deste fogo central, sobre o vapor de mercúrio.

P. Como é feito o sal marinho?

R. É formado pela ação deste mesmo fogo sobre a umidade aquosa, quando a umidade aérea que está encerrada passa a ser exalada.

P. O que deve fazer um Filósofo verdadeiramente sábio quando compreendeu plenamente a base e a ordem observadas pelo Grande Arquiteto do Universo para a construção de tudo o que existe na natureza?

R. Ele deve ser, tanto quanto possível, um fiel copista de seu Criador; em seu Trabalho físico, ele deve tornar seu caos tal como realmente era, separar a luz das trevas; formar seu firmamento separando as águas das águas, e por fim realizar com perfeição, seguindo o rumo indicado, toda a obra da criação.

P. Com o que é realizada esta grande e sublime operação?

R. Com um único corpúsculo ou pequeno corpo, que contém, por assim dizer, apenas fezes, sujeira, abominações, das quais é extraída uma certa umidade escura e mercurial, que inclui em si tudo o que é necessário para o Filósofo, porque ele realmente busca apenas o verdadeiro Mercúrio.

P. Qual Mercúrio, então, ele deve usar para o Trabalho?

R. De um Mercúrio que não é encontrado na terra, mas que é extraído dos corpos, e de forma alguma o mercúrio comum, como foi falsamente dito.

P. Por que este último não é o mais adequado ao nosso Trabalho?

R. Porque o sábio Artista deve cuidar para que o mercúrio vulgar não contenha em si a quantidade suficiente de Enxofre, e que conseqüentemente ele deve trabalhar em um corpo criado pela natureza, no qual ela mesma terá unido o Enxofre e o Mercúrio, que o artista deve separar.

P. O que ele deve fazer a seguir?

R. Purifique-os e junte-se a eles novamente.

P. Como você chama esse corpo?

R. Pedra Bruta ou Caos, ou Illiaste ou Hyle.

P. Já que você me diz que Mercúrio é a única coisa que o Filósofo deve saber, para não se enganar, dê-me uma descrição detalhada dele.

R. Nosso Mercúrio, considerando sua natureza, é dual, fixo e volátil; quanto ao seu movimento, também é duplo, pois tem um movimento ascendente e um descendente. É a influência das plantas pela qual ele desperta o fogo da natureza adormecida, e este é seu primeiro ofício antes de seu congelamento, pelo movimento de ascensão ele se eleva para se purificar e, como é após seu congelamento, é então considerado como a umidade radical das coisas, que sob a escória vil não deixa de conservar a nobreza de sua origem primeira.

P. Quanta umidade há em cada composto?

R. Existem três:

1 - A elementar, que propriamente é apenas o vaso dos outros elementos

2 - A Radical, que é propriamente o óleo ou o bálsamo em que reside toda a virtude do sujeito

3 - O alimento é o verdadeiro dissolvente da natureza, excitando o fogo interno, adormecido, causando por sua umidade corrupção e escuridão, e mantendo e nutrindo o sujeito.

P. Quantos tipos de Mercúrio os Filósofos têm?

R. O Mercúrio dos Filósofos pode ser considerado em quatro aspectos,

- Ao primeiro, chama-se Mercúrio dos corpos, é justamente a semente oculta;
- O segundo, o Mercúrio da natureza, é o banho ou vaso dos Filósofos, ou seja, a umidade radical;
- O terceiro, o Mercúrio dos Filósofos, porque está na loja deles e na mina deles, é a esfera de Saturno, é a Diana deles, é o verdadeiro sal dos metais, após o que, quando o adquirimos, somente começa o verdadeiro trabalho filosófico,
- O quarto, o Mercúrio comum, não o do vinagre, mas aquele que é propriamente o verdadeiro ar dos Filósofos, a verdadeira substância intermediária da água, o verdadeiro fogo secreto e oculto, chamado de "fogo comum", porque é comum todas as minas que nela consistem a substância dos metais, e é dela que derivam sua quantidade e qualidade.

P. Quantas operações existem em nosso trabalho?

R. Só há uma que se reduz à sublimação, que nada mais é, segundo GEBER, do que a elevação da coisa seca por meio do fogo, com aderência ao seu próprio vaso.

Continuaremos o estudo deste texto no próximo edital.

Ora et Labora!!

Lição 38: Catecismo de Paracelso (Continuação)

(Continuação)

O texto do “Catecismo de Paracelso” continua com conselhos sobre a leitura dos textos herméticos.

P. Que precaução se deve ter ao ler os Filósofos Herméticos?

R. Deve-se, acima de tudo, ter muito cuidado para não tomar o que eles dizem sobre este assunto pelo valor de face e com o sentido das palavras, “porque a letra mata e o espírito vivifica”.

P. Que livro devemos ler para chegar ao conhecimento de nossa ciência?

R. É necessário ler todas as obras de HERMÈS e então, um determinado livro intitulado: “A Passagem do Mar Vermelho” e outro “A aproximação à Terra Prometida”. Entre os Antigos, é necessário ler tudo de PARACELSO e, em especial seu “Caminho Químico”, ou “Manual de Paracelsus”, que contém todos os mistérios da física demonstrativa, e da Qaballa mais secreta. Este livro manuscrito, precioso e original, só pode ser encontrado na biblioteca do Vaticano, mas SENDIVOGUS teve a sorte de fazer uma cópia dele, que serviu para esclarecer alguns Sábios. É necessário ler Raimundo LÚLIO especialmente seu “Vade Mecum”, seu diálogo chamado “Árvore da Vida”, seu testamento e seu codicilo. Mas vamos ter cuidado com essas duas últimas obras, porque, como as de GEBER e ARNAUD DE VILLENEUVE, elas estão repletas de receitas falsas, ficções inúteis e erros inumeráveis, sendo seu objetivo aparentemente disfarçar ainda mais a verdade do ignorante. A “Turba Philosophorum”, que é apenas uma coleção de autores antigos, contém uma parte bastante boa, embora haja muita coisa sem valor. Entre os autores da Idade Média, devemos estimar SACHARIE, TREVISAN, Roger BACON e um certo anônimo cujo livro se intitula “Des Philosophes”. Entre os autores modernos, deve-se citar Jean FABRE, François de NATION e DESPAGNET, ou o autor da “Física Retificada”, embora para dizer a verdade, ele misturou em seu livro alguns falsos preceitos e sentimentos errados.

P. Quando pode um Filósofo arriscar-se a empreender a Obra?

R. Quando souber, teoricamente, extrair de um corpo dissolvido por meio de um espírito bruto, um espírito digerível, ao qual deverá juntar novamente o óleo vital.

D. Explique essa teoria para mim com mais clareza.

R. Para tornar a coisa mais sensata, eis o processo: será quando o Filósofo puder, por meio de uma menstruação vegetal unida à mineral, dissolver uma terceira menstruação essencial, com a qual é unida, é necessário lavar a terra e depois a exaltar na quintessência celestial, para compor seus raios sulfurosos, que em um instante penetram nos corpos e destroem seus excrementos.

P. Aqueles que pretendem usar ouro comum para a semente, e mercúrio comum para o solvente ou para o solo em que deve ser semeado, eles têm um conhecimento perfeito da natureza?

R. Não, realmente, porque nenhum deles tem o agente externo em si: o ouro, por ter sido despojado pela decocção, e o mercúrio por nunca o ter tido.

P. Ao buscar esta semente aurífera em outro lugar que não no próprio ouro, não se corre o risco de produzir uma espécie de monstro, já que parece que se afasta da natureza?

R. Não há dúvida de que no ouro está contida a semente áurica e ainda mais perfeitamente do que em qualquer outro corpo: mas isso não nos obriga a usar o ouro vulgar, porque esta semente é encontrada igualmente em cada um dos outros metais; e nada mais é do que esse grão fixo que a natureza introduziu no primeiro congelamento do Mercúrio, todos os metais tendo a mesma origem e uma matéria comum, como será perfeitamente reconhecido por aqueles que se tornam dignos de recebê-lo por sua aplicação e estudo diligentes.

P. O que se segue desta doutrina?

R. Ensina-nos que, embora a semente seja mais perfeita no ouro, ela pode ser extraída muito mais facilmente de outro corpo do que do próprio ouro, porque outros corpos são muito mais abertos, isto é, menos digerido, e sua umidade menos acabada.

P. Dê-me um exemplo da natureza.

R. O ouro comum assemelha-se a um fruto que, tendo atingido a maturidade perfeita, foi separado da árvore: embora haja nele uma semente muito perfeita e muito digerível, no entanto, se alguém para multiplicá-lo e colocá-lo na terra, custaria muito tempo, esforço e cuidado, para trazê-lo para a vegetação; mas se, em vez disso, pegássemos um enxerto ou uma raiz da mesma árvore e o colocássemos no chão, veríamos em pouco tempo e sem dificuldade vegetaríamos e daríamos muitos frutos.

P. É necessário que um amante desta ciência conheça a formação dos metais nas entranhas da terra, para poder formar a sua Obra?

R. Este conhecimento é tão necessário que, se antes de qualquer outro estudo não nos aplicássemos a ele e não procurássemos imitar a natureza em todos os sentidos, nunca poderíamos fazer nada de bom.

P. Como, então, a natureza forma os metais nas entranhas da terra, e do que ela é composta?

R. A Natureza os compõe todos de Enxofre e Mercúrio, e os forma por seu duplo vapor.

P. O que você quer dizer com esse vapor duplo e como os metais podem ser formados com esse vapor duplo?

R. Para entender bem esta resposta, é necessário saber antes de tudo que o vapor mercurial unido ao vapor sulfuroso, em um lugar cavernoso onde há água salgada que lhes serve de matriz, forma-se primeiro o Vitríolo da Natureza; em segundo lugar, a partir deste Vitríolo da Natureza, pela concussão dos elementos, surge um novo vapor, que não é nem mercurial nem sulfuroso, mas que contém as duas naturezas, que chegando nos lugares onde a gordura do Enxofre adere, une-se a ele e de sua união forma-se uma substância glutinosa, ou massa informe, sobre a qual o vapor difundido nesses lugares cavernosos, agindo por meio do Enxofre que nele contém, resulta metais perfeitos, se o lugar e o vapor forem puros; e imperfeito, se, ao contrário, o lugar e o vapor forem impuros; dizem-se imperfeitos, ou não perfeitos, por não terem recebido toda a sua perfeição por cocção.

P. O que esse vapor contém em si mesmo?

R. Ele contém um espírito de luz e fogo da natureza dos corpos celestes, que deve ser considerado propriamente como a forma do universo.

P. O que esse vapor representa?

R. Este vapor assim impregnado com o espírito universal, representa muito bem o primeiro Caos, no qual estava contido tudo o que era necessário para a criação, isto é, matéria e forma universal.

P. O mercúrio comum também não pode ser usado neste processo?

R. Não, porque como já foi dito, o mercúrio vulgar não traz consigo o agente externo.

P. Como acontece que o mercúrio vulgar não tem seu agente externo com ele?

R. Que quando o vapor duplo sobe a comoção é tão grande e tão sutil que faz com que o espírito ou agente evapore, assim como acontece na fusão dos metais; de modo que a única parte mercurial permanece privada de seu agente masculino ou sulfuroso, para que nunca possa ser transmutada em ouro pela Natureza.

P. Quantos tipos de ouro os Filósofos distinguem?

R. Três tipos: Ouro Astral, Ouro Elemental e Ouro Vulgar.

D. O que é Ouro Astral?

R. O Ouro Astral tem seu centro no sol que o comunica por seus raios, ao mesmo tempo que sua luz a todos os seres que lhe são inferiores, é uma substância ígnea e que recebe uma emanção contínua dos corpúsculos solares que penetram tudo o que é sensível, vegetativo e mineral.

P. O que você quer dizer com ouro elementar?

R. É a porção mais pura e fixa dos elementos e de todas as substâncias que deles se compõem; de modo que todos os seres "sublunares" dos três gêneros contêm em seu centro um grão precioso desse ouro elementar.

P. Explique-me o Ouro Vulgar.

R. É o metal mais belo que vemos que a Natureza pode produzir, tão perfeito em si mesmo quanto inalterável.

P. De que tipo de ouro é a Pedra dos Filósofos?

R. É do segundo tipo, como sendo a porção mais pura de todos os elementos metálicos após sua purificação, e então é chamado: ouro vivo filosfal. Além do perfeito equilíbrio e da perfeita igualdade dos quatro elementos na Pedra Física, quatro coisas devem necessariamente ser feitas para a realização da Obra, que são: composição, alteração, mistura e união, o que outrora feito nas regras da arte, dará o Filho Legítimo do Sol, e produzirá a Fênix sempre renascida de suas cinzas.

D. Qual é o ouro vivo dos Filósofos?

R. Nada mais é do que o fogo de Mercúrio, ou aquela virtude ígnea, encerrada no radical úmido, ao qual já comunicou a fixidez e a natureza do Enxofre, de onde emanou, não

deixando também o Enxofre dos Filósofos ser chamado Mercúrio, porque toda a sua substância é mercurial.

P. Que outro nome os Filósofos dão ao seu ouro vivo?

R. Eles também o chamam de Enxofre vivo, ou seu verdadeiro fogo, e ele se encontra encerrado em todos os corpos, e nenhum corpo pode subsistir sem ele.

P. Onde devemos procurar nosso ouro vivo, nosso enxofre vivo e nosso fogo verdadeiro?

R. Na casa de Mercúrio.

P. De que vive este fogo?

R. Do Ar.

P. Dê-me uma comparação do poder deste fogo.

R. Para expressar esta atração do fogo interno, não se pode dar uma comparação melhor do que a do relâmpago que é a princípio apenas uma exalação seca e terrestre, unida a um vapor úmido, mas que à força se exalta chegando a assumir a natureza ígnea, age sobre a umidade inerente a ela, que atrai para si, e transmuta em sua natureza, após o que se precipita com rapidez em direção à terra, onde é atraído por uma natureza fixa semelhante à dela.

P. O que o Filósofo deve fazer depois de ter extraído seu Mercúrio?

R. Ele deve trazer ou reduzir a potencialidade em ação.

P. A natureza não pode fazer isso sozinha?

R. Não, porque depois de uma primeira sublimação, ela para; da matéria assim disposta, os metais são engendrados.

P. O que os Filósofos querem dizer com seu "Ouro" e com sua "Prata"?

R. Os Filósofos dão o nome de Ouro ao seu Enxofre, e o de Prata ao seu Mercúrio.

P. De onde eles os obtêm?

R. Já vos disse que os tiram de um corpo homogêneo onde se encontram em abundância, e do qual sabem extraí-los uns e outros, por meios admiráveis e bastante filosóficos.

P. Assim que esta operação for devidamente realizada, o que deve ser feito a seguir?

R. Deve-se fazer seu amálgama filosófico com grande diligência, que no entanto só pode ser executado após a sublimação de Mercúrio, e sua devida preparação.

P. Em que momento você une seu material com ouro brilhante?

R. É apenas no tempo que o amalgamamos: isto é, por meio desse amálgama, introduzimos Enxofre nele, de modo a formar uma única substância, e pela adição desse Enxofre, o trabalho é abreviado e a tintura aumentada.

P. O que contém o centro radical úmido?

R. Ele contém e esconde o Enxofre que é coberto por uma casca dura.

P. O que deve ser feito para aplicá-lo à Grande Obra?

R. Deve ser tirado de suas prisões com grande arte e pelo caminho da putrefação.

P. A Natureza tem nas minas uma menstruação própria, própria para dissolver e entregar este Enxofre?

R. Não, porque não tem movimento local, porque se pudesse novamente dissolver, apodrecer e purificar o corpo metálico, ele próprio nos daria a Pedra Física, isto é, um Enxofre exaltado e multiplicado em virtude.

P. Como você me explicaria por um exemplo, esta doutrina?

R. É também pela comparação de uma fruta ou um grão, que é novamente colocado em solo adequado para apodrecer ali e depois se multiplicar; porém, o Filósofo que conhece o bom grão, tira-o de seu centro, lança-o na terra que lhe é própria, depois de tê-lo defumado e bem preparado e ali, é tão sutil que sua prolífica virtude se estende e se expande ao infinito.

P. Qual é, então, todo o segredo da semente?

R. Conhecer bem sua própria terra.

P. O que você quer dizer com a semente na Obra dos Filósofos?

R. Refiro-me ao calor inato, ou ao espírito específico encerrado na umidade radical, ou à substância intermediária do mercúrio que é propriamente o esperma dos metais, que contém em si sua semente.

P. Como você liberta o Enxofre de suas prisões?

R. Pela putrefação (fermentação).

P. Qual é a terra dos minerais?

R. É o seu próprio período.

P. Que cuidado deve o Filósofo tomar para fazer o melhor uso dela?

R. Ele deve tomar muito cuidado para purgá-lo de seus vapores fétidos e enxofre impuro, após o que ele joga a semente nele.

P. Que pista o artista pode ter de que está no caminho certo no início de sua Obra?

R. Quando ele vê que no momento da dissolução o dissolvente e a coisa dissolvida permanecem juntos em uma forma e matéria.

P. Quantas soluções existem no Trabalho Filosófico?

R. São três: o primeiro é o do corpo bruto e metálico pelo qual é reduzido em seus princípios de Enxofre e Mercúrio; a segunda, a do corpo físico e a terceira, a da terra mineral.

P. Como, pela primeira solução, pode-se reduzir um corpo metálico a Mercúrio e depois a Enxofre?

R. Pelo fogo oculto artificial ou pela Estrela Flamejante.

P. Como é feita esta operação?

R. Pela primeira extração do assunto, Mercúrio, ou o vapor dos elementos; e depois de purificá-lo, use-o para liberar o Enxofre de seus invólucros pelo caminho da corrupção, cujo sinal é a escuridão.

P. Como é feita a segunda solução?

R. Quando o corpo físico se dissolve com as duas substâncias acima e adquire a natureza celestial.

P. Que nome os Filósofos dão à matéria neste momento?

R. Eles o chamam de Caos Físico e, portanto, é a verdadeira Primeira Matéria, que não é propriamente assim chamada até depois da união do masculino, que é Enxofre, e do feminino, que é Mercúrio, e não antes.

P. A que se refere a terceira solução?

R. É o umedecimento da terra mineral e tem toda uma relação com a multiplicação.

P. Que fogo devemos usar em nosso Trabalho?

A. Do fogo que a Natureza usa.

P. Que poder tem este fogo?

R. Ele dissolve tudo no mundo, porque é o princípio de toda dissolução e corrupção.

P. Por que também é chamado de Mercúrio?

R. Porque é de natureza aérea, e um vapor muito sutil, porém, participando do Enxofre, do qual tirou algumas partes.

P. Onde está escondido este fogo?

R. Está oculto na matéria da arte.

P. Quem pode conhecer e formar este fogo?

R. O Sábio sabe como construir e purificar este fogo.

P. Que poder e qualidade tem este fogo em si mesmo?

R. Ele é muito seco e em movimento contínuo, e só pede para corromper e colocar em ação as coisas de poder, é finalmente ele quem, encontrando lugares sólidos nas minas, circula em forma de vapor na matéria e a dissolve. .

P. Como conheceríamos esse fogo mais facilmente?

R. Pelo excremento sulfuroso em que está confinado e pelas roupas salinas com que está vestido.

P. O que deve ser feito com esse fogo para que ele possa se insinuar melhor no gênero feminino?

R. Por ser extremamente seco, necessita ser umedecido.

P. Quantos fogos filosóficos existem?

R. Existem três tipos que são o natural, o não natural e o não natural.

P. Explique-me esses três tipos de fogo.

R. O fogo natural é o fogo masculino, ou o agente principal; o antinatural é o feminino ou o dissolvente da natureza, nutrindo e tomando a forma da fumaça branca, que se desvanece facilmente quando o fogo está nesta forma, e se não se tiver cuidado, é quase incompreensível, embora por sublimação filosófica, ele se torne corpórea e resplandecente; o fogo não natural é aquele que corrompe o composto e tem o poder de afrouxar o que a natureza amarrou fortemente.

P. Onde está nosso material?

R. Encontra-se em toda a parte, mas deve ser procurada especialmente na natureza metálica, onde é mais facilmente encontrada do que em qualquer outro lugar.

P. Qual devemos preferir a todos os outros?

R. Devemos preferir o mais maduro, o mais limpo e o mais fácil, mas devemos cuidar sobretudo para que a essência metálica esteja presente não só em potência, mas também em ato, e que haja um esplendor metálico.

P. Tudo está contido nesta materia?

R. Sim, mas devemos, no entanto, ajudar a Natureza, para que o trabalho seja feito melhor e mais cedo, e isso pelos meios que conhecemos nos outros graus de experiência.

P. Esta matéria é de grande valor?

R. É vil e a princípio não tem elegância em si, e se alguns dizem que é vendável, dizem respeito à espécie, mas basicamente não se vende porque não se compra, só serve para o nosso Trabalho.

P. O que contém nossa matéria?

R. Contém Sal, Enxofre e Mercúrio.

D. Qual é a operação que se deve aprender a fazer?

R. Você tem que saber extrair Sal, Enxofre e Mercúrio um após o outro.

P. Como isso é feito?

A. Por sublimação única e completa.

P. O que extraímos primeiro?

A. Mercúrio é primeiro desenhado na forma de fumaça branca.

P. O que vem a seguir?

A. Água ígnea ou enxofre.

D. O que deve ser feito a seguir?

R. Deve-se dissolver com Sal purificado, primeiro tornando volátil o fixo e depois fixando o volátil em terra preciosa, que é o verdadeiro vaso dos Filósofos e de toda perfeição.

P. Que horas deve o Filósofo começar seu trabalho?

A. Ao amanhecer, porque ele nunca deve deixar de trabalhar.

P. Quando ele deve parar?

A. Quando a Obra for perfeita.

P. Que horas trabalho deve encerrar?

R. Deve estar completa ao meio-dia, isto é, o instante em que o sol está em sua maior força e o filho desta estrela em seu esplendor mais brilhante.

P. Qual é a palavra para magnésia?

R. Você sabe se posso e devo responder essa pergunta: "Eu mantenho minha palavra".

D. Dê-me a palavra mobilizadora dos Filósofos.

A. Comece, e eu te responderei.

D. Você é um aprendiz de filósofo?

R. Meus amigos e os Anciãos me conhecem.

D. Quantos anos tem um filósofo?

R. Desde o momento de suas pesquisas até o momento de suas descobertas, ele não envelhece.

P. Você não poderia de repente colocar diante de seus olhos e reunir como em um único ponto, os princípios, as formas, as verdades e as características essenciais da ciência dos Filósofos, bem como do processo metódico da Obra?

R. Uma peça lírica composta por um antigo Filósofo erudito que juntou à solidez da ciência o agradável talento de brincar com as Musas pode cumprir em todos os aspectos o que você me pede, nenhuma ciência sendo efetivamente estranha aos filhos da Ciência. esta ode, a mais adequada para pintar ideias sublimes, encontra aqui o seu lugar.

Esta ode é o assunto da lição seguinte.

Ora et Labora!!

Lição 39: Ode do Catecismo de Paracelso

Aqui está a Ode anunciada no final do “Catecismo de Paracelso”.

ODE

Do nada veio,

o caos escuro; massa informe,

que ao primeiro som que saiu dos lábios do Todo-Poderoso,
já parecia ter sido gerada
a própria Desordem em vez do Divino Artista
de tão disforme que era.

Nela todas às coisas

estavam em repouso,

E na ausência do Espírito Separador
Todos os elementos eram parte dela.

Mas quem poderia dizer

Como se formaram o Céu, a Terra, o Mar
(que são tão leves por si mesmos e de massa tão extensa)?

Quem pode revelar por que há luz
e como a Lua e o Sol se movem lá em cima?

Quem vai poderá entender
que tudo tem um nome,

um espírito, uma quantidade, uma lei e ordem
nesta massa desordenada e impura?

Ó do divinos Filhos adotivos de Hermes,
a quem a arte paterna desvela a natureza

Apenas vocês sabem como a mão eterna

fez a Terra e o Céu do Caos indeterminado.

Sua grande Obra mostra claramente
que Deus compôs tudo da mesma maneira
que o elixir físico é produzido.

Mas eu não sou digno de descrever

com uma pena fraca um assunto tão vasto.

Eu que ainda não sou um Filho especialista na Arte,

Mesmo se seu mapa constitua um bom alvo para o meu olhar.

Mesmo que eu conheça boas ilustrações.

Mesmo que do composto maravilhoso tenha poder para extrair o negrume,

e a pureza dos elementos não esteja oculta.

Embora eu entenda muito bem

que seu mercúrio desconhecido nada mais seja

que um inato Espírito Vivo Universal que desce do céu

na forma de um vapor aéreo sempre em agitação

E preencher até o centro vazio da Terra

donde sai por canais impuros e cresce de volátil para fixo

e assume a forma de umidade radical e permanece em repouso.

Mesmo que eu saiba que sem selar o vaso oval com vidro

Ele nunca reteria o vapor ilustre dentro de si

Se não tiver a ajuda do olho de lince e da mão laboriosa.

A criança branca morre ao nascer

Porque seus primeiros humores não puderam alimentá-la

Como o Homem que no ventre recebe sangue impuro e depois leite ruim.

Mesmo que eu saiba tanto; no entanto,

Hoje não me atrevo sair à prova contigo

Porque até os erros dos outros me fazem hesitar.

Mas, se a inveja não tiver lugar na tua piedade,

Tirarás do engenho o corpo da dúvida,

Se eu mostrar claramente seu magistério

que nestas folhas, vamos ler

A única resposta seria: funciona como deveria.

Quão enganados estão os homens ignorantes da ciência hermética
Quem do som das palavras entendem
por consentimento cego seus Nomes vulgares
Prata Viva e Ouro, e preparam para o trabalho
ouro comum em fogo lento e acreditam que podem retificar a prata.

Mas se os sentidos ocultos abrirem suas mentes
Eles poderão ver a manifestação
Do que falta a cada um,
Que o fogo universal, que é um espírito trabalhador, abandona cada metal
Na chama violenta de uma grande fornalha
E este metal agora sem esta energia vital
e do minério se fez um cadáver.

Hermès mostra outro mercúrio e outro ouro,
Um mercúrio úmido e quente
Que resiste melhor ao fogo e um ouro que é todo fogo e toda vida.
Há uma diferença infinita
entre quem ainda não se distinguiu
Os vulgares corpos mortos, sem alma
e os espíritos corpóreos sempre vivos.

Ó nosso grande mercúrio, em ti estão reunidas
A prata e o ouro extraídos
De poder ativo, Mercúrio todo Sol, Sol toda Lua,
Tripla Substância em uma:
Aquele que se divide em três.
Oh grande maravilha
Mercúrio, Enxofre e Sal que você ensina
Que em três substâncias você é um.

Mas onde está esse mercúrio dourado

Que se dissolve em enxofre e sal, radical úmido,
e torna-se a semente animada dos metais:

Ah, é ele quem está preso

Em uma cela tão dura que mesmo a natureza

Não é pode tirá-lo da prisão alpina
caso a grande Arte não abrir o caminho.

Então, o que a arte faz? Sábio ministro

De natureza laboriosa, com chama vaporosa

Ela Purifica o caminho, e para a prisão o leva
Sem outra escolta

Nem meios melhores do que o calor contínuo

Apoia a natureza;
para desatar os laços de nosso mercúrio.

Sim, almas ignorantes
Você deve buscar apenas este mercúrio

Pois somente nele você pode

Encontrar isso, que desafia as mentes eruditas.
Nele já estão reduzidos

em potência próxima

A Lua e o Sol; e este,

Sem o ouro vulgar e a prata unidos
É a verdadeira semente do ouro.

Contudo toda semente é inútil

Se não se corromper e manter-se íntegra,

Não cair na putrefação e não tornar-se negra.

Corrupção precede a geração.

Assim a natureza experimenta
Em suas obras vivas

E nós a seguimos

Se não quisermos produzir abortos
devemos escurecer antes de clarear.

A corrupção precede a geração.

Assim é a natureza em suas obras vivas e nós a seguimos.

Se não queremos produzir abortos
Devemos escurecer antes de clarear.

Ó você que, para fazer ouro para a arte
Tu nunca se cansa

Da chama incessante do carvão

E do seu composto de tantas maneiras
Você fixa ou dissolve

Ou tudo congelar:

Então em um lugar distante

Você é vê mariposas da noite e as borboletas do dia
e continuando a vigiar suas estúpidas fogueiras

Cesse essas fadigas sem sentido
E que sua esperança cega

não pense mais possa pensar em vapores de ouro
Esta é obra de suores inúteis.

Que, em um local desolado

envergonha seu rosto das horas que você perdeu.
Para qual chama você está destinado?

A violência do carvão não é o caminho dos sábios,
Para a pedra hermética eles usaram a madeira.

De tal fogo,

De onde vem toda ajuda,
Natureza e arte laboram
Pois a arte só deve imitar a natureza:

É um fogo enevoadado que não se eleva,

Que nutre mas não devora,
Que é natural, e se a arte acha árido, traz chuva, umidade

E trás secura a água que estagna,
A água que lava os corpos

E quem não molha as mãos.

Com tal fogo a arte trabalha de acordo com a natureza infalível

E quando está fraco, suplementa-o:

O que a natureza rejeita, a arte completa,
E só a arte purifica o que deve ser purificado
Enquanto a natureza é incapaz disso.

A arte é sempre sagaz.

A natureza é simples, e se uma

Não pode suavizar o caminho, a outra o faz.

Então, por que tantas substâncias,
tantas réplicas e alambiques

Porque se a matéria é única, único é o fogo!
A matéria é única e está em todos os lugares

O pobre e o rico a possuem,
Desconhecido para todos, e ainda diante de seus olhos
Abjeta para o homem comum.

Quem a vende barato como lama

Mas é preciosa para o Filósofo que a conhece.

É esta matéria degradada que

O inteligente e o sábio devem buscar

Porque reúne tudo o que desejam. Nela estão unidos o Sol e a Lua,

Não é vulgar e nem morta.

Nela está o fogo do qual eles sustentam a vida;

É ela quem dá a água ígnea

Que encerra a terra frondosa, que tudo dá

E que é finalmente necessária para executar a obra.

Mas você que sem observar que um único composto
é suficiente para o Filósofo

Não tomei mais nas mãos, químicos ignorantes.

Cozinha em um único recipiente exposto aos raios do sol,
Um vapor que cozinha e engrossa.

Você jogou mil pastos no fogo:

Enquanto Deus compôs Tudo do nada,
retorne finalmente ao nada primordial.

Nem goma nem excremento duro,
Nem sangue nem sêmen humano

Nem ovos verdes nem quintessências de ervas,
Nem águas fortes nem sais corrosivos,

Nem vitríolo romano,

Nem talco seco ou antimônio impuro,

Nem enxofre nem mercúrio,

Nem metais vulgares são empregados

Pelo artista especialista na grande obra.

A alta ciência não emprega tantas misturas

E nosso magistério está contido em uma única raiz.

Desta substância, mostrei-lhe claramente, talvez mais do que é permitido.

Ela contém duas substâncias que possuem uma única essência
E que são potencialmente prata e ouro;

E se mostram se ajustarmos seu peso.

Se durante a operação faz prata e ouro
Assim igualados em peso

O volátil é fixado em enxofre dourado:

Ó enxofre luminoso, ouro animado,

Em ti adoro a laboriosa e concentrada virtude do Sol brilhante!
Enxofre, todo o tesouro,

Fundação da arte pela qual a natureza cozinha o ouro e o trás para maturar o elixir.

Comentários

Nosso curso de alquimia vegetal será finalizado em poucas aulas. O ensino que se seguirá sobre a alquimia mineral e metálica será exclusivamente prático. É por isso que, desde

já há algum tempo, muitos paralelos teóricos foram feitos entre o mineral e o vegetal. A partir das regras do reino vegetal, pensamos em dar toda a teoria do mineral e do metálico.

O "Catecismo de Paracelso" e a Ode que o acompanha são uma pequena exceção a este programa, porque acreditamos que no triângulo Paracelso-Holanda-Basílio São Valentim estão os ensinamentos mais facilmente transformados em trabalho prático. É por isso que foi útil dar uma tradução do referido catecismo.

A Ode que comenta o catecismo é dedicada a um famoso ocultista; nós o propusemos a você porque, mesmo que não estejamos de acordo com esse tipo de literatura, há claramente algumas verdades ali; também há um véu enganador, mas esperamos que as indicações que daremos em breve vos permitam separar o joio do trigo.

No catecismo, encontramos uma concepção da criação do mundo bastante próxima da nossa, exceto por uma incompatibilidade no significado das palavras; por exemplo, as regiões do mundo mencionadas no início são na verdade os elementos, e o masculino e o feminino são o nitro e o sal. Todas as partes referentes às sementes dos metais são muito interessantes, mas devem ser pesadas com muito cuidado. Este texto também confirma certos ensinamentos das lições anteriores. Além do fato de que os metais, ou seja, os minérios, estão vivos, que a fusão é a morte do metal, o texto também diz claramente que o mercúrio (metal) nada tem a ver com o mercúrio dos Filósofos, embora contenha este último

como todos os outros metais. A diferença entre mercúrio e radical úmido é muito bem explicada.

Uma parte a considerar cuidadosamente é onde se diz que a o trabalho da grande obra é idêntica à da criação. Isso, como veremos, tem exceções.

Finalmente, não tome nada ao pé da letra!

Ora et Labora!!

Lição 40: Resumo dos passos para produção da Pedra Vegetal

Voltemos ao processo de formação da Pedra Vegetal e dos elixires vegetais.

Os fenômenos são sempre idênticos entre si, seja o processo direcionado à Pedra ou ao elixir. Eles podem ser resumidos pelos seguintes 5 axiomas:

1. Qualquer tintura (♂+♀) colocada em contato com um Sal sempre volatiliza um pouco deste Sal.
2. Qualquer Sal posto em contato com uma tintura fixa um pouco de Enxofre e Mercúrio.
3. A parte volatilizada do Sal vai para a destilação.
4. A tintura (♂+♀) fixada pelo Sal resiste à calcinação.
5. As impurezas retardam, dificultam e limitam a extensão do processo de fixação ou volatilização.

Suponha que empreendamos a fabricação de uma Pedra com, por exemplo:

- a tintura Enxofre+Mercúrio obtido com o Soxhlet,
- álcool absoluto.

O Sal foi cuidadosamente calcinado e lixiviado várias vezes.

Começamos por demolhar o Sal e colocá-lo numa incubadora a 40/42° durante uma semana. Fixará um pouco de Enxofre e Mercúrio e atrairá as impurezas não fixadas da tintura.

Se a embebição for correta, o Sal fica seco. A calcinação então elimina as impurezas da tintura que impedem o Sal de fixar muito Enxofre e Mercúrio.

Se a embebição for muito abundante, a cada início de calcinação, parte da tintura será evaporada, e com ela um pouco do nosso Sal volatilizado. Neste caso, a cada embebição, o Sal perderá um pouco do seu peso (é o caso da Pedra obtida pelo método da Lição 18). O trabalho pode não ser concluído se o peso do sal no início das operações for muito baixo.

Podemos concluir que este processo é consideravelmente acelerado se as impurezas forem reduzidas ao mínimo. Para fazer isso, pode-se, por exemplo, seguir as seguintes operações:

1. Extraia o óleo essencial de uma planta. Purifique-o dissolvendo-o em álcool absoluto, depois filtre e destile.
2. Fermente a planta e rectifique o álcool ao absoluto.
3. Faça uma tintura misturando uma parte deste álcool e uma parte do óleo obtido.

Dada a pequena quantidade de óleo extraída, a operação só pode ser concretizada com duas condições:

- A escolha de uma planta que dê bastante óleo.
- Ter uma quantidade de planta tal que sejam possíveis várias extrações e fermentações. Várias extrações de óleo serão necessárias para obter uma quantidade suficiente.

O sal deve ser reduzido a um pó impalpável. Mesmo o que passa por uma peneira ainda é muito grande. Durante a operação, o almofariz e seu pilão devem ser colocados em um saco plástico para alimentos. Quando todo o sal estiver pulverizado, o saco é cortado e o pó é recuperado com um pincel pequeno e bem limpo.

Se se empreende várias Pedras ao mesmo tempo, cada uma terá seu pincel e cadinho particular. Aconselhamos vivamente a orientar-se inicialmente para a Pedra e não para o elixir, por onde "passa" todo o Sal.

Dois casos são então possíveis:

- O Sal secará após uma semana de maceração a 40/42 °C. Então nós o calcinamos.
- O Sal não estará seco e um líquido flutua. Este dissolveu um pouco de sal volátil, e é recuperado por destilação antes da calcinação. O destilado será usado primeiro para a próxima embebição e eventualmente será complementado com uma nova tintura. Claro, você tem que fazer isso para não perder Sal.

Para a fabricação da Pedra, a escolha dos cadinhos é delicada. Os adequados são feitos de porcelana dura e são bastante fáceis de obter. Sua forma deve ser esférica, ou seja, sem um ângulo agudo na parte inferior. Cada cadinho esférico é colocado em um segundo cadinho com fundo plano. Com um pequeno rebolo, o vidro que serve de "verniz" para a porcelana dentro do cadinho é removido com muito cuidado e por completo. Essa operação é muito importante, pois a Pedra corre o risco de absorver o vidro, o que comprometeria totalmente a obra.

Após as primeiras macerações e calcinações, o Sal muitas vezes aparece como um amálgama quebradiço; é muito fácil restaurar a sua pulverulência original, isto para calcinações a 800-900°. Então a temperatura de fusão cai, obtemos um bloco duro homogêneo com muitas manchas devido a impurezas; é preciso devolver ao Sal sua pulverulência novamente.

Muitas vezes é necessário raspar o cadinho com uma ferramenta dura e afiada, muito limpa, especialmente sem óxido. Após esta etapa, o cadinho esférico deve ser colocado em outro para evitar que se quebre durante o restante da operação. A Pedra no estado líquido danifica consideravelmente a mufla do forno (se for nossa ferramenta de calcinação); e o segundo cadinho também evita que nosso produto derrame sob os efeitos imprevisíveis de altas temperaturas. Sempre adicionamos uma laje de proteção de terra refratária.

A escolha do cadinho é fundamental nesta parte do nosso trabalho. O esmerilhamento do vidro deve ser feito com rebolo o mais macio possível, de forma a obter um acabamento fosco fino que reduza a aderência da Pedra e do porcelanato. Qualquer arranhão facilita a quebra do cadinho. A porcelana, não mais protegida pelo vidro, é ligeiramente embebida pelos elementos da Pedra, razão pela qual o mesmo cadinho só pode ser utilizado para a mesma Pedra; também é bom marcá-lo com alguns pequenos golpes do rebolo na borda e bem de leve (nenhuma tinta aguenta a temperatura de calcinação).

Percebemos por experiência que muitas vezes as impurezas se acumulam em uma parte da Pedra e que a separação dessa parte acelera consideravelmente a continuação do trabalho. O da parte impura terá que ser feito separadamente e será mais longo.

Nesta fase, a pedra pode ser branca, mas ainda pode ter manchas difusas de bronzeado ou azul celeste. Muitas vezes é um pouco macio ao toque. Antes de pulverizá-la novamente, sem fazer o teste de fusão sem fumaça, pode-se experimentar a Pedra em sua função e às vezes ter uma agradável surpresa. Utilizando um alicate ou qualquer outro sistema, a Pedra é colocada sobre a superfície de uma maceração vegetal feita com água da chuva.

Nossa Pedra pode não estar muito ativa, demora 24 ou 48 horas para ver o resultado.

Para este teste, é melhor escolher plantas "espetaculares", ou seja, com muitos princípios alquímicos. Podemos avançar para sementes de alcaravia ou cominho, alfazema, manjerição, alecrim ou camomila romana. Esta última planta é interessante por causa da intensa cor azul que aparece ao redor da Pedra se o experimento for bem-sucedido.

Se depois de 48 horas, o elixir oleoso não for recolhido ao redor da Pedra, se a parte submersa for dissolvida, é necessário continuar os ciclos, embebições e calcinações.

Três pistas nos mostram que estamos nos aproximando da meta:

- A temperatura de fusão cai
- A cor branca domina cada vez mais
- O pó em pó dá uma impressão gordurosa.

Se insistimos na Pedra Vegetal, é porque ela dá o domínio deste reino. Se a sua Pedra é muito ativa, ou seja, se ela produz seus efeitos em meia hora, você pode fazer em um dia o trabalho dos elixires que exigiria um ano pelo método que vamos revisar.

Mesmo se sua Pedra não for muito ativa, o trabalho ainda pode ser feito em duas semanas.

De fato, se a maceração parece dar pouco elixir, você deve saber que contém todos os princípios alquímicos da planta e que todo o sal volátil está contido no óleo recuperado. O que equivale a um elixir feito de sucessivas destilações por onde tudo passou.

Esses elixires devem ser usados apenas pelo próprio Alquimista e apenas para o processo de iniciação alquímica. Para quem pertence ao Corpo Médico, ou para quem reside no estrangeiro onde as leis são diferentes, recomendamos o seguinte procedimento.

Proceder como se diz para "passar o Sal", ou seja, uma maceração a 40-42 °C da tintura durante uma semana sobre o Sal, o volume da tintura deve ser pelo menos 10 a 12 vezes o

do Sal. Faça a destilação, a calcinação do Sal. Verter o destilado sobre o sal, a maceração e o resto das operações.

Precaução importante: pesar cuidadosamente o sal no início e após cada calcinação. Assim que a perda de peso for de 20 a 30%, pare as operações e filtre o elixir que está pronto.

É certo que durante este processo, o Sal fixou parte da tintura, (Enxofre + Mercúrio) e a purificou. Por outro lado, a tintura já é fortemente carregada com Sal, o que aumenta seu poder ativo no corpo.

Para este tipo de elixir, pode-se, por exemplo, comprar o óleo da planta obtido por prensagem, refinando-o dissolvendo-o em álcool, filtrando-o e destilando-o. Misture o óleo e o álcool absoluto ao meio. Obtenha o Sal da planta por calcinação e operar conforme indicado anteriormente. É então necessário ter cuidado para que durante a destilação da tintura, o óleo e o sal não resultem em sabão, (caso da videira, por exemplo). Caso contrário, esse método resolve o problema da quantidade de óleo.

Do ponto de vista curativo, o elixir está no auge do vegetal e só pode ser superado pelas tinturas minerais ou metálicas.

Observações:

- Para fabricação da Pedra utilizamos forno de esmalte. Esses fornos em modelos pequenos podem calcinar uma ou duas pedras por vez e são relativamente modestos em preço.
- Os rebolos referidos neste manual são facilmente encontrados em supermercados ou em lojas de peças eletrônicas. Eles funcionam com baterias ou na rede elétrica com um adaptador. Esta última solução é a menos dispendiosa.
- Já aconselhamos a ter um caderno de laboratório onde serão anotadas todas as operações, datas e horas. Da mesma forma, todos os frascos devem ser rotulados.

Se você tiver vários experimentos sendo executados simultaneamente, acreditamos que o melhor sistema é ter um número e uma ou mais páginas por experimento.

Assim anotaremos no caderno na página da garrafa nº 1:

- **1** tintura de erva-cidreira em 24/05/79
- **1** cinzas de Melissa, 24/05/79
- **1B** Tintura + cinzas, então 26/05/79

Isso evita que os curiosos saibam o que nossas garrafas contêm e é mais fácil escrever apenas um número nas pequenas garrafas.

Ora et Labora!!

Lição 41: Mesntrum, Alkahest, Mercúrio, Dissoluções

Para a compreensão do que se segue, é útil especificar o significado da palavra vitríolo. Nos livros antigos, esta palavra não tem o mesmo significado que hoje lhe é atribuído, ou seja: ácido sulfúrico. Este corpo foi chamado de óleo de vitríolo. É difícil explicar o que muitas vezes se esconde por trás desse termo.

O vitríolo é, em princípio, um sal mineral cristalizado de origem mineral ou metálica. Os sais dos metais designados pelos termos modernos: sulfatos, sulfetos e acetatos eram chamados pelos alquimistas de "vitríolos".

Pode-se pensar que o Vitríolo de Basile Valentin é um vitríolo que não existe na natureza. Somente a arte química pode fornecê-lo e é chamado de acetato de antimônio.

MENSTRUUM - ALKAEST - MERCÚRIO

Antes de iniciar o nosso estudo do paralelismo entre os processos vegetal e metálico, é bom começar com um estudo dos diferentes líquidos de extração, nomeadamente menstruum, alkaest e mercúrio filosófico.

O mercúrio vegetal, ou seja, o álcool absoluto e até mesmo o álcool filosófico, localizado no limite menstruum-alkaest, pode ser colocado na categoria menstruum (ou mênstruos). Veremos em nossa tabela resumo os limites para cada um dos seguintes menstros:

- álcool absoluto
- álcool filosófico - éter sulfúrico
- acetona
- acetona dos Anciãos
- vinagre destilado

Uma primeira diferença importante a notar é que esses líquidos, como alkaests, têm um poder de extração, mas que deixa o corpo do sólido tratado morto e despojado de seus princípios alquímicos, exceto do sal. Por outro lado, os mercúrios filosóficos dissolvem todos os corpos do produto tratado: a totalidade dos três princípios: Enxofre, Sal e Mercúrio.

Outra diferença é que os menstros da nossa lista não podem reviver corpos metálicos ou minerais.

Alkaests filosóficos e mercúrios podem reviver metais e minerais.

Menstros, alkaests e mercúrios podem ser divididos em três categorias:

- O mercúrio vegetal ou metálico produz tinturas voláteis
- As acetonas não produzem tinturas fixas nem voláteis.
- Vinagres produzem tinturas fixos.

O que dissemos sobre os menstros e sobre os alkaests deve ser completado. Também é óbvio que o mercúrio vegetal (álcool) se comporta em seu reinado, não como mercúrio filosófico, mas como um alkaest. Líquidos de extração, chamados menstros, têm propriedades que podem parecer idênticas às dos alkaests. No entanto, eles diferem de duas maneiras importantes:

1. Em geral, os menstros não têm efeito sobre metais puros e mortos; sua ação só pode ocorrer sobre óxidos ou sais devidamente preparados, enquanto os alkaestres podem extrair enxofre de metais que sofreram fusão e, neste caso, obter uma tintura filosófica que revivem com sua própria vida.
2. A velocidade de ação: em geral, uma menstruação requer pelo menos um mês, quando não são vários meses, às vezes 6 ou 7, para extrair uma tintura. Por outro lado, um alkaest age muito rapidamente, às vezes quase instantaneamente, no máximo em algumas horas. Então, recentemente, uma noite, colocamos folha de ouro em vinagre de antimônio bem retificado, na manhã seguinte a tintura de ouro foi extraída.

Os mercúrios, como já foi dito, têm o poder de dissolver os 3 princípios, mas, além disso, como os alkaestres, revivem o corpo dissolvido.

Alkaests e mercúrio podem atuar sobre o metal morto, mas purificado por fusão.

Repetindo na linguagem antiga, o menstruo pode atuar sobre sais e óxidos, ou seja, na fraseologia antiga: os óxidos são açafreão, açafreão, cal, vidro e os sais são vitríolos.

Ainda falta falar de uma categoria de produtos dos Antigos: os vivificadores. Os dois principais são o vivificador (ou vivificante) de enxofre e o de antimônio. Esses corpos são combinações fixas de enxofre-álcalis, ou seja, soda cáustica ou potassa cáustica no que diz respeito ao enxofre, e seguem o mesmo princípio para o antimônio.

No curso metálico veremos o interesse destes produtos porque permitem a purificação no campo alquímico sem causar a morte alquímica.

Menstruum - Alkaest - Mercúrio

REINO DE ORIGEM				METAIS											
LÍQUIDO	VEGETAL	MINERAL	METALLIQUE	♂	♂	4	♂	♀	♀	♀	☾	☉			
				♂	♀	♂	♀	♂	♀	♂	♀	♂	♀	♂	♀
				♂	♀	♂	♀	♂	♀	♂	♀	♂	♀	♂	♀
HCV Alcool	+			♂	♂	♂	♂	♂							
HCV Alcool Filosofal	+			♂	♂	♂	♂	♂							
HE Éter	+			♂	♂	♂	♂	♂	♂						
HE Vinagre Destilado	+			♂♂	♂♂	♂♂	♂♂	♂♂	♂♂						
HE Acetona	+			♂	♂	♂									
HE Acetona d'Sabios	+	+		♂	♂	♂									

ALK Acetona d'Anciões		+		♂									
ALK Tartarico	+						++	++	++	++	++	++	++
ALK Nitro		+		++	++		++	++	++	++	++		
ALK Enxofre		+		++	++	++	++	++	++	++	++		
ALK Sal comum		+				++	++						
ALK Vinagre Antimonio		+	+	++	++	++	++	++	++	++	++	++	++

HCP Antimonio Vidro			+	D	D	D	D	D	D	D	D		
HCP Aço			+	D	D		D					D	
HCP Estanho			+	D	D	D	D	D	D	D	D	D	
HCP Ferro			+				D						
HCP Cobre			+					D					
HCP Mercúrio			+	D	D	D		D	D	D	D	D	

HCP Prata			+								D	D	
HCP Ouro			+								D	D	

Origem desta tabela: Foi estabelecida de acordo com as duas regras seguintes:

- Está escrito o que foi confirmado por nossas próprias experiência
- Contém informações de vários autores, mas, se em um de seus textos encontramos uma única contradição com nossos experimentos, todos os textos da mesma origem foram eliminados.

A tabela é composta por 4 partes:

- Parte superior: mênstruo e mercúrio vegetal
- então: alkaests
- então os mercúrios filosóficos
- finalmente duas linhas para extratos de ouro e prata.

Códigos usados na tabela:

- CVD: mercúrio vegetal
- EU: menstruo
- ALK: alcaest
- MCP: mercúrio filosófico
- A primeira coluna à esquerda dá o nome do licor de extração.
- As próximas três colunas indicam o reino de origem do licor.
- As outras oito colunas são as dos sete metais tradicionais, mais a coluna de antimônio.
- Uma cruz (+) indica que o enxofre é extraído.
- Duas cruzeas (++) indicam que o mercúrio e o enxofre são extraídos.
- “D” indica que os três princípios estão dissolvidos.
- “O” indica que a extração só é possível em vitríolo, um óxido metálico (cal ou vidro). Neste caso, em geral, apenas o enxofre é extraído.
- Os quadrados riscados correspondem a extrações ou dissoluções impossíveis.

- As caixas em branco nas colunas metálicas correspondem a casos que não foram testados e para os quais nenhuma documentação provável foi encontrada.

A tabela está incompleta por não ter a ação do mercúrio vegetal ou menstruo sobre os corpos Alkaests, sendo este objeto de outro estudo.

Observações

As primeiras observações que se impõem são as seguintes:

- A posse do Alkaest Tartarico assim como do Alkaest of Sulfurico resolve todos os problemas de extração metálica. Por outro lado, ter apenas o vinagre de antimônio resolve todos esses mesmos problemas. É também por isso que muitas vezes se fala nos livros de antigas extrações feitas com vinagre destilado sem que muitas vezes seja especificado se é vinagre de vinho ou vinagre de antimônio. Encontramos uma situação semelhante nos mercúrios filosóficos. O m
- O mercúrio filosófico do estanho é universal.
- A combinação de mercúrio do chumbo mais mercúrio do antimônio dá o mesmo resultado.
- Da mesma forma, o Mercúrio filosófico do mercúrio pode ser complementar ao do ferro, do chumbo ou do antimônio.
- O vinagre de vinho destilado extrai mercúrio metálico apenas se operar sobre sais filosóficos e isso de forma indireta.
- Os alkaests revivem o metal em que operam. Se o corpo é filosófico, o alkaest é recuperável: age um pouco como um catalisador que libera Enxofre e Mercúrio.

Esta tabela nos será muito útil assim que soubermos extrair alkaests porque então nos permite saber quais são os processos possíveis e os produtos a serem possuídos, filosóficos ou não, para obter os três princípios de um corpo.

O outro interesse desta tabela é permitir, após a extração de um alkaest, controlar o valor e a exatidão do produto obtido: basta para isso ter pequenos pedaços de cada um dos sete metais planetários e fazer testes de extração em um tubo de ensaio. Alguns miligramas de metal são suficientes para colorir o alkaest. Cobre, ferro, chumbo e mercúrio não são problema. Quanto ao estanho, ouro ou prata, as folhas podem ser facilmente obtidas de um especialista em iluminuras.

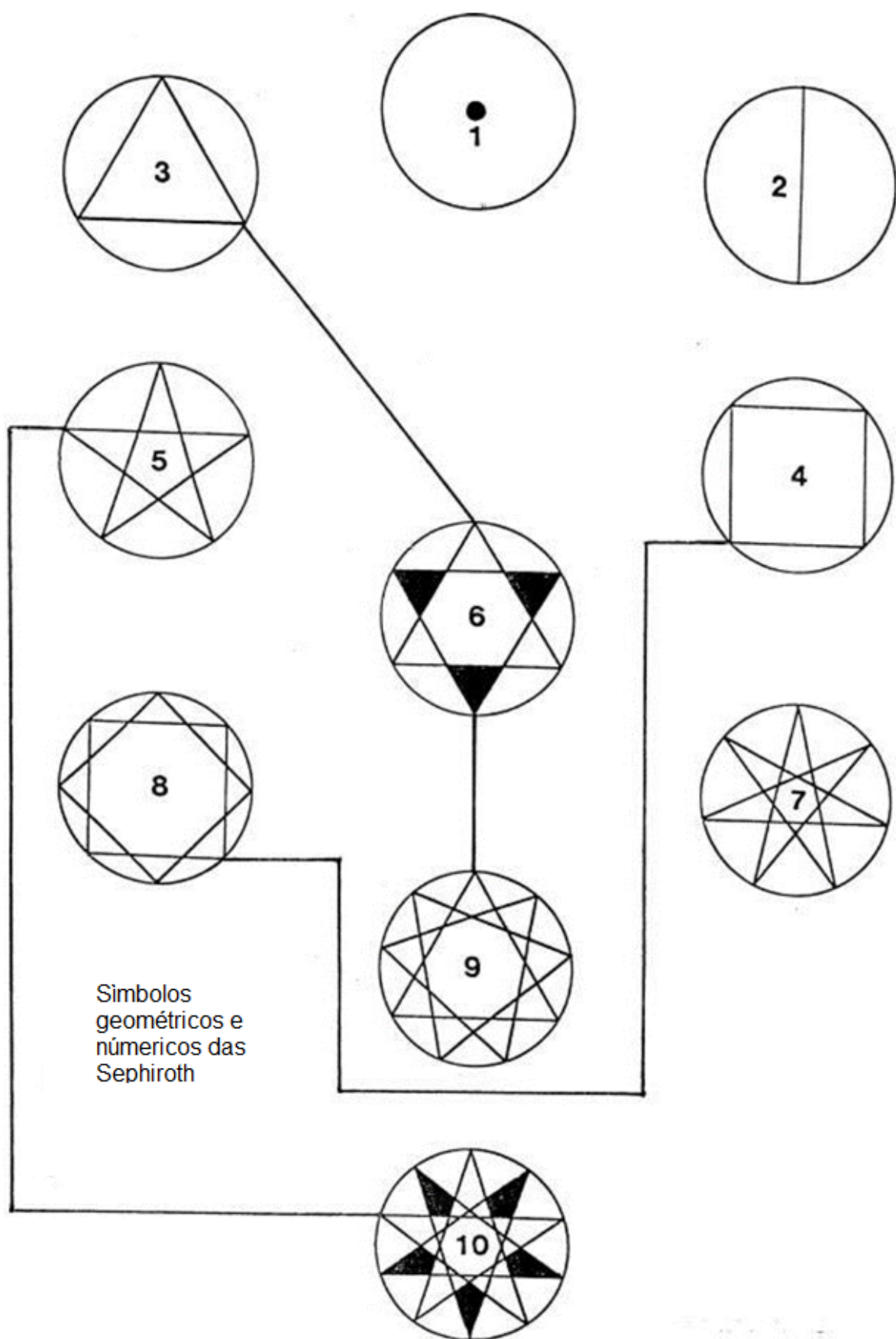
Por fim, lembraremos que:

- A acetona dos Sábios é a acetona obtida pelo vinagre radical.
- A antiga acetona é apenas de origem mineral.

Ora et labora!

Lição 42: Numeros de 1 a 10, Matriz Metálica, Discurso sobre Drogas

O conhecimento oculto por trás das antigas disciplinas esotéricas ou seus símbolos costuma ser muito interessante. Assim, a numerologia se aplica à Qabalah e as Sephiroth correspondem aos números de 1 a 10, sendo 1 Kether e 10 Malkuth. Mas os números tendo um caráter abstrato, falam menos à mente do que os símbolos, então é melhor geometrizar e substituir os números pelas figuras geométricas correspondentes. Isso nos é mostrado na imagem abaixo:



SÍMBOLOS GEOMÉTRICOS DAS SEPHIROTH

As primeiras observações que se impõem são as seguintes:

"1" O ponto de Kether não pode ser a matriz da matéria tangível.

"2" A linha de Hochmah também não pode ser uma matriz de matéria, porque estes dois primeiros símbolos não têm superfície nem possibilidade de gerar volume algum.

"3" Com este número, o de Binah, aparece o triângulo, a primeira superfície, a primeira matriz possível da matéria: chumbo (planeta Saturno).

"4" O número de Chesed nos dá o quadrado, símbolo da estabilidade: estanho cujo Mercúrio é um solvente dos sete metais (planeta Júpiter).

"5" O número de Geburah nos dá a possibilidade de uma primeira matriz dupla: o pentágono ou a estrela de 5 pontas. Geburah é o planeta de ferro (Marte), sua estrela é o símbolo do homem.

"6" O número de Tiphereth também dá uma figura dupla: o hexágono ou os dois triângulos invertidos, símbolo do ouro, figura dupla do chumbo (Sol); símbolo também da junção do Grande e do Pequeno Mundo.

"7" O número de Netzach cujo polígono é o heptágono, mas também duas estrelas de sete pontas que explicam como e por que nas Sephiroth os dias da semana não se seguem na mesma ordem da semana do calendário. Seu metal é o cobre e seu planeta é Vênus. Esta matriz pode juntar-se às outras em caso de quebra interna: $7 = 4 + 3$, estanho e chumbo.

"8" O número de Hod; seu polígono é o octógono. Esta Sephirah tem duas estrelas, uma das quais é na verdade um quadrado duplo. Seu metal é o mercúrio, cuja matriz tem um símbolo que é o dobro do estanho e cujo princípio o mercúrio é o solvente dos sete metais. O planeta é Mercúrio, símbolo de Thoth-Hermes, Magus e Alquimista.

"9" O símbolo de Yesod, a Lua, cujo polígono de base é o eneágono; mas aqui temos também a possibilidade de três estrelas, uma das quais é de fato um triângulo triplo. Seu metal, a prata, tem portanto três vezes o triângulo de Saturno, enquanto em Tiphereth o ouro tem apenas duas vezes.

"10" O símbolo de Malkuth, o Reino, o reino da Terra. Seu metal é o antimônio chamado Regule, o pequeno Rei do Reino. Seu polígono é o decágono que possui três estrelas, uma das quais é na verdade o dobro da estrela de cinco pontas. A matriz do antimônio é o dobro da do ferro.

Essas explicações nos levam a limitar o que foi dito sobre as pedras adúlteras. De fato, chumbo, ouro, prata têm um elemento comum da matriz: o triângulo. A ascensão para o chumbo celeste é, portanto, feita pela eliminação dos triângulos: prata - três triângulos para o ouro - dois triângulos para o chumbo celeste - um triângulo. Por outro lado, as energias descendentes seguem o caminho chumbo, ouro, prata.

Mercúrio e Estanho possuem um elemento matricial comum: o quadrado, e esta matriz está relacionada à possibilidade de dissolução do mercúrio filosófico do estanho (tabela da lição anterior)

O antimônio e o ferro têm um elemento matricial comum: a estrela de cinco pontas. Isso lança luz sobre os textos de Basílio Valentim sobre a Pedra de Fogo quando o autor explica - mais ou menos - os preparativos preliminares onde usa apenas o antimônio, o Regulus, o pequeno Rei do Reino da Terra. Mas para a Pedra do Fogo, ele acrescenta Enxofre, princípio do ferro: Marte, planeta do ferro, símbolo da força, dá a força necessária ao pequeno Rei para acessar o Reino Superior, sendo Marte ele próprio do Reino de Briah. Os preparativos preliminares de Basílio destinam-se a preparar o Rei para que ele possa suportar sua coroação. A Pedra de Fogo realiza a coroação.

Achamos útil insistir no fato de que nossas próprias experiências com o antimônio nos mostraram que os textos da "Carruagem Triunfal do Antimônio" e os do "Último Testamento" estão repletos de armadilhas que custam tempo e dinheiro. Acreditamos, portanto, que antes de empreender o trabalho do antimônio, é preferível aperfeiçoar-se no reino vegetal.

DROGAS: (explicações e advertências)

Durante nossas conferências, notamos que um certo número de pessoas interessadas em esoterismo pensava que poderia encontrar uma solução para certas questões neste campo

pelo uso das chamadas drogas psicodélicas. Algumas dessas pessoas até pensaram que o processo alquímico que estamos propondo tinha alguma conexão com o uso desses produtos. Nossa resposta é enfaticamente não. Dizemos até que os princípios utilizados na alquimia se opõem aos trazidos pelo uso de drogas e que a via alquímica é incompatível com esta, seja ela qual for.

Mais cedo ou mais tarde, um Alquimista deve saber, e não apenas acreditar, que o homem tem a possibilidade de vários níveis de consciência. A consciência desses planos só pode ser alcançada através do funcionamento, momentâneo ou definitivo, do que certas escolas chamam de chacras e que chamamos de centros sephiróticos.

Aqueles que estudaram esses problemas sabem que, na maioria das mortes por doenças, o despertar desses centros muitas vezes ocorre alguns momentos antes da morte, mesmo algumas horas ou alguns dias. Aqueles, portanto, que conhecem esses planos percebem que o que se diz ser o delírio do moribundo é, na verdade, uma mudança de referências mentais devido à percepção ainda confusa de uma nova realidade.

A conclusão disso é que a aproximação da morte geralmente desperta os centros sephiróticos.

Um segundo ponto nesta área é que todas as drogas são tóxicas. É a especificidade de seu efeito tóxico, mas reversível, que leva a um certo despertar sephirótico.

Mas, neste caso, o despertar geralmente ocorre em condições desastrosas por várias razões. Em primeiro lugar, não estando os centros limpos, a percepção é desarmônica e distorcida: é um pouco como a contemplação de uma paisagem no reflexo de um espelho muito distorcido. Além disso, essa falta de harmonia faz com que a percepção muitas vezes só alcance as regiões mais contaminadas desses planos, daí o caráter geralmente alucinatório das visões assim desencadeadas.

No uso de drogas, é impossível obter um efeito determinado antecipadamente porque esses produtos atuam em quase todos os centros ao mesmo tempo, sem possibilidade de dosagem.

Permanece o mais grave de tudo isso: esses produtos utilizam as energias negativas da morte causando assim sérias destruições no corpo e em particular nas zonas dos centros sephiróticos. Eles tornam qualquer jornada esotérica impossível depois disso. A repetição de tomar a droga faz com que os centros percam a sensibilidade a esse mecanismo de

despertar: os centros requerem, para conseguir esse despertar, uma aproximação gradual até o ponto definitivo onde a droga perde seu caráter de reversibilidade e é isso que acontece termina, ou melhor, começa nos outros planos com a morte por overdose.

Se compararmos esse "método da droga" com o processo alquímico, descobriremos que é exatamente o oposto. A limpeza, um a um, dos centros sefiróticos pelos elixires não destrói o corpo, mas, ao contrário, conduz pouco a pouco a um estado de saúde muito mais harmonioso.

As tinturas metálicas alquímicas não têm caráter tóxico e despertam os centros trazendo energia vital de outros planos de consciência. Além disso, graças ao seu efeito seletivo, já que cada tintura corresponde apenas a um centro, pode-se adotar um método progressivo de despertar que consiste em despertar gradualmente cada centro para não criar nenhum desequilíbrio na psique ou no intelecto. O uso de corantes metálicos melhora muito mais a saúde física e mental do que os corantes vegetais.

Acabamos de dizer que existia uma vantagem por causa da seletividade de cada corante. Isso não é verdade para o antimônio que toca todos os centros; mas os extratos corretos de antimônio estabelecem uma conexão entre a terra, planeta do antimônio, e os outros sete planetas tradicionais. O que quer dizer claramente que os extratos de antimônio estabelecem uma corrente de energia entre o corpo e os sete centros ou chacras.

Em conclusão, dizemos que os dois processos são tão opostos quanto a oposição vida-morte, tanto no plano físico como nos outros planos.

Acreditamos que essas explicações são informações suficientes para que todos saibam o que fazer.

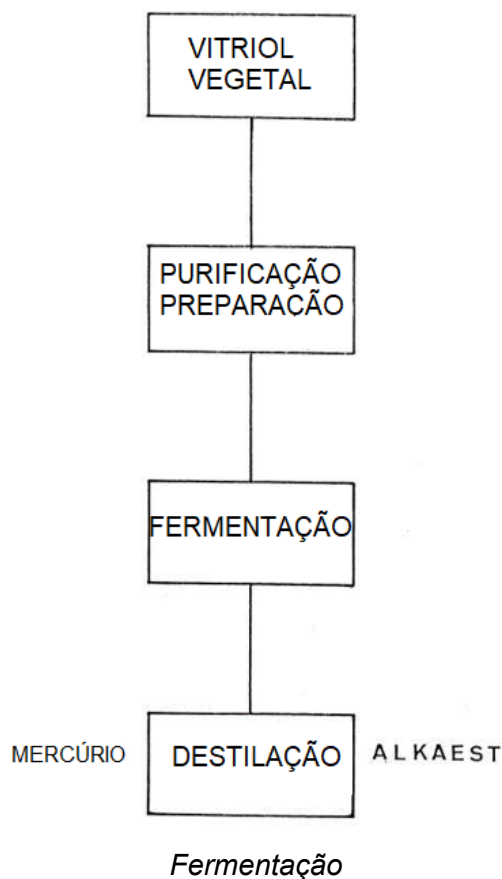
Ora et Labora!!

Lição 43: Fermentação, Síntese dos Processo Alquímico, Elixir, Pedra, Sobre as Atribuições Planetárias das Plantas

Vamos estabelecer o paralelo e as diferenças entre os processos vegetais e os processos metálicos.

Tanto no metal quanto na planta, existem praticamente apenas dois métodos para separar os três princípios:

- um líquido de extração obtido por fermentação ou derivado de um líquido fermentado
- uma destilação seca comparável à explicada na Lição 26.



Primeiro passo: esquematizamos o princípio desta fermentação e o paralelismo dos dois processos na imagem acima. Se partimos de uma planta, obtemos um mercúrio vegetal, se partimos de um vitríolo, obtemos um alcaest. Em ambos os casos, é necessária uma purificação inicial: eliminação das partes mortas da planta, ou do enxofre e arsênico que geralmente se encontram no vitríolo. Também é necessário para a planta que o meio seja ácido e que seja filosófico para o vitríolo.

Segundo passo: a fermentação, em ambos os casos, deve ser feita sem entrada de ar externo, ar “cru”, como dizem os textos antigos. A temperatura para o vitríolo é mais alta que para a planta, entre 40° e 50° C em geral.

Terceiro passo: a destilação, em ambos os casos, deve ser seguida de inúmeras retificações.

Além desse primeiro processo, temos duas outras possibilidades de extrair um alcaestre ou um mercúrio.

Segundo processo: a maceração de um vitríolo pelo álcool filosófico.

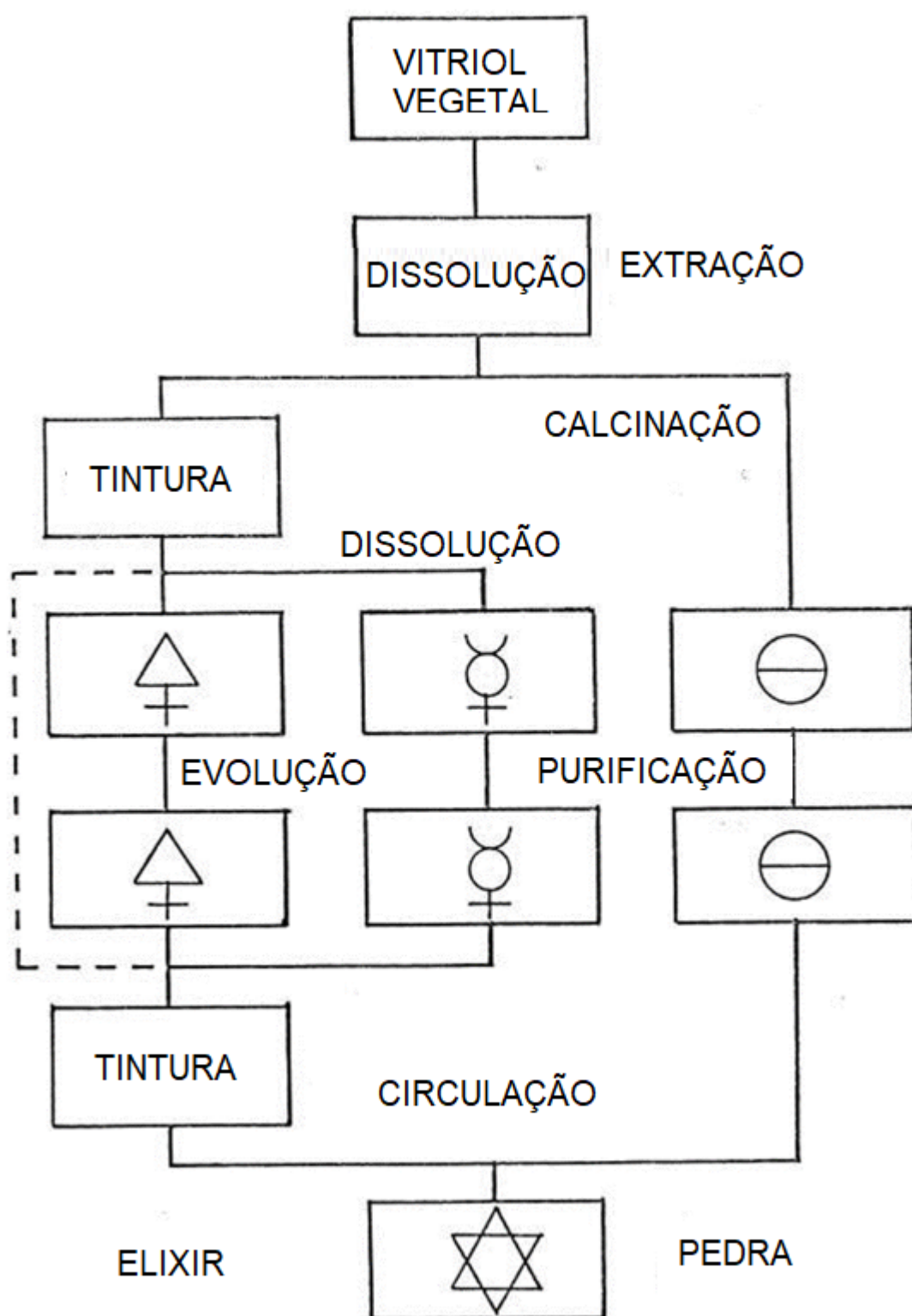
Terceiro processo: a destilação seca de um vitríolo corretamente preparado. Refira-se nesta parte que se existem vários líquidos de extração na planta, existe neste reino apenas um mercúrio, o álcool, e que este deve imperativamente ser utilizado para a Pedra ou para o elixir, seja qual for o líquido de extração, enquanto este não é o caso do metálico.

Seja qual for o método usado, o resultado será o seguinte:

- A planta dará mercúrio vegeta
- Um vitríolo mineral dará um alkaest
- Um vitríolo metálico dará um mercúrio filosófico.

Observe que o segundo e terceiro processos sempre assumem que temos mercúrio vegetal ou metálico ou um alka é obtido por fermentação.

Passemos a segunda ilustração:



Remos agora um mercúrio vegetal ou um alkaest ou um mercúrio filosófico. Examinemos a diferença dos três processos: vegetal, alkaest, mercúrio metálico que todos os três devem nos levar à separação Enxofre-Mercúrio-Sal.

Primeiro caso: mercúrio vegetal e vegetal

É realizada uma extração que dá uma tintura e um caput mortem. Tintura por destilação produz enxofre e mercúrio. O caput mortem, por calcinação e lixiviação, dá um sal branco. Temos nossos três princípios.

Segundo caso: vitriol, alkaest; há extração aqui.

Temos uma tintura que por destilação produz enxofre e alkaest ou mercúrio. Observe que não podemos escolher nenhum alkaest para qualquer vitríolo. O caput mortem dará um sal apenas por uma nova extração que, muitas vezes, só pode ser feita por um menstrum ácido; ácido acético (vinagre destilado ou catarro ácido de extração mineral). Temos, portanto, três princípios separados.

No caso de haver compatibilidade, ou seja, quando o alkaest extraiu os princípios de um vitríolo metálico filosófico, o mercúrio do metal em questão é obtido por destilação.

Terceiro caso: vitríolo, mercúrio filosófico

Neste caso, não operamos por extração e sim por destilação.

Os três princípios são dissolvidos por mercúrio e separados por destilação. É uma operação muitas vezes delicada, mas que dá os três princípios com um mercúrio vivo, mesmo que o metal dissolvido esteja morto. Observe que não podemos tomar qualquer mercúrio para qualquer metal.

Estamos agora no estágio de purificação da evolução. Esta etapa é necessária para o mercúrio vegetal e o alkaest, mas não é necessária para o mercúrio filosófico.

Chegamos então ao estágio de circulação do corante. Geralmente, a tintura é reconstituída pela embebição do sal no vegetal.

Para alkaest e mercúrio filosófico, a reconstituição da tintura não deve ser feita antes da embebição. De referir que, sujeito à estanqueidade e limpeza das garrafas, o Enxofre e o Mercúrio mineral e metálico podem ser conservados por tempo indeterminado.

O processo final também é diferente. Vimos que a relação elixir-sal e o tipo de operação direcionam o resultado na planta para a Pedra ou para o elixir. Para alkaest e mercúrio, o processo é diferente: envolve embebição sem ar bruto e aumento gradual da temperatura.

O elixir é geralmente feito dissolvendo a Pedra em mercúrio.

ALOCAÇÕES PLANETÁRIAS DE PLANTAS

As atribuições planetárias nesta lição (Lição 8) podem te parecido arbitrárias. Devemos dizer que checamos algumas deles e que, nas listas que nos foram comunicadas, eliminamos tudo o que nos pareceu duvidoso. No entanto, vários erros são possíveis

porque as plantas evoluem e podem mudar de atribuições. Assim, a erva-cidreira selvagem não tem a mesma atribuição que a erva-cidreira cultivada.

Os vários métodos para determinar essas atribuições são os seguintes:

1. Estudo das propriedades medicinais: processo inseguro.
2. Estude as assinaturas: sequência de características físicas, formato das folhas, cores e formato das flores, aspecto geral, formato planta seca, planta molhada, planta suculenta, etc. Esse processo já é mais preciso, mas não leva em conta a evolução da planta porque os aspectos físicos sempre ficam atrás da evolução interna.
3. Estudo por processos ocultos: este processo está mais no campo da Qaballa do que no da Alquimia, por isso não o desenvolveremos neste curso.
4. Estudo por um processo tipicamente alquímico: as plantas contêm dois tipos de sais: sais “fixos” para os Antigos e inorgânicos para os modernos, ou sais essenciais e por vezes voláteis para os Antigos e orgânicos para os modernos. Os sais fixos não contêm carbono, os sais essenciais pertencem à química do carbono.

Veremos mais adiante os processos de extração dos sais essenciais e como cristalizá-los. Esses cristais geralmente são muito pequenos e só podem ser examinados com uma lupa ou microscópio. Existem sete tipos possíveis de cristais, cada um desses tipos sendo atribuído a um dos sete planetas tradicionais.

Ora et Labora!!

Lição 44: Material para o Trabalho Metálico, Processo Mental, Transmutação

Quais equipamentos são necessários para se dedicar ao trabalho mineral e metálico? Vamos tentar respondê-la agora. Em seguida, revisaremos algumas noções sobre processos mentais, depois falaremos sobre transmutações.

EQUIPAMENTO PARA TRABALHO MINERAL E METÁLICO

O exame da tabela da Lição 41 combinado com o exame do simbolismo cabalístico (Lição 42) permite-nos expor o nosso plano de trabalho nos domínios mineral e metálico.

Os produtos necessários para este trabalho não são fáceis de obter, por isso estamos dando a lista e os motivos agora para que todos tenham tempo de realizar a pesquisa.

A primeira operação proposta será a do alkaest de enxofre porque:

- As propriedades curativas dos produtos extraídos são significativas.
- Completa o alkaest tartárico do ponto de vista da extracção.

A segunda operação proposta será a do alkaest tartárico.

Assim com estes dois alcalóides teremos a possibilidade de extrair todos os corantes metálicos.

A terceira operação proposta será a do vinagre de antimônio por motivos que serão detalhados em nosso estudo deste minério.

Em princípio, não falaremos de outros alkaests, em particular o de nitrato, que apresentam sérios perigos de explosão.

Em seguida, propomos uma série de operações sobre o antimônio que corresponderão substancialmente à obra de Basile Valentin na “Carruagem triunfal do antimônio”, mas evitando todas as armadilhas.

Em seguida, as operações propostas incidirão sobre o chumbo e a extração do Mercúrio Filosófico e do Sal correspondente à matriz 3 do diagrama cabalístico.

Para realizar cada um desses experimentos, será necessário ter os seguintes produtos.

- **Alkaest de enxofre:** Obtenha enxofre nativo, ou seja, que não tenha sofrido fusão ou mesmo proveniente de uma mina ou região vulcânica cuja atividade cessou por muito tempo, como em Auvergne, por exemplo. Este enxofre pode ser misturado em calcário ou em cristais, o que é preferível. Como esse enxofre é raro, e é bom praticar e repetir o experimento algumas vezes antes de arriscar estragar esse enxofre nativo, pode-se usar para essas preliminares flor de enxofre comum, então obtenha:

- enxofre nativo (de 500 g a 1 kg)
- flor de enxofre (1 kg).
- **Tártaro Alkaest:** Obtenha 2 a 3 kg de tártaro vermelho que se encontra facilmente nas regiões vitivinícolas mas não provém de cubas metálicas.
- **Vinagre de antimônio e trabalho de antimônio:** Obtenha estibina natural que é o minério de antimônio (até 5 kg). Simplifica-se as operações com antimônio adquirindo pequenas quantidades de:
- **Liga de antimônio (250 g)**
- **Óxido de antimônio (250 g)**
- **Trissulfureto de antimônio (250 g).**

Esses três últimos produtos são facilmente encontrados em varejistas de produtos químicos. O trissulfeto de antimônio é na verdade estibina purificada que, dependendo de sua preparação, é ou não é mais filosófica.

Trabalho de pedra de fogo

Obteremos: Matriz 5 de Marte no diagrama cabalístico: obtenha marcassita de ferro (1 a 2 kg) ou piritas de ferro (1 a 2 kg).

Trabalho com Chumbo

Obteremos: Minério: o mais comum é o sulfeto de chumbo conhecido como galena; é encontrado naturalmente em alguns fornecedores de produtos químicos. O carbonato de chumbo natural conhecido como cerussite é preferível, pois simplifica consideravelmente as operações em comparação com a galena (1 a 5 kg).

Fluidos de extração serão necessários:

- Álcool Filosófico
- Vinagre destilado
- Ácido acético comum (farmacêutico)
- Ácido acético glacial (fornecedor de produtos químicos), ácido bastante caro, mas se você for cuidadoso, é usado muitas vezes.

- Acetona
- Tetracloreto de carbono, qualidade industrial, mas para ser destilado, precauções serão dadas oportunamente.
- Água de chuva destilada.

Material

As operações a seco quebram muito material e as extrações de metal costumam marcar os frascos de forma indelével, portanto, para este trabalho, optaremos por frascos de vidro de pirex não moído que são muito mais baratos, de preferência frascos de gargalo longo de meio litro.

A vedação será feita por plugs rhodorsil que você mesmo fura com uma furadeira elétrica.

Para extrações em pó, use pequenos frascos de ½ litro de fundo chato (frascos Erlenmeyer).

Trabalhe no vinagre de antimônio: pegue um papel indicador de pH; o da marca Lyphan graduado de 0 a 14 é preferível a qualquer outro.

Possível trabalho em vidro de antimônio: o meio de aquecimento mais prático e econômico é uma lança de soldagem a gás do tipo “turbo-gás”. Neste caso, os cadinhos devem ser feitos da chamada argila Chamotte e são comumente encontrados em especialistas. Esta última parte do material não é urgente porque estamos estudando um “caminho úmido” teoricamente possível para o antimônio que elimina a necessidade de altas temperaturas.

PROCESSOS MENTÁLICOS

Na vida cotidiana, atingir um objetivo geralmente requer o uso de apenas dois processos “o que fazer” e “como fazer”. Na Alquimia, uma qualidade adicional é necessária e a seguinte tríade é formada:

- O que fazer
- Como fazer
- Poder fazer

A primeira parte, “O que fazer”, é o estudo teórico do problema e, no que diz respeito ao nosso campo, a Alquimia, foi transmitida uma quantidade suficiente de informações para que todos possam entender o que estão fazendo e, assim, poder começar bem na direção certa.

A segunda parte, o “Como fazer”, diz respeito à parte prática, a realização material. Com o que é explicado nos editais, a maioria dos problemas nesta área também são resolvidos. No entanto, após o curso de vegetais, procuraremos dar um curso de química elementar e tabelas das propriedades dos produtos utilizados posteriormente.

A terceira parte da tríade, o “Poder fazer” se refere ao ser capaz e é intransferível porque depende apenas do trabalho que cada um deve fazer sobre si mesmo. Tudo o que podemos fazer nesta área e o que temos feito é dar os métodos, os processos que levam a este resultado, mas este não é um processo intelectual, mas um trabalho sobre si mesmo, que, pouco a pouco, com paciência, leva a este resultado. As essências combinadas com os exercícios de concentração e os processos de meditação dados na Lição 3 levam rapidamente ao resultado desejado.

Tendo examinado essa tríade, devemos agora dividir nossas operações em duas categorias: aquelas em que os dois primeiros elementos da tríade são suficientes (“saber o que” é “saber como”) e aquelas em que todos os três elementos são necessários. Pode-se dizer, portanto, e isso é da maior importância, que qualquer operação em que haja transmutação requer a tríade completa. É claro que se entende que há progresso através do trabalho e da experiência e que as transmutações que eram inacessíveis no início tornam-se fáceis mais tarde.

A título de exemplo e para completar o que acaba de ser dito, podemos contar-lhe uma experiência pessoal.

Quando adquirimos o “saber o que” em relação ao Mercúrio vegetal, percebemos que o “saber como”, em todos os seus detalhes, é adquirido aos poucos: o controle do Mercúrio vegetal com um hidrômetro mostra que, uma vez que a habilidade é adquirida, chegamos a 100° de mercúrio absoluto. É sempre necessário nesta medição olhar para a temperatura do líquido porque os etilômetros são adequados apenas para uma temperatura. Com

o “pode-fazer” chega então o dia em que, tudo bem controlado, Mercúrio marca 101 ou 102° no hidrômetro de álcool. Ou seja tornou-se muito mais volátil do que o próprio álcool absoluto. Este é o álcool filosófico tão potente, senão mais, em extrações do que o próprio Menstruum de Kerkring.

Esse Mercúrio só pode ser feito pela aquisição do poder-fazer, estando o Alquimista sozinho em seu laboratório-oratório.

TRANSMUTAÇÕES

Geralmente, esta palavra evoca a transmutação de chumbo ou mercúrio em ouro. Devemos nos livrar dessa ideia, porque existem muitas outras transmutações muito mais simples e fáceis de realizar.

Na Alquimia, os princípios ativos são os princípios animadores da vida. Em nossas operações, eles podem atuar de duas formas distintas:

- Eles podem realizar catálise desconhecida pela ciência atual

- Eles podem realizar transmutações reais.

No primeiro caso, um químico diria que os corpos simples que estão em jogo permanecem inalterados, mas que estão reunidos de maneira diferente. A catálise é um fenômeno que provoca reações químicas que não podem ocorrer espontaneamente, ou que são desencadeadas pelo efeito de um agente físico, calor, luz, pressão.

Na química clássica, o agente catalisador, geralmente a platina, causa a reação, mas permanece estranho a ela. A platina tem validade indefinida e não se mistura com o novo conjunto químico.

Na Alquimia, a força animadora da vida pode ser fixada ou não na nova montagem obtida e assim o novo corpo pode ser ou não filosófico.

No caso em que houve transmutação, quer os corpos obtidos sejam simples ou uma montagem complexa, não encontramos após a transmutação os mesmos corpos simples do início do experimento.

No domínio da planta, é difícil destacar a transmutação, porque a análise de corpos de plantas orgânicas requer ferramentas significativas. Mas é certo que aqueles que conseguiram a Pedra Vegetal conseguiram transmutações na natureza dos corpos simples que constituem esta Pedra.

Quando tivermos extraído os princípios alquímicos dos minerais Enxofre, Mercúrio e Sal, haverá transmutação. O mesmo é verdade na produção de vários alkaests. O sucesso dessas transmutações remove sua toxicidade de produtos de origem mineral ou metálica.

Esta transmutação depende de dois elementos:

- o caráter filosófico dos produtos
- o poder de transmutação do operador (em certos casos).

O trabalho com plantas deve desenvolver esse poder em todos, e é por isso que experimentos de controle devem ser realizados regularmente.

É útil acrescentar que, como o poder do operador intervém na operação alquímica, este atua simetricamente sobre o operador.

Mas este é outro aspecto desta questão e vamos discuti-lo com mais detalhes no futuro.

Ora et Labora!!

Lição 45: Controle do Poder de Transmutação, Clareamento do Sal e Trabalho com Enxofre de Drósea, Vinagre de Drósea

Como controlar o poder de transmutação? Este fascinante assunto é tratado nesta lição. Mas insistimos que você primeiro leia todo o texto antes de abordar a prática.

Veremos então algumas explicações sobre o processo de branqueamento do Sal Sulfúrico. Então voltaremos a outro assunto prático: o trabalho com a Drósea (Drosera).

O CONTROLE DO PODER DE TRANSMUTAÇÃO

Na Lição 32 demos algumas informações sobre a instalação de um oratório e sobre alguns exercícios destinados a melhorar o fluxo das energias sutis. Se você pratica esses exercícios há algum tempo, podemos realizar os experimentos de controle do poder de transmutação. São experimentos que envolvem as mais altas energias do sistema solar, e não podemos deixar de aconselhar a todos que estudem bem, entendam bem, os princípios aqui expostos. Um erro, voluntário ou não, teria consequências muito mais graves do que as que podem ser cometidas no reino vegetal.

O aparecimento deste providimento à primeira vista poderia dar origem à ideia de que se trata de uma experiência de inspiração cabalística. Na realidade, se esta experiência é realizada graças aos centros sefiróticos, ela é tipicamente alquímica e muito diferente em seu princípio das experiências diretamente resultantes da Qabalah.

Se examinarmos a ilustração na lição 27, podemos seguir o caminho chamado "Mezla", o fluxo de energia da consciência na Qabalah. Este caminho é simplesmente aquele que vai do 1 ao 2, do 2 ao 3, do 3 ao 4 e assim por diante até o 10. Esta energia é uma energia de preparação dos centros sefiróticos. Sendo emitido de Kether, uma fonte infinita de energia, não precisa ser devolvido após seu curso. Mas a energia não pode ser retirada de nenhum outro lugar sem sérias consequências psíquicas ou fisiológicas. De fato, neste caso, há a criação de um desequilíbrio nas energias da natureza que compensa inflexivelmente esse desequilíbrio.

Em nosso método alquímico não é assim. Voltemos à ilustração da Lição 27. Nosso experimento consistirá em utilizar as energias mais sutis, mas também as mais poderosas do sistema solar. Aqui não estamos partindo de Kether, portanto as energias emprestadas terão que ser imperiosas e totalmente devolvidas após a experiência sob pena de grave desordem. Ao contrário do que alguns afirmam, não é possível concretizar essas energias globalmente, mas a experiência deve ser feita elemento por elemento, sendo a sucessão dos elementos feita na mesma ordem que no trabalho de criação como este é descrito na alquimia antiga e textos cabalísticos. Além disso, para ter o máximo de chances de sucesso, não se deve começar tentando transmutar essas energias em um corpo sólido, nem mesmo em um líquido ou gasoso.

A primeira coisa que entra na percepção do homem é um perfume. Devemos, portanto, operar em um oratório onde não haverá incenso ou outro cheiro, nem mesmo em si mesmo. Você deve começar escolhendo um perfume e tentar se concentrar nessa sensação para ter uma percepção olfativa mental dela. Depois, devemos certificar-nos de que sabemos

localizar no nosso corpo os centros sefiróticos tal como estão representados na imagem da Lição 32. Depois devemos ter a certeza absoluta de saber de cor o som que corresponde a cada centro. Esses sons devem ser vibrantes, ou seja, devem criar uma espécie de sensação em todo o corpo, mas devem ser particularmente mais sensíveis na área do centro em questão.

A experiência começa assim:

1. Vibramos o som **AUM** que diz respeito ao centro logo acima da cabeça. Neste caso, este centro é solar-lunar; ele chama as energias descritas em nossas lições como Nitro e Sal, em seu nível mais sutil.
2. Então vibramos **HA**. Isso deve ativar o centro de Mercúrio AKASHA que desperta os poderes alquímicos autorizando a continuação da experiência.
3. Então vibramos o som **YA** que ativa o centro de Vênus materializando o elemento alquímico Ar.
4. Então vibramos o som **RA** que ativa o centro de Marte correspondente ao elemento alquímico Fogo que energiza o Ar.
5. Vem então o som **VA** que ativa o centro de Júpiter concretizando o elemento alquímico Água.
6. Para finalizar, vibramos o som **LA** que ativa o centro de Saturno concretizando o elemento alquímico Terra.

Agora que os quatro elementos foram realizados, a fragrância escolhida deve se manifestar.

Se o resultado não for obtido, todas as vibrações são reiniciadas imediatamente. De qualquer forma, quer tenhamos conseguido ou não, é absolutamente necessário devolver as energias pelo seguinte processo: as energias são devolvidas concentrando-se na ideia de que estamos desmaterializando o perfume e vibrando os sons na direção oposta:

1. LA restaura o elemento Terra
2. VA restaura o elemento Água
3. RA restaura o elemento Fogo
4. YA retorna o elemento Ar
5. HA reincorpora esses elementos em Nitro e Sal
6. AUM devolve o Hyle aos oficiais solares.

Os seguintes comentários são essenciais para o bom andamento do experimento:

- De dia, pratique a experiência em direção ao leste.
- À noite, ou seja, com o sol abaixo do horizonte, pratique o experimento rosto virado para o norte.

Após a primeira parte da experiência, ou seja, quando a fragrância se manifesta, esta técnica produz uma sensação de peso ou tendência a cair para frente. Isso se deve à tensão psíquica à qual nosso corpo não está acostumado. Por outro lado, assim que o processo de desmaterialização é iniciado, ele ocorre como uma iluminação da psique, e a tensão do corpo, a gravidade, diminui à medida que os elementos são restaurados à matriz do Universo. Se o processo de materialização foi realizado várias vezes para obter o resultado, é necessário realizar o mesmo número de vezes, senão mais, o número de desmaterializações.

Observe que essas energias, uma vez manifestadas, tendem a aderir ao mundo material e seu não retorno criaria distúrbios em nossos vários veículos. O cheiro deve desaparecer completamente.

Também é bom saber que às vezes o perfume se materializa em uma camada densa que flutua no ar. Isso depende da nossa concentração e dos diferentes aspectos do momento.

Esta experiência só deve ser realizada estando absolutamente só, sendo seu único propósito demonstrar-nos de forma experimental que nosso caminho está correto e que estamos progredindo.

Se tudo o que foi dito acima for rigorosamente respeitado, não há dificuldades na obtenção do resultado e nenhum risco a ser incorrido.

Observação:

- Você pode escolher os sabores de acordo com o dia da semana.
- Mesmo sendo um cabalista experiente, é melhor que use os sons propostos neste texto ao invés dos vários nomes da Qabalah.

EXPLICAÇÃO DO PROCESSO DE BRANQUEAMENTO DE SAL SUFÚRICO

Um procedimento semelhante será usado no mineral e no metálico, por isso achamos útil explicar o que acontece nesse processo.

No caso do Sal SUFÚRICO (o Sol de Enxofre), o Enxofre é fixo e, como diz Sendivogius, incombustível. O que dá a cor preta ao Enxofre são produtos voláteis e solúveis em água, sendo o próprio Enxofre, no estado de Sal, solúvel em água. Portanto, a separação não é possível pelo Solve-Coagula. Durante a maceração de um dia, a solução de álcool a 5% dissolve alguns desses corpos e, durante a evaporação lenta, o vapor arrasta alguns desses voláteis.

A presença do álcool tem dois efeitos:

1. os voláteis se tornam mais solúveis na solução.
2. os fixos se tornam menos solúveis na solução.

Dissemos para evitar a fervura porque o estouro das microbolhas na superfície do líquido levaria um pouco do nosso precioso sal de enxofre para o ar.

Observe que também ocorre o branqueamento pela ação do elemento alquímico Fogo, que também está envolvido nesse processo.

Outro exemplo de uso desse processo:

No mineral, teremos que extrair um ácido de um sal solúvel em água e, além disso, sensível à temperatura, por exemplo o ácido acético residual em acetato de chumbo. Quando o ácido ainda está em grandes quantidades, o ácido residual pode ser extraído por destilação. Então, o risco de decomposição do sal é significativo. Além disso, neste ponto, o sal é dissolvido em água destilada e a água é destilada sob vácuo ou removida por evaporação lenta sem ferver. O vapor da água sempre carrega consigo um pouco do vapor do ácido acético. Repetindo esse processo aos poucos, o ácido que iria interferir no restante do processo é eliminado.

TRABALHO COM DROSERA

Esta planta é omniplanetária e equivale ao antimônio no reino metálico: tem um Mercúrio fixo.

Se aplicarmos os métodos explicados anteriormente à drosera, verificamos que a qualidade do sal lixiviado é quase nula. Após experimentos, extraímos os seguintes métodos e conclusões:

Primeira experiência

A extração de álcool usando o Soxhlet dá uma tintura que, quando destilada, produz um pouco, mas muito pouco, Sal de Enxofre. A calcinação das fezes e sua lixiviação praticamente não dão Sal. Os antigos dizem que esta planta é fixa, então pensamos que seria interessante fazer uma extração com um mênstruo fixador. O extrator é carregado com orvalho seco e o chamado ácido acético glacial, ou seja, ácido acético despojado de sua água. A extração produz uma tintura, mas são necessários pelo menos vinte ciclos de extração para esgotar o orvalho.

Esta tintura é destilada muito lentamente, pois se houver o menor superaquecimento assim que a tintura é concentrada, ocorrem micro-explosões que projetam a tintura por todo o frasco. Quando a tintura atinge a consistência de mel, mas ainda é líquida, ela é despejada em um cadinho de porcelana. Este cadinho é coberto por outro virado. A secagem completa deve ser bem lenta, para não perder nenhum produto.

A calcinação dá um sal cuja cor pode variar de amarelo a amarelo-alaranjado, ou mesmo rosa. Temos então a tintura alcoólica e o Sal desta planta. O seguinte é semelhante ao que descrevemos nos processos anteriores. O elixir é omniplanetário.

Segunda experiência

Adaptando um processo semelhante ao da extração do vinagre de antimônio, pode-se obter um "vinagre" de drósera. O processo é como se segue:

1. Carregue um extrator Soxhlet com drosera e água destilada.
2. Terminada a extração, a tintura é destilada com água até secar.
3. Depois pegamos o destilado e destilamos novamente, separando quarto a quarto. Se você tiver um medidor de pH, verifique o pH dos últimos dois quartos, o pH deve estar entre 3 e 4.
4. Pegamos os dois últimos quartos e os destilamos novamente por quarto. Em geral, na quarta destilação resta pouco líquido, mas o pH alcançado é 1, o que corresponde a uma forte acidez.

Note-se que o líquido não é corrosivo, o que explica porque o controle por papéis coloridos não corresponde às indicações de um medidor elétrico de pH. O mesmo fenômeno ocorre com o "vinagre" de antimônio e as propriedades desse "vinagre" de drosera parecem idênticas no vegetal às do "vinagre" de antimônio no metálico. Apesar de seu caráter, este líquido diluído em água destilada não apresenta nenhuma toxicidade.

O rendimento é aumentado deixando a planta macerar na água que será utilizada para a extração por um ou dois dias, a 40 °C. O mofo bacteriano não deve crescer.

Interesse desta experiência: Este "vinagre" é útil como preparação de vinagre de antimônio. É mais fácil obter drosera do que estibina pronta para fermentação e que não deve ser estragada pela falta de jeito.

O vinagre de drosera substitui os sete elixires planetários.

Se você não encontrar ácido acético glacial, pode adotar a seguinte solução:

1. Compre de um farmacêutico ácido acético comum, que é muito mais barato que glacial (cerca de 5 vezes).
2. Destilar este ácido pelo menos duas vezes e guardar para a experiência a parte ácida que passar quando o termômetro indicar uma temperatura entre 110 e 118 °C.
3. Elimine o que vier antes e depois.

4. O restante do ácido pode ser guardado para limpeza de vidrarias. Realize todas essas operações com luvas impermeáveis. Não respire vapores ácidos.

“Dica prática”: O **papel** indicador de PH da **Lyphan** são ótimos para este trabalho e para o antimônio. Como esse papel é caro, cortamos tiras de dois a três milímetros de largura e as mergulhamos no líquido com a ajuda de um alicate pequeno.

Ora et Labora!!

Lição 46: Síntese dos Princípios Operativos, Astrologia e Alquimia

Nesta lição examinaremos um novo aspecto sobre a diferença entre química e alquimia.

Para tanto, tomaremos como exemplo duas diferentes e conhecidas técnicas do mundo moderno: a eletricidade e a eletrônica. Sem o domínio da eletricidade, do avião, do carro, do telefone, do rádio, da televisão, enfim, quase todos os elementos que constituem nossa civilização tecnológica desapareceriam ou pelo menos regrediriam consideravelmente.

É curioso constatar que todo este progresso material assenta na existência de um elemento invisível que na verdade é muito pouco compreendido na sua própria natureza.

Se olharmos para dentro de um desses dispositivos eletrônicos um tanto complexos, veremos que ele é formado por resistores, capacitores, etc. Mas nada nos diz o que está acontecendo. Como a eletricidade é invisível, não sabemos onde há tensão ou corrente elétrica. As primeiras pessoas que se interessaram pelos fenômenos elétricos experimentaram essas dificuldades e tiveram a princípio instrumentos rudimentares que permitiam saber se havia ou não corrente ou tensão. Então a eletricidade progrediu lentamente. Até que um dia apareceu um instrumento: o osciloscópio de raios catódicos.

Esse aparelho transformou tudo porque possibilitou a visualização de fenômenos elétricos em uma tela. Há um aspecto importante aqui do ponto de vista filosófico: este dispositivo não visualiza os fenômenos diretamente, mas dá uma representação simbólica deles conhecida como representação cartesiana. A partir daí, o progresso acelerou consideravelmente porque foi possível analisar e compreender os fenômenos. O invisível tornou-se acessível.

Temos a mesma ideia se traçarmos um paralelo entre a química e a alquimia. Em química, existe agora um grande número de métodos que permitem acompanhar reações, transformações, etc. Mas para a Alquimia, os elementos essenciais estão no domínio do invisível e para eles não temos nem voltímetro, nem amperímetro, nem osciloscópio catódico. Também o único método possível para resolver nossos problemas é aproveitar o gigantesco trabalho dos antigos Filósofos: sintetizados em alguns princípios teóricos que nunca devem ser perdidos de vista. Para ilustrar isso, examinaremos a aplicação de alguns desses princípios que foram expostos anteriormente no curso.

Primeiro princípio

Na lições sobre o Gur, dissemos que, durante a destilação, os elementos passaram na seguinte ordem: Fogo, Ar, Água, Terra. Isso é válido em todas as destilações. Se, por exemplo, tomarmos vinho, o elemento Fogo é visivelmente esgotado quando um quarto do volume do líquido é destilado. Mas se tomarmos novamente um quarto desse destilado, o elemento Fogo ficará ainda mais concentrado. Veremos também o interesse disso quando, em um curso posterior, expormos o trabalho do vinho. Assim, quando destilamos, o primeiro princípio a lembrar sempre é que elementos se sucedem na ordem: Fogo, Ar, Água, Terra.

Segundo princípio

Durante a destilação, o volátil é o que sai primeiro, o fixo não sai ou sai por último. Portanto, durante a destilação, o alkaest volátil passa pelos elementos superiores da destilação. No final dela passa um alkaest fixo ou por um fixador (vinagre de antimônio).

Terceiro princípio

Dominância fixo-volátil. O sal atrai e fixa o nitrato volátil. Se a fixação do nitrato pelo sal for repetida várias vezes, pouco a pouco o nitrato domina e o sal gradualmente se torna volátil.

Se, por exemplo, dissolver o sal comum na água da chuva filosófica, isto é, ainda contendo o seu nitrato, e coagular, carrega-se o sal com o nitrato. A repetição da operação leva a uma diminuição do ponto de fusão do sal seco que, com o tempo, assume um aspecto pastoso. Com muita paciência, o sal deve ficar líquido em temperatura ambiente.

Devemos sempre lembrar que, em operações repetidas, o todo se transforma na natureza do princípio dominante. Ou o caminho seco, o fixo, a pedra. Ou o caminho úmido, o volátil, o Elixir.

Durante a calcinação ou purificação, especialmente no mineral e no metálico, deve-se saber que um aquecimento de baixa temperatura e longo é preferível a um aquecimento curto e forte que corre o risco de fixar um volátil que se deseja eliminar.

Primeiro Sucesso

Para além destes princípios teóricos, existe uma observação prática muito encorajadora e que designamos sob o nome de "primeiro sucesso", vejamos em detalhe o que isso significa para nós.

Sem dúvida, você notou que nosso curso sobre o vegetal leva as experiências mais para o fixo, a Pedra vegetal, do que para o Circulatus Minus, a Pedra vegetal líquida. Na verdade, acreditamos que a Pedra é mais fácil de fazer do que o Elixir. Mas os dois são equivalentes, porque ter um também abre caminho para o outro.

A Pedra como o Elixir dá a quintessência da planta, ou seja: Enxofre, Mercúrio, Sal volatilizado.

Com a Pedra, uma certa quantidade dessa quintessência é produzida por extração e repetidas destilações são feitas sobre ela após dissolvê-la em seis a oito vezes seu volume de álcool absoluto.

Inversamente, do Circulatus, fixamos a quintessência obtida pelo Circulatus para obter a Pedra graças ao sal fixo da planta. Vemos que um 'primeiro sucesso' é o que abre as portas pra os próximos.

Passamos agora a todo um outro assunto que ainda não expusemos, a aguardente.

O que as palavras “água da vida” escondem?

Os antigos Filósofos afirmam que em tudo o que pode constituir alimento sólido ou líquido para o homem, existe um princípio de vida que assegura a continuidade da vida no homem.

Mas, com a “queda” geral do universo, introduziu-se em todos os alimentos um princípio de morte que, é verdade, é em quantidade muito menor que o princípio de vida. De todos os alimentos sólidos ou líquidos, o vinho contém o maior elemento da vida. Seu consumo moderado é benéfico, mas se for demais, parte do princípio da vida se torna inútil e se desperdiça. E o princípio da morte destrói ainda mais nosso corpo.

Se praticarmos a destilação do vinho e depois a retificação do seu álcool sem produto auxiliar (carbonato, cal, etc.), chega um momento em que vemos gotas de óleo amarelo-esverdeadas flutuando no líquido ou mesmo francamente verdes. Se separarmos esse óleo, temos um produto “muito malcheiroso” cujo cheiro gruda nos dedos. Este é o suporte do princípio da morte e, se for extraído concretamente, o que resta é a verdadeira “água da vida”.

No álcool filosófico, o princípio da morte deve ser eliminado, isto em princípio, durante a carbonatação do álcool.

ASTROLOGIA NA ALQUIMIA

Se orientamos nosso curso para um simbolismo cabalístico, é porque acreditamos que isso facilita consideravelmente as coisas. Se direcionarmos nossos pensamentos para os corpos sólidos dos planetas, nos vincularemos às leis da astrologia clássica. Mas se os direcionarmos para os espíritos e gênios planetários, teremos as influências não dos corpos planetários, mas das almas dos seus espíritos. Isso explica a escolha do simbolismo cabalístico.

Nesse sistema, a noite e o dia são divididos em 12 horas. A primeira hora do dia começa com o nascer do sol, a última termina com o pôr do sol.

A primeira hora da noite começa com o pôr do sol, a última termina com o nascer do sol. As horas noturnas não são iguais às horas diurnas, exceto nos equinócios. No verão, as horas diurnas são mais longas que as noturnas; e isso é revertido no inverno.

Suponhamos que no verão, o dia dure 14 horas, intervalo de tempo entre o nascer e o pôr do sol, neste caso, cada uma de nossas horas diurnas durará uma hora mais dez minutos. De fato, 14 horas dá 12 horas + 2 horas ou 120 minutos a serem divididos entre 12 horas, ou 10 minutos a mais por hora.

Por outro lado, vamos pegar um dia de inverno de oito horas, o dia será $8 \times 60 = 480$ minutos. Teremos para nossas horas diurnas $480/12 = 40$ minutos por hora. As horas dos planetas no dia não se seguem na ordem dos dias da semana.

Temos para sábado:

(12 horas diurnas)

1º hora - Saturno

2º hora - Júpiter
3º hora - Marte
4º hora - Sol
5º hora - Vênus
6º hora - Mercúrio
7º hora - Lua
8º hora - Saturno
9º hora - Júpiter
10º hora - Marte
11º hora - Sol
12º - Vênus

(12 horas noturnas)

1º hora - Mercúrio
2º hora - Lua
3º hora - Saturno
4º hora - Júpiter
5º hora - Marte
6º hora - Sol
7º - Vênus
8º hora - Mercúrio
9º hora - Lua
10º hora - Saturno
11º hora - Júpiter
12º hora - Marte

Domingo (1º hora diurna: Sol.. e assim prossegue pelo resto da semana.

Para calcular a duração do dia solar e da noite seguinte, a maneira mais fácil é ter a tabela de nascer e pôr do sol do sol e da lua que geralmente é publicada em Almanques, e que indica o hora no Tempo Universal (UT), o Horário de Greenwich que serve como base 0,00 para todos os fusos horários.

Sabemos que o Horário Legal na França é:

- TU + 1 h, período de inverno
- UT + 2 h, período de verão do domingo mais próximo de 1º de abril ao domingo mais próximo de 31 de outubro.

Para o nosso trabalho devemos definir a hora do nascer do sol do local onde estamos durante este trabalho.

(NdT: Hoje em dia basta uma rápida consulta em mecanismos de busca para descobrir que horas o Sol nasce quase todos os serviços já consideram a vigência ou não do horário de verão)

Basta usar a tabela do Almanaque ou de qualquer outra fonte, dando a hora no Tempo Universal e somando ou subtraindo as horas de correção indicadas na lista do apêndice.

Você pode ser ainda mais específico usando, por exemplo, "Tabela de Posições Geográficas" do "Dicionário Astrológico" de H.J. GOUCHON para as principais cidades da França e do Mundo, ou, se você estiver no exterior, "The 200 Year Ephemeris" de Hugh MAC CRAIG, que fornece os fusos horários usados em todo o mundo, bem como 7.000 latitudes e longitudes (Macoy Publishing Company, Richmond, Virgínia), mas você pode encontrar as principais posições em muitos outros livros em você numa livraria com seção de Astrologia, ou na Internet.

Para o registro, lembramos que as longitudes expressas em horas e minutos são subtraídas do UT quando são do leste e são adicionadas ao UT quando são do oeste em relação a Greenwich para saber o horário do nascer do sol do local considerado, na hora local.

Ora et Labora!!

Lição 47: Preparação do Akahest da Urina, Método Simplificado do Elixir, Unicidade da Matéria, Sal de Tártaro Filosofal, Espírito da Lima, Apresentação da classe metálica

Em nossas lições avisos anteriores, não descrevemos um mênstruo universal radical, ou seja, um mênstruo capaz de atuar nos três reinos e de fixar o Mercúrio dos três reinos.

Como separamos nosso curso de alquimia em vegetal e mineral, a parte mineral ou metálica deste mênstruo não pode, portanto, ser incluída neste curso. Além disso, nossos experimentos nos mostram que os alkaests citados na tabela da Lição 41 são muito mais fáceis de produzir do que um produto complexo, porque este deve ser feito inicialmente para cada reino separadamente, e depois junta-se os elementos por coação ou circulação. Além disso, como nos alkaests que pretendemos estudar mais tarde, alguns são fixos. O interesse de um mênstruo fixador universal, portanto, parece-nos fraco. No entanto, pelo menos a nível teórico, a parte relativa ao reino animal parece-nos interessante. Com efeito, se quisermos atuar energeticamente sobre o corpo do homem, na sua vida vegetal e animal, o Mercúrio animal parece-nos o mais apto para atingir este objetivo. Este também é o foco principal do alkaest conhecido como "Alkaest de Van Helmont" (discípulo de Paracelsus). Todos os alkaests do reino animal são baseados no seguinte fato: os corpos que permanecem no corpo do homem saudável e passam por ele tornam-se filosóficos. Então, os corpos mais adequados para o nosso trabalho são aqueles que contêm o radical amônia. A recuperação do sal amoníaco filosófico pode ser feita facilmente a partir da urina humana.

Essa urina deve preencher várias condições e, como dizem os textos antigos, deve ser verificada antes de ser aceita em nosso processo operatório. Seu nível vibratório deve ser bom; para isso, é preferível uma dieta com pouca ou nenhuma carne durante os poucos dias que antecedem sua coleta. Da mesma forma, nos dois ou três dias anteriores, a bebida deve incluir água ou vinho, mas nada mais.

Chegamos agora à parte mais delicada: a preparação do operador. A urina não deve conter sal, ou seja, cloreto de sódio, caso contrário a operação é impossível. Não se pode separar o sal da urina sem que o sal amoníaco perca seu caráter filosófico. Normalmente o corpo humano usa sal, mas em geral nossa comida é muito salgada e continuamente expelimos sal. Portanto, é necessário reduzir o consumo de sal, mas não adotar uma dieta totalmente sem sal, que é perigosa. O sangue humano é a sede de fenômenos elétricos complexos. Para o bom funcionamento do organismo é necessário um percentual bem determinado de sal no sangue. Muito sal atrapalha o funcionamento, mas uma deficiência de sal no sangue causa acidentes eletrolíticos que podem ser fatais. Portanto, observe sua urina conforme as instruções; então, assim que não houver mais sal rejeitado, colete alguns litros de urina e retome imediatamente sua dieta habitual.

Como podemos ver a ausência de sal de forma simples, sem análises químicas complexas? Sal comum é cloreto de sódio, sal amoníaco é cloreto de amônio; é esta relação que torna difícil a separação química. Para perceber a presença de cloreto de sódio na urina, pode-se operar da seguinte maneira: destila-se a urina até secar, bem lentamente no final, depois coloca-se o sal seco em um cadinho e aquecemos. O sal amoníaco decompõe-se em vapor (não o respire). O cloreto de sódio manifesta sua presença por crepitação; se não houver

queimado, a urina está correta e é colocada em fermentação em incubadora a cerca de 40-42°C por um período de 30 a 40 dias.

Em todas essas manipulações existe o problema de mau cheiro; também para evitar este inconveniente todas as saídas dos frascos do trem de destilação serão conectadas a um dispositivo idêntico ao da placa da Lição 18, sendo especificado que somente o ácido acético é necessário neste caso.

Após a fermentação, destilamos até secar; de preferência sob vácuo no final da destilação porque neste caso o sal amoníaco é filosófico e o calor pode fazer com que perca esta qualidade. Não pode, portanto, ser sublimado para purificá-lo, conforme indicado na fabricação do Kerkring. O Menstruum de Kerkring não pode reviver as extrações que realiza, pois seu sal amoníaco não é filosófico.

Para purificar nosso sal, nós o dissolvemos em água quente destilada da chuva; ele é evaporado e, se a concentração for suficiente, formam-se cristais ao arrefecer. Deve então permanecer algum líquido ao redor dos cristais para que a purificação seja boa. Os cristais são coletados, secos sob vácuo e armazenados em um frasco lacrado. Assim que o quantidade de cristais é suficiente, eles devem ser pulverizados e colocados em maceração em álcool absoluto. Após vários meses de maceração, este álcool é destilado e obtemos um menstruum com um notável poder de cura, geralmente muito superior ao de Kerkring que é obtido com sal morto. No curso mineral veremos outro uso deste sal.

Sabemos que alguns alunos têm dificuldades materiais: espaço, ferramentas químicas, etc. para a realização de seus elixires ou de sua Pedra. No entanto, se você tiver paciência, pode fazer elixires muito bons com muito pouco equipamento: um trem de destilação, um cadinho para calcinação, uma incubadora elétrica (geladeira quebrada ou caixa grande de isopor).

Nessas condições, o processo é o seguinte:

1. O álcool absoluto é preparado por destilação e depois pelo uso de cal virgem ou carbonato de potássio calcinado. Esta é a parte mais longa da preparação.
2. Então escolhemos as sete plantas planetárias entre as plantas que podemos secar.
3. A planta é pulverizada o mais finamente possível.
4. Maceramos com um volume de álcool o dobro da planta em garrafas bulbosas (tipo garrafa de água Perrier), o nível total não deve exceder um terço da garrafa.
5. O segredo então é ter um fechamento bem fechado porque leva de seis a sete meses de maceração para ter um bom resultado, sendo um ano perfeito. Uma boa vedação é obtida usando alimentos plásticos (sacos de freezer). Apertamos o plástico vigorosamente em volta do pescoço com uma fita adesiva.
6. É útil mexer o frasco de vez em quando.
7. Após um ano, filtramos em um funil de vidro com uma placa de vidro colocada sobre ele.

8. O resíduo sólido é queimado e as cinzas são então calcinadas com um maçarico, por exemplo, ou em um pequeno forno de esmalte. Você deve atingir pelo menos 1000°C.
9. Assim que terminar o resfriamento, coloque os sais de volta na garrafa, despeje a tintura sobre ela, tampe novamente como antes e deixe macerar-circular por mais um ano, mexendo de vez em quando, ou seja, uma vez por mês. Se a cor da preparação se tornou vermelho-alaranjada e se o cheiro ao abrir é doce e penetrante, você tem um elixir de primeira qualidade.

Este processo requer pouco trabalho, mas muita paciência. Métodos semelhantes podem ser considerados para o mineral. Os intervalos são da mesma ordem de grandeza. Se você não tem incubadora, pode colocar as garrafas no radiador no inverno e no sol no verão, mas cada garrafa dentro de uma caixa de papelão preta.

Neste método simplificado, é o tempo maior que substitui o uso do Soxhlet e as destilações-coações necessárias para a volatilização do sal.

SINGULARIDADE DA MATERIA

Em nossos avisos anteriores, falamos da singularidade da matéria na Alquimia e, mais recentemente, dos vários menstros, alkaests e mercúrios. Existe, de fato, uma ligação entre todos esses elementos. A singularidade do material inicial em um processo alquímico é sempre o que dá o melhor resultado. Além disso, um bom princípio a adotar é que não há nada para jogar fora do material que serviu de ponto de partida. Tomaremos alguns exemplos para ilustrar o que foi dito acima.

Primeiro exemplo: em nosso trabalho preparatório para o curso metálico, separamos com bastante facilidade os dois princípios Enxofre e Mercúrio do chumbo, partindo da galena (sulfeto de chumbo natural). Mas o resíduo não é o Sal e há muito tempo estamos presos neste ponto. Porém, de fato, catarrhos de uma destilação prévia do minério dão o líquido permitindo a extração do Sal-princípio. Portanto, não devemos jogar fora o catarro a priori.

Segundo exemplo: o sal de tártaro comumente chamado de carbonato de potássio. Este sal é utilizado principalmente para acuar álcool, mas também pode permitir em alguns casos a “abertura” de metais. O verdadeiro sal de tártaro não vem do vinho ou do tártaro. Para obter o Sal de Tártaro em seu nível alquímico mais alto possível, esse Sal deve ser extraído da própria planta e o verdadeiro Sal de Tártaro só pode ser obtido pela lixiviação das cinzas dos brotos de videira. Se a composição química do carbonato de potássio é substancialmente a mesma independentemente da sua origem, rebento, vinho ou tártaro, o

seu poder alquímico atinge o seu máximo quando é extraído diretamente da planta (o rebento da videira).

Para realizar a lixiviação de uma quantidade de cinzas suficientemente grande, utilizamos frascos cortados na base, sendo o gargalo tapado por um disco de algodão. Assim é possível lavar, dependendo do tamanho da garrafa, um ou dois litros de cinzas de uma só vez.

O volume de água pluvial destilada que deve passar pelas cinzas deve ser pelo menos três ou quatro vezes o volume das cinzas.

Após a evaporação da água, o material residual deve ser calcinado em camadas finas em temperatura muito alta, 1000 a 1100°C se possível. Quanto mais fina a camada, mais rápida a calcinação.

Em seguida, o material é dissolvido novamente com água de chuva destilada e coagula muito lentamente. Este é, de acordo com Basile Valentin, o verdadeiro sal de tártaro que deve ser guardado em uma garrafa perfeitamente hermética.

Em nossa tabela de dissoluções (Lição 43), classificamos os licores de extração em menstruum, alkaest, mercúrio. Na realidade, as coisas não são tão claras assim porque um certo número de licores tem propriedades intermediárias e a hierarquia dos poderes alquímicos dos licores é complexa: assim, o Circulatus Minus se comporta como um alkaest e quase como um mercúrio mineral, mas apenas em o vegetal porque se comporta como um simples mênstruo no mineral.

Vamos agora dar a receita de um líquido que é quase um alkaest e do qual se encontram facilmente os materiais necessários para o seu fabrico. Este líquido é o espírito da cal. Você deve primeiro obter cal pura. Existem dois métodos para isso.

Um que requer paciência:

1. Separe as cascas dos ovos, removendo cuidadosamente as películas finas aderidas às cascas.
2. Calcine a pelo menos 1000°C, a cal só desidrata a cerca de 900°C.

3. Calcine enquanto houver odores.

A outra fórmula é:

1. Calcine pedras calcárias,
2. Transforme-os em leite de cal e lave-os em água corrente em um filtro para eliminar tudo o que for solúvel.
3. Em seguida, recalcine a 1000°C para obter novamente a desidratação. A cal virgem só pode ser armazenada longe do ar ambiente.
4. A partir daí, seguimos o processo de Basile Valentin. Reduzindo-se a cal a um pó fino, embebe-se em álcool vínico tratado com verdadeiro sal de tártaro, mas o álcool não deve flutuar.

Para ambos os casos em seguida...

1. Destilamos o álcool, despejamos sobre o limão, acrescentando se necessário, e isso dez vezes. A cal, na calcinação, perde todo o caráter filosófico, mas a série de dez coações com o mercúrio vegetal devolve-lhe um certo caráter filosófico.
2. Um décimo do seu peso de verdadeiro sal tártaro é então adicionado à cal seca. A isto juntamos agora um peso igual de cinzas de sarmentos secos, daqueles que foram lixiviados para obter o sal de tártaro.
3. O material é então colocado no balão de destilação. A princípio, é o catarro que passa.
4. Quando a destilação do catarro para, a temperatura aumenta.
5. Assim que aparecer fumaça branca, retire o balão receptor contendo o catarro e substitua-o por um balão contendo um pouco de álcool absoluto. É o álcool que permite a condensação dos vapores brancos, na verdade dissolvendo-os.

Não é possível a separação da aguardente de cal deste álcool por destilação. A única solução é despejar esse destilado em um prato resistente e colocar fogo: o álcool queima, a aguardente fica.

Este líquido tem propriedades alquímicas superiores às do Circulatus Minus e está no reino mineral muito próximo de um alkaest; seu poder de cura é significativo se devidamente diluído. Para todas essas destilações, é melhor levar um frasco redondo de Pyrex, não moído e tampado com Rhodorsil. O balão é, em princípio, não recuperável.

Ora et Labora!!

Lição 48: Resumo do Circulatum Menor, Mais sobre a classe metálica

Demos nas 47 lições anteriores todos os elementos necessários para a Obra Espagirica. No entanto, fornecemos mais explicações e detalhes sobre o caminho seco, a Pedra Vegetal. Isso ocorre porque é mais fácil de executar do que o processo úmido Circulatus. Se a Pedra Vegetal é suficiente para a preparação de elixires vegetais, é óbvio que não tem ação sobre corpos sólidos minerais ou metálicos. Por outro lado, o Circulatus Minus ou Pedra Vegetal Líquida abre um campo de experiências completamente diferente, com corais, conchas e um certo número de minerais intermediários entre o vegetal e o mineral, como tártaro, sal amoníaco, etc.

Nesta aula, vamos, portanto, fornecer uma certa quantidade de informações para complementar as lições 22 e 23 dedicadas à Pedra Vegetal Líquida.

Voltemos ao parágrafo IV da Nota 22: é importante saber que as lágrimas de Diana são o Mercúrio Filosófico, mas também o Mercúrio Vegetal, porque aqui é possível uma dupla interpretação. Terra vegetal fixa é o sal branco obtido e purificado pela calcinação e lixiviação das cinzas do vegetal. Se Mercúrio, o álcool vegetal, é indeterminado, é determinado quando a terra se espiritualiza. O que significa, na prática, que o sal se torna volátil por destilação e coação com o mercúrio.

Se fizermos a conexão entre o parágrafo IV e o parágrafo V, encontramos a segunda forma de preparar este Circulatus. Isso é conhecido por outros autores além de Urbiger como sendo o trabalho do Vinho. Chegando a uma determinada fase deste trabalho, pode-se direcionar o trabalho para a Pedra Vegetal seja sólida, seja líquida. Este processo é complexo e será descrito nos avisos sobre o mineral e o metálico.

Com o inciso VI, inicia-se a terceira via, a mais acessível, no ponto em que nos encontramos. O Sal vegetal fixo é idêntico ao que acabamos de ver, a Terra vegetal fixa. Mas o espírito volátil sulfuroso é um termo mais complexo de entender.

A alma da planta, o Enxofre, só se completa com a união de duas formas: óleos essenciais e sais orgânicos. Se faltar um dos dois, o Enxofre deixa de ser Filosófico. Portanto, nossa solução alcoólica de Enxofre deve ser reforçada, tornada Filosófica por um “meio sulfuroso”. Então a Alma, o Enxofre reforçado, preparará o corpo, a Terra Filosófica fixa que, então, por espiritualização, poderá unir-se de maneira indissolúvel com o álcool, o Mercúrio, isto seguindo as destilações descritas no parágrafo XV.

É preciso saber em que consiste esse meio sulfuroso e de qual planta é extraído. Se examinarmos a gravura no início do livro de Urbiger abaixo, encontramos uma resposta simbólica a esta questão. Vemos uma árvore com um buraco na casca. Um líquido atinge a altura deste buraco e neste líquido entram separadamente Apolo e Diana. E Diana sai segurando Apolo na mão. O líquido é a resina do pinheiro ou abeto e é o nosso meio sulfuroso.



No parágrafo VII, o mestrum universal é o álcool que serve para purificar a resina. Todo o nosso problema prático começa com a necessidade de obter essa resina filosófica, mas impura, da árvore e depois purificá-la sem fazer com que perca seu caráter filosófico. O texto de Urbiger, como qualquer texto desse tipo, é ambíguo e também podemos colocar sob o termo menstruação universal água de chuva destilada. Isso nos leva a crer que a resina correta pode ser obtida diretamente pura, não por entalhe na casca de um pinheiro ou abeto, mas por destilação a vapor idêntica à já descrita nas instruções. Esta destilação é feita numa trituração de ramos e folhas de pinheiro ou abeto. Formam-se depósitos de resina sólida que podem até bloquear os conduítes e causar uma explosão. Esses depósitos podem ser recuperados por dissolução alcoólica e evaporação do álcool.

Se você possui uma resina comercial e tem certeza de que não sofreu nenhum tratamento após sair da árvore, pode purificá-la por destilação. Para esta destilação a seco, a resina deve ser pulverizada e misturada com três partes de tijolos pulverizados secos e uma parte de sal comum pulverizado seco. O óleo de destilação pode ser usado como está.

Algumas resinas também podem ser transformadas em bálsamo, dissolvendo a resina sólida em seu óleo essencial. A coisa toda é chegar a um líquido viscoso.

O limite extremo é dado pelo Bálsamo do Canadá usado em ótica e que é um Bálsamo pronto para o Circulatus (mas seu preço é muito alto). As embebições do sal branco aqui obtido pela calcinação das cinzas do pinheiro serão feitas num frasco de vidro com abertura bastante larga no fundo. Para mexer o composto, o ideal é um bastão de vidro cujo comprimento o possa permanecer na garrafa entre as operações de mistura, mas um pedaço de madeira deve ser removido entre cada uma dessas fases. Isso evita qualquer contaminação, bem como qualquer perda de material causada pela limpeza da haste entre duas operações.

Quando o sal estiver pronto, deve-se acrescentar a aguardente, ou seja, o álcool absoluto indeterminado. É bom destilar este álcool uma vez sobre cal virgem entre duas ou três destilações de carbonato necessárias para torná-lo indeterminado. A cal viva liga e remove alguns ácidos voláteis problemáticos que podem passar pela destilação.

A proporção ideal de sal e álcool para Circulatus é de seis a oito vezes. Durante a maceração, a cor dos sais deve mudar, eles devem se tornar como cal.

A destilação seguinte deve ser feita em banho-maria, a fim de evitar os inconvenientes dos parágrafos XVI e XVII. Após a coação, deve seguir-se uma maceração de uma semana. Todas estas macerações devem ser feitas a uma temperatura de 40-42°C.

O Circulatus bem-sucedido deve ser capaz de separar, purificar os três elementos de uma planta fresca. O Sal será volatilizado e automaticamente incorporado ao óleo que contém o Enxofre e o Mercúrio.

O Circulatus não deve ser contaminado pelos resíduos da planta, uma simples destilação lenta em banho-maria restaura suas propriedades primitivas.

O parágrafo XV é sem dúvida uma explicação velada da chave da volatilização dos sais, ou, como diz Urbiger, da sua espiritualização. São os ácidos orgânicos da planta que permitem a volatilização dos sais. É por isso que Urbiger diz que os sais tornam-se insípidos.

Os ácidos passam para o álcool carregando os sais. Por outro lado, o álcool, ao assimilar esses ácidos orgânicos, torna-se azedo e assume um caráter ácido.

Uma pequena dica para evitar fortes emoções para quem completou o Circulatus: quando a planta fresca cortada em pedaços é imersa no Circulatus, ela imediatamente assume uma aparência turva e leitosa que não é muito reconfortante. É só deixar descansar para que recupere seu belo aspecto com os óleos coloridos por cima e os resíduos, o "caput mortem" por baixo.

Com os melhores votos no caminho alquímico...

Um último conselho nos parece útil: você deve ter muito cuidado assim que estiver de posse de elixires suficientemente circulados ou produzidos pela Pedra ou pelo Circulatus. Dilua-os significativamente, mas em uma única diluição, acima de tudo não faça uma série de diluições homeopáticas. Não faça mixagens para direcionar os efeitos até ter certeza de que cada um dos elementos separados da mixagem é suportado sem desvantagens.

Nosso princípio neste curso foi dar sem qualquer restrição, toda a informação prática, teórica, espiritual, necessária para ter sucedido na Pequena Circulação e, os Trabalhos menores, seja pela via seca ou pela via úmida. Não achamos que este curso seja perfeito, mas é completo. Algumas observações muito interessantes já nos foram comunicadas por alunos que trabalharam muito.

Este curso é o resultado de um longo processo de documentação e experimentação. Em todas as nossas trocas de informações, seja com outras associações ou com alquimistas independentes, nunca fizemos juramento de sigilo. Somos, portanto, livres para revelar tudo o que sabemos na Alquimia, sem exigir nenhum compromisso solene de nossos membros. No entanto, fizemos um depósito legal de nossos textos.

Se tudo isso constitui nossa posição para nosso curso vegetal, somos compelidos, por razões práticas e esotéricas, a dar algum aviso desses princípios em nosso curso mineral e metálico, e é isso que nos esforçaremos agora para explicar.

No nível teórico e mesmo no nível da manipulação, há poucas diferenças entre o vegetal e o mineral, mas, com o metálico, há, por outro lado, uma diferença capital.

No reino da planta, temos a possibilidade de limpar os centros sefiróticos, e as misturas de elixires cujas regras expusemos entreabrem as Porta do Templo, mas não a abrem. Apenas a posse deste estranho líquido transparente de brancos vapores o Mercurio Filosofal pode abrir a Porta e autorizar a Passagem.. Isso implica que a rota metálica é uma rota de mão única. Quem começa o metálico é forçado a ter sucesso.

Medite e veja sobre este assunto as últimas linhas e até as últimas palavras do “Catecismo de Paracelso”.

Você chegou ao fim das lições sobre Espagíria.

Talvez, como muitos outros, você não tenha tido tempo para fazer todas as experiências oferecidas no curso.

Os livrinhos que se seguirão abordarão o reino mineral e metálico, mas também alguns aspectos novos sobre as planta. O início dos cursos, numa vertente bastante teórica, permitirá um descanso a nível prático.

Ora et Labora!!

DECLARAÇÃO FINAL

Caso tenha gostado deste material, saiba que ele é gratuito e de livre distribuição desde que se mantenham as fontes.

Em respeito ao legado de Jean Dubuis e vontade expressa durante toda sua vida este material foi cedido pelo tradutor Thiago Tamosauskas ao site **mortesubita.net** para sua distribuição.

Caso deseje difundir esta tradução mantenha esta página no arquivo e você estará autorizado a distribuí-lo também.

Garanta que está com a versão mais atualizada desta tradução fazendo download pelo link <https://mortesubita.net/alquimia/curso-espagiria/>

Se desejar incentivar trabalhos como este conheça outras obras e traduções de Tamosauskas no site:

<https://linktr.ee/Tamosauskas>

Apoie também o mortesubita.net no link:

https://www.catarse.me/mortesubita_